

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**CIDADANIA SOB O SOL DE IPANEMA: OS GAYS DA FARME DE AMOEDO E  
SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

**2009**

**FABIO PESSANHA BILA**

**CIDADANIA SOB O SOL DE IPANEMA: OS GAYS DA FARME DE AMOEDO E  
SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinete dos Santos Silva.

**CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

**2009**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado propriedade institucional.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho ou menção ao mesmo para comentários e citações desde que não tenha finalidade comercial e que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos expressos neste trabalho são de responsabilidade do autor.

Dissertação intitulada **Cidadania Sob o Sol de Ipanema: os gays da Farme de Amoedo e suas estratégias de afirmação**, elaborada por **Fabio Pessanha Bila** e apresentada publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Mestrado em Sociologia Política, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

Aprovada em 27 de agosto de 2009.

Banca Avaliadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinete dos Santos Silva (orientadora)  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lená Medeiros de Menezes  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yolanda Lima Lobo  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

---

Prof. Dr. Sérgio de Azevedo  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

“A homofobia é uma forma de controle social que se exerce entre os homens, e isso desde os primeiros passos da educação masculina. Para ser valorizado, o homem precisa ser viril, mostrar-se superior, forte, competitivo... senão é tratado como os fracos e como as mulheres, e assimilado aos homossexuais. Homofobia e dominação das mulheres são duas faces de uma mesma moeda. Homofobia e viriarcado constroem entre as mulheres e entre os homens as relações hierarquizadas de gênero. A homofobia é o produto, no grupo dos homens, do paradigma naturalista da superioridade masculina que deve se exprimir na virilidade”. (Daniel Welzer-Lang)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha orientadora, Professora Marinete dos Santos Silva por ter confiado em minha capacidade de desenvolver este trabalho, pela dedicação na condução do mesmo e na busca da superação das minhas limitações. Agradeço aos colegas de grupo de pesquisa, Daniela Bogado Bastos de Oliveira e Sana Gimenes Domingues. A todos(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política que enriqueceram minha aprendizagem. Ao meu companheiro Wagner de Oliveira Rodrigues que esteve presente em todas as etapas dessa pesquisa. A todos (as) entrevistados (as) que contribuíram com esse trabalho ao conceder seus depoimentos. Aos meus pais que me apoiaram em meus estudos, a minha avó Maria da Conceição que sempre acreditou, apoiou e me incentivou a prosseguir nos meus estudos. A todos vocês muito obrigado.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho aos meus pais, a minha avó Maria da Conceição, ao meu companheiro Wagner de Oliveira Rodrigues, aos meus sobrinhos Letícia e Marcus Felipe, e a minha amiga e professora Marinete, pessoas pelas quais tenho muito amor.

## RESUMO

Nosso trabalho pretende demonstrar que os homossexuais freqüentadores do trecho da Praia de Ipanema em frente às ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, na cidade do Rio de Janeiro, buscam afirmar sua cidadania. Nesse local é freqüente o hasteamento da bandeira do arco-íris símbolo do movimento homossexual no Brasil e no mundo. Nele pode-se observar também comportamentos e atitudes denunciadoras da condição homossexual desses freqüentadores. Por isso, buscamos pensar tal espaço como lócus de afirmação da identidade e da luta política homossexual, bem como identificar alguns valores (de gênero, sexo e cidadania), compartilhados pelos freqüentadores do referido espaço da praia de Ipanema. Para isso, realizamos entrevistas e pesquisa de campo no local. Do ponto de vista teórico nos estribaremos nos textos de Daniel Welzer-Lang, Pierre Bourdieu e Elisabeth Badinter que consideram a heterossexualidade como uma construção cultural imposta aos indivíduos de ambos os sexos. Dessa forma, a sociedade androcêntrica impõe sanções àqueles ou àquelas que transgridem a 'norma' que determina a heterossexualidade e a dominação masculina. A homofobia é definida por Welzer-Lang como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui algumas qualidades (ou defeitos) acopladas ao outro gênero. Neste sentido, a homofobia engessa as fronteiras do gênero.

Palavras chave: Cidadania, Homofobia, Masculinidades, Homossexualidade, Heterossexualidade, Relações de Gênero.

## ABSTRACT

Our work aims to demonstrate that Gay and Lesbian visitors to Ipanema beach bordering Amoedo, Farne and Teixeira de Mello streets, in Rio de Janeiro, simply seek their state citizenship rights as any other. This location symbolizes the progress of the homosexual movement in Brazil and worldwide. At the same time we also find visitors that complain because they are simply not accepting of homosexuals. Therefore, we believe this place serves as the locus of identity for the affirmation of homosexual political struggle, and identify (gender, sex and citizenship), shared by visitors to that area of Ipanema beach. We conducted interviews and field research to confirm our observations. In theory the texts of Daniel backed Welzer-Lang, Pierre Bourdieu and Elisabeth Badinter considers heterosexuality as a cultural construction imposed on individuals of both genders. Thus, the andocentric society imposes those penalties or those who transgress the 'rule' that determines heterosexuality and male domination. Homophobia is defined by Lang-Welzer as discrimination against people who show, or who are given some qualities (or defects) coupled to the other gender. One could say that homophobia dictates the boundaries of gender.

Keywords: Citizenship, Homophobia, Masculinity, Homosexuality, heterosexuality, gender relations.

## SUMÁRIO

	<b>p.</b>
Introdução.....	<b>10</b>
Capítulo I – Ipanema é o Lugar.....	<b>15</b>
Capítulo II – A Cidadania Revisitada.....	<b>45</b>
Capítulo III – Gênero, Masculinidades e Homofobia.....	<b>89</b>
Capítulo IV – Do Pecado à Busca da Cidadania: O Movimento Homossexual na Luta Política.....	<b>126</b>
Capítulo V – Buscando a Cidadania: As Estratégias para Afirmação Pública da Homossexualidade.....	<b>154</b>
Considerações Finais.....	<b>206</b>
Referências .....	<b>211</b>

## SUMÁRIO DE FIGURAS E TABELAS

### FIGURAS

p.

Figura 01- Quanto ao Sexo dos/as Entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	158
Figura 02 – Orientação sexual dos/as Entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	160
Figura 03 – Faixa etária dos/as Entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	161
Figura 04 – Cor dos/as entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	162
Figura 05 – Escolaridade dos/as entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	163
Figura 06 – Local de moradia dos/as entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	164
Figura 07– Bairros dos/as entrevistados/as que habitam na cidade do Rio de Janeiro – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	165
Figura 08 – Opiniões dos/as Entrevistados/as sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	171
Figura 09 – Opiniões dos/as Entrevistados/as acerca dos direitos de igualdade entre homossexuais e heterossexuais – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	174
Figura 10 – Opinião dos entrevistados/as acerca da união estável entre pessoas do mesmo sexo – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	181
Figura 11 – Entrevistados/as que têm relacionamento estável – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	183
Figura 12 - Discriminação ou ameaça sofridas em algum lugar público por causa da orientação sexual – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	185
Figura 13 – Deixou de frequentar algum lugar por se sentir discriminado/a ou ameaçado/a face à sua orientação sexual – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	190
Figura 14 – Preconceito dos/as homossexuais contra si próprios – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	194

### TABELAS

p.

Tabela 01- Profissão dos/as entrevistados/as – Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, abril a outubro de 2008.....	163
---	-----

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve início quando a Professora Marinete dos Santos Silva fez um comentário sobre a violência que os chamados *pit boys* praticavam contra aos homossexuais que freqüentavam o trecho da praia de Ipanema, entre as ruas Farne de Amoedo e Teixeira de Mello, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse espaço é freqüente o hasteamento da bandeira do arco-íris símbolo do movimento homossexual no Brasil e no mundo. Nele pode-se observar também comportamentos e atitudes denunciadoras da condição homossexual desses freqüentadores. Esse local é conhecido nacional e internacionalmente como um “território” homossexual. No início do ano de 2007 um grupo de jovens de classe média, brancos, praticantes de artes marciais e moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, conhecido como ‘pit boys’ cometeram atos de violência contra os gays que freqüentavam o referido espaço da praia de Ipanema. Um dos objetivos iniciais era identificar os argumentos utilizados por esses pit boys para justificar essa violência face aos homossexuais. Entretanto, as dificuldades em realizar entrevistas com esses indivíduos nos levaram a abrir mão desse objetivo. Diante desta situação, nosso trabalho mudou de foco. Passamos então a colocar algumas questões sobre o referido local. Buscamos pensar tal espaço como lócus de afirmação da identidade homossexual e de luta política homossexual, bem como identificar alguns valores (de gênero, sexo e cidadania), compartilhados pelos freqüentadores do referido espaço da praia de Ipanema.

Essas questões foram pensadas através do olhar social de um pesquisador que é homossexual, não branco e proveniente das classes populares da cidade de Campos dos Goytacazes. Creio ser necessário revelar o lugar social de onde este pesquisador pensa as questões apresentadas nesse trabalho ao invés de adotar uma pseudo neutralidade científica. É evidente que a vigilância epistemológica esteve presente em todas as etapas do nosso trabalho, mas sabemos que, inevitavelmente, nossas análises refletem nosso sistema de pensamento.

Consideramos ser importante fazer essas considerações, pois, como afirmou Joan Scott, todo conhecimento científico é político.<sup>1</sup>

Nossa primeira visita ao campo de pesquisa foi no dia primeiro de janeiro de 2008. Surpreendentemente, aquele local nos era novo, pois só o conhecíamos de relatos de amigos, uma vez que moramos no município de Campos dos Goytacazes, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. A mesma foi e ainda é uma cidade caracterizada por um forte conservadorismo. Explicitado, este fato, é possível entender nossa surpresa ao nos deparar com o aquele espaço freqüentado especificamente por homossexuais masculinos e femininos. O que nos surpreendeu e ao mesmo tempo nos emocionou foi a forma como os freqüentadores desse espaço manifestavam livremente sua orientação sexual em público. Nesse dia, a praia estava cheia de banhistas, que ocupavam toda a orla. Na ‘praia gay de Ipanema’<sup>2</sup> os homossexuais se reuniam em grupos, sentados em cadeiras de praias, debaixo de guarda-sóis e outros ficavam em pé exibindo corpos musculosos. Havia muitos casais que trocavam carícias, inclusive, beijos na boca.

No local os ambulantes montam suas barracas próximas ao calçadão da praia, e nelas hasteiam a bandeira do arco-íris, símbolo do movimento gay. Nelas vendem-se cervejas, refrigerantes, água-de-coco dentre outras bebidas e se alugam guarda-sóis e cadeiras de praia. Mais próximo da praia há uma barraca onde são vendidas sungas de paia com estampas e modelos diversificados. Havia uma com uma estampa que dizia “Garoto de Ipanema” que nos chamou a atenção.

Na ‘praia gay de Ipanema’ verifica-se a presença de turistas de várias partes do mundo, bem como do país. Isto tanto nos fins de semanas e feriados como nos dias úteis. Tal fato demonstra a visibilidade, do espaço, que alcançou proporções internacionais, enquanto local de afirmação pública da homossexualidade. Entretanto, na ‘praia gay de Ipanema’ há uma presença hegemônica das *barbies* – termo utilizado pelos gays para se referir aos homossexuais adeptos do fisiculturismo -. Em proporção bem menor encontramos homossexuais negros e aslésbicas, não encontrei nenhuma travesti e nem transexual no local. Nesse primeiro dia de campo apenas fiz observação e reconhecimento do local.

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo : UNESP, 1992.

<sup>2</sup> Nome formulado por mim em analogia ao termo utilizado por James Green para denominar o território gay na Praia de Copacabana.

Em frente à 'praia gay de Ipanema' se localiza a rua Farne de Amoedo conhecida no meio homossexual nacional como uma rua direcionada ao público gay. Entretanto, causou-me estranhamento ao andar pela referida rua e me deparar apenas com um bar direcionado para o público homossexual, o Bofetada. É, entretanto, visível a presença de gays e lésbicas andando pela rua, bem como em outros bares e restaurante. Há em outras ruas do bairro boates e saunas gays, como, por exemplo, na rua Teixeira de Mello.

Feita essa breve descrição, da minha primeira observação, do campo de pesquisa, relataremos a metodologia adotada no trabalho. Decidimos utilizar o instrumento metodológico da entrevista para coligir informações com intuito de responder às nossas indagações. Nossas entrevistas foram estruturas com perguntas abertas. O roteiro da entrevista se divide em duas partes: a primeira sobre a identidade pessoal do entrevistado e a segunda sobre questões específicas da nossa temática de pesquisa. Dessa forma, para viabilidade metodológica da pesquisa foram realizadas 37 entrevistas, buscando atender algumas variáveis definidas como: cor, sexo, geração e tipo físico (em particular as *barbies*, termo utilizado pelos homossexuais para se referir aos gays adeptos do fisiculturismo). Nosso trabalho de campo teve início em janeiro de 2008 e término em dezembro do mesmo ano. As entrevistas foram realizadas em dias variados da semana.

Ao chegar ao campo para aplicar o questionário pré-teste nos sentimos inibidos ao ter de abordar as pessoas para solicitar uma entrevista. Uma possível explicação para essa sensação deve-se talvez à nossa origem social, pois a impressão que tínhamos, até aquele momento sobre o bairro de Ipanema era de um lugar freqüentado pela elite carioca. Dessa forma, os gays e lésbicas que utilizam o local também, em nossa concepção, faziam parte dessa elite. Isso nos levou a fazer uma primeira reflexão sobre o trecho da praia de Ipanema em análise e os seus freqüentadores. Se o pesquisador que possui um relativo grau de escolaridade, tomando como parâmetro os índices educacionais brasileiros, sentiu um certo grau de desconforto ao abordar os freqüentadores do referido espaço na praia de Ipanema para solicitar uma entrevista, podemos, com isso, imaginar as percepções dos homossexuais que possuem um menor grau de escolaridade e que pertencem às classes populares, sobre o local. Como será demonstrado, a seguir, nossa reflexão encontrará respaldo nos dados apurados a partir das entrevistas com os freqüentadores do referido espaço.

As entrevistas foram gravadas com o aparelho eletrônico MP3. Contamos com a ajuda de um amigo que muito nos auxiliou na feitura das entrevistas, principalmente ao segurar o MP3 e as folhas do questionário com as perguntas a serem feitas, pois o vento era constante na praia, às vezes muito forte.

Realizamos as entrevistas pré-teste, e constatamos que era necessário reelaborar algumas perguntas. Observamos que ao serem abordadas, as pessoas demonstravam uma certa indisponibilidade para responder às questões. Mas após lerem as perguntas, logo se interessavam em responder, e queriam até mesmo conversar sobre o tema.

Para a realização do trabalho de campo me hospedava na casa de uma amiga que mora em Niterói, no bairro do Ingá e outras vezes em um albergue localizado na rua Farne de Amoedo e ou ainda em um hotel no centro da cidade.

Nosso trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro, pretendemos mostrar a praia de Ipanema, através de sua história como lócus privilegiado de movimentos libertários iniciados nos anos 60 e existentes ainda hoje. Nos anos 60 o movimento da contracultura foi traduzido em atitudes ousadas e contestadoras à ditadura militar e aos padrões morais cultuados pela sociedade da época. A emblemática figura de Leila Diniz pode ser tomada como exemplo, pois foi uma mulher transgressora. Reivindicava ser independente e desprezava o ideário de mulher burguesa e os valores cultuados pela sociedade como sendo apropriados ao sexo feminino. Esse lugar abrigou, também, os hippies que pregavam um estilo de vida *flower power*. O lema cultuado e mais conhecido pelos freqüentadores da praia de Ipanema, nesse período, era: “É proibido proibir”. Nos dias atuais, no trecho da praia de Ipanema, entre as ruas Farne de Amoedo e Teixeira de Mello, é freqüente o hasteamento da bandeira do arco-íris – símbolo do movimento gay -, e também gestos e atitudes denunciadores da condição homossexual. Por isso, cabe-nos pensar a praia de Ipanema como possuidora de uma aura simbólica de liberdade, de vanguarda e de descontração ainda hoje.

No segundo capítulo buscamos fazer um breve histórico da construção da cidadania no mundo ocidental e as transformações desse modelo ao longo da história. Para isto, apresentaremos as idéias de filósofos políticos como Thomas Hobbes, John Locke, Tocqueville, Stuart Mill e Karl Marx e os questionamentos ao modelo ocidental clássico de cidadania desenvolvido por esses pensadores como ressaltam as pensadoras Elizabeth Badinter, Joan Scott e Michelle Perrot. Buscaremos, também, refletir sobre a história da cidadania no

Brasil tendo como pilar de análise os estudos de Roberto Damatta e José Murilo de Carvalho. Pretendemos, ainda, discutir os limites da cidadania homossexual.

O terceiro tem como objetivo apresentar o arcabouço teórico da pesquisa ancorado nos estudos de Pierre Bourdieu, Daniel Welzer-Lang e Elizabeth Badinter dentre outros autores, que se debruçaram sobre os estudos de gênero, especificamente sobre as masculinidades.

Apresentaremos no quarto capítulo as estratégias de luta elaboradas pelo movimento homossexual ao longo da história e os desafios atuais desse movimento. No quinto pretendemos demonstrar que os homossexuais frequentadores do trecho da praia de Ipanema em frente às ruas Farne de Amoedo e Teixeira de Mello buscam afirmar sua cidadania através da demonstração pública de sua orientação sexual. Buscaremos pensar esse lócus como uma forma de implementação de uma estratégia de luta política com repercussões nacionais e internacionais que contribui para o seu avanço. Cabe, ainda, refletir se esse lócus proporciona uma visibilidade pública à homossexualidade como possibilidade fora dos parâmetros heterossexuais, reafirmando como uma condição possível. Queremos finalmente indagar se os homossexuais que o frequentam vêm esse espaço como estratégico para a afirmação gay.

Essas são as questões centrais que nortearão as nossas discussões nesse trabalho.

## CAPÍTULO I - IPANEMA É O LUGAR.

O bairro de Ipanema está localizado, geograficamente, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ipanema faz fronteira com os bairros de Copacabana, Leblon e Lagoa e tem 1,67 Km<sup>2</sup>. Para sermos mais específicos vou utilizar a localização geográfica, que considero mais precisa, minunciosa, típica de quem viveu e é íntimo do bairro, proposta por Millôr Fernandes e publicada na revista Domingo, do Jornal do Brasil, em 23 de dezembro de 1990, tendo sido utilizada por Ruy Castro, no livro, *Ela é Carioca*:

Ao sul do oceano Atlântico, incluindo as ilhas Cagarras e tudo que o olho alcançar dentro das duzentas milhas. Ao norte, a lagoa Rodrigo de Freitas – do Clube Caiçaras até a margem esquerda do Corte do Cantagalo. A leste, de um lado, o Arpoador, a praia do Diabo, o mar e o horizonte correspondentes; de outro a rua Conselheiro Lafayette ao cruzar as ruas Rainha Elizabeth, Joaquim Nabuco e Francisco Otaviano; a fronteira leste segue pela rua Antonio Parreiras, subindo até o nº 125 da rua Saint-Roman (onde ficava o Pasquim), galgando parte do morro do Pavãozinho e descendo pelo Corte. E a oeste, a margem direita do Jardim de Alah.<sup>3</sup>

Os primeiros habitantes desse espaço, os índios tamoios, datam do período da colonização do Brasil. Nessa época, o lugar era uma restinga e compreendia o que é hoje o bairro de Ipanema e Leblon. Entretanto, os índios não resistiram aos primeiros anos da colonização portuguesa no século XVI.

O bairro de Ipanema foi fundado em 1894. A origem do seu nome possui duas versões. A primeira sustenta que foram os índios que cunharam o nome Ipanema, que significa “água ruim”. A segunda versão é a de que o bairro foi batizado com o referido nome para homenagear o seu fundador, o Barão de Ipanema, José Antônio Moreira filho, que nasceu na pequena cidade de Ipanema no Estado de Minas Gerais, proprietário de terras em Copacabana e adjacências. Este resolveu expandir seus negócios imobiliários, que já englobavam vastas áreas

---

<sup>3</sup> CASTRO, Ruy. *Ela é carioca: Uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo : Companhia das Letras, 1999, p. 11.

de terra em Copacabana. Decidiu, então, fundar um novo loteamento chamado à época Villa de Ipanema.<sup>4</sup>

No início do século XX foi firmado um contrato entre o Barão de Ipanema e a Prefeitura do Rio de Janeiro para lotear o novo bairro. O então influente José Antônio Moreira Filho solicitou à prefeitura que o bonde no final de Copacabana fosse estendido até a Ipanema. Isto possibilitou o povoamento do novo bairro. Também foram alardeados, pela cidade, os benefícios à saúde que o clima salubre, do lugar, propiciava. Tal clima garantiria uma boa qualidade de vida aos seus moradores. Dessa forma, os habitantes do local estariam livres das doenças que infestavam o centro da cidade. Em 1898, o Prefeito Luiz Van Erven, engenheiro e acionista da “Jardim Botânico”, (Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico), assinou um decreto que isentava por cinco anos a cobrança de impostos, a todos que construíssem casas em Ipanema, tendo sido essa isenção estendida por mais 10 anos. Tal medida política beneficiou o empreendimento imobiliário. Com isso, em 1916 já existiam cerca de 118 moradias e 1006 habitantes na nova vila. Cabe ressaltar, que muitas dessas moradias eram de posseiros. E com a super valorização das terras do bairro, em meados do século XX, essas famílias se tornaram os novos-ricos do Rio de Janeiro.<sup>5</sup>

Ipanema recebeu nos anos de 1930 imigrantes europeus, em sua maioria intelectuais e artistas, alemães, franceses, italianos, ingleses e judeus de toda parte. Segundo, Ruy Castro esses imigrantes compartilhavam as idéias vanguardistas da Europa dos anos de 1910 - 1920. Tais imigrantes não eram ricos, por isso buscaram Ipanema para morar, por ser o bairro um areal desabitado, onde era barato viver. Esses imigrantes se misturaram aos nativos do bairro, que eram compostos de migrantes de diversos estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo e dos estados do nordeste, bem como de outros bairros da própria cidade do Rio de Janeiro. Com isso, uma cultura própria foi formada e germinada, em Ipanema, distante do centro da cidade.

Até, os anos de 1940, Ipanema era um areal quase desabitado e sossegado, por ser considerada muito distante do centro do Rio. O bairro ficou a margem do processo de modernização, que o centro do Rio de Janeiro, vivenciou no início do século XX, como destacou Elaine Genen:

---

<sup>4</sup> RIO DE JANEIRO. *Bairros do Rio: Ipanema e Leblon*. Rio de Janeiro: FRAIHA/Prefeitura do Rio – Secretaria Municipal de Cultura. 1998, p. 15.

<sup>5</sup> UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ. *Ipanema de rua em rua*. Rio de Janeiro : Ed. Rio, 2005, p. 16-19.

alguns lugares, inacessíveis ao próprio homem, ficaram à margem dessas transformações [Processo de Urbanização]. Um deles, a Villa de Ipanema, se resumia num imenso areal de pouquíssimas casas onde apenas o bonde chegava timidamente, até a Praça General Osório. O aspecto bucólico verde-azul misturava-se, invariavelmente, aos saraus, aos piqueniques promovidos pelas escassas famílias do local, as brincadeiras da criançada que corria livre sem nenhuma espécie de ameaça.<sup>6</sup>

Após os anos de 1960, o bairro, passou por um significativo crescimento demográfico. Isto no mesmo período, em que, o auge de Copacabana já parecia estar ameaçado. Ipanema era percebida durante os anos 50 e 60 como o bairro onde, ainda, era possível se refugiar da vida urbana. Localizada entre o Atlântico e a Lagoa Rodrigo de Freitas esse lugar possibilitava aos seus freqüentadores e moradores arejar suas mentes, como recordou Tom Jobim:

Ipanema era muito bonita. O mar uma coisa linda, com água limpa, azul, transparente, os peixes passando... As vezes, a gente ia a pé até o Arpoador e ficava naquelas pedras vendo os peixes passarem. (...) A lagoa era azul. Com maré de seis em horas, a água do mar entrava na lagoa. A praia lá era de areia branca, grossa, com conchas grande.<sup>7</sup>

Essa característica de bairro bucólico contribuiu para construção de uma aura *ipanemense*, ou seja, um tipo de carioca que privilegia a conversa, a boemia, e que sempre teve como quintal as ruas e as praias. Isto é traduzido no poema de Renato Sérgio, publicado em 1967, no Jornal de Ipanema, que tomarei a liberdade de transcrever:

Ser ipanemense nada tem a ver com certidão de nascimento (vide Caio Mourão, Carlinhos de Oliveira, Gilles Jacquard, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e outros menos votados). Por que ser ipanemense é, antes de tudo, um estado de espírito. É ser jovem aos oitenta. É ser alegre na tristeza. É ser flor na primavera. É ser dia na noite. Ser ipanemense... bem... ser ipanemense e ser uma porção de coisas. Mas, principalmente, ser essa coisa imponderável e incomparável que é ter nascido ou conseguido chegar a Ipanema. E ficar. Se não em corpo, pelo menos em alma. Ser ipanemense, na verdade, é descansar em paz ou em fossa. Ser ipanemense é tudo isso e mais alguma coisa: é precisar de mais sol em todos os verões. Ser ipanemense é reagir, proceder, falar, pensar, xingar, agredir, criar e amar de uma forma absolutamente inconfundível. Ah... em tempo: Buñuel nunca disse, mas sempre pensou em ser ipanemense. E é. Com muita ipanemice. Que é um termo novo, mas válido. Muito válido, principalmente para quem andou de bonde 13, chama Ipanema de País e conhece Hugo Bidet. Escrivão juramentado. Ipanema falante... galante... elegante...amante...retumbante, Ipanema tem sede, sede de tudo, menos de água, Ipanema tem fome, fome de tudo menos de comida. Sinceramente, Ipanema: você devia agradecer de joelhos, a Deus (Buda ou Alá) tudo o que ele lhe deu! Por que você é como o amor, o sol a lua: resiste a todas as ausências! Que diga Duda Cavalcanti, “mademoiselle Didá”. Ipanema

---

<sup>6</sup> PEIXOTO, Mario *et alli*. *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro : Novo Quadro, 1994, p. 57.

<sup>7</sup> *Apud* PEIXOTO, Mario *et alli*. *Op. cit.*, p. 41.

também é um rio que corre pro mar... mar de muitas sereias... sereias de muita beleza... Perdão Noel, mas tenho que dizer: modéstia a parte meu senhor, eu sou de Ipanema.<sup>8</sup>

Verificamos que o significado de ser ipanemense não se restringe, apenas, ao fato de se ter nascido no bairro, mas possuir e compartilhar as características que são próprias desse local. Nesse sentido, a categoria de ipanemense pode ser pensada como um adjetivo que qualifica pessoas de acordo com os seus comportamentos, especificamente ligados à boemia, ao despojamento, à vanguarda, à contracultura e à liberdade. Com isso, não há necessariamente uma vinculação entre morar no bairro e compartilhar o espírito ipanemense. O próprio Jaguar se colocou como exemplo desse fato:

Nós, ipanemenses dos anos 60, estávamos nos lixando para os limites geográficos do bairro. Eu mesmo, enchendo a boca falando em “nós, ipanemenses”, morava em Copacabana. ... Havia uma espécie de imperialismo ipanemense. Como grileiros, invadíamos a cidade e até o estado do Rio.<sup>9</sup>

Para, Ruy Castro e Jaguar, Ipanema era considerada uma província que possuía qualidades específicas e especiais, pois era oposta ao tradicionalismo das pequenas cidades. Para o primeiro era uma província cosmopolita. Jaguar indagou:

Ipanema era uma província? Era. Pelo menos está dito e repetido nos livros e crônicas que falam do bairro. Era um lugar família, mas a sacanagem rolava solta; um saudável esporte assim como pegar jacaré e jogar frescobol... ... Então, de que Ipanema vou falar? Da familiar ou da libertina? Da provinciana ou da cosmopolita? Da bairrista, da agregadora ou da muito pelo contrário.<sup>10</sup>

Esse espírito ipanemense, se assim podemos chamar, foi intensificado por artistas, poetas e intelectuais que freqüentavam o Arpoador. Em 1950 foi realizado o primeiro campeonato de surfe brasileiro, neste local. Um ano depois, nesse mesmo espaço, se inaugurou o uso do biquíni. Foi no Arpoador, segundo, Ruy Castro, que nasceu a aura de Ipanema:

O grande caldo cultural que simbolizaria Ipanema nasceu no Arpoador, que foi sua primeira praia a ser desbravada e palco de uma convivência democrática entre gente de todos os níveis: pescadores, intelectuais, artistas, aspirantes a tudo isso ou simples bebuns. Ali, todos eram iguais e ninguém era mais igual que os outros: um homem que soubesse ler a direção do vento ou a força das marés era tão respeitado quanto um leitor de Nietzsche ou Jung. Depois da praia (em trajes civis ou não), essa mestiçagem cultural espalhava-se pelos botequins do bairro, como o Jangadeiro, o Zeppelin, o Veloso, o Mau Cheiro,

---

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>9</sup> JAGUAR. *Ipanema, se não me falha a memória*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 17.

<sup>10</sup> JAGUAR. *Op. cit.*, p. 11

o Bar Lagoa, ou se concentrava em casas abertas ou semi-abertas, como as de Aníbal Machado, Lucio Cardoso ou Mario Pedrosa – homens que traziam, dentro de si, bibliotecas inteiras e adoravam reparti-las com os amigos. Num espaço tão pequeno, estava-se exposto à presença de pessoas das áreas mais diversas da criação. Não admira que tantos em Ipanema fossem (como se diz mesmo?) multidisciplinares: escritores faziam cinema, arquitetos faziam música, cartunistas faziam teatro, pescadores faziam fotografia e muitos faziam quase tudo isso, sendo que inúmeros eram, ao mesmo tempo, artistas plásticos ou tinham feito ginástica com Sinhozinho.<sup>11</sup>

O nome Arpoador tem dois enigmas sobre sua origem. O primeiro enigma parte do princípio de que o nome é originário dos pescadores, com arpões em punho, caçavam baleias quando, não havia poluição, o que possibilitava que elas visitassem a praia. O outro defende que esse nome se deve ao fato de ser o ‘arpoador’ a parte do navio oposta ao ‘leme’. Disso resulta o nome dos dois bairros. Discordâncias a parte, o consenso é, que no Arpoador se pode contemplar um dos mais belos pôr-do-sol do Rio.

Nos anos de 1950 e 1960, Ipanema estava pronta para se tornar o sonho de consumo residencial da classe média alta carioca. O antigo casario do bairro cedeu lugar aos prédios residenciais. Novos estabelecimentos comerciais se instalaram no bairro. Surgiram o Cine Pax (1953) e o Teatro de Bolso, mais tarde Cine Theatro Poeira, criado por Silveira Sampaio. Em fins dos anos 50 se tornou famoso o bar Mau Cheiro, (possuía esse nome porque os pescadores limpavam o peixe na sua porta e era freqüentado inicialmente por motoristas de ônibus), localizado na esquina de Rainha Elizabeth com Vieira Souto e freqüentado pelo pessoal do Cinema Novo e da Bossa Nova na década seguinte, transformando-se em reduto da boemia e da intelectualidade carioca. Os bares tinham uma importância singular para os artistas de Ipanema como demonstra a matéria publicada na seção Ipanema Cultural do Caderno Zona Sul, *Quando os bares eram os melhores fóruns de debate*. Era nos bares que *se reuniam aqueles que virariam mitos das gerações seguintes, e que fizeram nascer uma nova Ipanema a partir dos movimentos nascidos em mesas de bar. Crias dessa geração foram a Bossa Nova e o Cinema Novo.*<sup>12</sup> A matéria destacou, ainda, que:

O Cinema Novo teve em Ipanema mais sua origem do que seu destino. A idéia na cabeça de expoentes como Glauber Rocha, Mario Carneiro, Saraceni e Ruy Guerra, desenvolveu-se nos redutos da turma – o Zeppelin e o Mau Cheiro –

---

<sup>11</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>12</sup> JORNAL O GLOBO. *Caderno Zona Sul - “Ipanema, 110 anos na vanguarda”*. Rio de Janeiro : O Globo, edição de 22/04/2004, p. 35.

mas a câmera na mão voltou-se para o sertão, o Nordeste e outros cenários longe da brisa do Posto 9.<sup>13</sup>

O trecho da praia, onde se localizava o bar Mau Cheiro, entre as ruas Rainha Elizabeth e Francisco Otaviano, ficou conhecido como Castelinho. Neste local o Cônsul Geral da Suécia, Dr. Johan Edward Jansson ergueu em 1904 a mais pitoresca residência do Arpoador, batizada de *Castelinho*, que ficava na esquina de Vieira Souto com Rainha Elizabeth. Essa casa era efetivamente, um castelo neo-mourisco com sua famosa torre panorâmica. Anos depois o castelinho foi vendido à Família Catão, e demolido em 1966. Próximo à antiga residência surgiu o bar “Castelinho”, na Avenida Vieira Souto nº. 100, de grande fama e ponto de encontro da juventude, que era atraída pelos artistas e intelectuais do Cinema Novo. O bar existiu até os fins dos anos de 1970, quando foi demolido. Esse local era freqüentado por jovens atraídos pela fama que os freqüentadores do local desfrutavam e pela presença de repórteres e fotógrafos das revistas Fatos e Fotos e Manchete. Em 1963, o bar Mau Cheiro, passou por uma reforma que, não apenas mudou a estrutura física do bar, como o seu nome, que passou a se chamar bar Rio 1800, (hoje o bar foi substituído pelo Barril 1800 e abriga no segundo piso o Jazzmania).

Ao lado do Mau Cheiro, foi fundado o bar e restaurante Castelinho, um local composto por vários ambientes e com mesas com guarda-sóis no terraço e na calçada. Um grande público freqüentava o bar nos fins de semana. Era hegemônica a presença feminina exibindo os biquínis considerados os mais charmosos da época. Entretanto, em 1966 o Castelinho foi vendido para uma dupla de espanhóis. Estes, segundo Ruy Castro, não entenderam muito bem o espírito do bar. Com isso, o bar Castelinho, se tornou o bar da juventude dourada, onde se toma o chope mais caro da cidade do Rio de Janeiro, sendo freqüentado por turistas, o que o fez perder seu espírito original. Ele existiu até 1980, quando foi derrubado e em seu lugar foi construído um edifício residencial, com a fama de ser mal-assombrado. A obra foi interrompida por quinze anos, só sendo concluída em 1998.

Nos anos de 1960, o bairro ficou conhecido mundialmente como vanguardista e por seu jeito próprio de ser. Nessa época, Tom Jobim e Vinicius de Moraes contribuíram para mitificar a cultura do bairro de Ipanema como vocacionada para a liberdade e para a contracultura. A ligação entre Bossa Nova e Ipanema parecia estar relacionada ao bar do

---

<sup>13</sup> JORNAL O GLOBO. *Op. cit.*, p. 38.

Veloso. Neste bar foi criada, Garota de Ipanema, a mais importante música, desse estilo musical. Essa canção está entre as mais tocadas do mundo. Segundo, Tom Jobim e Vinicius de Moraes a inspiração para compor a letra da música veio de Helô Pinheiro e do bar Veloso. Dessa forma, o Veloso se tornou uma espécie de lenda para o bairro como verificamos:

Muitos papos de mesa de bar ajudaram a dar alma ao bairro. Sem dúvida, o mais famoso deles foi o de Tom e Vinicius, nos anos 60, que de tanto admirar o doce balanço de Helô Pinheiro – mais doce ainda sob o encanto de um momento mágico típico dos botecos – compuseram a canção que levou Ipanema para a boca do mundo. Está lá o bar Garota de Ipanema, antigo Veloso, que não me deixa mentir.<sup>14</sup>

Nenhuma canção nacional foi – e continua sendo – tão executada quanto “Garota de Ipanema”.... A música de Tom e Vinicius, de 1962, foi inspirada em Helô Pinheiro quando passava a caminho do mar em frente ao bar Veloso – hoje Garota de Ipanema.<sup>15</sup>

Uma das mais executadas canções do mundo foi composta em 1962, na casa de Tom Jobim. A idéia nasceu nas mesas do bar Veloso, onde Tom e Vinicius passavam horas bebericando, jogando conversa fora e observando as mulheres, entre elas a musa Helô Pinheiro.<sup>16</sup>

Há uma discussão sobre o local onde surgiu a Bossa Nova. Para alguns, o estilo musical surgiu em Copacabana, outros dentre eles Ruy Castro, defendem que à Bossa Nova surgiu em Ipanema. Seu argumento baseia-se no fato de que Copacabana apenas deu visibilidade a Bossa Nova, pois era nesse último bairro, que se localizavam as boates dentre elas o Beco das Garrafas como relata:

Copacabana era associada à noite, às boates enfumaçadas, às mulheres adultas e fatais e àquele clima de pecado e traição dos samboleros dos anos 50. Já a Bossa Nova era uma música jovem, diurna, de frente para o mar, e esse espírito solar era o de Ipanema e do Arpoador. A mulher na Bossa Nova era a moça da praia, a garota, a namorada – não a amante proibida e vingativa, com uma navalha na liga. E as letras da Bossa Nova não tinham nada de enfumaçado. Eram uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema.<sup>17</sup>

Observamos a partir das memórias de Ruy Castro, Jaguar e outros autores que os bares e botequins são referenciais que caracterizam o tipo ipanemense. Nas obras dos autores a associação do nativo de Ipanema com a boemia, com o bar, não se restringia apenas ao espaço físico do bairro, mas ultrapassava as suas fronteiras. Os ipanemenses, afirmou Ruy Castro,

---

<sup>14</sup> JORNAL DO BRASIL. *Cadernos H*. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, 22/04/2004 p. 14

<sup>15</sup> JORNAL O GLOBO. *Op. cit.*, p. 38.

<sup>16</sup> GRUPO ABRIL. *VejaRio*. Rio de Janeiro : Editora Abril, periódico de 22/04/2004, p. 14.

<sup>17</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 59.

onde quer que estivessem levavam consigo o jeito despojado, boêmio e informal. Podemos verificar que o estilo de vida, do ipanemense, supera as fronteiras geográficas do bairro. Isso foi demonstrado por Jaguar ao narrar um episódio ocorrido, no bar Degrau, localizado no Leblon e não em Ipanema

Nunca marcamos encontro, mas durante anos a gente se esbarrava na ronda dos bares... chegávamos em horários diferentes mas amiúde éramos os últimos a sair. Só íamos embora quando os garçons começavam a jogar baldes d'água nos nossos sapatos. Numa dessas madrugadas, no Degrau, estávamos tomando a saideira em pé porque as cadeiras já estavam empilhadas em cima da mesa. Carlinhos pagou a conta com um cheque que assinou contra a parede. Teve um ataque de fúria quando o cheque foi devolvido; a assinatura "José Carlos de Oli" não conferia. O "veira" restante estava escrito na parede.<sup>18</sup>

O Arpoador era o lugar da juventude e da vanguarda, e com pessoas irreverentes e independentes como Leila Diniz. Ruy Castro considera que as mulheres que freqüentavam o Arpoador transgrediam os papéis sociais de gênero. A mulher de Ipanema, ou melhor aquelas que são descritas pelo autor, desprezavam o ideário de mulher burguesa e os valores cultuados pela sociedade como apropriados ao sexo feminino. Para o autor: *as mulheres de Ipanema tinham desprezo por conceitos como virgindade, casamento burguês, fritar bolinhos, monogamia e maridinho-provedor-do-lar. Elas estudavam, trabalhavam, moravam sozinhas, namoravam quem quisessem e não davam satisfações. Nada que fizessem era chocante em Ipanema.*<sup>19</sup> Dentro da idéia de mulher transgressora, Castro, fez uma associação do bairro com a liberdade, a modernidade e o avanço.

Em 1963 o bonde fez seu último trajeto por Ipanema, tendo sido seus motores desligados em frente ao bar Zeppelin. No carnaval de 1965 saiu às ruas do bairro a Banda de Ipanema que importada de Minas Gerais incorporou-se ao espírito ipanemense. Reuniam-se em frente ao antigo Jangadeiro poetas, artistas e intelectuais, que, num só bloco de foliões, desfilavam pelas ruas do bairro. Na Montenegro, outro grupo de foliões se reunia desde 1961 e alegravam o bairro com o Futebol à Fantasia. A banda de Ipanema se faz presente até os dias atuais sendo um dos maiores atrativos do bairro durante o carnaval. Reúne pessoas de diversos segmentos sociais, sendo inclusive, freqüentada por homossexuais. Entretanto, os fundadores da banda lamentam a presença dos gays, como se pode verificar:

A Banda de Ipanema há muito perdeu sua inocência. Foi invadida por farofeiros e drag-queens (que passaram a receber grande cobertura da

---

<sup>18</sup> JAGUAR. *Op. cit.*, p. 31-32.

<sup>19</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 210.

imprensa, como se eles fossem a Banda). Albino não concorda, há anos batemos boca a respeito. Ele admite que não pode controlar a presença dos alienígenas, mas que, mesmo com eles, o espírito original da Banda ainda existe. (p.24)<sup>20</sup>

Ipanema nos fins dos anos de 1960 era palco do Tropicalismo, do Cinema Novo, do Jornal de Ipanema, do Pasquim, da Petite Galerie, do Teatro de Ipanema, das primeiras pranchas de surf, das grifes famosas, da H. Stern Joalheiros, da Mariazinha, da Bibba, da Smuggler e da Feira Hippie que consolidavam a aura do bairro como sendo da liberdade, da contracultura e da moda. Durante o período da ditadura em seu momento mais truculento, ou seja, após a edição do AI5, em 1968, Ipanema não arrefeceu e reagiu como, descreveu Ruy Castro: contra as balas, a poesia; contra a tortura, a literatura; contra a repressão, a boemia; contra a farda, o estilo *flower power*; e, contra as trevas, o pôr-do-sol. Assim, Ipanema é pensada como o lugar que representa a arte brasileira nos anos de 1960 é o... *local que viu nascer a geração bossa nova e o cinema novo* (Caderno Zona Sul, p.34), *endereço que resume a produção cultural brasileira nos anos 60* (Caderno Zona Sul, p.34) ou *gueto de intelectuais, artistas, gente de literatura, cinema, música* (Veja Rio, p.12). A arte desenvolvida em Ipanema pode ser interpretada como um estilo popular-erudito como sugeriu Marisol Valle:

Caracterizada como um estilo “popular-erudito”, a Bossa Nova propôs novos ritmos e arranjos para a música brasileira, além de ter incorporado com o “canto falado” uma maneira diferente de cantar (Ortiz, 2001). Já o projeto do Cinema Novo, desenvolvido na passagem dos anos 1950 para a década de 1960, inclinou-se em direção a uma “invenção” e “experimentação” da linguagem cinematográfica brasileira através da realização de filmes “não-industriais” e comprometidos, principalmente, com o tema da fome e do subdesenvolvimento do país. (Gonçalves & Hollanda, 1982).<sup>21</sup>

Para falar de Ipanema no que tange à moda e a beleza, encontramos no Bairro referências singulares que destacam a originalidade do lugar diante do Município do Rio de Janeiro e do país. As *butiques*, os estilistas e a *feira hippie* são a expressão da moda e as *musas* e rapazes são ícones de beleza próprios do lugar. Isso foi reafirmado em matérias jornalísticas publicadas durante a comemoração dos 110 anos de Ipanema:

Nos anos 60 e 70, Ipanema viveu uma espécie de fase áurea, exportando personagens, moda, artistas, posicionamentos políticos e modos de vida.

---

<sup>20</sup> VALLE, Marisol Rodrigues. *A Província da Ousadia: Representações sociais sobre Ipanema*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005, p. 91

<sup>21</sup> VALLE, Marisol Rodrigues. *Op. cit.*, p. 21.

O bairro é qualificado como “Laboratório de moda”... centro irradiador de tendências.<sup>22</sup>, ou Lugar onde não faltaram musas, modismos, acontecimentos e polêmicas.<sup>23</sup>

Castro afirma que durante os anos 1960 até 1980 a moda no Brasil foi ditada por Ipanema, embora antes desse período Ipanema, ainda, buscasse estilo próprio por meio de butikues em Copacabana (então bairro no auge da vanguarda carioca) ou no Centro do referido Município.<sup>24</sup> Era extremamente difícil possuir moda própria se no bairro não havia uma loja sequer voltada à moda, ou qualquer atividade neste segmento. De acordo com Balsa:

No início dos anos 1960, Ipanema passou por profundas transformações. Muitos consideram que essa foi a época em que “a moda entrou na moda”, com lojas que ficaram na história do bairro e da própria cidade. Antes, as garotas de Ipanema iam a Copacabana fazer compras no novo centro comercial ou nas lojas chiques, como a Imperial e a Mônaco. Iam também ao centro da cidade ver as novidades da Casa Canadá ou da Casa Sibéria.<sup>25</sup>

O que em geral falam Castro e Balsa é que há coincidência entre a renúncia de Jânio Quadros e a inauguração da butikue *Mariazinha*, em 25 de agosto de 1961. Essa grife marcou o início da projeção do bairro de Ipanema como palco da moda nacional pelas próximas duas décadas. A loja ficava no Largo do Bar 20, perto do Cine Astória e depois foi transferida para a Praça Nossa Senhora da Paz<sup>26</sup>. Segundo Castro, o estilo de moda da *Mariazinha* era clássico, mas foi o marco para o surgimento de outras butikues, como a *Aniki Bobó* (1968-80), a *Blu-blu* (1972-87) e a *Company* (de 1972 até hoje em operação), além de outras como a Smuggler, a Frágil, a Desbund, a Muga, a Traffic (estas três na Rua Farme de Amoedo), a Lelé da Cuca e a Elle et Lui (esta até hoje na ativa). A partir de então se passou a explorar os desfiles de rua, as vitrines com estilos psicodélicos e a abertura da moda para o mercado jovem, de estilo individualista e competitivo voltado ao culto da beleza.<sup>27</sup> Isso pode ser verificado nas matérias jornalísticas em 2004, nas comemorações dos 110 anos de Ipanema, como no Caderno H, do Jornal do Brasil e na coluna Zona Sul do Jornal O Globo:

---

<sup>22</sup> JORNAL O GLOBO. *Op. cit.*, p. 04.

<sup>23</sup> GRUPO ABRIL. *Ipanema 110 anos: Histórias e personagens do bairro mais charmoso da cidade* in *VejaRio*. Rio de Janeiro : Editora Abril, periódico de 02/05/2004, p. 12.

<sup>24</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 60.

<sup>25</sup> BALSA, Marilena (org.). *Ipanema de rua em rua: do arpoador ao jardim de Alah*. Rio de Janeiro : Universidade Estácio de Sá, 2005, p. 88.

<sup>26</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 60; BALSA, Marilena (org.). *Op. cit.*, p. 89.

<sup>27</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 63.

Ipanema está para o Rio como Paris para o mundo. É sinônimo de moda. Tudo o que a menina de Ipanema usa a caminho do mar, da universidade, das compras, as meninas de todo o Brasil copiam;<sup>28</sup>

(...) o bairro era a capital cultural do Rio, e, portanto, a capital cultural do Brasil (Caderno Zona Sul, p34; Ipanema traduz um estilo de vida bem carioca: praia, calçadão e espontaneidade.<sup>29</sup>

Talvez seja impossível definir o carioca sem o espaço informal de cordialidade ... Em Ipanema, como bairro carioquíssimo que é, não podia faltar botequim.<sup>30</sup>

Uma das butiques que mais teve repercussão por divulgar mensagens através da moda foi a *Bibba*, de José Luiz Itajahy, fundada em 1966. A loja vestiu personalidades como Dina Sfat e Leila Diniz. Foi também bem como é palco de diversas festas irreverentes e manifestações em suas vitrines, com conteúdo ideológico-político. Ao lado das lojas, também foi destaque a participação de estilistas, como Zuzu Angel e suas criações, também de conteúdo ideológico-político. Sobre a marca *Bibba-Ipanema*, destaca Castro:

Em pouco tempo, quem não tivesse uma camiseta com a marca *Bibba-Ipanema* estampada na manga era melhor que nem saísse de casa (...) Foi também o primeiro a perceber a força da imagem de Ipanema para vender moda. E, numa época em que repartições, universidades e até alguns restaurantes ainda proibiam a entrada de mulheres de calça comprida, a Bibba subverteu a separação entre os sexos lançando os terninhos femininos (sem nada por baixo) e as camisetas unissex. Quando percebeu que podia fazer isso e ficar impune, Itajahy descobriu que o céu era o limite.<sup>31</sup>

Nota-se, a relação identitária entre beleza e contexto sociopolítico que Ipanema desenvolvia com sua moda para a população do bairro, vista como gente jovem, bonita, bronzeada, esportiva, aberta para o novo e com dinheiro para gastar.<sup>32</sup>

De certa forma, a moda lançada dentro e fora das butiques era um dos vieses que retratavam a beleza singular e original de Ipanema, com ou sem o retoque das contraculturas

---

<sup>28</sup> JORNAL DO BRASIL. *O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial* in *Caderno H*. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, edição de 25/04/2004, p 08.

<sup>29</sup> JORNAL O GLOBO. *Op. cit.*, p. 16;34.

<sup>30</sup> JORNAL DO BRASIL. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>31</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 61.

<sup>32</sup> *O carisma de Ipanema fez com que diversas celebridades achassem uma ótima idéia abrir butiques no bairro. E por que não? Elas tinham nome, bom gosto, contatos e tempo de sobra. Algumas se atiraram tanto ao trabalho que, às vezes, podiam ser vistas até atrás do balcão: Leila Diniz e Vera Barreto Leite, com a Boutique 12, na praça General Osório (onde havia quem vendesse ácido por baixo dos panos); Danuza Leão, com a Voom-Voom, em cima do Zeppelin, de Ricardo Amaral; Marília Carneiro, com a Le Truc, na Rua Barão da Torre; Zelinda Lee, com a Obvius, na rua Garcia d'Ávila, onde trabalhava a monumental Tânia Caldas; Lygia Marina, com a Flash, na Teixeira de Melo; Luiza Konder e Christina Gurjão, com a Flash-Back, na Prudente de Moraes, perto do Country (a primeira a fazer um desfile em plena rua e a usar uma modelo negra); e muitas outras. (CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 63)*

estabelecidas no bairro. Leila Diniz, por exemplo, foi expoente do uso do biquíni para grávidas e da tanga, (seu ato teve repercussões, tendo ela sido processada com base na Lei de Segurança Nacional, por ofensa moral aos costumes), gerando a reação das pessoas ao uso de trajés de banho curtos e sensuais, ou mesmo na espontaneidade de ser, enquanto mulher, livre e desimpedida para agir conforme suas vontades, indiferente ao rigorismo moral adotado na época. Miriam Goldenberg afirmou que a gravidez de Leila Diniz expressou e corporificou seus comportamentos transgressores:

A barriga grávida de Leila Diniz, exibida de biquíni nas praias de Ipanema, é ainda hoje lembrada como símbolo da liberação da mulher no Brasil ... Ao exibir na praia sua barriga grávida, Leila demonstrou que a maternidade sem o casamento não era vivida como um estigma a ser escondido, mas como uma escolha livre e consciente.<sup>33</sup>

Ao falar de Leila Diniz, e das *musas de Ipanema*, fala-se de mulheres que inspiraram artistas, intelectuais e pessoas do bairro, para não se dizer do país, situação que não ficava adstrita às mulheres. Alcançava também os homens e *Petit*, ou *Menino do Rio*, como ficou sendo chamado José Arthur Machado notalizou-se, pela beleza e estilo próprio de ser enquanto garoto de Ipanema. Desta forma, segundo Balsa:

Ipanema tornou-se o centro de uma nova maneira de viver, de um novo estilo de se vestir, de se maquiar, de fazer o cabelo. Dependendo do estilo, podia-se fazer cabelo no Sousa ou no Jambert. O bairro se transformou no principal centro comercial do Rio. Não eram apenas as lojas e butiques que faziam sucesso, até a feira hippie na praça General Osório atraía pessoas de todo o Rio.<sup>34</sup>

Marisol R. Valle fez uma interessante análise sobre a moda lançada em Ipanema.

Para a autora:

A concepção de moda utilizada para qualificar Ipanema não se relaciona somente ao sentido mais comum de inovações nas vestimentas ou nos acessórios de uso pessoal; envolve também outros significados. A associação entre Ipanema e moda fundamenta-se na idéia de que o ipanemense típico possuía forte “gosto pelo novo” e uma habilidade peculiar em transgredir, criar e inventar manifestações artísticas e culturais, estilos de vida, comportamentos e atitudes. Para ilustrar esta idéia não é necessário ler os livros ou as matérias de jornais e revistas que falam sobre o bairro, bastando observar as fotografias que se repetem nesse material.<sup>35</sup>

A chamada *feira hippie* ou *Feira de Arte (FEIRART)* da praça General Osório, começou em outubro de 1969, idealizada por Hugo Bidet, no Bar Jangadeiro. Nela expôs seus

---

<sup>33</sup> GOLDENBERG, M. *Toda Mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 208-209.

<sup>34</sup> BALSA, Marilena (org.). *Op. cit.*, p. 90.

<sup>35</sup> VALLE, Marisol Rodrigues. *Op. cit.*, p. 15.

quadros ao ar livre, vendendo sua arte na praça. Após uma semana, com amigos e um aval da prefeitura, lançou o chamado *Arte na Praça*, identificando a si próprio e seus amigos como pintores, não como hippies. No entanto, estes últimos gostaram da idéia e também, em pouco tempo, resolveram apresentar seus trabalhos artesanais. Durante os anos 70 o nome *Feira Hippie* se institucionalizou e, naquela década, o espaço ficou conhecido como a *flower power* brasileiro. Entretanto, alguns anos depois a feira se transformou em um mafuá, com pessoas que vendiam todo tipo de produtos, inclusive industrializados, como sendo artesanais. No entanto, ela revelou alguns talentos importantes como o artista plástico Armando Romanelli, o designer de bolsas Victor Hugo e os criadores de moda Mauro Taubman, Gaspar Saldanha e Marco Rica, tendo, ainda, sido visitada por Calvin Klein.<sup>36</sup>

Entre as décadas de 1970 e 1980 o bairro de Ipanema teve seu processo de verticalização consolidado. Os edifícios residenciais e comerciais passaram a fazer parte da sua paisagem e a especulação imobiliária elevou os preços dos imóveis a patamares nunca imaginados. Com o acelerado processo especulativo, o bairro perdia seu jeito de província bucólica e cedia lugar aos edifícios residenciais, comportando uma população que chegava perto de 50 mil habitantes. Ipanema se tornou assim um dos bairros mais caros e chiques do Rio de Janeiro.

Entretanto, a juventude vanguardista não se sentiu ameaçada frente ao processo de urbanização. O bairro, que possui uma aura de liberdade, vanguarda e contracultura expressou e reafirmou esses valores, mesmo durante a ditadura militar. No início da ocupação do bairro de Ipanema, pela proximidade com o bairro de Copacabana, surgiu como primeiro ponto de referência a Praia do Arpoador, considerado primeiramente o reduto de notáveis de todos os segmentos sociais cariocas. Conforme, Ruy Castro descreve:

Os fotógrafos de revistas como *Fatos e Fotos*, dirigida por Alberto Dines, e *Manchete*, por Justino Martins, não saíam de lá. Com razão: seus freqüentadores eram rapazes e moças capazes de enfeitar aquelas páginas coloridas. Copacabana ainda não sabia, mas era o fim de seu reinado – a partir de 1962, a praia por excelência do Rio seria Ipanema.<sup>37</sup>

Mais tarde, de acordo com Corrêa & Gaspar, o ponto de destaque da juventude e da sociedade carioca foi deslocado para o Píer construído durante os anos de 1970 para a construção do emissário submarino. Esse local foi escolhido como ponto de encontro de (...)

---

<sup>36</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 121.

<sup>37</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 81.

*intelectuais, artistas e surfistas, enfim, a vanguarda carioca que embalou o Tropicalismo.*<sup>38</sup>

Ruy Castro, destacou a importância cultural que representou o ponto:

Durante três verões, até 1973, o Píer foi a liberdade no poder. Sexo, drogas, comportamento, idéias, vestuário, comprimento do cabelo, tudo era liberado. Era uma “república independente” nos piores tempos do regime militar: os anos Médici. Ao contrário do resto do país, que vivia sob a mais angustiante mordada de sua história – imprensa sob censura, prisões e torturas fora do alcance da Justiça e um clima permanente de delação no ar – no perímetro do Píer só era proibido proibir. Anos depois, haveria uma tendência a considerá-lo um foco de resistência ao regime, e essa visão tem sido difundida em românticos artigos retrospectivos na imprensa.<sup>39</sup>

Os integrantes da contracultura se reuniam no chamado, ‘postinho’ ou Píer, entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo. Em 1971, este mesmo trecho ficou conhecido como Dunas do Barato ou Dunas da Gal. Nesse local foi construído uma grande armação de ferro que avançava cerca de 200 metros mar adentro, com o objetivo de instalar o emissário submarino. Essa estrutura metálica ficou conhecida como *píer* onde conviviam surfistas, intelectuais e artistas, o tropicalismo e a modernidade, a contracultura e a vanguarda como descreve Ruy Castro:

O Píer tornou-se a praia hippie de Ipanema, um grande *underground* a céu aberto, o epicentro do *desbunde* – e, como tal, freqüentado por gente de todo tipo, muitos sem nenhuma intimidade com a areia. Rose di Primo acabara de lançar ali a tanga, mas a moda no Píer eram as saias longas com o umbigo de fora e as batas indianas. Havia também quem circulasse vestido de calça saint-tropez, macacões e até ponchos. Sob um sol de quarenta graus, raros caíam n’água. Não se raspavam as axilas – muitas moças orgulhavam-se de seus triunfais chumaços. As pessoas se saudavam com beijos na boca (as mais radicais cumprimentavam os amigos empalmando-lhes firmemente os baixos meridianos). Não era uma praia, era uma atitude.<sup>40</sup>

Como Castro já observou *tudo fazia parte da cultura* (sorry – *contracultura*) *do Píer*,<sup>41</sup> que teve repercussão até o ano de 1974 quando foi desmontada a estrutura metálica. Devido à repercussão nacional do Píer de Ipanema, como local da contracultura e da liberdade, um grande número de pessoas, das mais variadas partes do país, foi atraída para o local, com o objetivo de compartilhar dos valores cultivados no Píer. Isso fez com que o espaço se tornasse impraticável, como relatou Castro:

Os pseudo-hippies chegavam em falanges, intrometendo-se nas rodas e mendigando na areia. O piolho, extinto no país havia anos, instalou-se até nas

<sup>38</sup> CORRÊA, Marcos Sá *et all.* *Orla Carioca: história e cultura*. São Paulo : Metalivros, 2004, p. 246.

<sup>39</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 81.

<sup>40</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 298.

<sup>41</sup> *Idem, ibidem.*

cabeças mais bem pensantes. E ônibus de excursão despejavam levas de turistas na praia, os quais tinham faniquitos quando viam os artistas.<sup>42</sup>

Com isso, os freqüentadores iniciais do Píer foram aos poucos deixando o local. Os primeiros foram os surfistas, em seguida, os artistas e os intelectuais. Em 1973, passou a ser freqüentado exclusivamente pelos turistas. Em 1974, com o fim das obras do emissário, toda a estrutura do Píer foi destruída. No ano de 1976, os freqüentadores do Píer mais adultos e formando uma nova turma, passaram a se encontrar em frente ao hotel Sol de Ipanema. Esse novo espaço é considerado por Ruy Castro como sendo herdeiro das tradições do Arpoador, do Castelinho, da Montenegro e do Píer. O sol, como era conhecido, reunia personalidades de todos os segmentos sociais, como artistas da TV Globo, sociólogos, empresários, políticos, jogadores de futebol, pessoas ligadas ao teatro, a dança e as artes plásticas, surfistas, psicanalistas dentre outros. Todos ficavam de pé, nas areias da praia, postura que inaugurou uma nova prática na orla do Rio. Segundo, suposições do autor, isso se deveu ao grande número de freqüentadores. Esse local também exerceu influência sobre o país, mediante a reunião dos integrantes do cinema novo. Mas como o Píer, o Sol, teve seu fim, como esclarece o autor:

O Sol como instituição não passou de 1982. (...) Com a reforma dos postos de salvamento da orla em meados dos anos 80, o que se chamava de Sol Ipanema passou a ser conhecido como Posto 9, e mais um pedaço da mística se perdeu. Desde então, continuou a ser o ponto mais concorrido da praia e é provável que suas areias ainda estejam fazendo história, mas até agora não nasceu o cronista que irá contá-la.<sup>43</sup>

Em 1980 Ipanema possuía uma população estimada em 65 mil habitantes. E as inovações não pararam. Em 1982 foi inaugurado no Arpoador, o Circo Voador que debaixo de suas lonas lançou grupos musicais, que tiveram sucesso na década de 1980, como: Blitz, Kid Abelha e Barão Vermelho dentre outros. Também se apresentavam grupos de teatro de vanguarda. O lema do Circo Voador era: onde as diferenças dançam juntas. Entretanto, o Circo foi impedido de continuar no Arpoador e foi transferido para a Lapa. No carnaval, de 1985 desfilou pelas ruas de Ipanema, seu primeiro bloco carnavalesco o Simpatia é Quase Amor. Nessa época o ponto mais badalado e freqüentado da praia é o Posto 9 entre as ruas Joana Angélica e Vinicius de Moraes que substituiu o antigo Píer. Entretanto, os freqüentadores desse novo espaço parecem compartilhar valores distintos daqueles cultivados pelos freqüentadores

---

<sup>42</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 299.

<sup>43</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 354.

do Píer. O Posto 9 é conhecido, na atualidade, como espaço da beleza, da ostentação, onde seus freqüentadores exibem roupas de grifes nacionais e internacionais, freqüentado por integrantes da classe média que moram no bairro, bem como por artistas globais.

Durante alguns dias do verão de 1987-1988 latas lacradas, contendo pouco mais de um quilo de maconha prensada cada uma, chegaram boiando à praia de Ipanema e outros pontos do litoral Fluminense. Esse verão ficou conhecido como o *verão da lata e/ou verão do apito*. Isso se deveu ao fato do navio Solana Star nas imediações de Angra dos Reis ter jogado ao mar a sua carga, supostamente embarcada em Cingapura, para evitar um flagrante da Polícia Federal. O episódio serviu de motivo para anedotas e até camisetas foram vendidas anunciando a chegada das latas.<sup>44</sup>

Em 1989 foi criado no Arpoador o Parque Garota de Ipanema. Sua vocação boêmica, entretanto, continua. Onde se considera o centro do bairro ficam o Banana Café, o Hippopotamus, o Tiziano, a Pizzaria Ithay, todos na Praça Nossa Senhora da Paz. Próximo desse local situa-se o Imporium. Seguindo em direção a rua Farme de Amoedo passa-se por pontos tradicionais como o Garota de Ipanema, na rua Montenegro. No que se denomina de 'Baixo Ipanema', na Farme de Amoedo ficam o Bofetada, o Sindicato do Chopp, o Bar do Beto, o Via Farme, o Lunas Bar e o Alberico. Na Teixeira de Melo, encontra-se o tradicional Jangadeiro, na Epitácio Pessoa temos o Bar Lagoa. Estes últimos podem ser considerados a raiz da boemia ipanemense.

Ipanema se caracteriza por contrastes, segundo Castro. Na praia ela é cosmopolita, na rua Visconde do Pirajá onde se concentra o comércio, é movimentada e barulhenta. Nas transversais e nas ruas mais próximas à Lagoa Rodrigo de Freitas, o bairro é bucólico e singelo. Nesse espaço os comerciantes, ainda, conhecem seus clientes pelo nome.

O bairro de Ipanema possui uma história, uma aura de liberdade que foi constituída entre os anos de 1950 e 70. Embora muitas das situações acima estejam reconfiguradas, após o processo de especulação imobiliária, percebe-se que Ipanema, ainda, guarda seu charme próprio, ressurgindo nos tempos atuais como o local onde beleza e estilo de vida, ainda, se mantêm próprio e atraente aos setores mais abastados da sociedade. No seu imaginário Ipanema é o lugar da contracultura, da boemia, da moda, da liberdade sexual e da oposição à ditadura militar. Para Ruy Castro Ipanema foi:

---

<sup>44</sup> Balsa, Marilena (org.). *Op. cit.*, p. 05.

O berço ou palco de várias revoluções no comportamento, na moda, nas artes plásticas, no cinema, na música popular, na imprensa e em outros quesitos fundamentais. Ipanema mudou o jeito de o brasileiro escrever, falar, vestir-se (ou despir-se) e, talvez, até de pensar. Foi também pioneira, no Brasil, do sexo sem culpa (...). Ipanema tornou o sexo natural (...). E apesar da aura de futilidade que a cercava, foi um permanente reduto de oposição (combateu ou criticou todos os governos dos últimos sessenta anos).<sup>45</sup>

Ao analisar as obras e matérias jornalísticas pesquisadas, observamos que elas são escritas por personagens que fizeram parte dos tempos áureos do bairro. Notamos, ainda, que eles constroem e reafirmam as memórias de Ipanema. Para Marisol R., esses autores se apropriam de determinadas imagens, acontecimentos e personagens para construir um simbolismo em torno do bairro:

A gravidez fora do casamento de uma atriz famosa, o “topless” feminino e a semi-nudez de um militante de esquerda são imagens estrategicamente utilizadas para tornar concretas as idéias de “moda, “inovação” e “ousadia” que também contribuem para o imaginário que associa Ipanema ao conceito de “vanguarda”. Percebe-se que as fotografias que ilustram o caráter “criador de modas” de Ipanema não são selecionadas arbitrariamente, já que são justamente aquelas em que a “transgressão” está mais evidente por recair no próprio corpo das personalidades fotografadas.<sup>46</sup>

Alguns dos personagens dos tempos da Ipanema, provinciana, boemia, vanguardista, lamentam que o processo de especulação imobiliária tenha maculado o espírito ipanemense. Para Tom Jobim:

Muita gente com o tempo foi saindo de Ipanema, foram expulsos do bairro, por causa do preço do aluguel. Ipanema foi ficando mais cara e as pessoas foram se afastando, mudando de residência. Os espigões estavam com os preços de alugueis que ninguém agüentava. Os banhistas foram indo para outro lugar, ou vinham apenas para tomar banho e encontrar as pessoas. Mas não moram mais lá.<sup>47</sup>

Para o poeta Chacal Ipanema sempre guardará sua cultura:

O posto nove está para a praia assim como a praia está para a cidade (...) Mapeá-la requeria muito mais do que simplesmente listar quadras, esquinas ou números: significaria fazer um inventário comportamental do carioca moderno, que continua sendo escrito, vide o Posto do poeta. Paradoxalmente, suas avenidas acabaram por configurar-se de maneira um tanto quanto impessoal, com espigões mais próximos à praia e algumas transversais elegantes e charmosas – porém ocupadas mais por grifes e vitrines do que por passantes. A impressão é que, quanto mais para a Lagoa, mais aprazível o passeio. De fato, com a ciclovia e o deslumbrante espelho d’água da Rodrigo de Freitas, é difícil não imaginar este como um dos mais sedutores locais do

---

<sup>45</sup> CASTRO, Rui. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>46</sup> VALLE, Marisol Rodrigues. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>47</sup> ROUCHOU, Joëlle; GASPARG, Cláudia (Orgs). *Memórias de Ipanema: 100 anos do Bairro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Assessoria de Projetos Especiais, 1994, p. 34.

mundo para se viver. Hoje Ipanema tem encarnado como ninguém, um certo hedonismo, mas quem há de culpá-la? Quem quiser reclamar que ligue para o céu e mande chamar os poetas.<sup>48</sup>

A Ipanema província como lugar da boemia, da vanguarda e da liberdade que teve seu ápice nos 1960 a 1975, é considerada como pertencente a um passado recente, do qual Carlos Leonam lamenta que *infelizmente, aquela Ipanema já era*, referindo-se às saudades pelos tempos áureos do bairro:

Os chamados *Anos Dourados* do Rio, no atacado, e de Ipanema, no varejo urbano, têm um correspondente psicanalítico: quem fica curtindo aqueles tempos que não voltam mais sofre de uma síndrome, conhecida, entre os analistas e terapeutas, como a *Síndrome do Paraíso Perdido*. E do jeito que as coisas vão no Rio deste fim de século, não há dúvida de que a síndrome deve estar atacando os cariocas mais do que a dengue.<sup>49</sup>

No entanto, a história de Ipanema é reconhecida pelas instituições públicas. A Secretaria Municipal de Cultura publicou no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, em julho de 2003, um decreto que garante a preservação cultural do bairro por considerar que:

...Ipanema, pela sua história, tornou-se uma referência do modo de vida do carioca, refletindo-se em todo o país. Pela peculiaridade de Ipanema não poderíamos tombar apenas imóveis. Ipanema resume bem o espírito do carioca, seu comportamento, suas atitudes. E é isso que estamos preservando também.<sup>50</sup>

Observamos que o ideário construído sobre Ipanema não se restringiu ao bairro, ou a cidade do Rio de Janeiro. Essa idéia de tipo ipanemense se vincula a dimensões simbólicas mais amplas do que seja ser carioca ou ser brasileiro, havendo, uma ligação desses sujeitos aos conceitos de moda e boemia.

É necessário, ressaltar que nossa pesquisa, pautou-se nas obras de autores que participaram da história de Ipanema. Isso nos faz refletir que suas obras constroem e reafirmam simbologias sobre o bairro. Identificamos em suas obras, que há uma Ipanema dos anos de 1960 a 1980, que é pensada como um lugar provinciano, da vanguarda, da contracultura, da boemia e que lança moda e a outra Ipanema a atual, que é considerada como moderna, luxuosa e sofisticada. Para os autores a Ipanema do presente perdeu muito da sua aura do passado, a ponto, de demonstrarem uma percepção negativa do bairro em suas obras.

---

<sup>48</sup> ROUCHOU, Joëlle; GASPAR, Cláudia (Orgs). *Op. cit.*, p. 50.

<sup>49</sup> LEONAN, Carlos. *Os degraus de Ipanema*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 203;205.

<sup>50</sup> *Apud* JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro : Jornal O Globo, edição de 20/07/2003.

Nesse sentido, o livro de Ruy Castro, que foi um dos principais pilares de nossa pesquisa, propõe-se a ser uma enciclopédia que retratou o bairro por meio de ruas, praças, cinemas, pessoas, gírias e episódios acontecidos no bairro. Nas obras consultadas, observamos que há um consenso dos autores na descrição dos acontecimentos e sobre a mística de Ipanema, especialmente pelo fato de algumas dessas obras terem sido escritas para a comemoração dos 110 anos do bairro. Percebemos nessas fontes um discurso próprio sobre Ipanema que pode ser observado nos meios de comunicação atualmente, que evidencia um modo socialmente compartilhado de se falar e de se pensar o bairro.

Segundo, Marisol Rodrigues Valle, as obras escritas pelos autores, que ela denominou de *Turma de Ipanema*, como Ruy Castro (*Ela é carioca* - 1999), Jaguar (*Ipanema, se não me falha a memória* - 2000) e Carlos Leonam (*Os degraus de Ipanema* - 1997), ao descreverem a história do bairro revelam:

o ponto de vista de um determinado grupo que viveu parte de sua vida na praia, nos bares e nas ruas de Ipanema. Trata-se, portanto, de apenas um enquadramento de memória, ou seja, de um conjunto de crenças, recordações e discursos elaborados por um segmento social específico.<sup>51</sup>

Para Valle, há um esforço de intelectuais e jornalistas direcionado a construir memórias e representações de Ipanema que buscam reproduzir um passado específico do bairro e que selecionam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Dessa forma:

Nos livros e na imprensa há uma intenção, por vezes explícita, em “resgatar” um suposto passado ou em construir uma determinada concepção sobre o momento atual do bairro por meio de uma seleção daquilo que deve ser lembrado e descartando o que pode ser esquecido.<sup>52</sup>

Nesse sentido, Valle, considerou que as representações sobre o bairro podem assumir um caráter negativo ou positivo. Se as memórias que associam o bairro a valores como liberdade, vanguarda, boemia, contracultura, modernidade, transgressão, criatividade e informalidade são consideradas positivas por um determinado grupo, como a Turma de Ipanema, outros segmentos sociais atribuem uma conotação negativa. Isso pode ser verificado ao analisarmos a opinião de movimentos sociais como, o feminista. Este grupo social considerava Leila Diniz, uma mulher alienada, superficial e *porra louca*. Como atesta Miriam

---

<sup>51</sup> VALLE, Marisol Rodrigues. *Op. cit.*, p. 07.

<sup>52</sup> Idem, *ibidem*, p. 11.

Goldenberg: *Enquanto Leila foi chamada de puta e de subversiva pela “direita”, a “esquerda” e as feministas da época acusavam-na de ser alienada, superficial e porra-louca.*<sup>53</sup>

A noção de Esquerda Festiva, que era utilizada para se referir à patota de Ipanema, também pode ser pensada como acusatória e negativa pelos segmentos da esquerda, (aqueles grupos que propunham a luta armada e estavam ligados à esquerda internacional). A expressão *Esquerda Festiva* significava uma forma particular do ipanemense lutar contra a ditadura militar. A palavra esquerda assume uma conotação apenas como oposição ao regime ditatorial. O termo, *festiva*, associada à Banda de Ipanema, servia como mecanismo para distinguir o grupo dos outros movimentos sociais considerados, pelos autores, como sérios, ou seja, os jovens militantes da esquerda do Brasil, que naquele período, faziam severas críticas à esquerda festiva, como relatou Ruy Castro:

... a Banda sofreu um patrulhamento até maior vindo da esquerda séria, para quem era heresia brincar Carnaval com tanta gente sendo perseguida pela ditadura. Mas, para as cabeças pensantes da Banda, essa era apenas uma atitude da esquerda triste, que, além de não derrubar o regime, ainda nos queria privar do Carnaval (p. 48) ... A esquerda dita séria não gostava da Esquerda Festiva. A direita também não. Ambas usavam a expressão para ofender os membros da dita.<sup>54</sup>

A crítica aos membros da esquerda festiva tinha como argumentação o comportamento excessivamente descontraído e a falta de compromisso com as questões consideradas sérias do país, como a luta para derrubar a ditadura militar. O Pasquim também possui essa ambigüidade. Era denominado, jornal de esquerda pelos seus editores, Ruy Castro, Jaguar, Carlos Leonam e Millör Fernandes. Estes afirmavam que o Pasquim era uma possibilidade de fazer oposição à ditadura de forma jocosa, conforme definiu Ruy Castro:

(...) engraçado, provocativo e desrespeitoso, mesmo quando tratava de assuntos sérios. (...) Nitidamente era um jornal “de esquerda” – mas não da esquerda oficial, do Partidão... ou mesmo da esquerda estudantil, maoísta, que já começara a assaltar bancos e a fazer caixa para a luta armada. Era na esquerda de humoristas, mais parafestiva, tipo Ipanema, que os militares ainda não levavam a sério. (...) Era o apogeu da Esquerda festiva, da qual o Pasquim era um alegre porta-voz, e do mito de Ipanema, de que ele foi o grande estimulador.<sup>55</sup>

As críticas ao Pasquim não foram feitas apenas pela esquerda oficial, mas também pelas feministas. A historiadora Raquel Soihet fez uma análise das charges e matérias do

---

<sup>53</sup> Apud VALLE, Marisol Rodrigues. *Op. cit.*, p. 31.

<sup>54</sup> CASTRO, Ruy. *Op. cit.*, p. 118.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p. 280-282.

Pasquim, dirigidas ao movimento feminista. A autora observou que tais matérias publicadas tinham como intuito zombar das feministas mais engajadas. E a zombaria é pensada por Soihet como uma forma de deslegitimar e ridicularizar o movimento de mulheres. Isso supõe, então, uma contradição ao tipo ipanemense cultuado, pelos autores do Pasquim, que se rotulava como sendo libertário, transgressor e moderno. Podemos verificar, a partir de um trecho do referido jornal, as críticas dirigidas às feministas: “*Desculpe Dona Betty [Friedman], mas nós vamos dar cobertura às furadoras da greve do sexo*”; “*Pasquim – um jornal ao lado da mulher. E se for o caso, sobre e sob*” ou “*Pasquim - Um jornal por dentro das feministas*”.<sup>56</sup>

O estudo realizado por, Marisol R. Valle, demonstra que para os personagens que viveram a Ipanema dos anos 1960 a 1970 o bairro daquele período se perdeu. As memórias dos autores, e até de ícones entrevistados por eles, como Tom Jobim e Vinícius de Moraes, demonstram uma nostalgia ao falar do bairro após 1980. Já nas matérias da imprensa Jornal do (Brasil e Jornal O Globo), há uma visão positiva que ressignifica a Ipanema de um passado recente, como demonstrou a autora, apoiando-se em matérias publicada pela imprensa:

Ainda cheia de graça, Ipanema perde seu jeito provinciano, mas mantém viva toda sua magia e sedução (Caderno H, p.4), o ano de 1971 foi sucedido por uma onda de inovações que tornou Ipanema centro irradiador de tendências... A herança é forte e o momento atual faz jus ao passado (Caderno Zona Sul, p.18); Apesar de toda a badalação, uma Ipanema com jeito de cidade pequena ainda sobrevive (Veja Rio, p.16).<sup>57</sup>

Para, a autora, os meios de comunicação ressignificam o passado do bairro. As matérias exaltam uma Ipanema do passado, que foi responsável pela Ipanema luxuosa, sofisticada e elegante combinada com a informalidade que existe hoje. Essa nova roupagem do bairro é exaltada e cultuada pela imprensa. Para fundamentar essa nova fase do bairro a imprensa destaca os serviços de alto luxo que são oferecidos no bairro, dentre eles livrarias, lojas e restaurantes como se verifica nas matérias jornalísticas utilizadas Por Valle:

Tudo está muito distante da velha Feira Hippie que marcou os anos loucos do bairro. O comércio sofisticou-se para atender uma rica clientela de várias partes do mundo. Ipanema se profissionalizou... A maioria dos velhos casarões do bairro já não existe mais. “Eles deram lugar a hotéis de luxo, edifícios comerciais modernos e inteligentes ou a condomínios residenciais sofisticados”. (Caderno H, p.4) Além de uma volta ao passado, este especial do Globo- Zona Sul revela que a história do bairro, da qual fazem parte Tom Jobim e Vinícius de Moraes, continua sendo escrita, hoje, por empresários da moda que, sediados em Ipanema, exportam seu estilo de vida. (Caderno Zona Sul, p.16) Nas últimas décadas, enquanto os saudosistas lamentavam o fim do

<sup>56</sup> Apud VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 33.

<sup>57</sup> Apud VALLE, Marisol, Rodrigues. *Op. cit.*, p. 35.

agito cultural que marcou o bairro dos anos 40 aos 70, estilistas, designers e restaurateurs foram, aos poucos, mostrando mais uma vocação de Ipanema... O bairro hoje é o mais luxuoso shopping a céu aberto da cidade. É também praia de modismos e corpos esculturais, mesa de inovações gastronômicas, vitrine de roupas e acessórios impecáveis. (VejaRio, p.11)<sup>58</sup>

De acordo com Marisol R. Valle a construção e divulgação dessas representações sobre Ipanema, significam interesses, para além da simples reconstituição histórica do bairro. Como esclarece a autora:

Não é difícil imaginar que a imprensa demonstre outros interesses – para além da comemoração do aniversário de 110 anos – para elaborar uma imagem positiva sobre Ipanema. Seria ingênuo desconsiderar os interesses econômicos dos meios de comunicação nos empresários atuantes no bairro. Nesse sentido, é possível pensar que muitas matérias acabam cumprindo uma função publicitária que visa tornar mais atrativos os serviços dos anunciantes por meio de uma exaltação do bairro onde estes se localizam. De qualquer maneira, é possível refletir que se o passado do bairro - conforme expressam os livros - é elaborado por uma elite artística e intelectual que se coloca como protagonista das memórias do bairro, a atualidade de Ipanema - como revela a imprensa - é elaborada por uma elite comercial que também se inclui com destaque nas representações simbólicas atuais desse bairro. Pode-se sugerir que os critérios que tornam determinadas pessoas “legítimas” para falar sobre Ipanema variam segundo o recorte temporal que se pretende abordar.<sup>59</sup>

Nesse sentido, a autora, identificou diversas matérias veiculadas na imprensa durante a comemoração dos 110 anos do bairro, que vinculam personalidades do ramo comercial ao estilo de vida de Ipanema. Dentre, essas personalidades, as matérias divulgadas pelos jornais - O Globo no Caderno Zona Sul e no Jornal do Brasil no Caderno H - fazem uma clara associação de Oskar Metsavath e de Alexandre Acciole como sendo pertencentes ao estilo de vida do ipanemense atual. A primeira personalidade é dono da cadeia de loja da Osklen, grife que vende roupa para jovens de classe média alta. O último é dono de quatro restaurantes de alta gastronomia, localizados no bairro. O destaque atribuído pela imprensa a essas personalidades foi demonstrado por Marisol R. Valle:

Ipanema firma-se como endereço predileto das grifes e atrai novos investidores. Entre eles, Oskar Metsavaht, dono da Osklen há 15 anos, que há apenas dois abriu a primeira loja no local: - “Ipanema foi o bairro que escolhi para fincar a primeira loja internacional da Osklen.” (Caderno Zona Sul, p.18) Alexandre Accioly, capa deste H, acredita em Ipanema. Ele é seguramente quem mais investe no bairro nos últimos anos... Somando tudo, são US\$ 12

---

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>59</sup> VALLE, Marisol, Rodrigues. *Op. cit.*, p. 37

milhões jogados no pano verde que hoje se tornou investir no Brasil (Caderno H, p.11).<sup>60</sup>

Essas matérias buscam evidenciar que estes personagens corporificaram o estilo de vida do ipanemense que cultua o corpo e a prática de esportes ao ar livre. As fotos divulgadas nas matérias trazem como cenário a praia de Ipanema o que possibilita associar esses personagens com estreitas relações ao espaço e ao estilo de vida do bairro. Nas matérias jornalísticas Alexandre Accioly foi eleito o Garoto de Ipanema: *Coco verde, areia no pé e o privilégio de ser, desde sempre, um garoto de Ipanema. (p.11). (...) [Ele] vive no edifício Cap Ferrat, supra-sumo do luxo à beira-mar, onde não se compra um imóvel por menos de 3,5 milhões de dólares.*<sup>61</sup> Para Oskar Metsavaht o bairro (...) *simboliza uma vida urbana integrada com a natureza, o que não existe em nenhum lugar do mundo, diz o estilista gaúcho Oskar Metsavaht, que há vinte anos mora, surfa, corre, pedala e anda de skate no bairro.*<sup>62</sup> Nesse sentido Marisol R. Valle afirma que:

Ipanema também se apresenta sob a forma de um bem de consumo. Além da Osklen, as grifes de roupas “Wollner” e “Armadillo”, ambas localizadas no bairro, também exibem em suas vitrines camisetas que estampam o nome de ruas de Ipanema, como a valorizada “Vieira Souto” e a antiga “Montenegro”, atual Rua Vinícius de Moraes. Mais do que simples peças de roupas, essas lojas parecem vender a representação de um determinado estilo de vida socialmente classificado como “ipanemense”.<sup>63</sup>

Percebemos, a partir das análises da autora, que a representação de Ipanema nos dias atuais retrata o bairro como um lugar de belezas naturais, propício à prática de esportes ao ar livre, sendo ao mesmo tempo sofisticado e urbano. Dentro dessa perspectiva, o estilo de vida dos habitantes do bairro está identificado com o esporte e a espontaneidade, ao mesmo tempo, os ipanemenses são elegantes, luxuosos e cosmopolitas. A associação de Ipanema como lugar luxuoso é enaltecido pela imprensa como se observa nas matérias seguintes:

Luxuosas grifes, como Cartier, Louis Vuitton e H. Stern, adotaram o bairro como vitrine de suas marcas. O quarteirão delimitado pelas ruas Aníbal de Mendonça, Barão da Torre, Garcia D’Ávila e Visconde de Pirajá virou o filé da área, reduto de glamour, luxo e charme.<sup>64</sup> O endereço mais sofisticado do Rio continua se superando. Grifes como Louis Vuitton, Elle et Lui, Cartier, H. Stern e Amsterdam Sauer salpicam a extensão da Rua Garcia D’Ávila, entremeadas por charmosos bistrôs.<sup>65</sup>

---

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*, p. 38.

<sup>61</sup> GRUPO ABRIL. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>63</sup> VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>64</sup> GRUPO ABRIL. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>65</sup> JORNAL O GLOBO. *Op. cit.*, p. 23.

Se nos tempos áureos de Ipanema Leila Diniz e Helô Pinheiro foram consideradas as musas do bairro, hoje é a apresentadora de canal esportivo, Cíntia Howlett, o ícone feminino de Ipanema. As matérias da imprensa estabelecem uma relação entre o estilo de vida esportivo da apresentadora e o ideário do bairro: *Entre os rostos manjados de Ipanema está a apresentadora Cíntia Howlett, moradora do Arpoador. Geração saúde, Cíntia corre no calçadão, nada, anda de bicicleta na ciclovia. “Minha ginástica é Ipanema, e isso não tem preço”, observa*<sup>66</sup> outra personalidade feminina tida como ícone do bairro e a estilista Joana Saladini. A matéria da revista Veja Rio faz uma definição das mulheres do cotidiano de Ipanema afirmando que elas: *não hesitam em apontar o mesmo passatempo para as horas vagas: bater perna de olho nas vitrines que se espalham pelas ruas dali.*<sup>67</sup> Se as musas do passado eram mulheres transgressoras, as atuais privilegiam o esporte, a moda e a elegância construindo uma imagem de Ipanema que pode nos sugerir:

Que esse imaginário se apóia em uma determinada percepção sobre o espaço de Ipanema, onde os quarteirões que abrigam lojas luxuosas convivem com espaços como a praia, onde os indivíduos praticam esportes e se vestem informalmente. Assim como um único ipanemense pode reunir as diferentes características atribuídas ao bairro, o estilo de vida “descontraído” e “requintado” também pode ser identificado em uma mesma localidade. O Caderno Zona Sul destaca que os restaurantes com varandas e mesas na calçada se multiplicaram em Ipanema nos últimos anos e sugere que *“sem perder a descontração da cidade praiana, eles têm o típico requinte ipanemense”* (p.45).<sup>68</sup>

O que percebemos, ao analisarmos a história de Ipanema, é que o bairro passou por significativas mudanças. Essas transformações podem ser identificadas pelos pontos da praia que foram apropriados e reapropriados por diferentes grupos sociais em distintos períodos como constatou Valle:

Desde a década de 1970 até hoje, pode-se afirmar que houve uma grande mudança espacial e simbólica nos principais pontos de encontro da praia de Ipanema. Quase todos os trechos (...) passaram por reapropriações e resignificações. Embora a região do Arpoador continue recebendo jovens surfistas, há quem a considere um local para os “velhos” pois durante as manhãs dos dias de semana é freqüentado pelos idosos que habitam os arredores. Nos fins de semana o Arpoador também recebe os habitantes do morro do Pavão- Pavãozinho e os moradores dos subúrbios e da Zona Norte da cidade. O trecho onde se localizou o Pêr, entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo, é hoje famoso por reunir os banhistas gays do Brasil e do

---

<sup>66</sup> GRUPO ABRIL. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>67</sup> GRUPO ABRIL. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>68</sup> VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 41.

mundo. A Rua Vinícius de Moraes - antiga Montenegro – é utilizada e classificada como um espaço para a prática de esportes de praia, como futebol, vôlei e futevôlei.<sup>69</sup>

Podemos observar que há duas Ipanemas, uma dos tempos áureos e outra do presente, ambas com características e idéias próprias e singulares. As memórias e as apropriações simbólicas das mesmas são aprovadas socialmente, como identificou Valle:

As idéias de “vanguarda”, “liberdade” e “transgressão” ou “luxo”, “esportes” e “sofisticação” revelaram concepções positivas sobre o passado e o presente do bairro. Viu-se que esses atributos não se restringem a uma dimensão puramente simbólica pois estão ligados, também, a uma esfera prática com determinados usos e apropriações do espaço. Tratou-se de dois bairros que prescrevem certos comportamentos e atitudes. A Ipanema dos tempos áureos é o local da inspiração, da boemia e da liberdade; um bairro onde se criam canções e outras manifestações artísticas enquanto se toma cerveja na mesa de bares com os amigos depois de revelar o corpo nas areias da praia. Já a Ipanema atual é o local do luxo e da sofisticação, aonde se vai para praticar esportes no calçadão da orla, olhar as vitrines das grifes e almoçar em restaurantes finos.<sup>70</sup>

Ao analisar os espaços de Ipanema e os discursos sobre os mesmos, Marisol R. Valle, sugeriu dividir Ipanema em duas áreas. Tendo como centro dessa divisão a Rua Joana Angélica. No sentido dessa rua para o Leblon o bairro de Ipanema tende a ser considerado chique e mais sofisticado. Já no sentido oposto, ou seja, em direção ao bairro de Copacabana Ipanema é considerado popular, principalmente, nas imediações da Praça General Osório, onde as ruas paralelas dão acesso à favela Pavão-Pavãozinho. Entretanto, a avenida Vieira Souto, é representada como luxuosa e nobre, por apresentar em toda sua extensão edifícios residências de alto luxo. Atualmente na cidade do Rio de Janeiro, alguns bairros da zona sul, são considerados decadentes como é o caso de Copacabana. Outros são considerados luxuosos como o Leblon. Ipanema localiza-se geograficamente entre os dois bairros o que nos possibilita entender de que forma esses extremos exercem influência sobre Ipanema. Nesse sentido Marisol R. Valle observa:

O que se propõe aqui é pensar que o valor atribuído aos três bairros deslocou-se, com o tempo, em um sentido espacialmente linear, de Copacabana até o bairro do Leblon, passando, obviamente, por Ipanema. Assim, na medida em que o prestígio atribuído à Copacabana e ao Leblon se modifica, o espaço de Ipanema, geograficamente localizado entre os dois bairros, é capaz de ilustrar esse deslocamento simbólico e espacial. Tudo indica que, com o tempo, a praia e os espaços internos de Ipanema refletiram as transformações hierárquicas de seus bairros vizinhos. Como pretendi mostrar com os mapas

---

<sup>69</sup> Idem, *ibidem*, p. 55.

<sup>70</sup> VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 74.

elaborados para este trabalho, os quarteirões ou trechos do bairro foram hierarquizados, no decorrer dos anos, conforme sua proximidade ou seu distanciamento em relação aos bairros de Copacabana e do Leblon.<sup>71</sup>

Com isso, os referidos espaços são pensados a partir de atribuições simbólicas que lhes são conferidas mediante um processo construído socialmente. Isso pode ser vislumbrado, não apenas, intrabairro de Ipanema. Nessa perspectiva, a cidade do Rio de Janeiro é dividida simbolicamente e geograficamente em duas zonas. A divisão em duas zonas, sul e norte, além de geográfica essa divisão é social. E talvez esse último fator, seja o mais preponderante no estabelecimento da fronteira dessas zonas. Na zona sul localiza-se as praias, cujos bairros destinam-se às classes média e alta. Estes bairros desfrutam de forte capital econômico, simbólico e cultural, possuindo forte status de bairro de elite. Os bairros da zona norte são habitados por classes populares. Dessa forma há uma fronteira moral que tem como centro de referência o Túnel Rebouças. Nesse ponto, há a separação dos moradores expressa por termos como os que moram “antes do túnel”, ou moram do “túnel para lá”, ou seja, a primeira expressão significa morar na zona sul e a segunda morar na zona norte ou nos subúrbios.<sup>72</sup>

No fim dos anos de 1960, foi inaugurado o Túnel Rebouças, a principal via de ligação entre a zona sul e a zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O referido túnel facilitou o acesso dos moradores da zona norte às praias da zona sul, embora, a permissão para as linhas de ônibus do subúrbio circularem na zona sul só tenha sido concedida nos anos de 1980. Este fato pode ser interpretado com um processo de democratização no acesso dos moradores da zona norte às praias da zona sul. No entanto, essa política urbana não teve apoio dos moradores dos bairros da zona sul que representam as classes médias e altas da cidade do Rio de Janeiro. Os descontentamentos dessa medida podem ser verificados nos livros que tratam da memória de Ipanema. Os autores desses livros se representam e se descrevem como vanguardistas, abertos e progressistas. Valle constatou que:

Ao descrever a edição do jornal “O Pasquim”, de 1971, Jaguar se lembra do famoso comentário de Millôr Fernandes: *‘Eu tenho ódio do túnel Rebouças. Eu levei 20 anos pra vir do Méier até Ipanema. ‘Eles’ agora vêm em cinco minutos’* (p.78). O próprio Jaguar, que nessa edição do semanário havia enumerado os “prós e contras” do bairro, afirma ter atribuído ao túnel um dos “contras” com a seguinte justificativa: *“não é em Ipanema mas escolhambou o*

---

<sup>71</sup> Idem, *ibidem*, p. 73.

<sup>72</sup> FARIAS, Patrícia Silveira de. *Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

*bairro*”(p.81). Para Carlos Leonam a ampliação das vias de acesso da cidade modificou a paisagem das praias cariocas trazendo para esses espaços a frequência de indivíduos desagradáveis e inconvenientes: O sistema viário fez do Rio uma cidade para todos, mas as praias – antes tão curtíveis – perderam aquela quase privacidade, aquele lugar de ponto de encontro, virando um paraíso de ambulantes e pivetes, de farofeiros interurbanos e interestaduais. (p.41) (...) [Na] edição de “O Pasquim” de 1972, dedicada ao bairro. Jaguar comenta esse número especial do semanário dizendo que o desenho de Zivaldo, intitulado “Zivaldo e A Invasão”, apresentava a praia “entupida de gente” e mostrava um surfista que comentava: *‘Essa praia era uma beleza antes da invasão dos ‘baihumos’*. Jaguar explica, entre parênteses, que “baihumo” significa “a mistura de humo com baiano” (p. 78). Carlos Leonam (1997) acredita no “fim de Ipanema” relacionando-o à “invasão de chumbetas, samburicas, alpinistas sociais, exibicionistas, sem esquecer, hoje, os funqueiros, os flanelinhas, o loteamento da praia pela prefeitura etc.etc” (p.64).<sup>73</sup>

Verificamos que os autores reafirmam em suas memórias serem portadores de valores de vanguarda, modernidade e contracultura, mas se contradizem ao reafirmar a hierarquia dos espaços e dos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Nas memórias de Ruy Castro e Jaguar identificamos que eles defendem o ideal de que não há fronteiras físicas no bairro Ipanema. Consideram que os valores do bairro se estendiam por toda a cidade. O que não se verifica nas falas acima, em que identificamos uma clara estigmatização dos moradores da zona norte como sendo desagradáveis, inconvenientes, pivetes e farofeiros.

A jornalista Hildergad Angel, que publicou no Caderno H do Jornal do Brasil, uma matéria intitulada, *Me Poupe*, corrobora a percepção negativa que a popularização do bairro trouxe aos seus moradores:

Me poupe, grita Ipanema no seu aniversário. O bairro quer se livrar das famílias de mendigos profissionais que se apropriaram da Praça Nossa Senhora da Paz. Eles moram nas calçadas, assaltam os desavisados e ameaçam os moradores da região com a sua miséria física e moral. Me poupe dessa gente agressiva e desordeira! Me poupe de quem faz da mendicância um negócio. Me poupe também da subida da favela, no final da rua Teixeira de Melo. Aquilo se transformou num covil de ladrões. Num antro de marginais. A favela está descendo para o asfalto e invadindo as ruas e calçadas e se apropriando do espaço público que deveria ser dos cidadãos que pagam caros impostos. Os favelados montam barracas de camelô, vasculham o lixo e controlam o estacionamento. Ninguém pode parar um carro na rua Barão da Torre e adjacências que é roubado. Além disso, os larápios se especializaram em assaltar turistas, depois correm para o morro e fica por isso mesmo. Me poupe, clama Ipanema, preocupada com os moradores da região que estão à mercê de uma gangue de larápios. Proprietários de imóveis não admitem mais ter que vender seus bens a preço de banana, por estar com as cabeças na mira das balas perdidas. E isso não é tudo. Na altura da rua Aníbal de Mendonça, na região dos restaurantes finos e das lojas de grifes, circula uma quadrilha

---

<sup>73</sup>Apud VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit* p. 76.

especializada em roubar Mercedes e outros carros importados. Me poupe de tantos ladrões circulando impunemente, como se roubar fosse um trabalho como outro qualquer. E a praia? Está parecendo uma favela. Cheia de barracas, sem nenhuma organização. Sem limpeza adequada. Os barraqueiros privatizam a areia, deixam tudo sujo e vendem comida sem nenhuma higiene. Um nojo! Ambulantes negociam de tudo, transformando a praia num desastrado mercado persa. Me poupe dos ripongas que invadiram o Arpoador com seus artesanatos fajutos. Uma gente fedorenta que fica em frente à praia e não toma um banho. Me poupe desse povo que só quer explorar Ipanema e não tem compromisso nenhum com o bairro e seus moradores. Me poupe!!! (p.2)<sup>74</sup>

Para Marisol R. Valle essa matéria revela que determinados indivíduos não pertencem ao bairro de Ipanema por não possuírem os comportamentos e valores próprios do ipanemense, embora estejam presentes no bairro, mas de forma inconveniente. As categorias utilizadas: favelado, farofeiro, suburbano, barraco são associadas à bagunça, à desordem, à sujeira e à falta de higiene. As mesmas estão distantes do comportamento típico do morador de Ipanema, mas muito próximas dos habitantes das favelas e dos subúrbios da zona norte:

As oposições entre as identidades espaciais devem ser pensadas, portanto, como um resultado das oposições entre os espaços da cidade. “Suburbanos” se opõem aos “ipanemenses” na mesma razão em que o subúrbio está em oposição à Ipanema (ou a Zona Norte à Zona Sul); “favelados” e “mendigos” se opõem aos “moradores da região” na medida em que a rua e a favela se opõem aos espaços considerados “habitáveis” do bairro. Assim como as pessoas, os espaços estão em permanente oposição.<sup>75</sup>

Há segundo, Valle, uma contradição evidente nas memórias sobre Ipanema. Se por um lado os autores, Ruy Castro, Jaguar e Carlos Leonam, lamentam a popularização da praia do bairro, que passou a contar com a presença dos suburbanos, a partir da abertura do Túnel Rebouças, a presença dos ipanemenses nos subúrbio é vista, porém, como positiva. Por outro lado eles condenam o processo de especulação imobiliária, pelo qual, passou o bairro. Tal processo, segundo, eles levou a elitização e ao enobrecimento do bairro. Percebemos que as memórias de Ipanema revelam as origens sociais dos seus autores, e aquilo que lhes é de interesse narrar ou relembrar. Isso fica claro quando observamos que em momento algum, dessas memórias, os autores falam dos garçons dos bares descritos, bem como de qualquer indivíduo que ocupasse profissões consideradas de menor prestígio social como, empregadas domésticas, porteiros dentre outros. Apenas dois personagens são descritos como ilustres – ambos são pescadores: Kabinha, um atleta profissional e campeão de vôlei pelo Flamengo, e Chico Britto, um engenheiro nascido em Paris. Com isso, consideramos que os autores e

---

<sup>74</sup> *Idem* p. 83.

<sup>75</sup> VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 86.

personagens das memórias de Ipanema, têm uma pertença social e cultural que é enaltecida nas descrições sobre os personagens das histórias do bairro. Nesse sentido, Valle utilizou-se do termo, Vanguarda Aristocrática, cunhado pelo antropólogo Gilberto Velho que estudou, na década de 1970, a ‘roda intelectual-artístico-boêmia’ do Rio de Janeiro e constatou que apesar dos integrantes dessa ‘roda’ assumirem valores de vanguarda, liberal e progressista, eles pertenciam às classes médias e altas e compartilhavam de um *ethos* aristocrático, de elite. Assim, a análise da autora considerou que:

(...) os protagonistas das memórias de Ipanema possuem um perfil restrito a uma determinada origem de classe. Apesar da “mistura social” referida por Ruy Castro, Ipanema aparece no livro como um bairro típico “de Zona Sul”. Não se trata unicamente de um bairro de elite em termos econômicos – apesar das inúmeras “socialites” descritas nos verbetes - mas de um local que apresentou um estilo de vida e uma visão de mundo próprios de classes dominantes. A grande maioria dos 231 verbetes é constituída por artistas plásticos, cineastas, jornalistas, escritores, músicos, atores e atletas renomados. Suas ocupações profissionais revelam, portanto, elevada formação intelectual, artística ou esportiva. Bibliotecas particulares, viagens ao exterior e o domínio de mais de um idioma também são recorrentes na trajetória de vida dos ipanemenses de Ruy Castro.<sup>76</sup>

Sabemos que as memórias sobre Ipanema e seus protagonistas foram feitas a partir de um recorte, como ficou demonstrado nas análises de Marisol R. Valle. Entretanto, é inegável que os fatos narrados tenham tido repercussão nacional e internacional, e que de alguma forma esses valores tenham sido socializados pelos personagens que construíram o ideário de Ipanema, como lugar da vanguarda, da contracultura e da liberdade. Isso foi feito de forma que a representação social do bairro foi legitimada nacionalmente e internacionalmente.

Assim sendo, denominamos Ipanema, como o lugar, não apenas por ser o lugar onde desenvolvemos nossa pesquisa, e sim por ser um espaço que possui uma história que lhe é própria e que teve repercussão em todo país e no mundo, como demonstramos anteriormente. Consideramos que a, história específica, desse lugar, possibilitou que na atualidade o trecho da praia que durante os anos de 1971 a 1974, abrigou o Píer (ou as Dunas da Gal, ou ainda, Dunas do Barato), abrigue hoje um espaço que é freqüentado por homossexuais. Segundo o historiador americano James Green os homossexuais desde a época, do Píer, já eram freqüentadores desse local juntamente com as outras tribos. Tal coisa só foi possível pelo lema cultuado – é proibido proibir - compartilhado por todos os freqüentadores desse ponto da praia. Isso possibilitou um ambiente livre e sem preconceitos. Hoje a rua Farme de Amoedo e o

---

<sup>76</sup> VALLE, Marisol Rodriguez. *Op. cit.*, p. 92.

trecho da praia em frente a esta e a Teixeira de Mello são conhecidos como um espaço voltado para o público LGBT que aí expressa livremente sua orientação sexual. Dessa forma, a rua Farne de Amoedo, não é apenas um logradouro do Bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, mas também um espaço da expressão LGBT:

A Praia de Ipanema, entre as pedras do Arpoador e o Jardim de Alá, sempre teve vocação para musa do Rio de Janeiro... Agora, no alvorecer do século XXI, Ipanema ainda é a grande musa do litoral brasileiro. Com seus 110 anos de existência, parece guardar em seu âmago o segredo da eterna beleza e juventude. A sucursal do paraíso começa no Arpoador, trecho favorito dos surfistas com suas ondas perfeitas... O Palácio de Cristal reúne gays, lésbicas e simpatizantes. O nome é referência ao edifício espelhado que fica entre a Farne e a Teixeira de Melo, onde mora Caetano Veloso. No pedaço, pessoas do mesmo sexo andam de mãos dadas, beijam-se na boca, trocam carícias e juras. Sem medo de serem felizes. Na Vinícius de Moraes a praia se transforma em imensa quadra de esportes. É o reino dos craques de futebol. (...) O Posto Nove é o pouso dos intelectuais libertários, rebeldes sem causa, malucosbeleza, descolados em geral e maconheiros. Gente que ainda acredita nos princípios hippies dos anos 60; paz, amor e sexo livre. A Garcia D'Ávila é o paraíso dos adolescentes e reúne turmas de colégios e cursinhos de inglês. Uma juventude linda que está descobrindo a paquera, o namoro, a beleza da vida. No Country Club se reúnem os belos e belas do hight ...A praia também é freqüentada por ídolos das artes marciais. A junção dessas tribos e turmas forma a praia de Ipanema e faz com que o bairro comece e termine onde as ondas acariciam a areia. Tribos e turmas que trazem em seu DNA a influência da Ipanema do passado, que já teve Arduíno Colassanti como seu primeiro surfista; Leila Diniz, Duda Cavalcanti, Marcia Rodrigues e Bianca Byington como musas; o Pfer, a Montenegro, o Sol Ipanema e o Castelinho como pontos de referência. Em comum entre todos a paixão pelo mar e a certeza de que é um mergulho nas águas salgadas da Praia de Ipanema que concede ao cidadão do Rio a nobre qualidade de ser carioca.<sup>77</sup>

Buscamos demonstrar que a aura simbólica, de liberdade, vanguarda e contracultura, da qual Ipanema foi portadora é resignificada no presente nos seus diversos pontos da praia. E consideramos que o trecho freqüentado pelos homossexuais é o que mais aproxima, atualmente, Ipanema dessa aura do passado por ser a homossexualidade, ainda, percebida como desvio, doença e anormalidade. Devemos agora nos perguntar quem são esses homossexuais e qual é a representação que os mesmos fazem desse espaço. Essas questões serão descritas e discutidas mais adiante neste trabalho.

---

<sup>77</sup> JORNAL DO BRASIL. *Op. cit.*, p. 04.

## CAPÍTULO II – A CIDADANIA REVISITADA.

A cidadania, como ressaltou Michelle Perrot, é uma noção complexa, polêmica e plural. Num sentido amplo significa a participação na vida da cidade, o gozo dos direitos que são ligados a ela, o exercício dos deveres que lhe são atribuídos. Nesse sentido, buscaremos fazer um breve histórico da construção da cidadania no mundo moderno ocidental.<sup>78</sup>

A propagação dos ideais Iluministas atingiu sua culminância no século XVIII, com as Revoluções Inglesa, Americana, Francesa e Industrial. O movimento Iluminista abriu novas perspectivas no âmbito político, ao considerar cada indivíduo como possuidor de direitos inalienáveis e ao afirmar a igualdade entre os seres humanos. Esse pressuposto filosófico contrastava com as teorias sociais do Antigo Regime, que consideravam a hierarquia e a desigualdade como imprescindíveis e inevitáveis. Para superar essa premissa, as teorias iluministas apontavam as vantagens de reformar e aperfeiçoar a sociedade com a utilização de princípios fundados na razão. Com esse intuito, filósofos políticos como Thomas Hobbes, John Locke, Rousseau, Tocqueville, Stuart Mill, Marx dentre outros, idealizaram o sistema político do mundo moderno.

Thomas Hobbes pertence a corrente de filósofos contratualistas que argumentavam que a sociedade e o Estado nasceram de um contrato. Ele partia da idéia do pacto social como garantia da paz social. Segundo o autor, os homens viviam em um estado de natureza. Nesse estado os indivíduos viviam em barbárie e guerra, obedecendo somente a seus instintos. Logo o convívio social seria impossível, pois o direito de natureza é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida, e conseqüentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim. Isso se deve a três causas intrínsecas à natureza humana que provocam a discórdia entre os homens: primeiro a competição; segundo a desconfiança e terceiro a glória. Isto faz com que os homens não sintam qualquer prazer na companhia um do outro como afirma: *os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um*

---

<sup>78</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. São Paulo : EDUSC, 2005, p. 327.

*poder capaz de manter a todos em respeito.*<sup>79</sup> Desta forma, o Estado advindo do pacto social garantiria a paz social, ou seja, um estado civil. A passagem do ‘estado de natureza’ para o ‘estado ou sociedade civil’ significaria a substituição de um modo de vida a-social para um estado civilizado, onde os homens abriram mão de sua individualidade, colocando-a plenamente nas mãos de um terceiro – o Estado – que tinha como única obrigação proteger os indivíduos. No entanto, Marco Mondoini ressalta que as idéias hobbesianas constituem uma percepção racional da relação Estado/indivíduo,

pois situa o primeiro como fruto da vontade racional dos segundos. Hobbes localiza-se, assim, dentro daquela tradição do pensamento jurídico-político responsável pela edificação de uma ética racional separada definitivamente da teologia e que se pretendia garantidora da universalidade dos princípios da conduta humana – o jusnaturalismo.<sup>80</sup>

Assim, a teoria política de Hobbes concebeu um Estado separado da Igreja. Embora, a cidadania, para ele, estivesse restrita ao exercício de deveres dos cidadãos frente ao Estado – o Leviatã – sem poder de questionar suas regras, pois protestar contra o Estado colocaria novamente os homens em estado de natureza.

Em Locke, o Estado tem uma concepção jus-naturalista. Entretanto, não é absoluto como propôs Hobbes. No estado de natureza, segundo Locke, os indivíduos eram dotados de razão. Eles viviam em paz, harmonia e usufruíam da propriedade com o trabalho, e portavam alguns direitos naturais como o direito à vida, a liberdade e aos bens. Todavia, a tranqüilidade desse estado de natureza não era uma garantia definitiva. Poderiam ocorrer conflitos decorrentes da violação da propriedade (concebida pelo autor como vida, liberdade e bens). A posse da mesma era determinada pela capacidade de trabalho de cada indivíduo. Segundo Locke, o não estabelecimento de leis que regulassem a posse da propriedade, a ausência de juiz imparcial para julgar e a falta de um poder coercitivo para executar a sentença levariam os homens a um estado de guerra de uns contra os outros. Para precaver esse fato os homens firmaram livremente um contrato social, embora o autor, assim como Hobbes, não explique como os indivíduos constituíram tal contrato, passando do estado de natureza para a sociedade política ou civil. Essa era formada por uma instituição política única, dotada de legislação, de

---

<sup>79</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo : Nova Cultura, 1999, p. 108.

<sup>80</sup> MONDAINI, Marco. *O respeito aos direitos dos indivíduos* in PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003, p.129.

jurisdição e da atuação da comunidade. O Estado teria como objetivo proteger a propriedade e garantir a segurança dos indivíduos. O pacto social, de Locke, substituiu o contrato de submissão, defendido por Hobbes, pelo pacto de consentimento. Nesse os homens tinham como intuito consolidar ainda mais os direitos naturais e preservar a sociedade civil, onde os direitos inalienáveis do ser humano – vida, liberdade e bens – estariam mais protegidos sob o amparo da lei, do juiz e do poder conferido à instituição política. Segundo o autor, cabe ao poder político legislar *para regular e preservar a propriedade. O objetivo grande e principal, portanto, da união dos homens em comunidade, colocando-se eles sob o governo, é a preservação da propriedade.*<sup>81</sup>

Locke ressaltou que o poder político deveria ser dividido para que o mesmo fosse limitado. Propôs a fragmentação daquele em ‘poder legislativo’ (o poder supremo), ‘poder executivo’ e ‘poder federativo’, e que estes deveriam ser orientados pelo princípio da maioria, com respeito às minorias. Os três poderes estariam legitimados se preservassem a propriedade, caso contrário, passariam a ser considerados tirânicos, assegurando o poder de resistência dos cidadãos frente ao Estado. Assim, o autor abriu novas perspectivas para a cidadania que, segundo ele, consiste no gozo dos direitos naturais – liberdade, vida e bens - e no exercício dos deveres.

Semelhante aos seus antecessores, (Hobbes e Locke), Rousseau é considerado um contratualista, embora não possamos defini-lo como pertencente à corrente liberal. Seu estudo tem por objetivo apontar as origens da desigualdade na sociedade. Parte da hipótese de que os homens, no estado de natureza, viviam sadios, bons e felizes, enquanto cuidavam de sua própria sobrevivência. Entretanto, com a criação da propriedade privada, os homens, mais fortes fisicamente, conseguiram com seu trabalho, acumular mais riquezas e aqueles mais frágeis tiveram que trabalhar para os primeiros. Isto ocasionou a escravidão e a miséria entre os indivíduos. O progresso técnico acumulado e aperfeiçoado pelas gerações futuras foi responsável pela origem da propriedade e da desigualdade. Esse fato levou os homens a não mais permanecerem no estado de natureza. A idéia de propriedade não se formou repentinamente no espírito humano: *foi preciso fazer progressos, adquirir muito engenho e luzes, transmiti-los e aumentá-los de geração para geração, até poder chegar ao último limite*

---

<sup>81</sup> LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo : Abril Cultural – Coleção “Os Pensadores”, 1978, p. 72.

*do estado de natureza*<sup>82</sup>, esse progresso constituiu a sociedade, que acarretou mudanças no comportamento social dos indivíduos, segundo Rousseau, negativas ao convívio social. No estado de natureza o homem era feliz, pois desfrutava de independência absoluta e só tinha de obedecer às leis que ele próprio criava. E era motivado pelo desejo de autopreservação, que levava o homem, a reconhecer a importância da convivência humana compartilhada. Entretanto, a inocência natural do homem foi corrompida devido aos contatos sociais, tais contatos criaram homens com vícios, levando-os a se colocarem acima de seus semelhantes. A concorrência para ser bem sucedido e dominar os demais está na origem das desigualdades, dos crimes e iniquidades que os homens aplicaram uns aos outros. A possibilidade de convívio social e a garantia da igualdade entre os homens seriam alcançadas com o contrato social. Nesse estaria garantida a possibilidade de um pacto legítimo, em que os homens renunciariam a liberdade natural, para usufruir da liberdade civil, como relatou o autor:

O que o homem perde com o contrato social é sua liberdade natural e um direito ilimitado a tudo o que tente e consiga obter; o que ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que tem. Se queremos evitar equívocos ao avaliarmos uma coisa contra a outra, devemos estabelecer uma clara distinção entre a liberdade natural, que só é limitada pela força do indivíduo, e a liberdade civil, que é limitada pela vontade geral... Acima de tudo isso devemos acrescentar, ao que o homem adquire na condição civil, a liberdade moral, que por si só dele faz o verdadeiro senhor de si mesmo; pois o mero impulso do apetite é a escravidão, enquanto a obediência a uma lei que prescrevemos a nós mesmos é a liberdade.<sup>83</sup>

Rousseau ressaltou que a vontade geral deve traduzir a vontade de todos e não da maioria ou de um grupo. Os diferentes anseios da sociedade podem ser considerados como um só, pois todos os indivíduos fazem parte do contrato social e nos termos desse contrato buscam o bem comum. Com o estabelecimento do pacto social o homem abdica de sua liberdade, mas sendo ele próprio parte integrante e ativa do todo social. Ao obedecer à lei, obedece a si mesmo e, portanto é livre. Para Rousseau o *povo* deve ser soberano, isto é, a coletividade ao elaborar leis expressa a vontade geral. O contrato social possibilitou que as vontades individuais se incorporassem às da coletividade com o objetivo de que todas elas resultem em uma mesma finalidade: o bem comum. Na visão do autor o homem pode ser melhorado se mudar a conduta

---

<sup>82</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo : Abril Cultural – Coleção “Os Pensadores”, 1978, p. 33

<sup>83</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Op. cit.*, p. 42.

social, através das instituições políticas. Pois o homem é bom por natureza, mas é a sociedade que o corrompe. As idéias de Rousseau são consideradas importantes para a temática da democracia e da cidadania. Ao formular a tese da vontade geral, o autor, possibilitou a politização dos cidadãos.

O pensador Alex Tocqueville buscou refletir sobre a liberdade e igualdade na democracia. Segundo o autor é necessário analisar os hábitos e as instituições sociais de cada sociedade para entender as estruturas sociais, formas de dominação e a relação do Estado com a sociedade civil, com o intuito de compreender os processos sociopolíticos que constituem a democracia de cada país. O tema central do estudo do autor é encontrar a possível coexistência harmônica entre um processo de desenvolvimento igualitário e a manutenção da liberdade. Ele destacou que na América há uma maior liberdade entre os cidadãos do que na Europa. Para isso, buscou compreender as relações sociais e políticas da sociedade americana e francesa. O autor considerava que a democracia é um fenômeno universal e que não estava restrito apenas aos Estados Unidos da América, embora argumentasse que as condições sociais nesse país foram ideais ao desenvolvimento do sistema político democrático. A democracia para ele consistiria em um constante aumento da igualdade de condições entre os indivíduos e que se estenderia a toda a humanidade. O modelo político democrático seria inevitável e ao mesmo tempo providencial, sendo ele, a própria vontade divina. A democracia para Tocqueville é *universal, durável e todos os acontecimentos, como todos os homens, servem ao seu desenvolvimento. Querer parar a democracia parecia então lutar contra Deus.*<sup>84</sup> Para, o autor, a ação política de cada povo constituiria o modelo de democracia de cada sociedade, que poderia ser liberal ou tirânico.

Tocqueville apontou dois riscos da democracia: o primeiro seria o desenvolvimento de uma sociedade de massa, o que permitiria que a vontade da maioria prevalecesse sobre a minoria. Isso ocorreria pelo fato da cultura, hábitos e valores morais de uma maioria ser considerado legítimo, o que impediria as manifestações culturais das minorias, que passariam a ser definidas como ‘anormais’, diferentes e conseqüentemente inferiores. Tal advertência pode ser verificada em nossa realidade social, em que as mulheres, homossexuais e negros lutam para efetivar a plena cidadania, uma vez que só alcançaram os direitos políticos, em grande parte dos países do Ocidente, na segunda metade do século XX. Tais direitos foram garantidos

---

<sup>84</sup> TOCQUEVILLE, Alex. *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 114.

mediante a luta política travada por essas minorias. Tocqueville identificou na democracia americana, do século XIX, uma contradição, o trabalho escravo. O segundo perigo para a democracia seria a constituição de um Estado autoritário-despótico. Isso se daria devido ao individualismo que levaria as pessoas a se concentrarem exclusivamente em seus interesses privados, acarretando o relaxamento das virtudes cívicas. Isso acarretaria a constituição de um Estado centralizador, despótico e até mesmo tirânico.

Para o autor, *a liberdade de associação se tornou uma garantia necessária contra a tirania da maioria*.<sup>85</sup> Dessa forma, para uma sociedade garantir a liberdade de seus membros é imprescindível que os cidadãos participem da vida política da nação. A preocupação do autor com a liberdade é central, pois para ele a liberdade é extremamente frágil e sua garantia está no pleno exercício da cidadania. Ressalta que os cidadãos devem sempre defender a liberdade. Quanto à igualdade Tocqueville considerou que nada impede a sua realização na história da humanidade. Assim, o dilema do autor consiste na busca da solução de como garantir a liberdade na igualdade. Podemos concluir que o pleno gozo da cidadania constitui para o autor uma importância primordial na garantia da democracia. Para isso, se faz necessário efetivar a plena cidadania dessas minorias.

John Stuart Mill preocupou-se em discutir a liberdade dos indivíduos. Considerado o autor do pensamento liberal democrático no século XIX, seu estudo abriu a possibilidade de ampliação da democracia, através da defesa do voto universal e da emancipação da mulher (só conquistada no século XX). Com ele o liberalismo despiu-se do conservadorismo, defensor do voto censitário e da cidadania restrita. Para o autor, a participação política não poderia estar circunscrita a uma minoria de indivíduos. Isto era contrário ao ideal moderno de democracia que pressupõe que a gerência dos assuntos públicos diz respeito a todos os integrantes da sociedade. Nesse sentido, fazia-se necessário dotar o estado liberal de mecanismos capazes de garantir a participação de todos os indivíduos. Na concepção do autor o voto não era um direito natural, mas uma forma de poder, e enquanto tal deveria ser estendido aos trabalhadores para que os mesmos pudessem defender seus interesses frente ao Estado, como pressupõe o ideal liberal. Stuart Mill considerou que a liberdade constituiu a base da democracia moderna. Ela garantiria ao cidadão desenvolver sua capacidade política. Para ele a liberdade não caracteriza um direito natural, mas a possibilidade de preservar a esfera das decisões individuais. Podemos

---

<sup>85</sup>TOCQUEVILLE, Alex. *Op. cit.*, p. 223.

considerar que as contribuições de Mill tiveram grande importância na defesa da liberdade e da diversidade cultural frente às intervenções do Estado, bem como ao consenso da maioria. Suas críticas à restrição ao voto das mulheres e da classe operária constituíram um alerta à exclusão da cidadania de considerável parcela dos seres humanos.

O pensador Karl Marx se contrapôs, no século XIX, a concepção contratualista e jusnaturalista de Estado. Ele argumentava que o mesmo era constituído pelos processos sociais. Esses são determinados pelo modo de produção de cada sociedade. No modo de produção capitalista a sociedade, segundo autor, foi dividida em duas classes sociais: a burguesia, dona dos meios de produção, e o proletariado, que possuía somente a força do próprio trabalho para vender. A primeira foi responsável, segundo o autor, pela destruição da ordem social feudal e pela construção de uma nova, com as revoluções do século XVIII, em que se pretendia a igualdade, a liberdade e a fraternidade de todos os indivíduos. Entretanto, o autor verificou que a classe burguesa exerceu a hegemonia sobre a sociedade, como destacou Weffort: *A emancipação política tem limites definidos: 'A revolução meramente política [...] deixa de pé os pilares do edifício'. Emancipa apenas 'uma parte da sociedade burguesa', precisamente a burguesia; e instaura a dominação geral desta parte sobre o conjunto da sociedade.*<sup>86</sup> Dessa forma, há na sociedade uma luta de classes e o Estado. Na visão de Marx *O governo do Estado moderno não é mais do que uma junta que administra os negócios comuns de toda classe burguesa.*<sup>87</sup> Esta definição é verificada no Manifesto do Partido Comunista escrita pelo autor em 1848. Em obras posteriores Marx aprimorou suas análises sobre o Estado e verificou que o mesmo não era mais um comitê da burguesia, mas que a mesma entregou a autonomia daquele a sociedade em troca da preservação da propriedade privada e da possibilidade de obtenção de lucro, tal percepção pode ser verificada em obras como 'O 18 Brumário de Luís Bonaparte' e 'O Capital'.

Para Marx a desigualdade social no capitalismo era originada pela propriedade privada dos meios de produção. Com isso, não poderia haver garantia da igualdade e da liberdade no capitalismo. A emancipação universal dos homens só seria alcançada com a revolução. Essa seria realizada pela classe trabalhadora por não ser a classe dominante. Nessa

---

<sup>86</sup> WEFFORT, Francisco C. *Marx: política e revolução*. In: WEFFORT, Francisco C. (org). *Os clássicos da Política 2*. São Paulo: Ática, 2002, p. 240.

<sup>87</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *O Manifesto do Partido Comunista* in MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Textos*. Vol. III. São Paulo : Edições Sociais, 2000, p. 23.

perspectiva, ela (classe trabalhadora) poderia emancipar-se a si própria e, consigo, o conjunto da sociedade extrapolando a abstrata emancipação política da burguesia. Segundo Marx, com a revolução a sociedade passaria por uma fase de transição. Essa era denominada pelo autor como socialismo, período em que o Estado seria governado pela classe operária que teria como objetivo expropriar todo o capital de posse da burguesia e centralizá-lo nas mãos do Estado sob o domínio dos proletários. Nesse período, caberia ainda, ao Estado desconstruir a estrutura ideológica da sociedade capitalista. Nesse sentido, o governo da classe trabalhadora teria como funções principais abolição de classes sociais e a instauração de uma sociedade sem classes a qual Marx chamava de comunismo, onde se alcançaria a emancipação humana. O pensamento de Marx possibilitou a crítica dos limites da cidadania burguesa. Seu método de análise, o materialismo histórico dialético, indicou nova metodologia ao pensamento científico. Chamou a atenção para o fato de que os estudos que se propõe a compreender a realidade social devem considerar os aspectos econômicos e sociais, tendo como pilar a luta de classes. A importância do autor foi demonstrar que os homens são responsáveis pela sua história, eles constroem e modificam a realidade social, sendo agentes da história. Assim, a concepção de cidadania incorporou o fator social, ou seja, a igualdade apregoada pela burguesia que não se estendeu a classe trabalhadora.

O conceito de cidadania foi transformado e remodelado, em decorrência de conflitos sociais, ao longo da história moderna. Em um primeiro momento ele significou que o indivíduo ao habitar uma cidade era considerado um cidadão, portanto, portador somente de deveres como observamos na concepção de Estado hobbesiano. No decorrer da dinâmica político-social, e com a contribuição de filósofos posteriores a Hobbes, observamos que foi incorporada à definição de cidadania três princípios de direitos, diversos entre si: os direitos civis no século XVIII; os direitos políticos no século XIX; e os direitos sociais no século XX. Essa concepção de cidadania modificou a relação entre indivíduos, sociedade e aparelho estatal.

Hoje definimos que a cidadania plena inclui três dimensões de direitos: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais. Os primeiros são os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei. Os desdobramentos dessas garantias possibilitam ao cidadão o direito de ir e vir, de manifestar livremente o pensamento, de escolher o trabalho, de organizar-se, de ter garantida a sua livre orientação sexual, de ter a inviolabilidade do lar e da correspondência, de não ser preso sem que seja pela autoridade

responsável e de acordo com as leis, de não ser condenado sem o devido processo legal. Tais direitos são fundamentais ao exercício da liberdade individual, da vida em sociedade e da organização de uma sociedade civil. Os direitos políticos são a capacidade de votar, ser eleito em sufrágio universal, de organizar-se em sindicatos e partidos, e de fazer demonstrações políticas. Entretanto, pode haver direitos civis sem direitos políticos já que o contrário não é possível, uma vez que sem os direitos civis os direitos políticos se tornam vazios e sem conteúdo possuindo apenas por objetivo apenas legitimar os governos e não representar os cidadãos, pois pode haver cidadania sem a liberdade de opinião e organização. Os direitos sociais, por sua vez, garantem a participação dos cidadãos na riqueza coletiva. Ele garante o acesso à educação de qualidade, ao emprego, à aposentadoria, ao salário justo, à saúde. Para a garantia desses direitos é imprescindível uma máquina do Poder Administrativo eficaz. Este direito pode existir independentemente dos anteriores, entretanto, se tal forma fosse adotada resultariam os mesmos direitos de conteúdo arbitrário. Essa seqüência de direitos nos remete a idéia de que essa cidadania é histórica.<sup>88</sup>

Tal ordenação foi proposta pelo autor inglês T. A. Marshall, no entanto, a História nos países ocidentais, demonstra que esse caminho não seguido linearmente, já que a luta por direitos sempre se deu dentro dos limites das fronteiras geográficas e políticas do Estado-nação, dentro do contexto de uma luta política nacional em que os cidadãos que surgiam dessas lutas eram também nacionais.<sup>89</sup>

Além desse processo sócio-histórico, também é fato que nem todos os cidadãos tiveram esses direitos garantidos, inclusive na Inglaterra onde se seguiu a ordem apresentada por Marshall. O que nos faz acreditar que a cidadania plena foi garantida apenas a um ideal de cidadão – o homem branco, heterossexual, burguês e adepto do cristianismo -. Dessa forma, mulheres, negros e homossexuais somente tiveram acesso, nos países ocidentais, ao direito político no século XX. Embora, ainda, não tenham garantia plena de seus direitos. Demonstraremos de que forma essas minorias tiveram sua cidadania limitada.

Observamos que a democracia do fim do século XVIII e início do XIX era restrita na Europa e nos Estados Unidos. Ela deixou de fora metade absoluta da humanidade, homens

---

<sup>88</sup> MARSHALL, T. H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1967, p. 57-114.

<sup>89</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005, p. 20.

brancos pobres, mulheres, negros, índios e homossexuais. Ao se questionar sobre a exclusão das minorias, na Revolução Americana, Leandro Karnal ressaltou:

Seria puro anacronismo cobrar de atenienses ou da geração revolucionária de 1776 uma concepção de liberdade e cidadania que possuímos hoje? Em vários sentidos não, pois, primeiramente, porque não se tratava de uma unanimidade. Havia críticas e debates sobre o comércio de escravos. Havia homens que negavam a alegada 'frivolidade' feminina como obstáculo à participação política ativa feminina e de negros na Independência.<sup>90</sup>

Esse questionamento pode ser feito aos revolucionários franceses, especificamente em relação à cidadania feminina. A igualdade entre homens e mulheres foi questionada por alguns filósofos iluministas, dentre eles Rousseau, pois duvidava da capacidade de raciocínio das mulheres. Argumentava que as mulheres possuíam uma natureza distinta, e por isso, não conseguiam raciocinar do mesmo modo que os homens e que eram influenciadas pelas paixões. Tal tendência, afirmava Rousseau, era perigosa ao bom funcionamento da sociedade.

Em “Palavras de Homens”, Elisabeth Badinter, relatou o debate travado sobre os direitos das mulheres, entre os revolucionários franceses nos anos de 1790 a 1793. Isso demonstra que a exclusão da mulher da cidadania foi o resultado de decisão política e não de esquecimento. O conflito que dividia os protagonistas da revolução era o seguinte: *a Declaração dos Direitos do Homem aplica-se a todos os seres humanos, seja qual for o seu sexo, religião ou raça, ou antes diz respeito apenas aos homens, machos?*<sup>91</sup> Condorcet, Pierre Guyomar e Lequinio argumentavam que homens e mulheres possuíam direitos iguais, e que uma metade da humanidade não poderia excluir a outra de seus direitos cívicos. Condorcet era favorável a uma educação igual para os dois sexos e de profissões semelhantes para ambos, seu pensamento foi ousado para época e por isso quase não teve adeptos. Embora, Lequinio fosse defensor da aplicação dos direitos civis das mulheres, ele admitia que elas eram diferentes dos homens, como afirmou: *Sua constituição mais débil... a textura mais frouxa e a irritabilidade de suas fibras lhes proíbe o duro exercício das armas, o perigo dos combates e as fadigas morais do governo político.*<sup>92</sup>

De outro lado os filósofos, Amar, Prudhomme, Chaumette e outros se apoiaram nas teses de Rousseau para zombar dos argumentos de Condorcet. Certamente, o pensamento de

---

<sup>90</sup> KARNAL, Leandro. *Estados Unidos, Liberdade e Cidadania* in PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.p.144.

<sup>91</sup> CONDORCET *et alli* in BADINTER, Elizabeth (org. e apres.). *Palavras de Homens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 12.

<sup>92</sup> CONDORCET *et alli* in BADINTER, Elizabeth (org. e apres.). *Op. cit.*, p. 16.

Rousseau foi triunfante no fim do século XVIII. Com a publicação de *Emílio*, em 1762, o papel da mulher na sociedade estava definido, pois dela dependia a felicidade conjugal e da família, *tudo dependia da mulher e de sua aptidão para bem representar os papéis que lhe eram destinados: esposa virtuosa e fiel, mãe até o sacrifício de si mesma, dona de casa consumada*<sup>93</sup>. O papel da mulher na sociedade, afirmava Rousseau, estava dado pela natureza complementar dos sexos. Isso fica evidente ao definir as atribuições de *Emílio* e de *Sofia*, sua companheira. A ele cabe a força, a audácia e a conquista do mundo exterior; a ela, a doçura, a modéstia, as atividades caseiras e o poder sobre o pessoal da casa.

Com veemência afirmou Rousseau: *Só a mulher deve mandar na casa... Mas ela deve limitar-se ao governo doméstico, não se meter com as coisas de fora, e se manter encerrada em casa*<sup>94</sup>. As analogias feitas, por ele, entre a casa e o convento, revelam o ideal feminino em Rousseau. Desta forma, o sacrifício e a reclusão são características do destino das mulheres. Aquelas que ousarem trilhar outro caminho pagariam com sua virtude e sua vida, pois seriam comparadas a monstros. Uma mulher deveria saber silenciar seus sofrimentos e dedicar sua vida inteiramente aos seus familiares, pois isto, é a função que a natureza lhe destinou, sendo sua única chance de felicidade. Esse discurso se tornou dominante durante e depois da Revolução Francesa mesmo entre os mais fervorosos republicanos. A conclusão do debate foi que as mulheres não exerceriam os direitos cívicos e políticos, uma vez que a natureza já havia definido que sua felicidade se encontrava no lar, no cuidar de sua família. Às mulheres que transgredissem as normas sociais estabelecidas Chaumette advertia:

Assim como veneraremos a mãe de família que encontra sua felicidade e sua glória cuidando de seus filhos e educando-os, tecendo os trajes de seu marido e aliviando as fadigas deste com o cumprimento dos deveres domésticos, também devemos desprezar e rejeitar a mulher sem-vergonha, que enverga túnica viril.<sup>95</sup>

Essas teses consolidaram o lugar da mulher na sociedade. Os valores da nascente burguesia exaltavam o papel da mulher como mãe e esposa. O ideário burguês afirmava que a riqueza de uma nação dependia em primeiro lugar de uma população numerosa. Eram necessários trabalhadores em tempo de paz e homens que segurassem o fuzil na guerra. Fazia-se necessário erradicar a mortalidade infantil, que ceifava a vida das crianças antes dos dez anos de idade, por falta de cuidados maternos. As mulheres foram convocadas a cuidar da

---

<sup>93</sup> CONDORCET *et alli* in BADINTER, Elizabeth (org. e apres.). *Op. cit.*, p. 19.

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

<sup>95</sup> Idem, *ibidem*, p. 23-24.

nação, o que as tornou prisioneiras do lar e lhes proibia qualquer ação no espaço público. Àquelas que ousassem transgredir o modelo, estariam traindo a natureza e sendo comparadas a monstros. Percebemos que os homens se empenharam em definir os papéis e as funções de cada sexo. A insistência nos signos e nos limites da feminilidade foi para os homens uma forma de demarcar seu território, de manter uma rígida e intransponível fronteira entre o masculino e o feminino e da divisão sexual do trabalho. Com isso, as mulheres foram consideradas incapazes intelectual e moralmente de exercerem seus direitos cívicos e políticos, elas foram comparadas às crianças e aos loucos.

Segundo Badinter os filósofos iluministas também expuseram suas opiniões sobre a homossexualidade:

Mesmo que Rousseau, Voltaire ou Condorcet não tenham escondido a repulsa que lhes inspirava pessoalmente tal prática [a sodomia], eles nunca procuraram acusar 'o criminoso'. Ao contrário. Voltaire insiste na idéia de mal-entendido: 'Os jovens machos da nossa espécie, educados juntos, sentindo esta força que a natureza começa a manifestar neles, e não encontrando o objeto de seus instintos, lançam-se sobre aquele que lhes é semelhante.' Nenhum motivo para estigmatizar pela vida inteira um ser humano! Amigo de Voltaire, Condorcet, tão sensível à noção dos Direitos do Homem, propõe descriminalizar a sodomia, desde que 'não envolva violência'.<sup>96</sup>

Mesmo com disposição para refletir sobre a homossexualidade masculina, as idéias dos pensadores não concebiam a sodomia como uma orientação sexual, e sim como um mal-entendido para aliviar os impulsos sexuais da puberdade. Cabe ressaltar que Voltaire se referiu apenas à homossexualidade masculina. Entretanto, as teorias médicas sobre a pederastia sobressaíram mais que as opiniões filosóficas.

Em sua obra "A Cidadã Paradoxal", Joan Scott, dedicou-se a analisar a história do pensamento feminista. Isso foi importante para dar relevo à luta das mulheres pela cidadania, bem como demonstrar o que elas escreveram sobre política. Tais escritos foram silenciados pelas Ciências Humanas, principalmente pela Ciência Política, que considera legítimo o pensamento dos filósofos do sexo masculino, alegando que as mulheres não elaboraram teses sobre política. A autora relatou que nos séculos XVIII e XIX as explicações das diferenças entre os sexos pautavam-se na natureza e nas essências do que era um homem e uma mulher. Essas explicações, afirmavam a fraqueza do corpo e da mente feminina, tornando as mulheres

---

<sup>96</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p 101.

aptas para exercer apenas as funções da reprodução e os afazeres domésticos como verificamos nas idéias dos pensadores iluministas descritas anteriormente.

A autora demonstrou o pensamento de quatro feministas que lutaram contra a exclusão das mulheres da cidadania: Olympe de Gouges, Jeanne Deroin, Hubertine Auclert e Madeleine Pelletier. Elas buscaram conceber a identidade social, política e individual que rompia com os padrões de feminilidade calcados na natureza e na biologia. A primeira feminista ousou, em 1791, a publicar a “Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã”, rompendo com os papéis considerados próprios de uma mulher. Abandonou o nome de seu pai e do seu marido, e se dedicou à carreira de escritora de peças teatrais que tratavam do abolicionismo e do movimento feminista. Exigiu durante a Revolução Francesa, que as mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens. Contemporânea de Rousseau seus escritos não tiveram o mesmo reconhecimento posterior na história do pensamento filosófico. Ao contrário, foi condenada à morte pela guilhotina em 1793, e seus escritos foram considerados um excesso nocivo da imaginação. A segunda feminista foi uma militante socialista, era casada com um engenheiro e mãe de três filhos. Jeanne Deroin candidatou-se ao parlamento após a derrota da Comuna de Paris. Seu intuito era desmascarar o pressuposto da igualdade presente na lei, que excluía as mulheres tanto de votar, bem como da possibilidade de se candidatarem para concorrer aos cargos políticos. Seus argumentos basearam-se no socialismo romântico e utópico para considerar que a maternidade tornava as mulheres espiritualmente puras e afetuosas, que à semelhança da Virgem Maria, traziam dentro de si a redenção do mundo. Propôs que o Estado fosse responsável pela manutenção material das crianças que ficariam sob a responsabilidade moral das mulheres. Percebeu *nas ambigüidades da noção de androginia apregoada pelos românticos um argumento a favor da complementaridade e da autonomia absoluta dos sexos.*<sup>97</sup> Sua militância não durou muito tempo na França, pois foi condenada e presa por seis meses, em 1850, por querer virar o mundo de cabeça para baixo. Quando solta foi exilada na Inglaterra onde militou até sua morte em 1894. A terceira feminista militou em Paris e fundou o jornal “La Citoyenne” e defendeu a causa feminista por 50 anos. Seu discurso versava sobre o direito ao trabalho remunerado para as mulheres, em que defendia até mesmo o trabalho doméstico assalariado, demonstrando, assim, o valor econômico e a essencialidade do mesmo. Auclert aceitava a importância da

---

<sup>97</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 40.

questão social, conforme era definida pelos políticos da Terceira República: lutava pelos direitos da mulher, pugnando para que “o social” fosse o agente e não o objeto das políticas governamentais. E exigia o direito das mulheres votarem, considerava que homens e mulheres eram iguais. Isto a fez ser *comparada à Medusa e vista como afligida por loucura ou histeria, uma doença que a fazia considerar os homens como seus iguais*<sup>98</sup>.

A última, Madeleine Pelletier, feminista da virada do século XIX para o XX, abraçou o individualismo radical e suas inerentes pretensões de transcender as categorias homogeneizantes da representação social. *Ela incluía gênero como uma categoria que negava a singularidade do indivíduo e estimulava as mulheres a rejeitar a representação feminina, a fim de que a igualdade pudesse ser alcançada.*<sup>99</sup> A reprodução deveria ser pensada como uma das funções femininas e não a essencial. Era favorável ao aborto considerando-o um direito absoluto das mulheres que deveriam controlar seu próprio corpo. Condenava qualquer estratégia de luta feminina que tivesse como bandeira a maternidade. Segundo Pelletier, essa estratégia *acabava simplesmente por confirmar a inferioridade da mulher, pois centrava todo seu valor numa função fisiológica que comprometia a coerência e a autonomia do corpo. A maternidade nunca dará às mulheres um título de importância social*<sup>100</sup>. Para ela a identidade masculina estava calcada na posse do falo, isso garantia a exclusão das mulheres, que eram definidas como o outro. Como alternativa a isso Madeleine Pelletier conclamava as mulheres a invocarem a posse do falo vestindo roupas masculinas. Segundo ela, travestir-se significava transgredir as normas dominantes da época, era *uma forma de afirmar sua individualidade perante a multidão que a desaprovava às claras.*<sup>101</sup> Para ela o voto feminino era a única via de emancipação da mulher. Foi acusada de incentivar a homossexualidade, ao escrever o romance “Une Vie Nouvelle”, no qual os homossexuais teriam os direitos da cidadania. No romance os líderes do futuro entendiam que a homossexualidade *não era ‘normal’ mas consideravam arbitrário e arcaico submeter carícias a regulamentações, designar o que era permitido e o que era proibido. Apesar desse gesto de tolerância, a homossexualidade era assunto secundário para ela.*<sup>102</sup> Entretanto, Madeleine Pelletier foi confinada numa instituição para doentes mentais até o fim de sua vida por seus pensamentos ousados. Para Scott a história do

---

<sup>98</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 13;41;47.

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

<sup>100</sup> Idem, *ibidem*, p. 239.

<sup>101</sup> Idem, *ibidem*, p. 232.

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p. 238.

feminismo possui em si um paradoxo insolúvel, entre as feministas que buscam a igualdade entre homens e mulheres e as que defendem a igualdade respeitando a diferença entre os sexos.

“A sujeição das Mulheres” é uma das obras mais importantes de John Stuart Mill. Publicada em 1869 representa seu pensamento em favor da igualdade de direitos para as mulheres. Mill foi o único filósofo político clássico que se dedicou a escrever sobre a exclusão das mulheres da cidadania. Considerava que a sujeição de um sexo sobre o outro, por si mesma era errada, limitando o progresso da humanidade. Para ele o sistema social, ao qual, as mulheres estavam submetidas era semelhante à escravidão, pois as privavam de quaisquer direitos. O casamento imputava àquelas, sofrimentos, imoralidade e malefícios de toda ordem, decorrentes da desigualdade entre homens e mulheres.

A dominação dos homens sobre as mulheres era global e perpassava a barreira de classe social. A divisão sexual do trabalho proporcionava privilégios de toda ordem aos homens em detrimento das mulheres. Para Mill a educação de homens e mulheres deveria ser igual. Isso permitiria às mulheres direcionar seu intelecto para profissões que as interessassem possibilitando-lhes disputar em pé de igualdade as mesmas ocupações que os homens. Isso duplicaria o coeficiente das faculdades mentais em proveito da humanidade. Questionou o fundamento teórico que afirmava que a mulher era por natureza inferior ao homem: *Afirmei que não é atualmente possível saber até que ponto as diferenças mentais existentes entre homens e mulheres são naturais.*<sup>103</sup> Mill percebeu que os principais empecilhos para a igualdade entre os sexos se pautavam na subjugação doméstica da mulher, na incapacidade imposta às mesmas pela lei, de ocuparem cargos públicos e o acesso à educação, o que as confinava às funções domésticas, consideradas pela sociedade as mais adequadas à sua natureza. John Stuart Mill vislumbrava a educação como única alternativa para emancipação da mulher. Desta forma, Mill pode ser considerado um pensador a frente de seu tempo. Seu discurso destoava do pensamento do século XIX, que afirmava que a mulher era por natureza inferior ao homem nas faculdades mentais e morais.

As mulheres foram excluídas do exercício do direito de cidadania. Elencamos os argumentos que legitimaram a não participação das mulheres nos assuntos públicos. Durante os séculos XVIII e XIX foram elaboradas explicações da diferença entre os sexos, pautadas na ciência e não mais na metafísica. Durante a Antiguidade e a Idade Média nos revela Thomas

---

<sup>103</sup> MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Coimbra : Edições Almedina, 2006, p. 161.

Laqueur, o modelo de sexo único (*model one-sex*)<sup>104</sup> explicava a diferença entre os sexos. Considerava que a mulher era um homem invertido. Os padrões deste modelo eram os órgãos sexuais masculinos, nesta concepção o útero equivalia ao escroto masculino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis. Este modelo baseou-se na concepção metafísica, e tinha como ideal de perfeição humana o sexo masculino. Sendo o feminino um homem invertido e logo inferior. Como aponta Jurandir Freire Costa: *A forma feminina do sexo era um índice de inferioridade na escala de perfeição metafísica*.<sup>105</sup> Essa inferioridade era explicada pela teoria do *calor vital*, que afirmava que faltava à mulher a força ou a intensidade de *calor vital* para que seu corpo evoluísse até o estágio do macho. Desta forma, o modelo de sexo único (*one-sex*) considerava que apenas o sexo masculino havia atingido a culminância na escala evolutiva, sendo a mulher um representante inferior do mesmo.

Foi a ciência do século XIX que elaborou um novo paradigma de explicação para as diferenças entre homem e mulher em oposição ao descrito anteriormente. O novo paradigma denominado modelo de dois sexos (*two-sex model*) parte do pressuposto bipolar, ou seja, da diferença biológica entre homem e mulher, (esta diferenciação foi possível a partir da abertura de cadáveres). Para os médicos ou naturalistas da época havia uma série de oposições e contrastes entre o masculino e o feminino. Estas diferenças biológicas interferiam no comportamento social de homens e mulheres. Pois a partir desta concepção a mulher foi considerada biologicamente inferior ao homem. No plano social significou que a mulher por sua natureza inferior era propícia ao mundo do privado e estava impedida de participar do mundo público, isto devido a sua inferioridade intelectual e moral. Segundo Laqueur, esse paradigma da diferença foi construído em torno dos impasses da igualdade imposta pela Revolução Francesa.<sup>106</sup>

No século XIX o modelo de explicação de diferenças entre homens e mulheres estava acabado como aponta Costa:

Em meados do século XIX, os manequins científicos do homem e da mulher estavam prontos. De 'homem invertido', a mulher passava à 'inverso do homem', a causa da mudança estava em seu sexo. Primeiro, veio a produção das desigualdades sociais e políticas, entre homens e mulheres, justificada pela norma natural do sexo. Em seguida, o que era efeito tornou-se causa. A

---

<sup>104</sup> Expressão utilizada pelo autor.

<sup>105</sup> COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995, p. 98-115.

<sup>106</sup> LAQUEUR, Thomas. *Inventado o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 35.

diferença de sexos passou a fundar a diferença de gêneros masculinos e feminino que, de fato, historicamente a antecederam. (grifos do autor)<sup>107</sup>

A partir do paradigma teórico do século XIX a mulher passou de inverso à complementaridade natural do masculino, estabelecendo a norma dos sexos. Os indivíduos que não se adequavam a este modelo eram considerados invertidos, o inverso do homem. Com isso, a homossexualidade masculina passou de pecado, na Idade Média, a doença moral e perversão e posteriormente em crimes/delitos, legitimada pela ciência moderna, a utilização dessa nova concepção sobre a sodomia se legitimou como forma de demonstrar o poder explicativo da ciência em relação ao poder da Igreja. O homossexual se nivelava ao feminino, pois mesmo tendo um corpo masculino, desejava sexualmente um outro corpo masculino. Segundo Costa *O invertido apresentava um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica.*<sup>108</sup> Para os naturalistas do século XIX, era imprescindível que o homossexual apresentasse características femininas, caso contrário, não poderia ser considerado um invertido, esta associação ainda pode ser verificada hoje em nossa sociedade.

Colin Spencer observa que a medicina do século XIX buscava consolidar seu poder dentro da ordem burguesa. Os jovens médicos se dedicavam a elaborar teses com objetivo de obter reconhecimento e prestígio social – pois a carreira médica naquela época não garantia bom status social – pesquisar um problema social significava se diferenciar na competitiva carreira médica. O termo homossexual foi cunhado pela primeira vez em 1869 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert com o intuito de retirar a homossexualidade do rol de crimes, reivindicando a especificidade dos homossexuais:

Além do impulso sexual normal dos homens e mulheres, a natureza, em seu poder soberano, dotou alguns indivíduos masculinos e femininos, ao nascer, de um impulso homossexual, deixando-os assim numa dependência sexual que os torna física e psicologicamente incapazes – mesmo com a melhor das intenções – de ereção normal. Esse impulso cria antecipadamente um claro horror ao sexo oposto.<sup>109</sup>

As ideologias da época corroboravam a percepção da homossexualidade como anormalidade/doença/degeneração que estavam associados a comportamentos criminosos e

---

<sup>107</sup> COSTA, Jurandir Freire, *Op. cit.*, p. 128.

<sup>108</sup> COSTA, Jurandir Freire, *Op. cit.*, p. 129.

<sup>109</sup> *Apud*, SPENCER, Colin. *Homossexualidade uma história*. Rubem Mauro Machado (trad.). Rio de Janeiro : Record, 1996, p. 274.

sádicos. Os médicos desse período propuseram tratamentos que prometiam a cura deste mal. Para o Dr. John D. Quackenbos a hipnose poderia curar os sodomitas da considerada ‘paixão antinatural’ por pessoas do mesmo sexo. Segundo ele esse tratamento podia remover impulsos criminosos e *substituir a anestesia moral pela sensibilidade da consciência*.<sup>110</sup> Nos Estados Unidos o Dr. Daniel, apresentou sua tese intitulada, *Devem os criminosos Insanos ou Perversidos Sexuais Poder Procriar*, em um congresso em Nova York. Ele afirmava que homossexualidade era incurável e transmitida por hereditariedade. Para sanar este mal a castração era o método mais eficaz, uma vez que estava associada a outros desvios sociais como o estupro, a bestialidade a masturbação, ao sadomasoquismo e ao crime. Estas teorias foram divulgadas e apropriadas pela sociedade permitindo aos médicos demonstrarem seu poder de controle social, como ressaltou Badinter:

A incorporação da homossexualidade ao campo da medicina deveria tê-la protegido dos julgamentos morais. Isto não aconteceu. A problemática das ‘perversões’ permitiu todas as ambigüidades. Não se distinguem a doença e o vício, o mal psíquico e o mal moral. Operou-se um consenso para estigmatizar esses homens efeminados, incapazes de se reproduzir! (...) O homossexual ameaça a nação e a família. Mas ele é também ‘um traidor da causa masculina’. Os próprios médicos condenam esses homens efeminados, que não cumprem suas obrigações de homem. Acusam-nos de falta de grandeza de alma, de coragem e devoção; deploram sua vaidade, suas indiscrições, suas tagarelices. Em suma, são ‘mulheres frustradas, homens incompletos’.<sup>111</sup>

A concepção da homossexualidade como doença possibilitou ao Estado elaborar leis que regulassem a pederastia, limitando os direitos dos homossexuais equiparando-os a cidadãos passivos, como as crianças e as mulheres. Alguns países possuíam leis específicas para lidar com a homossexualidade que a incluíram no rol de crimes sociais, como ressaltou Pedro Paulo Oliveira:

Muitas foram as leis que explicavam de modo evidente a consolidação legal do poderio masculino sobre as mulheres e crianças, bem como a sanção punitiva para aqueles que não se enquadrassem dentro dos moldes desenhados para o comportamento masculino socialmente legitimado. Em 1885, na Inglaterra, fez-se aprovar uma lei que punia práticas homo-orientadas como grave incidência. Esta lei permaneceria em vigor até 1967, quando foi substituída pelo *Sexual Offences Act*, que manteve inúmeras punições destinadas às práticas homo-orientadas. De modo semelhante, em 1911, na Holanda,

---

<sup>110</sup> SPENCER, Colin. *Op. cit.*, p. 276.

<sup>111</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 104.

aprovou-se lei que punia as relações íntimas entre homens. O parágrafo 175 da Constituição alemã era na verdade uma lei contra a homo-orientação. Baseado nele, no início do século XX, a polícia decidiu constituir o 'arquivo rosa' que deveria conter o nome de todos os envolvidos em práticas sexuais 'desviantes'. Posteriormente, esse mesmo arquivo serviu de base no regime nazista para indicar os agentes que seriam enviados aos campos de concentração juntamente com os judeus e outras minorias indesejáveis ao terceiro Reich.<sup>112</sup>

Badinter relatou que na França a homossexualidade também foi considerada um crime. A lei que punia a pederastia foi inserida no Código Penal no dia 28 de abril de 1832. A percepção da homossexualidade, como doença e crime, possibilitou ao Estado exercer o controle sobre o ideal de masculino e feminino. Os que ousavam transgredir as normas estabelecidas para cada sexo sofreriam sanções estabelecidas pelo Estado. Na atualidade, as leis que puniam os homossexuais foram retiradas dos Códigos Penais dos países europeus, embora ainda hoje, existam dispositivos legais que possibilitem punir os homossexuais como destaca Oliveira:

(...) ainda hoje a lei de algumas nações européias dá margem a arbitrariedades baseadas num espírito de valorização da adequação moral ao ideal masculino socialmente legitimado. A título de exemplo, em 1989, só na Inglaterra, cerca de 5.000 pessoas foram condenadas em função de práticas sexuais homo-orientadas que, de acordo com a interpretação baseada no Ato de Ordem Pública de 1986 daquele país, foram consideradas como grave indecência. Ainda com relação à exclusão da possibilidade de união entre pessoas do mesmo sexo, a lei inglesa de 1973, até o presente vigente, é bastante clara: 'um casamento será nulo se as partes não forem respectivamente homem e mulher'.<sup>113</sup>

Essas teorias foram reproduzidas com reformulações pelos médicos brasileiros e buscavam explicar as 'anormalidade sociais' como a prostituição, a pederastia dentre outros comportamentos considerados imorais e perigosos a sociedade. Entretanto, antes de refletir sobre como essas teorias foram utilizadas no Brasil é necessário analisar a cidadania brasileira.

Como demonstramos anteriormente a cidadania não seguiu uma trajetória linear nos diversos países ocidentais e nem foi garantida a todos os cidadãos do país onde ela já estava mais desenvolvida como a Inglaterra e a França. Por isso, quando falamos hoje de um cidadão inglês, ou francês, e de um cidadão brasileiro, não estamos falando precisamente da mesma coisa. Isso se deve a singularidade histórica de cada país. A nossa especificidade é analisada

---

<sup>112</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. São Paulo : Tese de Doutorado (USP), 2002, p. 45.

<sup>113</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Op. cit.*, p. 46.

por Carvalho que destaca como fatores da nossa particularidade a colonização portuguesa e o sistema escravocrata:

Ao proclamar sua independência de Portugal em 1822, o Brasil herdou uma tradição cívica pouco encorajadora. Em três séculos de colonização (1500 – 1822), os portugueses tinham construído um enorme país dotado de unidade territorial, lingüística, cultural e religiosa. Mas tinha também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma economia monocultora e latifundiária, um Estado absolutista. À época da independência, não havia cidadãos brasileiros, nem pátria brasileira.<sup>114</sup>

Certamente a colonização portuguesa e a escravidão deixaram marcas negativas para a cidadania brasileira. A nossa colonização pautada em um modelo agrário-exportador tinha como principais produtos de exportação o açúcar e o tabaco até o século XVII. Tal modelo econômico produziu os latifúndios que necessitavam de grande quantidade de mão-de-obra. Esta necessidade foi suprida com importação de escravos a partir da segunda metade do XVI, que eram equiparados a animais. Outro desafio para nossa colonização era o povoamento do vasto território brasileiro, a época da conquista Portugal possuía uma população de 1 milhão de habitantes e não havia mulheres para acompanhar os homens na missão colonizadora. A solução para este fato foi a miscigenação, seja pelo consentimento das índias, ou na maioria das vezes pela força, e no caso das escravas africanas, o estupro era a regra. Cabe lembrar que mais da metade da população indígena foi dizimada pelos portugueses. O sistema de grande propriedade rural possibilitou que os senhores de engenho tivessem um poder privado equiparado ao poder da administração pública e da justiça, principalmente no período da mineração a partir do século XVIII. A característica marcante durante o Brasil colônia era que a escravidão penetrava toda a sociedade de alto a baixo. Para Carvalho a escravidão e o latifúndio incidiram negativamente sobre a nossa cidadania:

Escravidão e grande propriedade não constituíam ambiente favorável à formação de futuros cidadãos. Os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade e, em casos extremos, à própria vida, já que a lei os considerava propriedade do senhor, equiparando-os a animais. Entre escravos e senhores, existia uma população legalmente livre, mas a que faltavam quase todas as condições para o exercício dos direitos civis, sobretudo a educação. Ela dependia dos grandes proprietários para morar, trabalhar e defender-se contra o arbítrio do governo e de outros proprietários. Os que fugiam para o interior viviam isolados de toda convivência social, transformando-se, eventualmente, eles próprios em grandes proprietários.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 18.

<sup>115</sup> *Idem, ibidem*, p. 21.

Para José Murilo de Carvalho nem mesmo os senhores poderiam ser considerados cidadãos. Embora fossem livres, e pudessem votar e serem votados nas eleições municipais. Eram denominados os ‘homens bons’ do período colonial. No entanto, eles não possuíam o sentido próprio da cidadania, a concepção de igualdade de todos perante a lei. Eles gerenciavam e ocupavam os cargos do Estado, principalmente as funções ligadas à justiça, que é um dos pilares da garantia do exercício da cidadania. Com isso a justiça tornava-se simples instrumento do poder pessoal. *O poder do governo terminava na porteira das grandes fazendas.*<sup>116</sup> Tal fato deixava mulheres e escravos sob a jurisdição privada dos senhores de engenho. Ao fim do período colonial uma grande parcela da população estava excluída dos direitos civis e políticos sem existência de um sentido de nacionalidade. Havia em alguns pequenos centros urbanos movimentos sociais e políticos em grande parte influenciados pelos ideais do iluminismo que resultaram em algumas revoltas logo reprimidas. Como a Inconfidência Mineira (1789), a Revolta dos Alfaiates (1798) na Bahia caracterizada por uma participação popular, principalmente de negros e mulatos e a Revolta em Pernambuco (1817).

No ano de 1822 foi proclamada a Independência do Brasil. Isso não introduziu uma mudança radical na estrutura da sociedade brasileira. *Por um lado, a herança colonial era por demais negativa; por outro, o processo de independência envolveu conflitos muito limitados. Em comparação com os outros países da América Latina.*<sup>117</sup> Para Carvalho a independência do Brasil foi pacífica. Isso devido ao receio de que a separação turbulenta acarretasse conseqüências negativas para a elite brasileira, como a fragmentação do território e a opção pelo modelo republicano que poderiam trazer riscos para ordem social, como a revolta dos escravos que ocorreu no Haiti. Assim o pacífico processo de independência facilitou:

A continuidade social. Implantou-se um governo ao estilo das monarquias constitucionais e representativas européias. Mas não se tocou na escravidão, apesar da pressão inglesa para abolí-la ou, pelo menos, para interromper o tráfico de escravos. Com todo o seu liberalismo, a Constituição ignorou a escravidão, como se ela não existisse. (...) Assim, apesar de constituir um avanço no que se refere aos direitos políticos, a independência, feita com a manutenção da escravidão, trazia em si grandes limitações aos direitos civis.<sup>118</sup>

O modelo constitucional no Brasil após a independência combinou as idéias das constituições européias, como a francesa de 1791 e a espanhola de 1812 que estabeleceu três

---

<sup>116</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 21

<sup>117</sup> Idem, *ibidem*, p. 26.

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*, p. 29.

poderes o Executivo, o Legislativo (dividido em Senado e Câmara) e o Judiciário. Entretanto, foi constituído um quarto poder denominado de Moderador que era privativo do imperador, ou seja, um resquício do absolutismo. A constituição outorgada em 1824 que regeu o país até o fim da monarquia, e regulou os direitos políticos, estabeleceu os critérios de quem teria direito a votar e ser votado. Poderiam votar todos os homens de 25 anos ou mais que tivessem renda mínima de 100 mil-réis e até mesmo os analfabetos. Mulheres e escravos estavam excluídos de votar e serem votados. Mesmo assim para os padrões da época a constituição brasileira era muito liberal se comparada aos países europeus. Carvalho questionou o real significado do direito político para as pessoas que votavam naquela época? Que tipo de cidadão se apresentava para votar? Segundo Carvalho 85% dos eleitores naquela época eram analfabetos, não tinham capacidade de ler um jornal e ressalta:

Votar, muitos votavam. Eram convocados às eleições pelos patrões, pelas autoridades do governo, pelos juízes de paz, pelos delegados de polícia, pelos párocos, pelos comandantes da Guarda Nacional. A luta política era intensa e violenta. O que estava em jogo não era o exercício de um direito de cidadão, mas o domínio político local. O chefe político local não podia perder as eleições. A derrota significava desprestígio e perda de controle de cargos públicos, como os de delegados de polícia, de juiz municipal, de coletor de rendas, de postos na Guarda Nacional. Tratava-se, então, de mobilizar o maior número possível de dependentes para vencer as eleições.<sup>119</sup>

Diante do cenário apresentado às eleições eram passíveis de serem fraudadas, por se caracterizarem por ser um verdadeiro jogo de disputa por votos. Havia especialistas em burlar as eleições. O ideal do direito ao voto como possibilidade do autogoverno, do direito de participar na vida política do país ficava esquecido como relata Carvalho:

O voto era um ato de obediência forçada ou, na melhor das hipóteses, um ato de lealdade e de gratidão. À medida que o votante se dava conta da importância do voto para os chefes políticos, ele começava a barganhar mais, vendê-lo mais caro. (...) Os votantes apreendiam também a negociar o voto com mais de um chefe. (...) O voto neste caso não era mais expressão de obediência e lealdade, era mercadoria a ser vendida pelo melhor preço. A eleição era a oportunidade para ganhar um dinheiro fácil, uma roupa, um chapéu novo, um par de sapatos. No mínimo, uma boa refeição.<sup>120</sup>

Em 1881 houve uma reforma na legislação eleitoral brasileira. Tal mudança proibiu que os analfabetos votassem e aumentou o limite de renda para 200 mil-réis. Isso significou um retrocesso na cidadania brasileira, pois houve um corte de 90% do eleitorado, apenas 0.8% da população total votava. Tal fato se deveu em parte a pressão dos proprietários rurais que vinham

---

<sup>119</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 33.

<sup>120</sup> *Idem, ibidem*, p. 35-36.

se queixando dos altos custos das eleições. Nem mesmo com a Proclamação da República em 1889 houve mudanças na legislação eleitoral de 1881.

No tocante aos direitos civis a herança colonial também foi decisiva. A escravidão negava a condição humana dos escravos e a grande propriedade rural possuía suas próprias leis imposta pelo fazendeiro e o Estado era comprometido com o poder privado. Isso limitou o exercício da cidadania civil. Havia uma distinção entre a luta pela abolição nos Estados Unidos e a luta no Brasil. No primeiro país os discursos a favor da abolição se pautavam no liberalismo, como a garantia da liberdade individual. No caso brasileiro:

O argumento da liberdade individual como direito inalienável era usado com pouca ênfase, não tinha a força que lhe era característica na tradição anglo-saxônica. Não o favorecia a interpretação católica da Bíblia, nem a preocupação da elite com o Estado nacional. Vemos aí a presença de uma tradição cultural distinta, que poderíamos chamar de ibérica, alheia ao iluminismo libertário, à ênfase nos direitos naturais, à liberdade individual. Essa tradição insistia nos aspectos comunitários da vida religiosa e política, insistia na supremacia do todo sobre as partes, da cooperação sobre a competição e o conflito, da hierarquia sobre a igualdade.<sup>121</sup>

Mesmo com a abolição da escravatura a situação do negro pouco mudou no Brasil. Como nossa tradição preserva a hierarquia sobre a igualdade os ex-escravos tinham seus direitos garantidos na lei, mas na prática não foram considerados cidadãos e a igualdade entre brancos e negros, ainda é buscada no Brasil. Após a escravidão os ex-escravos não tiveram qualquer política pública, como houve nos Estados Unidos, que minimizasse as desigualdades causadas pela escravidão. Os negros permaneceram analfabetos e muitos deles após a euforia da abolição voltaram para as fazendas onde trabalhavam em uma situação um pouco melhor que a escravidão, mas com baixos salários. Nas fazendas de café de São Paulo onde a economia estava forte, os empregos foram ocupados por imigrantes europeus, devido à política imigratória do governo brasileiro. Nesta época a preocupação era o que fazer com os ex-escravos, pois as ideologias médicas do período apontavam para a degeneração do Brasil devido à miscigenação. A solução encontrada pela elite e pelo governo foi incentivar a imigração pautada na ideologia do branqueamento. Outros foram para os centros urbanos, como o Rio de Janeiro, sem empregos fixos. Onde havia dinamismo econômico como as plantações de café no Vale do Paraíba os empregos foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que foram atraídos pelas políticas do governo. As conseqüências disso

---

<sup>121</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 51.

foram duradouras. Ainda hoje a população negra ocupa posição social inferior e os postos de trabalhos mais desvalorizados. Incide sobre ela os índices mais baixos de qualidade de vida, é a parcela menos educada do país e têm os piores índices de ascensão social.

Cabe destacar que a Proclamação da nossa República também se ocorreu de forma pacífica como a independência. O cenário político não mudou durante a República Velha ou República dos Coronéis (1889-1929) que foi dominada economicamente e politicamente pelos estados de São Paulo e Minas Gerais. A riqueza do primeiro era aferida da produção de café e a do segundo pela pecuária. A lógica na qual operava o coronelismo é descrita Carvalho:

O coronelismo não era apenas um obstáculo ao livre exercício dos direitos políticos. Ou melhor, ele impedia a participação política porque antes negava os direitos civis. Nas fazendas, imperava a lei do coronel, criado por ele, executada por ele. Seus trabalhadores e dependentes não eram cidadãos do Estado Brasileiro, eram súditos dele. Quando o Estado se aproximava, ele o fazia dentro do acordo coronelista, pelo qual o coronel dava seu apoio político ao governador em troca da indicação de autoridades, como delegado de polícia, o juiz, o coletor de impostos, o agente do correio, a professora primária. Graças ao controle desses cargos, o coronel podia premiar os aliados, controlar sua mão-de-obra e fugir dos impostos. Fruto dessa situação eram as figuras do 'juiz nosso' e do 'delegado nosso', expressões de uma justiça e de uma polícia postas a serviço do poder privado. (...) Várias expressões populares descreviam a situação: 'Para os amigos, pão; para os inimigos, pau. Ou então: 'Para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei.'<sup>122</sup>

Ao refletir sobre os problemas da participação popular José Murilo de Carvalho apresenta os equívocos dos críticos da época sobre tal forma de participação. O primeiro era achar que a população saída da dominação colonial portuguesa pudesse, *de uma hora para outra, comportar-se como cidadãos atenienses, ou como cidadãos das pequenas cidades norte-americanas. (...) O segundo era considerar que o povo era menos preparado para a democracia.*<sup>123</sup> Entretanto, seria o povo realmente despreparado ou as elites que forçavam os eleitores, que comprava votos, que fazia as atas eleitorais falsas, que não admitiam derrota nas urnas? Outro equívoco era achar que o aprendizado do exercício político seria feito sem a prática recorrente e sem acesso a educação primária. Ao analisar o voto no Império ou na República velha, Carvalho considera que os votantes agiam com racionalidade ao usarem o voto como mercadoria. Mesmo assim, pessoas podiam tomar conhecimento da existência de um poder externo aos limites das grandes fazendas, sendo um poder que elas poderiam usar contra os chefes locais. Poder-se-ia falar do germe do aprendizado político, que exercido regularmente

---

<sup>122</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 56.

<sup>123</sup> Idem, *ibidem*, p. 43.

levaria ao aperfeiçoamento cívico. Entretanto, as interrupções constantes na democracia brasileira levaram ao retardo da incorporação dos cidadãos à vida política. Podemos concluir que durante a República Velha a cidadania avançou muito pouco devido as causas desse fato estarem ancoradas no modelo político que limitou o exercício da cidadania, durante a República Velha, como esclarece Carvalho:

A lei que deveria ser a garantia da igualdade de todos, acima do arbítrio do governo e do poder privado, algo a ser valorizado, respeitado, mesmo venerado, tornava-se apenas instrumento de castigo, arma contra os inimigos, algo a ser usado em benefício próprio. Não havia justiça, não havia poder verdadeiramente público, não havia cidadãos civis. Nessas circunstâncias, não poderia haver cidadãos políticos. Mesmo que lhes fosse permitido votar, eles não teriam as condições necessárias para o exercício independente do direito político.<sup>124</sup>

Mudanças significativas ocorreram no Brasil no ano de 1930. O modelo político da República Velha perdeu sua base de sustentação. Tal modelo era pautado no principal produto brasileiro de exportação: o café. Acontecimentos externos tiveram efeitos na economia brasileira, principalmente a crise de 1929. A produção cafeeira que já apresentava problemas de superprodução se afundou com a grande depressão da economia mundial. Mesmo com os grandes esforços do governo brasileiro, como a compra dos excedentes e a destruição das lavouras para manter o preço do café estável, a medida não teve o efeito esperado e o preço do café despencou no fim da década de 1920. Isso levou o Brasil a vivenciar uma grande crise econômica e política. Com isso, os setores da sociedade insatisfeitos com o modelo político predominante na primeira república se aliaram e ganharam força política. Desta forma, em 1930 houve a chamada Revolução de 1930, que fez Getúlio Vargas despontar no cenário político. Poder-se-ia dizer que o ano de 1930 foi um divisor de águas na história da cidadania no país.

A partir desse período, houve um acelerado processo de mudanças sociais, políticas e econômicas que possibilitaram um passo importante para o exercício da cidadania. Dentre os direitos que a compõem houve um significativo avanço dos direitos sociais. Foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Após veio a vasta legislação trabalhista e previdenciária, completada em 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho. Desde esse período a legislação social tem ampliado seu alcance, embora enfrente significativos problemas de gerencia e financeiros na implantação desses direitos.

---

<sup>124</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 57.

No referente aos direitos políticos um dos grandes avanços foi o voto feminino garantido no Código Eleitoral de 1932 e na Constituição de 1934, fruto das lutas da chamada primeira onda do movimento feminista brasileiro liderado por Bertha Lutiz. O que colocou o Brasil à frente de países desenvolvidos como Suécia, França, Inglaterra dentre outros, onde as mulheres só tiveram o direito de votar após a segunda metade do século XX. Entretanto, os direitos políticos eram instáveis alterando-se entre ditaduras e regimes democráticos. Segundo José Murilo de Carvalho após 1945:

(...) o voto popular começou a ter peso importante por sua crescente extensão e pela também crescente lisura do processo eleitoral. Foi o período marcado pelo que se chamou de política populista, um fenômeno que atingiu também outros países da América Latina. A experiência terminou em 1964, quando os militares intervieram mais uma vez e implantaram nova ditadura.<sup>125</sup>

Os direitos civis tiveram uma progressão mais lenta mediante a ditadura instaurada no período de 1937 a 1945. Nesse período os direitos à liberdade de expressão do pensamento e de organização partidária dentre outros direitos ficaram suspensos. Embora o governo ditatorial estimulasse a organização sindical ele o fazia dentro de uma lógica corporativa, em estreita vinculação com o Estado. Os movimentos sociais independentes avançaram lentamente, principalmente após 1945. O acesso da população à justiça progrediu muito pouco.

Carvalho chama atenção para o fato de que no Brasil os direitos sociais foram mais desenvolvidos que o político e o civil. Segundo ele há uma completa inversão na seqüência cronológica do modelo de cidadania proposto por Mashall. Isso demonstra a peculiaridade na história da cidadania de cada país. Os efeitos do percurso da cidadania no Brasil têm conseqüências diversas para nossa realidade política e social como analisou José Murilo de Carvalho:

A ênfase nos direitos sociais encontrava terreno fértil na cultura política da população, sobretudo da população pobre dos centros urbanos. Essa população crescia rapidamente graças à migração dos campos para as cidades e do nordeste para o sul do país. O populismo era um fenômeno urbano e refletia esse novo Brasil que surgia, ainda distinto do Brasil rural da Primeira República, que dominara a vida social e política até 1930. O populismo, no Brasil, na Argentina, ou no Peru, implicava uma relação ambígua entre cidadãos e o governo. Era avanço na cidadania, na medida em que trazia as massas para a política. Mas, em contrapartida, colocava os cidadãos em posição de dependência perante os líderes, aos quais votavam lealdade pessoal pelos benefícios que eles de fato ou supostamente lhes tinham distribuído. A antecipação dos direitos sociais fazia com que os direitos não fossem vistos como tais, como independente da ação do governo, mas como um favor em

---

<sup>125</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 88.

troca do qual se deviam gratidão e lealdade. A cidadania que daí resultava era passiva e receptora antes que ativa e reivindicadora.<sup>126</sup>

Os avanços obtidos na ampliação do exercício da cidadania após 1945, como as diversas manifestações populares, principalmente durante o governo de João Goulart em 1964 o Brasil novamente viu a democracia ser interrompida com o golpe militar. A ditadura que durou 21 anos. Nesse período os governos militares suspenderam os direitos civis como o *habeas corpus*, a privacidade do lar, o segredo de correspondência, prisões sem mandado judicial e o direito de defesa. Houve a utilização da tortura, cerceou-se a liberdade de pensamento, instituiu-se a censura às manifestações artísticas, dentre outros, mas em contrapartida ampliaram-se os direitos sociais, principalmente durante o período do milagre econômico (1973), ao mesmo tempo em que os militares restringiram os direitos políticos. Com o desenvolvimento econômico do período militar houve um aumento do mercado de consumo interno, dos postos de trabalho e o crescimento das cidades. Isso criou condições para ampla mobilização popular e organização social. Uma das maiores de mobilização política foi o movimento pelas diretas em 1984 e, num reflexo após a re-democratização do país, em 1988, a mobilização popular em favor do impeachment do presidente Fernando Collor, já em 1992.

Em 1988 foi promulgada a nova Constituição brasileira que contou com a participação de especialistas e de setores organizados e representativos da sociedade, cuja preocupação maior era a garantia dos direitos do cidadão, embora isto não significasse a garantia de uma cidadania plena na prática. Tal fato é notório por ser o Brasil um país de imensa desigualdade social. Em 1998 os 50% mais pobres detinham 11,2% da renda nacional, enquanto os 20% mais ricos detinham 63,8% da renda nacional. Essa desigualdade possui variáveis importantes como etnia e região. O acesso à justiça e à proteção policial da população mais pobre, ainda é pequeno.

Diante destes dados passados por Carvalho (e em sua análise) a desigualdade social constitui um dos impedimentos para a consolidação de uma cidadania plena, já que do ponto de vista da garantia dos direitos civis, os cidadãos brasileiros podem ser divididos em classes de acessos. Há os de primeira classe, o de segunda e de terceira classe. Os de primeira classe são os chamados doutores, os privilegiados. Estes estão acima da lei, sempre defendem seus interesses recorrendo ao prestígio social nos diversos segmentos sociais como o judiciário, o

---

<sup>126</sup> Idem, *ibidem*, p. 126.

governo, graças ao poder do dinheiro. Eles são invariavelmente brancos, ricos, bem vestidos, com formação universitária, em grande parte são do sexo masculino e heterossexuais. Para esse segmento da sociedade, as leis ou não existem ou são flexíveis.

Os cidadãos de segunda classe estão sujeitos aos rigores e benefícios da lei. Constituem a classe média modesta, os trabalhadores assalariados com carteira de trabalho assinada. Segundo o autor eles podem ser brancos, pardos ou negros, têm educação fundamental completa e o segundo grau (...) *Essas pessoas nem sempre têm noção exata de seus direitos, e quando a têm carecem dos meios necessários para os fazer valer. Para eles, existem os códigos civil e penal, mas aplicados de maneira parcial e incerta.*<sup>127</sup>

Já os cidadãos de terceira classe são os que possuem o ensino primário incompleto ou são analfabetos, não possuem carteira de trabalho assinada, estes constituem a população marginal das grandes cidades como biscateiros, camelôs, posseiros, empregadas domésticas dentre outros. São invariavelmente negros e pardos. Os direitos civis são ignorados por eles ou os têm sistematicamente desrespeitados por outros cidadãos, pelo governo, pela polícia. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis e para eles vale apenas o Código Penal.

Para explicar nossa cidadania, peculiar, o antropólogo Roberto Damatta analisou as diferenças históricas e culturais que conferem uma especificidade própria e singular à sociedade brasileira. No ensaio *Você Sabe com que está falando? Um ensaio sobre a diferença entre indivíduo e pessoa no Brasil*, Damatta revela o ritual autoritário que é praticado no cotidiano da rua, onde qualquer brasileiro se reconhece facilmente. Para o autor, essa pergunta é um rito velado da sociedade brasileira, capaz de explicar temas como o que é um indivíduo, o que é democracia e o que são as relações sociais. Ao ser utilizado o *você sabe com que está falando* ocorre em efeito uma separação radical e autoritária que demonstra duas posições sociais. Esse rito nos revela dois traços importantes da sociedade brasileira:

Um deles é o aspecto escondido ou latente do uso e aprendizado da expressão quase sempre visto como um recurso escuso ou ilegítimo à disposição dos membros da sociedade brasileira. Outro troco do 'Sabe com que está falando?' é que a expressão remete a uma vertente indesejável da cultura brasileira. Pois o rito autoritário indica sempre uma situação conflitiva e a sociedade brasileira parece avessa ao conflito.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 216.

<sup>128</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e Heróis*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978, p. 183.

Dessa forma, o rito do *you know who you are talking to* revela um traço que o brasileiro não gosta e prefere esconder. Ao se utilizar o rito o que vem a tona não é a cordialidade tão divulgada e venerada na sociedade brasileira, mas, ao contrário, o verdadeiro e profundo esqueleto hierarquizante de nossa sociedade<sup>129</sup>. Isso nos leva a refletir que no Brasil a nossa modernidade convive com a ideologia igualitária e individualista e com a nossa moralidade pautada na hierarquia. Essa coexistência é complexa e opera em um jogo dialético. Para o autor isso é possível na medida em que *reforçando-se o eixo da igualdade, nosso esqueleto hierarquizante não desaparece automaticamente, mas se reforça e reage inventando e descobrindo novas formas de manter-se*.<sup>130</sup>

Para o autor há no Brasil um dualismo entre o universalismo de procedimentos em que predomina os valores do indivíduo onde as leis são impessoais devendo o indivíduo ser submetido e subordinado a elas e a hierarquia, em que predomina a pessoa, pautada no personalismo e regida pela moralidade das relações de compadrio, de família, de amizade e de troca de interesses e favores, onde a lei é flexível ou inexistente. Para Damatta:

‘O sabe com quem esta falando?’ é um instrumento de uma sociedade em que as relações pessoais formam o núcleo daquilo que chamamos de ‘moralidade’ (ou esfera moral), e tem um enorme peso no jogo vivo do sistema, sempre ocupando os espaços que as leis do Estado e da economia não penetram. A formula ‘sabe com está falando?’ é, assim, uma função da dimensão hierarquizadora e da patronagem que permeia nossas relações diferenciais e permitem, em consequência, o estabelecimento de elos personalizados em atividades basicamente impessoais.<sup>131</sup>

Temos, assim, duas lógicas que operam nas instituições brasileiras. Essa lógica perpassa toda a sociedade. A utilização do sabe com quem está falando geralmente é requisitada em uma situação de conflito. Quem o reivindica busca relembrar a hierarquia. Com isso, o uso do rito resolve o conflito e restaura a paz hierárquica ameaçada por quem levou a sério o princípio da igualdade e teve de ser lembrado ‘do seu lugar’ social. Por isso o rito é tido como desagradável pela sociedade brasileira, pois ele verbaliza aquilo que não deveria ser dito para ser eficaz, com isso há uma quebra no pacto silencioso e cordial de uma sociedade em que cada um efetivamente deve conhecer o seu lugar, principalmente em uma sociedade de massa, como advertiu o autor:

---

<sup>129</sup> DAMATTA, Roberto. *Op. cit.*, p. 142.

<sup>130</sup> Idem, *ibidem*, p. 201.

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*, p. 195.

Com a sociedade de massa, findadas as distinções entre senhor x escravos x coronéis x clientela a utilização do ‘sabe com quem está falando’ é mais freqüente, justamente porque hoje não se tem mais a antiga e ‘boa consciência’ de lugar. Ou melhor, hoje se usa mais o ‘sabe com quem está falando’ justamente porque a totalidade do sistema fundado no respeito, na honra, no favor e na consideração está a todo momento sendo ameaçado pelo eixo do econômico e da legislação – esses mecanismos universalizantes – que a velocidade dos meios de comunicação de massa torna cada vez mais legiferante.<sup>132</sup>

Assim na sociedade brasileira operam dois sistemas onde se opera a lógica igualitária para os indivíduos e a lógica personalista para a pessoa. Com isso, a lei no Brasil sempre será aplicada ao indivíduo nunca a pessoa. Se a letra da lei for aplicada de forma fria e dura, automaticamente se é transformado em indivíduo, mas se há o poder de personalizar a lei é sinal de que se é uma pessoa. Damatta explica como se opera essa combinação específica entre os dois princípios:

É como se tivéssemos duas bases através das quais pensássemos o nosso sistema. No caso das leis gerais e da repressão, seguimos sempre o código burocrático ou a vertente impessoal e universalizante, igualitária, do sistema. Mas no caso das situações concretas, daquelas que a vida nos apresenta, seguimos sempre o código das relações e da moralidade pessoal, tomando a vertente do ‘jeitinho’, da ‘malandragem’ e da solidariedade como eixo de ação. Na primeira escolha, nossa unidade é o indivíduo; na segunda, a pessoa. A pessoa merece solidariedade e um tratamento diferencial. O indivíduo, ao contrário, é o sujeito da lei, foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos.<sup>133</sup>

Com isso, pensar a cidadania no Brasil nos é tão caro, pois convivemos com uma sociedade que Damatta convencionou chamar de semitradicional. Nossa cidadania está situada entre a igualdade e a hierarquia. Nossa atuação está sempre pautada na lógica das relações pessoais em que a lei sempre pode ser personalizada dificultando o pleno exercício da cidadania. Para Roberto Damatta no drama do ‘sabe com quem está falando?’:

(...) somos punidos pela tentativa de fazer cumprir a lei ou pela nossa idéia de que vivemos num universo realmente igualitário. Pois a identidade que surge do conflito é que vai permitir hierarquizar. (...) A moral da história aqui é a seguinte: confie sempre em pessoas e em relações (como nos contos de fadas), nunca em regras gerais ou em leis universais. Sendo assim, tememos (e com justa razão) esbarrar a todo momento com o filho do rei, senão com o próprio rei.<sup>134</sup>

O desafio de uma cidadania plena no Brasil, ainda, se faz presente na sociedade brasileira. Percebemos que mais da metade da população brasileira tem seu exercício de

---

<sup>132</sup> DAMATTA, Roberto. *Op. cit.*, p. 199.

<sup>133</sup> *Idem, ibidem*, p. 218.

<sup>134</sup> *Idem, ibidem*, p. 216.

cidadania limitado em seus direitos civis e sociais, o que compromete o direito político. Quando se trata dos homossexuais verificamos que eles têm uma cidadania, ainda, mais negativa que o restante da população brasileira. Seus direitos civis, sociais e políticos estiveram tolhidos até segunda metade do século XX. Isto porque a homossexualidade foi considerada sinônimo de pederastia masculina, doença, anormalidade e desvio de conduta com forte tendência ao crime.

Feito este perfil sobre a especificidade da cidadania no Brasil, cabe-nos demonstrar de que forma a homossexualidade foi percebida pela sociedade brasileira ao longo da história.

No final do século XIX, no Brasil, a ciência médica invade o campo da moralidade e classifica as anormalidades sociais. Segundo Peter Fry <sup>135</sup>, os médicos da época inventaram a figura do homossexual, que era chamado de uranista, ou também de pederasta. Estas classificações variavam de acordo com o grau relativo de efeminação. O médico Pires de Almeida adotou este esquema de classificação, rejeitando as teorias que explicavam a homossexualidade a partir do biológico, preferindo as explicações psíquicas. Neste contexto, Fry analisa a marginalidade sexual do século XIX a partir de dois romances naturalistas da literatura brasileira. Nos romances *O Bom Crioulo* (1895) e *O Cortiço* (1890), de Adolfo Caminha e Aluísio Azevedo, respectivamente, são mostradas relações amorosas homossexuais:

Em *Bom Crioulo* a relação entre o marinheiro negro, Amaro (o Bom-Crioulo do Título) e o grumete branco e adolescente, Aleixo, é central; em *O Cortiço* a relação entre a prostituta Léonie e a impúbere Pombinha, embora secundária, é descrita com bastante atenção e detalhe. Embora fictícias, as situações representadas nesses dois romances são verossímeis. E como se trata de obras realistas, a projeção destas situações é de qualquer modo calcada sobre as observações da realidade. <sup>136</sup>

Os autores participavam ativamente da vida intelectual brasileira, estando eles em contato com as teorias deterministas da época, sendo provável que tenham sido coniventes com essas teorias. Mas o que se verifica é o fato de que ambos fizeram representações sobre a “marginalidade social”, portanto discordantes das teorias médicas da época, descobrindo uma lógica própria destes relacionamentos, excluída, inicialmente, das teorias deterministas. Porém, os autores são incapazes de rejeitar tal paradigma. Ao relatarem as relações perigosas entre Léonie e Pombinha e entre o bom crioulo e o grumete, ambos se encontram, num momento, de

---

<sup>135</sup> FRY, Peter. *Léonine, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas*. In *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo : Brasiliense, 1982, p. 33-34.

<sup>136</sup> FRY, Peter. *Op. cit.*, p. 35.

passagem pelos juízos médico-moralizantes e, noutro, transmitindo com muita sensibilidade e respeito a lógica própria destes *tipos marginais*.<sup>137</sup>

Essas teorias chegaram ao Brasil, segundo James Green, no final do século XIX e início do século XX. As discussões profícuas sobre a temática se deram na segunda e terceira década do século XX. Momento em que o país passava por grande transformação política, econômica, social e cultural. Nesse contexto de exaltação dos movimentos sociais e políticos foi necessário que o Estado brasileiro, influenciado pela teoria do positivismo, tivesse o domínio da situação. Nesse sentido, o controle sobre as consideradas anormalidades sociais foi intensificado, dentre elas, a pederastia. Esta última tida como uma grave ameaça à ordem dos papéis de gênero. Os efeminados eram classificados como homens que possuíam distúrbios hormonais, que influenciavam em sua conduta moral e social. Tais distúrbios estavam associados a outros desvios como, por exemplo, o crime, agravando-se o quadro se o indivíduo fosse negro. As teorias formuladas por médicos, juristas e criminologistas buscavam conter ou mesmo curar a homossexualidade. O que estas teorias possuíam em comum era o fato de considerarem a pederastia uma anormalidade, um desvio de conduta que interferia na ordem social. Os tratamentos propostos por esses profissionais possuíam total respaldo do Estado. Este último via na ciência a mola propulsora do progresso social e mantenedora da ordem social. Desta forma, a intervenção do Estado na vida privada dos indivíduos era considerada legítima e necessária.<sup>138</sup>

Durante o período getulista – que vai de 1930 a 1945 – discutiam-se questões importantes para a sociedade brasileira como raça, eugenia, papéis de gênero, o lugar da mulher na sociedade brasileira e as causas da degeneração homossexual. As teorias da época que se debruçaram sobre a homossexualidade no Brasil eram unânimes em apontá-la como existente em toda a história da humanidade e em todas as classes sociais. E sempre era explicitado nos relatos médicos o mito bíblico das cidades de Sodoma e Gomorra que foram castigadas por Deus porque seus habitantes praticavam o pecado nefando da pederastia.

Os especialistas que mais se destacavam nesta temática foram: Dr. Viriato Fernandes Nunes, Leonídio Ribeiro, Afrânio Peixoto e Pires de Almeida. Eles concordavam que a homossexualidade se alastrava pelo mundo em proporção cada vez maior e precisava ser

---

<sup>137</sup> Idem, *ibidem*, p. 35.

<sup>138</sup> GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite (trad.). São Paulo : UNESP, 2000, p. 198-250.

contida. Os autores europeus que exerceram maior influência sobre os pensadores brasileiros foram o criminalista italiano Cesare Lombroso e Gregório Marañón professor da Universidade de Madri.<sup>139</sup>

Lombroso foi autor da teoria do *delinqüente nato*, que seria o indivíduo que possuidor de um frágil sistema nervoso com predisposição a um comportamento degenerado, associado à mutilação, a tortura, a homossexualidade e a feitura de tatuagens no corpo. Segundo o autor tal comportamento era determinado por características fenotípicas. O mais influenciado no Brasil pela teoria de Lombroso foi Leonídio Ribeiro. Ele buscou incrementar os estudos do criminalista europeu com a defesa da hipótese de que o desequilíbrio hormonal levava a homossexualidade, tendo sido agraciado em 1933 com o prêmio Lombroso em homenagem ao seu estudo realizado nas penitenciárias com homossexuais em 1932. Gregório Marañón argumentava que os homossexuais possuíam características sexuais de ambos os sexos, isto devido a um desequilíbrio endócrino. Explicava a homossexualidade a partir de pressupostos biológicos, e cunhou o termo ‘intersexual’ que retratava a posição limítrofe que o homossexual ocupava entre os dois sexos. Entretanto, apontava que fatores exógenos poderiam conter ou reverter a homossexualidade. Suas idéias influenciaram o estudioso brasileiro Afrânio Peixoto que buscando sofisticar a teoria de Marañón sugeriu o termo ‘missexual’. Na sua concepção, o homossexual era uma mistura de homem e mulher classificado como anormal e degenerado. Poucos detalhes diferenciavam os estudos sobre a homossexualidade. O termo inversão referia-se ao desejo sexual do indivíduo; o intersexual e missexual abarcavam as causas biológicas da homossexualidade. Desta forma o modelo de homossexual formulado pela medicina legal era de indivíduos que obrigatoriamente possuíam características dos dois sexos, ou seja, pautado no modelo binário da heterossexualidade ativo/ passivo. Para os estudiosos, identificar a causa dessa *degeneração* possibilitaria a cura dessa anormalidade sexual. Entretanto, nenhum desses estudos conseguiu comprovar suas hipóteses, embora tenham conseguido legitimidade nos diversos setores da sociedade brasileira.<sup>140</sup>

Os dois tratados médico-legais que propunham a cura da homossexualidade eram o de Leonídio Ribeiro e Afrânio Peixoto. Ressaltavam que a explicação da homossexualidade era de responsabilidade da medicina e não da religião. Afirmava Ribeiro: *A medicina havia*

---

<sup>139</sup> GREEN, James N. *Op. cit.*, p. 199.

<sup>140</sup> Idem, *ibidem*, p. 200.

*libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria da humanidade esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quais não podiam ser responsáveis.*<sup>141</sup> Segundo Green, Ribeiro propunha para a redução de homossexuais uma educação e criação apropriadas, caso não fosse eficaz sugeria até o transplante de testículos. Outros estudos utilizavam fatores não-biológicos, propondo intervenções morais, comportamentais e psicológicas para cortar o *mal pela raiz*.

As principais formas de controle social sobre os homossexuais, nos informa ainda Green, nos anos de 1930, foram a polícia e o manicômio. Os ‘invertidos’ de classe social baixa e de cor preta ficavam sob os cuidados iniciais da polícia sendo posteriormente enviados para os manicômios e os de classe média e alta ao sinal de qualquer comportamento degenerado eram internados por seus familiares nos sanatórios. Entretanto a homossexualidade também se manifestava entre os seminaristas e padres. Como forma de acobertar as relações homossexuais de padres, era feita a transferência de paróquia, não sendo suficiente, a Igreja recomendava a internação em manicômios como forma de conter o escândalo. Dentre os manicômios mais destacados e famosos estavam o Pinel e o Juquery, ambos prometiam a cura ou o controle da doença. O tratamento terapêutico era importado da Europa e dos Estados Unidos. No Pinel os médicos utilizavam a terapia de ponta da época denominada de ‘convulsoterapia’ que consistia em injetar o medicamento cardiazol no indivíduo em quantidades cada vez maiores para provocar ataques epiléticos. Outro sofisticado tratamento era conhecido como insulino-terapia que consistia em levar o paciente ao choque hiperglicêmico, ocasionando o coma. Usava-se também o eletrochoque de baixa intensidade, método que fora utilizada nos Estados Unidos em 1935 e importado pelo Brasil.<sup>142</sup>

Podemos observar a utilização dessas teorias em um processo judicial da segunda década do século XX. O drama de Febrônio Índio do Brasil ocupou grande espaço na imprensa brasileira da época. Levado a julgamento por vários crimes, o advogado de defesa de Febrônio, utilizou-se de um laudo psiquiátrico que buscava associar a sua homossexualidade aos seus comportamentos violentos, concluindo que o mesmo deveria ser internado no Manicômio Judiciário. A grande vencedora no caso de Febrônio foi a psiquiatria como instituição que se consolida como instrumento legítimo de controle social. *O conceito de loucura moral é tão*

---

<sup>141</sup> GREEN, James N. *Op. cit.*, p. 214-215.

<sup>142</sup> Idem, *ibidem*, p. 215.

*abrangente que nele cabe toda e qualquer pessoa que aja contra as normas estabelecidas como “normais” pela Justiça ou pela psiquiatria.*<sup>143</sup> Outro grande setor da sociedade beneficiado com toda essa história foi a imprensa brasileira, quando utilizou a imagem de Febrônio para macular a imagem – já negativamente construída no país, dos homossexuais. Era comum, na época, nos bairros do Rio de Janeiro, as crianças utilizarem a palavra “Febrônio” como gíria carioca para se referir a qualquer pessoa que mostrasse sinais de homossexualidade. A imprensa e a psiquiatria concorreram para que a homossexualidade fosse entendida como um desvio de conduta caracterizado pela violência. Para James Green e Ronald Polito os homossexuais que pertenciam à camada popular da sociedade estavam mais propícios a terem sua intimidade invadida pelos médicos e policiais, que os de classe mais abastarda:

Foram geralmente os homens pobres, lançados na mais absoluta miséria econômica, os que se viram investigados e esquadrihados pelas instituições policiais e científicas, sem terem nenhuma condição de se oporem a ter suas vidas e intimidade devassadas. Naturalmente, os homossexuais masculinos da classe média ou da burguesia do Brasil sempre puderam escapar do cerco policial e médico implacável que foi armado, durante quase todo o século XX, buscando classificá-los e condená-los.<sup>144</sup>

Após o ano de 1940 os escritos médicos acerca da homossexualidade foram reduzidos, isto devido ao fato dos médicos brasileiros se pautarem nas teorias européias e como a Europa estava em guerra não dispunham de novas informações sobre o tema. Além disso, as teorias eugênicas passaram a ser utilizadas pelo nazismo e as terapias que pregavam a cura da sodomia não surtiram os efeitos desejados. A medicina e a psiquiatria parecem ter perdido seu poder sobre a sexualidade depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente, após os resultados das pesquisas realizadas por W. Reich e A. Kinsey. Mesmo na atualidade o senso comum sobre a homossexualidade acha-se ainda bastante influenciado pelas idéias desse período.<sup>145</sup>

Percebemos que a construção social da homossexualidade como doença/crime/desvio de conduta e perversão moral impôs severas restrições à cidadania dos homossexuais. Os mesmos eram obrigados a silenciar forçadamente sua orientação sexual vivendo na clandestinidade. Os homossexuais que ousassem afirmar sua sexualidade no espaço

---

<sup>143</sup> FRY, Peter. *Op. cit.*, p. 69.

<sup>144</sup> GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: Fontes sobre a Homossexualidade Masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro : José Olímpio, 2006, p. 18.

<sup>145</sup> GREEN, James N. *Op. cit.*, p. 235-238.

público seriam punidos com as sanções penais relatadas anteriormente. Que direitos possuíssem se foram considerados loucos e criminosos se para ser cidadão era necessário que o indivíduo fosse dotado de razão. Dessa forma, como os homossexuais exerceriam sua cidadania?

Entretanto, no final dos anos de 1960, ocorreram significativas transformações sociais e políticas para as chamadas minorias. Elas se organizaram em movimentos sociais para lutarem pela efetivação da plena cidadania. O movimento feminista questionou a dominação masculina, a divisão sexual do trabalho. Os negros nos Estados Unidos contestaram a segregação étnica que limitava seus direitos. O movimento gay lutou pela descriminalização da homossexualidade, pela retirada da mesma da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde e pela efetivação da cidadania homossexual. O movimento homossexual questionou os privilégios dos heterossexuais, como o casamento e a definição jurídica e social de família que considerava apenas relações afetivas entre homens e mulheres. Solicitaram políticas públicas para combater a violência física e simbólica de que são vítimas os homossexuais.

Dessa forma, verificamos que mesmo com a luta do movimento gay não foi garantida a plena efetivação da cidadania homossexual. Essa minoria, ainda é vítima de múltiplas formas de violências simbólicas e físicas. Um exemplo disso é o Código Penal Militar em seu artigo 235 que prevê punição para as práticas 'libidinosas', homossexuais ou não, em dependências militares. O artigo continha a palavra pederastia que foi retirada pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), da Câmara dos Deputados, que aprovou, em agosto de 2005, o Projeto de Lei 2773/00, do deputado Alceste Almeida (PMDB-RR), que exclui a referência à pederastia no aludido artigo do Código Penal Militar.<sup>146</sup>

O conservadorismo do Exército Brasileiro pode ser verificado no caso dos sargentos Laci Marinho de Araújo e Fernando de Alcântara Figueiredo que assumiram publicamente seu relacionamento de 10 anos em um programa de TV no dia 05 junho do ano de 2008. Nessa ocasião a referida emissora de TV foi cercada por soldados do exército que prenderam o Sargento Laci Marinho de Araújo, acusado de deserção por não comparecer ao trabalho, sendo punido com pena de detenção. Somente no dia 30 de julho o Supremo Tribunal Federal concedeu hábeas corpus ao sargento. Na semana seguinte da prisão do sargento Laci (4 de junho de 2008), o seu companheiro Figueiredo também foi preso pelo mesmo motivo:

---

<sup>146</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. *Homossexualidade nos quartéis: iniciando o debate no Brasil in Sexualidade, Gênero e Sociedade*. Ano X, n.19, setembro de 2003.

deserção. Na seqüência, este último, pediu seu desligamento do exército. Entretanto, no dia 19 de agosto, o sargento Laci M. Araújo foi acusado de indisciplina. Segundo o Exército o sargento Araújo teria viajado sem autorização em dezembro de 2007 ao Rio Grande do Norte (nessa época, ele estaria de licença médica). No dia 20 de agosto de 2008 o Sargento Laci M. Araújo requereu ao Exército o pedido de inclusão do seu companheiro, Fernando A. Figueiredo, como dependente no plano de saúde. O sargento Laci então foi condenado por deserção com pena de seis meses de prisão, em julgamento, ocorrido no dia 25 de setembro, no STM – Superior Tribunal Militar -. Este último foi composto por quatro militares e um civil: a juíza Zilá Petterson que presidiu o julgamento. Foi dela o único voto favorável ao sargento Araújo. No dia 08 de outubro de 2008 ele encaminhou seu pedido de desligamento do exército. No entanto, no dia 16 de outubro de 2008, o pedido foi negado pelo Supremo Tribunal Militar sob alegação de que o sargento Araújo possuía pendências com a instituição.<sup>147</sup> Para Luiz Mott as Forças Armadas são os guardiões do conservadorismo e da homofobia:

É contudo nas Forças Armadas onde o machismo antigay manifesta-se com maior virulência. Quando recentemente nos EUA se discutiu a alteração da pragmática em relação ao direito de os homossexuais militares poderem *sair da gaveta*, nosso porta-voz militar declarou na televisão: *Nem daqui a um século o Exército Brasileiro aceitará homossexuais*.<sup>148</sup>

Hoje, há quatro projetos de lei prontos para votação em plenário e mais 22 projetos de lei e outras proposições em tramitação que tratam especificamente de questões voltadas para efetivação da cidadania GLBTT.<sup>149</sup> Algumas delas existem há mais de 10 anos. Os quatro projetos de lei prontos para votação são: o projeto lei 70/95 (Dep. José Coimbra - PTB-SP) dispõe sobre intervenções cirúrgicas que visem à alteração de sexo e dá outras providências; projeto lei 1151/95 (Dep. Marta Suplicy - PT-SP) disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências; projeto lei 287/03 (Dep. Laura Carneiro - PFL-RJ) dispõe sobre o crime de rejeição de doadores de sangue resultante de preconceito por orientação sexual; projeto lei 5003/01 (Dep. Iara Bernardi - PT-SP) determina sanções às práticas discriminatórias em razão da orientação sexual das pessoas.

---

<sup>147</sup> As fontes dessas informações foram do Jornal Globo on-line e Folha de São Paulo on-line e da Revista Época no período de 05 de junho de 2008 a 08 de outubro de 2008.

<sup>148</sup> MOTT, Luiz. *Os homossexuais: as vítimas principais da violência* in VELHO, Gilberto et al (org.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1996, p. 110.

<sup>149</sup> Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Dessa forma os homossexuais brasileiros, ainda, tem seus direitos sociais e civis tolhidos, por não poderem demonstrar sua orientação sexual em público, sobretudo no local de trabalho. Aqueles que convivem com seus companheiros não têm sua união reconhecida pelo Estado e tão pouco são reconhecidos como família. Não podem deixar herança para seus companheiros. Não podem decidir o melhor tratamento médico caso seu companheiro esteja enfermo e não podem demonstrar afeto em público. A sexualidade dessas pessoas é desvalorizada culturalmente estando elas sujeitas à vergonha, molestação, discriminação e violência. Seus direitos legais lhes são negados, bem como a proteção igual. Seus direitos sociais são também limitados, podendo ser sumariamente despedidos do trabalho assalariado por tornar pública sua orientação sexual.

O projeto de união civil tem por objetivo proporcionar aos homossexuais uma cidadania mais plena, garantindo o direito de herança, de migração, benefícios como os de usufruir de um plano de saúde e ainda outros ligados à previdência social. Entretanto, a união estável entre pessoas do mesmo sexo pode ser interpretada como uma tentativa de incorporar as reivindicações dos militantes dentro de uma tradição democrática liberal. Ou seja, a união civil entre pessoas do mesmo sexo cria uma nova categoria de 'estado civil' para os homossexuais, e conseqüentemente uma concepção de família paralela à família nuclear heterossexual que passaria a ter seu privilégio pautado no status simbólico e religioso. É preciso estar atento às implicações dos projetos de lei de união estável entre pessoas do mesmo sexo existentes hoje no Brasil. Tais projetos restringem esse direito apenas àqueles homossexuais que desejam ter uma união civil duradoura, pautada no modelo de família heterossexual nuclear e monogâmica. Para Ana Paula Uziel, Márcia Arán e Patrick Larvie a proposta atual de união civil não significa uma ruptura com a heteronormatividade. Para Larvie isto se explica pelo fato do projeto de lei de união estável:

promover um sistema em que o acesso a certos direitos e privilégios é mediado pela participação em uma das uniões definidas e reguladas pelo Estado, a proposta de parceria civil não representa uma ameaça grave à heteronormatividade. Pelo contrário, o projeto abre caminho para a criação de duas novas tipologias de não-heterossexuais. A primeira é a do homossexual-cidadão, que acredita e participa na instituição da família tal como continua a ser definida pelo Estado. A segunda é uma tipologia residual de 'outros sexuais', incluindo todos os não-aderentes ao modelo de união estável, claramente inspirado na família nuclear heterossexual.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> LARVIE, Patrick. *Sexualidade e direitos de cidadania* in *Sexualidade Gênero e Sociedade*. Ano IV, n. 11, julho de 1999.

Isso reflete o caráter autoritário do Estado brasileiro como regulador da cidadania. Essa constatação foi bem discutida anteriormente em que demonstrei a singularidade da história da cidadania no Brasil. Entretanto, a proposta de união civil entre pessoas do mesmo sexo tem implicações sobre a norma heterossexista, pois a parceria civil entre homossexuais reconhecida pelo Estado significaria estabelecer que qualquer tipo de discriminação contra homossexuais é ilegítima. Para, Ana Paula Uziel, a polêmica em torno da aprovação, do projeto de lei 1.151 denominado parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo, se dá pelo fato do Estado reconhecer legalmente tais uniões, isto porque a homossexualidade, ainda, é considerada uma aberração pelos setores conservadores da sociedade brasileira. Uziel demonstra a ambigüidade deste projeto ao questionar sobre o que ele legislaria, pois não se *trata de casamento, tampouco se refere simplesmente a um contrato de sociedade. Talvez por esse motivo seja possível encontrar, na forma como ele está disposto, uma ambigüidade quanto ao caráter da parceria.*<sup>151</sup> A autora, ainda, faz pertinentes indagações sobre a possível aprovação do projeto de lei:

Se o projeto vier a ser aprovado, a que tipo de pessoas e circunstâncias ele finalmente atenderia? Os benefícios da legislação são claros: direito a bens, à previdência e à permanência no país, no caso de estrangeiros. E quando as situações não são essas, seria interessante legalizar a união? O estatuto legal pode significar menos preconceito? Quando a união de fato já existe, com o ônus e bônus a que está sujeita, por que registrar? (...) O fato de haver união civil entre pessoas do mesmo sexo implicaria a polêmica questão de maior controle do Estado?<sup>152</sup>

O referido projeto de lei entrou e saiu de votação cinco vezes até dezembro de 1997, desde a sua criação em 1995, tendo sido retirado, estrategicamente, da pauta de votação pela Comissão Especial, após tomar conhecimento das manobras políticas dos setores conservadores religiosos que levariam à derrota do projeto.

Em 2008 foi aprovado o projeto de lei 547/08 que regulamenta o processo de adoção, no Brasil, impossibilitando a adoção de crianças por casais homossexuais. Utilizou-se como argumento o fato da união civil entre pessoas do mesmo sexo não ser reconhecida no Brasil, não havendo, portanto como criar normas para adoção de crianças por casais homossexuais.

---

<sup>151</sup> UZIEL, Ana Paula. *Reflexões sobre a parceria civil registrada no Brasil* in *Sexualidade Gênero e Sociedade*. Ano IV, n. 11, julho de 1999, p. 09.

<sup>152</sup> UZIEL, Ana Paula. *Op. cit.*, p. 11.

No ano de 2003, foi criado o projeto de lei 717/2003 que tramitou na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e que pretendia implantar um programa de auxílio às pessoas que desejavam ‘mudar’ sua orientação sexual ‘da homossexualidade para a heterossexualidade’ de autoria do Deputado Estadual Édino da Fonseca. Esse fato demonstra a vulnerabilidade da cidadania homossexual, e mostra que o discurso moral e religioso, tanto dos evangélicos como dos católicos permeia o poder político e o legislativo, através de seus líderes. Tais discursos têm implicações diretas sobre a vida privada e a intimidade dos homossexuais. O movimento homossexual do Rio de Janeiro, e do país reagiu realizando diversas manifestações para que o referido projeto fosse retirado da pauta de votação, argumentando que o Estado também deveria criar um programa que auxiliasse os homossexuais que ainda não tinham publicizado sua orientação sexual.

Cabe destacar que o Estado brasileiro já começa a garantir alguns direitos sociais aos homossexuais, como por exemplo, a possibilidade do direito à pensão após a morte do companheiro garantida pela Previdência Social em alguns estados e municípios.

Percebemos que o próprio Estado exerce a violência contra aos homossexuais. Verificamos esse fato na pesquisa que realizamos e em que buscamos analisar a questão da violência contra homossexuais e a atuação da justiça. Para tanto utilizamos três processos criminais referentes aos assassinatos de um médico, de um padre e de um jornalista. As vítimas eram pessoas de destacada posição social em Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro, tendo essas mortes obtido uma grande repercussão na mídia local. Nosso trabalho identificou as diversas manifestações de homofobia. Pudemos constatar brutais manifestações de violência física e simbólica contra as vítimas, em função de sua homossexualidade. Nos citados processos observamos a existência de um discurso no campo do Direito Penal sobre a homossexualidade, eivado de violência simbólica e que tendia a reafirmar a percepção da homossexualidade como doença e pecado.<sup>153</sup>

Os avanços obtidos pelos homossexuais, principalmente nos países desenvolvidos, foram fruto da luta por direitos, embora tais direitos ainda sejam constantemente questionados pelos setores conservadores. No Brasil os homossexuais ainda lutam por seus direitos e são

---

<sup>153</sup> BILA, Fabio Pessanha. *O médico, o padre e o jornalista: mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes*. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006, p. 35.

vulneráveis às diversas formas de violência. A aparente liberdade de expressão sexual transmitida pelo carnaval esconde uma faceta ambígua da sociedade brasileira.

O carnaval é uma das expressões populares com maior destaque no Brasil, sendo o símbolo cultural brasileiro mais divulgado no exterior. Essa festa transmite aos turistas a visão de um país onde as relações sexuais e raciais são democráticas. No carnaval os homens se travestem de mulheres e os homossexuais são destaques nos desfiles carnavalescos. A imagem divulgada é a de que ‘não existe pecado ao sul do Equador’. No entanto, este mito mascara uma realidade violenta. No Brasil, segundo dados do Grupo Gay da Bahia para 2002 foram assassinados 126 homossexuais.<sup>154</sup>

A violência de que são vítimas os homossexuais, constitui um poderoso limite à sua cidadania. Segundo Luiz Mott nosso país possui a maior estatística de assassinatos contra gays, lésbicas, travestis e transexuais como relata:

Nos Estados Unidos, com uma população de 250 milhões de habitantes, entre 1992 e 1994, foram assassinados 151 homossexuais: no Brasil, com uma população de 150 milhões de habitantes, no mesmo período, mais de 180 gays e lésbicas foram assassinados, número que deve ser ainda muito maior, dada a precariedade de nossas estatísticas criminais.<sup>155</sup>

Mesmo que homossexuais, travestis e transexuais sejam destaques sociais e admirados nacionalmente tais como Clodovil, Rogéria e Roberta Close, nenhuma família quer ter um homossexual no seu seio. Qualquer comportamento que fuja ao modelo viril é fortemente tolhido. A admiração da homossexualidade se limita ao outro, jamais a membros da própria família. A homofobia da sociedade brasileira destoa da representação publicizada no carnaval.

Segundo Copetti e Neto a violência contra os homossexuais vem sendo praticada desde o Brasil Colônia. Mesmo hoje, após a luta das minorias sociais, por direitos, nas últimas décadas do século XX, eles continuam sendo vitimados. Os vitimizadores pertencem a diferentes segmentos sociais. Alguns policiais se utilizam do seu poder para prender travestis e homossexuais, com o intuito de espancá-los, ou de explorar sua força de trabalho exigindo que façam faxina nas instalações da delegacia como punição. Os autores enfatizam a responsabilidade das instituições estatais que não se empenham em elaborar políticas públicas

---

<sup>154</sup> GREEN, James N. *Op. cit.*, p. 329.

<sup>155</sup> MOTT, Luiz. *Op. cit.*, p. 101.

que busquem assegurar e ampliar os direitos dos homossexuais que são vítimas de múltiplas violências, pelo fato de sua sexualidade ser estigmatizada e vista como “anormal”.<sup>156 157</sup>

O livro publicado pelo movimento Gay da Bahia em 2002 intitulado *Matei porque odeio gay*<sup>158</sup> buscou expor aos estudiosos e militantes do movimento de gays, lésbicas, travestis e transexuais as múltiplas formas de violência cometidas contra essas minorias. A partir do final do ano de 1980 o índice de crimes contra homossexuais, transexuais e travestis aumentou em cinquenta por cento (50%), se agravando na década seguinte. Isto se deve a maior visibilidade do movimento homossexual, alia-se a isso, a vinculação entre AIDS e homossexualidade.<sup>159</sup>

Outra forma de violência, praticada em grande escala, são as discriminações, humilhações e violações dos direitos humanos que são realizadas por políticos, pela mídia, pelo Estado, pelas Igrejas, por donos de estabelecimentos comerciais, por sites da internet dentre outros. Podemos resumir as múltiplas formas de violência e violações dos direitos humanos contra gays, lésbicas, travestis e transexuais expondo dados, coletados pelo Grupo Gay da Bahia, referente ao ano de 2002:

(...) 116 episódios de violação homofóbica, incluindo 9 casos de agressões e torturas, 8 de ameaças e golpes, 42 registros de discriminação em órgãos e por autoridades governamentais e políticos, 8 de discriminação econômica, contra a livre movimentação, privacidade e trabalho, 27 casos de discriminação religiosa, familiar, escolar e científica, 24 difamações e discriminações na mídia, 12 insultos e casos de preconceito anti-homossexual, 12 manifestações de lesbofobia e 20 de travestifobia.<sup>160</sup>

A própria violência simbólica se inscreve na forma como autoridades e personalidades do Brasil se expressam, demonstrando que a intolerância à diversidade sexual e a homofobia estão longe de acabar. Luiz Mott relata também depoimentos homofóbicos de políticos e personalidades de nosso país, como no exemplo abaixo:

A proposta de liberar o estacionamento do Parque do Ibirapuera para local de paquera gay é ridícula. Se a Prefeita Marta Suplicy quer um lugar para colocar a bicharada, que a coloque em um zoológico! (Deputado Estadual Daniel Martins, PPB/SP).<sup>161</sup>

<sup>156</sup> COPETTI, Álvaro Danúbio. *A Vitimização de Homossexuais: as Minorias Homossexuais como Vítima de Crimes no Brasil* in KOSOVSKI, Ester (org.). *Vitimologia Enfoque Interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Reproarte, 1993, p 79-80.

<sup>157</sup> NETO, Luiz Mello de Almeida. *Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Vol.04, n.01 (2º sem. 2003), Niterói : EDUFF, 2003.

<sup>158</sup> Justificativa de um crime contra um homossexual.

<sup>159</sup> MOTT, Luiz *et al.* *Matei porque odeio Gay*. Salvador : Grupo Gay da Bahia, 2003, p. 81.

<sup>160</sup> MOTT, Luiz *et al.* *Op. cit.*, p. 81.

<sup>161</sup> Idem, *ibidem*, p. 11-13.

Essa declaração constitui uma forma de zombaria que tem por objetivo ridicularizar o movimento gay. Tal fala é internalizada pelos homossexuais que passam a considerar sua sexualidade anormal impedindo que ela seja publicizada. Assim, as brincadeiras e chacotas do cotidiano exercem uma forma de poder que ridicularizam e imobilizam os homossexuais. Luiz Mott ressalta, ainda, que:

Além de insultados, tolhidos em seus direitos de cidadania, censurados, expulsos ou impedidos de entrar em certos recintos, barrados até nas praças públicas, os homossexuais são vítimas de todos os tipos de violência física: no recesso do lar, quando adolescentes, sofrem surras e castigos cruéis; nas ruas, são agredidos tanto por transeuntes machistas quanto por policiais preconceituosos.<sup>162</sup>

Embora 73 municípios e dois Estados possuam leis que proíbem a discriminação baseada na orientação sexual, infelizmente, essa legislação, muita das vezes, na prática não é aplicada. Luiz Mott exemplificou tal fato relatando que o principal jornal do norte e nordeste do país publicou por duas vezes a seguinte mensagem: *Mantenha Salvador Limpa, mate uma bicha por dia.*<sup>163</sup>

Mesmo nas universidades brasileiras os homossexuais são vítimas de discriminação. No dia 28 de outubro de 2008 dois estudantes do curso de Letras da Universidade de São Paulo foram expulsos de uma festa porque se beijaram em público. Uma manifestação foi organizada, no dia 31 de outubro, denominada *Beijaço*, com o beijo coletivo de homossexuais, em frente ao Centro Acadêmico do curso de Medicina Veterinária, onde ocorreu o episódio. O casal registrou queixa por constrangimento ilegal e lesão corporal na Decradi, a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. Um inquérito foi aberto e, segundo a Secretaria da Segurança Pública, o caso será investigado. Uma outra manifestação denominada de *Beijaço* foi realizada no dia 12 de novembro de 2008 em frente à Reitoria desta Universidade, nesta ocasião os estudantes solicitaram mediadas contra a homofobia na Universidade.<sup>164</sup>

Diante de tal cenário, descrito acima, observamos que a cidadania homossexual possui restrições nos direitos civis, humanos e sociais. Esses direitos para os homossexuais ainda são temas considerados emergentes na sociedade brasileira. Segundo dados do Grupo

---

<sup>162</sup> MOTT, Luiz. *Os homossexuais: as vítimas principais da violência* in VELHO, Gilberto *et al* (org.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 117.

<sup>163</sup> MOTT, Luiz. *Op. cit.*, p. 102

<sup>164</sup> GALVÃO, Vinicius Queiroz. *USP terá "beijaço" após casal gay ser expulso de festa* in website <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u462107.shtml>, visitado em 08/11/2008.

*Gay* da Bahia de 1980 a 2005 foram assassinados 2511 homossexuais, (incluindo *gays*, lésbicas, travestis e transexuais). Assim, discutir a temática da cidadania homossexual é de grande relevância para nosso país uma vez que a condição de homossexual por si só coloca em risco a vida dessa minoria.

### CAPÍTULO III: GÊNERO, MASCULINIDADES E HOMOFOBIA.

Com o desdobramento do movimento feminista nos anos de 1960, muitas intelectuais norte-americanas e francesas reivindicaram uma história que fosse própria das mulheres. Michelle Perrot a esse propósito observa que as mulheres são geralmente excluídas dela.<sup>165</sup> O movimento feminista possibilitou a formação de um campo de estudo na História, denominado de história das mulheres.<sup>166</sup> A idéia principal desses estudos era demonstrar que a história universal excluiu as mulheres da sua narrativa e restringiu seu objeto de estudo, apenas, ao homem branco. Com a história das mulheres as feministas tinham como objetivo incluir as mulheres na historiografia tradicional, proporcionar evidências e explicações sobre as ações e experiências das mulheres no passado, como ressalta, Perrot:

(...) a pesquisa feminina recente por vezes contribui para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua 'cultura' e a existência dos seus poderes.<sup>167</sup>

Os estudos desenvolvidos pelas feministas ganharam visibilidade e influência na academia, com publicação de artigos, livros e a realização de conferências internacionais. Isto levou os historiadores tradicionais a considerarem os estudos das historiadoras ideológicos e parciais. Scott ressaltou que, embora, essas acusações tenham sido imputadas às feministas, os estudos acadêmicos, desenvolvidos por elas preservavam os cânones científicos da época. Mas, ao mesmo tempo, elas não deixaram de questionar as bases do pensamento historiográfico e o próprio pensamento científico:

Ao mesmo tempo, no entanto, desafiavam e subvertiam aquelas regras, questionando a constituição da disciplina e as condições de sua produção de conhecimento. Sua presença contestava a natureza e os efeitos de um corpo uniforme e inviolável de padrões profissionais e de uma única figura (o homem branco) para representar o historiador.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres o poder e a história* in PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo : Paz e Terra, 1992, p. 185.

<sup>166</sup> SCOTT, Joan. *História das mulheres* in BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

<sup>167</sup> PERROT, Michelle. *Op. cit.*, p. 169-170.

<sup>168</sup> SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 74.

As pesquisas feministas criticaram, ainda, os padrões e definições estabelecidos para o profissional da história:

Que padrões, que definições de 'profissionalismo' estão em voga? Que consenso representam? Como se chegou ao consenso? Que outros pontos de vistas foram excluídos ou suprimidos? Que perspectiva determina o que se considera como sendo uma boa história ou, para aquela questão, como história?<sup>169</sup>

A história das mulheres significou, segundo Scott, uma transformação na historiografia tradicional, pois questionou a pretensa neutralidade e imparcialidade dos estudos realizados pelos historiadores. Os estudos no campo da história das mulheres evidenciaram que o objeto da historiografia se limitou a explicar e analisar os homens brancos, que sob o lema do homem universal alegava dar conta da história da humanidade. Para as historiadoras, reivindicar um campo de estudo próprio na disciplina significou contrapor a uma ordem de definições históricas e de suas explicações já estabelecidas como 'verdadeiras' dos acontecimentos do passado. Segundo Perrot as feministas possuíam: *Um desejo análogo de inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana, sustentou o esforço das historiadoras nesses últimos anos.*<sup>170</sup> Isso pressupôs lutar contra padrões legitimados e consolidados e não questionados por outros pontos de vista. Para Scott, a história das mulheres é pensada como:

a ameaça radical colocada pela história das mulheres situa-se exatamente neste tipo de desafio à história estabelecida; as mulheres não podem ser adicionadas sem uma remodelação fundamental dos termos, padrões e suposições daquilo que passou para a história objetiva, neutra e universal no passado, porque essa visão da história incluía em sua própria definição de si mesma a exclusão das mulheres.<sup>171</sup>

Segundo Scott, todo conhecimento científico é político. Não sendo possível escrever uma história imparcial ou neutra. As feministas questionavam se algum dia poderia haver avaliações imparciais do saber e, buscavam reconhecimento enquanto intelectuais. Para isso, não rejeitavam o saber e o conhecimento como base fundamental de uma profissão. Nos estudos desenvolvidos pelas historiadoras feministas eram empregadas as normas acadêmicas como adequação lingüística, exatidão, evidência e investigação. Isso tornava possível a

---

<sup>169</sup> SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 74.

<sup>170</sup> PERROT, Michelle. *Op. cit.*, p. 171.

<sup>171</sup> Idem, *ibidem*, p. 90.

comunicação entre as historiadoras e os historiadores, o que conferia legitimidade às pesquisas realizadas pelas feministas.

A história das mulheres pluralizou o objeto de estudos da História. Possibilitou que novos grupos sociais fossem sujeitos históricos como camponeses, operários, escravos, negros, homossexuais dentre outros, que reivindicaram a importância e a legitimidade desses novos estudos. Dessa forma, Scott, destacou que a História das Mulheres:

atingiu uma certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres. Isso teve o duplo efeito de assegurar um local para a história das mulheres na disciplina e afirmando sua diferença da 'história'. A história das mulheres foi tolerada (em parte porque a pressão de historiadoras e estudantes feministas tornou-a digna de ser tolerada) por pluralistas liberais que estavam desejando obter credenciais para o interesse histórico de muitos tópicos; mas permaneceu fora das preocupações dominantes da disciplina, seu desafio subversivo aparentemente contido em uma esfera separada.<sup>172</sup>

Como ressaltou Scott, a posição que o campo de estudo da história das mulheres ocupou na disciplina história foi suplementar, o que possibilitava um questionamento da legitimidade desses estudos. Isso gerava a percepção desses estudos como indeterminados e passíveis de terem sua legitimidade desestabilizada. Tal fato levava as historiadoras das mulheres a manterem a vigilância face ao poder dos historiadores tradicionais. Estes últimos, sempre buscavam relegá-las a posições inferiores e questionavam os trabalhos desenvolvidos nesse campo, pois argumentavam que os estudos sobre a história das mulheres não poderiam ser qualificados como história. Dessa forma, os estudos desenvolvidos no campo da história das mulheres é político, como ressaltou Scott:

Suas vidas profissionais e seu trabalho são, por isso, necessariamente políticos. No final, não há jeito de se evitar a política – as relações de poder, os sistemas de convicção e prática – do conhecimento e dos processos que o produzem; por essa razão, a história das mulheres é um campo inevitavelmente político.<sup>173</sup>

Com o aprofundamento das análises realizadas pelas feministas surgiu a proposta de elaborar uma teoria feminista. Joan Scott argumentou, que era necessário que as historiadoras formulassem conceitos próprios e que retirassem a História das Mulheres do domínio da História Social, que era marcada pelo determinismo econômico da teoria marxista. Como forma de ultrapassar, esse patamar, a autora sugeria uma epistemologia mais radical baseada na

---

<sup>172</sup> PERROT, Michelle. *Op. cit.*, p. 84.

<sup>173</sup> Idem, *ibidem*, p. 95.

proposta do pós-estruturalismo, em particular, associado às idéias de Michel Foucault e Jacques Derrida como capazes de fornecer ao feminismo uma perspectiva analítica poderosa para explicar e analisar a hierarquia entre homens e mulheres. Possibilitaria, ainda, entender os mecanismos que as instituições sociais engendram para produzirem e reproduzirem a hierarquia entre os gêneros.

Nessa perspectiva, Scott propôs a utilização da categoria analítica de estudo de gênero. Argumentou que tal categoria possibilita pensar as articulações nas estruturas de poder que constroem os papéis sociais, para o masculino e feminino, imbricando-os a outras esferas da realidade social como classe, etnia e sexualidade. Scott ressaltou que é necessário pensar o masculino e o feminino de forma relacional e não antagônica. Ao utilizar a categoria analítica de gênero novas questões foram colocadas para a história das mulheres, uma vez, que ao relacionar classe, etnia e sexualidade se verificou que não há apenas uma identidade coletiva de mulher, mas sim de mulheres. Foi necessário pensar de que forma as diferenças de classe, etnia e sexualidade afetam as experiências das mulheres e os interesses específicos de cada grupo social de mulheres.

Entretanto, Rachel Soihet, relatou as dificuldades enfrentadas por ela ao decidir realizar uma pesquisa no campo de estudo da história das mulheres, no Brasil, na década de 1970. Dentre os problemas enfrentados, a autora, destacou o isolamento intelectual, as dificuldades de orientação e a falta de definição teórica e metodológica. Na época, o mais conhecido estudo no campo da história das mulheres, no Brasil, foi desenvolvido por Heleieth Saffiot intitulado, *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*, que constituiu-se em importante fonte de reflexões para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado no Programa de pós-graduação em História na UFF, na década de 1970.<sup>174</sup>

Dessa forma, no Brasil, os estudos ligados ao campo da história das mulheres tiveram início na década de 1970 e posteriormente foram sendo, lentamente, difundidos nas universidades brasileiras. As principais pesquisas desenvolvidas no país, nessa temática, tinham como objetivos reintegrar as mulheres à história. Entretanto, os estudos priorizaram, naquela época, a temática do trabalho feminino, em específico, o trabalho nas fábricas.

---

<sup>174</sup> SOIHET, Rachel. *História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades...* n.11, 1998, p. 77-87.

Nos anos de 1980 os estudos que versavam sobre as mulheres apresentavam variadas abordagens, de distintas correntes de interpretação, que possibilitaram diferentes análises da questão feminina no Brasil. Essas pesquisas recuperaram as lutas femininas no processo histórico como sujeitos ativos. Tais estudos descortinaram as imagens das mulheres como passivas, ociosas e confinadas ao espaço doméstico. Entretanto, com o aprofundamento das questões levantadas a partir das reflexões dos estudos feministas as historiadoras perceberam que não bastava incorporar as mulheres nas grandes narrativas históricas, mas pensar o feminino e o masculino de maneira relacional.<sup>175</sup>

Para uma análise relacional das relações entre homens e mulheres foi incorporada, nos anos de 1990, no Brasil, a categoria de análise de gênero que era utilizada desde os anos de 1980 nos Estados Unidos. Segundo Margareth Rago, houve muita dificuldade para as sociólogas, antropólogas e historiadoras incorporarem a categoria de gênero em seus estudos. Como ressaltou a autora: *da história das mulheres passamos repentinamente a falar na categoria do gênero, entre as décadas de 1980 e 1990.*<sup>176</sup> Segundo a autora ela ouviu falar, pela primeira vez, das discussões em torno das relações de gênero, em julho de 1990, quando participou de um encontro feminista em Nova York e relata:

o gênero, categoria que trazia muito desconforto para todas nós pelo desconhecimento que a cercava. Afinal estávamos acostumadas, principalmente as historiadoras e sociólogas, a lidar com conceitos acabados como classe, informados por todo um sistema de pensamento extremamente articulado e, nesse contexto, o gênero aparecia solto, meio que caído do Norte para nos explicar a nós mesmas.<sup>177</sup>

Dessa forma, no Brasil, após os anos de 1990 os estudos focados nas mulheres foram sendo substituídos pelos estudos que utilizavam as análises de gênero e foram difundidos, lentamente, nas universidades brasileiras. Cabe destacar que o conceito de gênero é de origem norte americana e adotada pelas/os pesquisadoras/as brasileiras/as. Na França, no entanto, os estudos que tratam das desigualdades entre homens e mulheres são denominados de *rappports sociaux de sexe* (relações sociais de sexo) ao invés de *gendre*. Entretanto, as feministas ortodoxas relutaram em utilizar a categoria de análise de gênero como observou Rago:

---

<sup>175</sup> MATOS, Maria Izilda S. de. *Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades...* n.11, 1998.

<sup>176</sup> RAGO, Margareth. *Descobrimo historicamente o gênero* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades...* n.11, 1998, p. 91.

<sup>177</sup> RAGO, Margareth. *Op. cit.*, p. 90.

As feministas ortodoxas, que relutavam em aceitar a reviravolta epistemológica por deslocar o foco do ‘sujeito mulher’ para a análise das relações de gênero, questionavam o embaralhamento das identidades sexuais, apontando para a importância de se preservar a identidade feminina como forma de reforçar a agenda pública feminista e encaminhar as lutas políticas atuais.<sup>178</sup>

A categoria de gênero permitiu estudar o masculino e o feminino de maneira relacional. Os estudos de gênero elaboraram explicações mais enriquecedoras sobre as desigualdades entre os sexos. Para compreendermos a relação de dominação masculina é preciso que a entendamos como uma relação não-acabada, que não se repete identicamente, feito um bloco monolítico, onde tudo está dado. Entretanto, não podemos deslocar os estudos que propõem a análise ampla ou de um determinado campo específico, ou de interação particular, do quadro teórico global que visa entender as relações de dominação de gênero.

Sobre os estudos que privilegiam as masculinidades, Marlise Almeida, advertiu que a utilização das definições conceituais de “masculinidade hegemônica” e “masculinidade subordinada/subalterna” são problemáticas dos estudos que se propõem a discutir o tema da masculinidade. Tais definições não abarcam a amplitude das relações de gênero. O conceito de hegemonia gramsciano, embora sofisticado, está ancorado na teoria marxista, que empobrece e diminui a autonomia dos estudos de gênero. Neste sentido, as relações de gênero seriam compreendidas e analisadas a partir da dinâmica de classes sociais em detrimento da dinâmica própria das relações de gênero.<sup>179</sup>

A utilização do conceito de hegemonia se faz desnecessária nas relações intragênero e de gênero. Para a autora, o uso de tal conceito vai refletir, justamente, aquilo que não mudou nessas relações, além de dar a percepção de que há uma disputa por hegemonia nessas mesmas relações, o que destoaria dos objetivos dos movimentos feministas e de homossexuais (masculinos e femininos) negros e outras minorias que lutam por igualdade e respeito às diferenças. Desta forma, as análises de gênero devem levar em consideração o caráter plural, multiforme, híbrido, complexo e radicalmente cambiante das relações intragênero e de gênero. Os estudos acerca da masculinidade devem atentar para as múltiplas masculinidades, para os modelos alternativos à masculinidade tradicional, embora, muitos deles insistam em petrificá-la. Essas masculinidades

---

<sup>178</sup> RAGO, Margareth. *Op. cit.*, p. 92.

<sup>179</sup> ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. *Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar* in PUPIN, Andréa Brandão et al. *Mulher, Gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

alternativas, segunda a autora, ganham legitimidade, dentro das possibilidades singulares de cada cultura, na modernidade tardia.<sup>180</sup>

A questão da dominação masculina se tornou desde o início da década de 1980, bastante evidente no campo das Ciências Sociais nos Estados Unidos e na Europa. Muitos sociólogos utilizam as análises de gênero, hoje em dia, para descrever o social de maneira mais explicativa. João Bosco Hora Góis ressalta a falta de legitimidade que os estudos de gênero enfrentam nos meios acadêmicos brasileiros, permanecendo à margem do campo científico. João Bosco salienta, a incompreensão da amplitude do campo de pesquisas de gênero, que apenas tem abarcado os estudos relacionados às mulheres e aos homens heterossexuais. As investigações que versam sobre as outras sexualidades raramente empregam o vocábulo gênero. Os estudos que utilizam a categoria de análise de gênero, que em sua grande maioria são feitos por mulheres, limitam-se, a dedicar notas de rodapé aos homossexuais masculinos e femininos, travestis, transexuais, dentre outros.<sup>181</sup> Entretanto, desde 1981, Luiz Mott, conseguiu aprovar, mediante alguns protestos, sete moções contra a discriminação dos homossexuais no meio acadêmico. Reivindicou também a legitimidade dos estudos que versavam sobre a homossexualidade em importantes associações científicas: na SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), na ABA (Associação Brasileira de Antropologia), ANPOSC (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), na ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), ABP (Associação Brasileira de Psicologia).<sup>182</sup>

Uma outra hipótese para explicar o cenário exposto, e mais totalizante, se refere à política de formação de 'campos científicos' na concepção que este assume em Pierre Bourdieu. Para esse autor a formação de campos científicos legítimos, ultrapassa o domínio intelectual. Nesta formação estão em questão interesses pessoais e coletivos que acarretam perdas e ganhos econômicos, simbólicos, políticos e de reconhecimento. O campo de pesquisa homossexual não escapa a essa caracterização. Nota-se isto, por exemplo, na *(re)denominação* do próprio campo da homocultura que se apresenta como nova, em detrimento de homossexualidade que fora a primeira nomenclatura a ser utilizada para denominar este campo

---

<sup>180</sup> ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. *Op. cit.*, p. 23-33

<sup>181</sup> GOIS, João Bôscio Hora. *Desencontros: As relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Vol.04, n.1 (2º sem. 2003), Niterói : EDUFF, 2003.

<sup>182</sup> MOTT, Luiz. *Antropologia, teoria sexualidade e direitos humanos dos homossexuais* in *Bagoas Estudos Gays, Gênero e Sexualidades*. Natal : EDUFRN, Vol. 01, n.01, jul/dez, 2007, p. 61-76.

de estudo. Neste sentido, identifica-se intencionalmente ou não, uma negligência com as reflexões pioneiras que se dedicaram a esta temática e seus formuladores. Deste modo, as contribuições *externas* que deram suporte as reflexões pioneiras do campo homossexual também são negligenciadas.<sup>183</sup>

Com isso, a formação contemporânea do campo de estudos homossexuais se dá a partir da afirmação de um lugar especificamente seu, ou até mesmo com a especificidade de uma disciplina como *Sociologia da homocultura e Antropologia das homossexualidades* dentro do mundo acadêmico. Por isto, parece não haver interesse de que estes estudos pertençam a um campo mais amplo como o de gênero. Cabe apontar também que os estudos dedicados às mulheres, em sua grande maioria, focam as mulheres brancas e heterossexuais, bem como àqueles sobre a homossexualidade tem centrado suas análises nos homossexuais brancos de classe média. Estes são alguns pontos que devem ser aprofundados para uma eficaz aproximação entre os estudos sobre gênero e sobre a homossexualidade.<sup>184</sup> Segundo, Pierre Bourdieu, o movimento gay e lésbico é visível hoje, produz discursos e teorias que dão lugar a questões e objetos de análise que estão entre os mais importantes das ciências sociais e que são completamente novos para muitos pesquisadores. Tal movimento questiona os fundamentos da ordem simbólica heterossexual vigente de maneira radical e que possuem as condições para uma mobilização bem-sucedida com o intuito de subvertê-la.

Segundo Welzer-Lang os estudos realizados por homens acerca das masculinidades se encontram divididos em dois grupos:

Os que seriam *normais*, sobre os quais nem é necessário enunciar qual é a cor dos seus amores, de tal modo a heterossexualidade parece triunfante em nossa época; e os outros, que assumem a sua homossexualidade e procuram compreender por que são considerados diferentes dos primeiros, tanto nos textos científicos quanto na lei.<sup>185</sup>

Para o autor o principal empecilho nos estudos de gênero, para uma reflexão conjunta de homens e mulheres, é o androcentrismo que exclui ou considera inferiores os estudos realizados por feministas e homens pró-feministas, com isso *os homens e o masculino raramente são contextualizados numa problemática de gênero*.<sup>186</sup> Outra dificuldade apontada

---

<sup>183</sup> GOIS, João Bôsco Hora. *Op. cit.*, p. 07-16.

<sup>184</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>185</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Os homens e o masculino* in SHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 110.

<sup>186</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 107.

pelo autor é, ainda, a posição marginal que os estudos de gênero ocupam na academia, pois *em nome da Objetividade da Ciência alguns homens excluem do campo científico até mesmo os estudos feministas, acusando-os de fazer má ciência, ao mesmo tempo em que incorporam, sem citá-los, uma parte de suas idéias e conceitos.*<sup>187</sup> Os estudos sobre masculinidades são considerados como uma especificidade do geral. Dentro e fora do campo acadêmico a dominação masculina é praticada individualmente e coletivamente na esfera pública e privada, conferindo privilégios materiais, simbólicos e culturais aos homens. Essa dominação se articula às outras relações sociais como as de classe, etnia e idade, produzindo uma assimetria entre os gêneros, em que os dominados não percebem essa relação desigual.

A diferença na percepção da dominação na sociedade entre dominantes e dominados/as, se deve ao fato de homens e mulheres não terem as mesmas informações e o mesmo conceito sobre o sentido e as formas de linguagens da dominação, como ressaltou Welzer-Lang:

as diferenças de aprendizagem social ratificadoras do paradigma de pensamento naturalista que nos faz ver os homens como superiores às mulheres, que mulher sabe o que os homens vivem entre eles? Nos clubes esportivos? Quando estão entre eles nos cafés? A dominação é sempre sustentada por uma justificação naturalista das diferenças, e ao mesmo tempo por uma ocultação do que vivem os dominantes. Do mesmo modo, se os homens conhecem o modo de usar da dominação, eles têm apenas uma consciência limitada do que as dominadas vivem.<sup>188</sup>

Esse fato acarreta dificuldades metodológicas nos estudos que buscam explicar as masculinidades. Para que os estudos nessa temática possam avançar é preciso que os homens abandonem o androcentrismo e passem a considerar as mulheres com suas experiências e os estudos que elas desenvolvem como um componente do social e da ciência. Cabe indagar quantos sociólogos leram e absorveram o sentido dos estudos desenvolvidos pelas feministas. Faz-se necessário que os homens passem a falar de si, rompendo com o tradicional hábito de considerar falar de suas experiências, como uma traição aos segredos compartilhados pelos homens. É necessário pensar o gênero masculino como uma parte das relações dos gêneros. Welzer-Lang destacou que as principais dificuldades para se pensar as relações de gênero de forma relacional, é o fato das mesmas estarem pautadas no androcentrismo. Para definir tal

---

<sup>187</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 124.

<sup>188</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Os homens e o masculino* in SHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 111.

categoria, o autor, tomou emprestada a definição de Nicole-Claude Mathieu que o considera como:

A tendência a excluir as mulheres dos estudos históricos e sociológicos e dar uma atenção indevida às relações sociais em que elas se situam (...) [a] mistificação coletiva que procura, no que toca aos homens, se concentrar nas atividades exteriores, nas lutas pelo poder, na competição, nos lugares e atividades em que eles estão em interação (real, virtual ou imaginário) com mulheres, minimizando ou ocultando os modos de construção do masculino e as relações reais entre eles.<sup>189</sup>

Para podermos compreender as mudanças que ocorreram nas masculinidades nos últimos anos é necessário considerar que os homens só existem como categoria em relação estrutural com as mulheres. Estudar as masculinidades é compreender as representações e práticas dos homens, é comparar palavra por palavra de que forma homens e mulheres, levando-se em conta a educação (ainda) diferenciada, emitem e definem certas práticas sociais. Isso nos possibilita evidenciar que homens e mulheres não possuem as mesmas visões do social. O heterocentrismo se impõe nas análises das ciências sociais, ainda hoje, mesmo após a luta do movimento gay que deu visibilidade a homossexualidade nas sociedades ocidentais, pois identificamos no mundo acadêmico um ‘heterossexismo diferencialista’ que ancorado no discurso liberal aceita o fato de existirem seres diferentes, os homossexuais, e que por isso é progressista, conceder-lhes alguns direitos. Dessa forma, mudar de postura científica, abandonar o androcentrismo, aceitar e acolher com humildade os estudos de gênero não é suficiente, é preciso um instrumental teórico apurado para perceber os diferentes sentidos da dominação nos atos do cotidiano como identificado pelo autor:

a roupa espalhada pela casa e também a falta de espaço apropriado na casa para o homem ‘comum’ são sinais espantosos mas tangíveis das relações sociais de sexo atuais. Foi fácil mostrar que, com relação a limpo e arrumado, homens e mulheres seguem duas lógicas, duas simbologias. As mulheres, preocupadas em ser reconhecidas como boas esposas e boas mães, por pressão do meio e das normas, limpam antes de haver (muita) sujeira. Assimila-se as mulheres, seu interior psíquico, à limpeza (ou à ordem, o que dá no mesmo) do espaço doméstico. De algum modo, quando a casa delas está suja elas estão sujas. Para os homens, pelo menos aqueles que fazem o trabalho doméstico, os que foram acostumados a não desarrumar muito quando as irmãs aprendiam a limpar, esses limpam quando vêem que está sujo. Cada um/a tem seu limiar. As mulheres são preventivas e os homens são curativos. Pelo menos nas construções sociais habituais ligadas à dominação. Isso explica o fato de algumas mulheres mostrarem às vezes a desordem de suas casas para dar entender que não são submissas.<sup>190</sup>

---

<sup>189</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 112.

<sup>190</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 114.

Para entender os processos que estruturam a dominação masculina é preciso refletir sobre as formas de sociabilidades masculinas, o que o autor, denomina de homosociabilidade, ou seja, lugares freqüentados exclusivamente por homens como pátios de escolas, os grupos de escoteiros, os estádios de futebol, o exército dentre outros espaços onde os homens definem entre si as regras sociais e suas atitudes com relação às mulheres e com os outros homens, por isso é importante pensar os estudos de gênero de forma relacional.

A dominação masculina é considerada como natural em nossas sociedades, ela produz a superioridade dos homens sobre as mulheres, e define como natural a heterossexualidade, que resulta em uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que definem o que deve ser um homem de verdade, enaltecendo o ideal de virilidade masculina. O ser homem é resultado de um processo de aprendizagem que os jovens homens iniciam na puberdade como um rito de passagem como relata Welzer-Lang:

Aprender a estar com os homens, ou nas primeiras aprendizagens esportivas na entrada da casa-dos-homens, a estar com os postulantes ao status de homem, obriga o menino a aceitar a lei dos maiores, dos antigos: daqueles que lhe ensinam as regras e o *savoir-faire*, o saber ser homem. A maneira pela qual alguns homens se lembram dessa época e a emoção que transparece então parecem indicar que esses períodos constituem uma forma de rito de passagem.<sup>191</sup>

Para, Bourdieu, os ritos de passagem constituem uma das formas mais eficazes de construção e reprodução simbólica da dominação masculina. Nesses ritos são identificados atos que visam a definir os signos próprios a um homem e uma mulher conforme a definição social que marca a distinção entre os sexos. Tais ritos de passagem podem operar no sentido a estimular as práticas apropriadas a cada sexo e proibindo ou desencorajando as condutas consideradas impróprias, principalmente condutas definidas socialmente pertencentes ao outro sexo.<sup>192</sup> Badinter dividiu os ritos de passagens em três etapas, cada qual mais dolorosa que a outra. Tais etapas são: a separação do jovem homem da mãe e do mundo das mulheres; a entrada para um mundo desconhecido; e a sujeição a provas dolorosas e públicas. Os ritos de passagem têm a função de arrancar dos meninos as influências do mundo feminino, principalmente as transmitidas pelas mães seja pelos líquidos que os jovens homens ingeriram

---

<sup>191</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 463.

<sup>192</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999, p. 35.

delas, ou seja, pelo convívio e dependência de suas mães durante toda infância, isso ocorre nas mais distintas culturas.<sup>193</sup>

É comum entre os Sambia, da Nova Guiné, a primeira fase do rito de passagem ser iniciado ao som de uma flauta. Os meninos são arrancados de surpresa de suas mães e levados para a floresta, onde são chicoteados por três dias, até que se abram feridas em seus corpos e que sangrem, isso, com o objetivo de estimular o crescimento. O próximo ato do rito é bater nos jovens homens com folhas de urtiga até que os mesmo sangrem pelo nariz com o intuito de se expelir os líquidos ingeridos de suas mães que, segundo os Sambia, impedem o crescimento dos meninos. No terceiro, os homens revelam aos jovens homens o segredo das flautas que jamais devem ser revelados às mulheres sob pena de morte. A flauta é entregue aos meninos com brincadeiras obscenas, para que as metam na boca e, se houver recusa, o iniciador usa a força. Em seguida, há felação e copulação de maneira ritualística e obrigatória. Os noviços só realizam felação com os homens solteiros, que não tiveram relações sexuais com mulheres, portanto não contaminados por elas. A felação não é recíproca, os fornecedores do esperma não o recebem, desejar tomar o esperma de um menino é algo considerado como perversão. Também não se admite o incesto. No estágio seguinte do ritual de iniciação os jovens adolescentes tornam-se, por sua vez, os doadores de espermatozoides para o novo grupo de meninos que serão iniciados. Os meninos entrevistados pelo etnólogo, Gilbert Herdt, relatam o trauma sofrido durante o processo de separação de suas mães, do sofrimento, do sentimento de abandono e desespero, principalmente para aqueles que tinham maior apego às suas mães. No entanto, o primeiro objetivo da iniciação masculina é cortar de forma brutal e radical os meninos da dependência materna. Após, separados das mesmas os filhos são proibidos de conversar, tocar e olhar suas mães, somente, podendo vê-las novamente quando forem pais. Essa separação constitui a primeira fase dos ritos de iniciação nas mais variadas culturas.

Na segunda etapa da iniciação os jovens homens devem abandonar de vez o mundo das mulheres, e aderirem definitivamente ao mundo dos homens. Esse processo dura em algumas culturas de cinco a dez anos. Durante esse período os jovens homens passam por cerimônias que marcam as etapas. A terceira característica dos ritos de iniciação é constituída de provas cruéis e dolorosas sempre públicas. Como a circuncisão, flagelação até sangrar e ferimentos em diferentes partes do corpo. Para os Sambia o esperma não é produzido

---

<sup>193</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 71-72.

naturalmente pelo corpo dos jovens homens, sendo necessário ativar a produção do esperma através da felação.

O rito de iniciação dos Bimi-KusKusmin pode ser considerado um dos mais terríveis e exemplares. Constituído de dez etapas que podem durar de dez a quinze anos a iniciação dos meninos começa quando estes são arrancados de suas mães aos sete anos. Os iniciadores dizem que os jovens homens são justos, mas corrompidos pelas substâncias femininas de suas mães. Em seguida, os meninos têm suas roupas arrancadas e queimadas, e lavados por iniciadoras mulheres, *que untam seus corpos com uma lama funerária amarela*, e proferem comentários desonrosos sobre o sexo masculino. No próximo ato da cerimônia é realizado um discurso dos iniciadores onde anunciam que os meninos serão *mortos porque foram enfraquecidos por suas mães*. Nervosos e desesperados os jovens rapazes começam a chorar e a gritar quando o sangue jorra de suas cabeças. Os iniciadores lhes mostram suas mães uma última vez, que choram vestidas de luto. Na seção seguinte do rito de iniciação o menino é levado para a floresta onde apanham de surpresa com varas, até que seus corpos fiquem completamente lanhados. Durante os quatro dias seguintes eles são humilhados e maltratados quase ininterruptamente, são chamados de sujos e monstros. A flagelação é alternada com folhas de urtiga e alimentos que causam vômitos – sangue e urina de porco – com o objetivo de que, os meninos, purguem todo o feminino acumulado desde o nascimento. Todo esse cerimonial deixa os rapazes em estado de choque e depressão. Em seguida, os meninos são obrigados a comer as comidas femininas, que são proibidas na tribo, aumentando o pânico e provocando novos vômitos. Após um curto período de descanso os iniciadores fazem uma incisão no umbigo dos garotos para expelir os resíduos femininos, outra no lóbulo da orelha, e queimam seus antebraços. O sangue coletado, considerado feminino, é derramado sobre o seu pênis. É dito aos meninos que esse *sangue vai dissolver-lhes o pênis e zombam quando, em contato com o sangue, este se retrai*. Em estado de choque os noviços são comunicados de que estão prestes a morrer, com o intuito de deixá-los mais apavorados. Depois disso, os iniciadores cuidam dos meninos, dão-lhe um nome masculino, enquanto, continuam a fazer-lhes, com regularidade, incisões nas têmporas. Esta cerimônia é a primeira etapa do rito de iniciação na sociedade Bimi-KusKusmin.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 74-75.

O antropólogo F.J. Porter entrevistou os iniciadores e os meninos para saber os sentimentos pessoais durante as provas do ritual. Os primeiros demonstraram pena, mas justificaram ser necessário para se entrar no mundo dos homens. Tais sofrimentos são o preço a ser pago para passar do estado de vulnerabilidade da fêmea para o status de macho potente. Os iniciados falaram da raiva, do medo, do desespero e o mais marcante sentimento neles era a raiva de terem sido traídos pelas mães, que não os protegeram e da cumplicidade dos pais para com os torturadores. Aqueles que tinham maior ligação com as mães, os mais femininos eram os que mais relataram sofrimento. Entretanto, a maioria dos noviços falou do seu orgulho de ter passado por tudo isso e sobrevivido. A lição que se tira desses ritos é que a masculinidade é alcançada apenas através de sofrimentos, o jovem homem deve fazer prova de que pode ser um verdadeiro homem. E quanto mais tempo se prolonga à convivência com a mãe, mais dolorido será a entrada para o mundo dos homens. Para Badinter a virilidade masculina é um saber que se transmite por contatos íntimos entre os homens: *Dos gregos aos Sambia, dos romanos aos escandinavos da Idade Média, dos samurais japoneses aos Baruya, todos pensavam que a verdadeira virilidade passava pela relação entre dois homens.*<sup>195</sup>

A dominação masculina, na nossa sociedade, inicia-se na educação dos meninos, quando deixam, de certo modo, o mundo das mulheres e a posição de passivos quando dependiam dos cuidados da sua mãe – uma mulher - para se reagruparem com outros meninos de idade similar. O autor definiu esta fase como *homossociabilidade*, sendo a mesma uma relação social entre pessoas do mesmo sexo. Nesta fase, os meninos se agrupam em lugares monossexuados, como os pátios das escolas, os clubes esportivos, os campos de futebol, os vestiários, dentre outros locais, adaptáveis ao decurso da vida dos meninos, variando de cultura e de classe, sendo comum em todos estes lugares e espaços a presença única e estrita de homens, onde é comum ocorrerem relações homossexuais. Segundo, Badinter, essas relações funcionam como uma forma de aprendizagem em que o homem adulto ensina ao mais jovem o domínio de si mesmo que caracteriza a virilidade. A estes ambientes, Welzer-Lang convencionou chamar de “casa-dos-homens”, em analogia ao estudo do etnólogo Maurice Godelier na sociedade Baruya da Nova Guiné. Nessa sociedade os jovens solteiros e iniciados transmitem os segredos da dominação masculina aos iniciantes, através de um ritual que consiste na ingestão de esperma – para eles, símbolo da força, que alimenta a vida. Esse ritual

---

<sup>195</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 81.

jamais pode ser revelado às mulheres, pois neste está concentrado os rudimentos da dominação masculina. Qualquer violação deste segredo é punida muito severamente. Acresce Godelier que os que resistem à prática do ritual são constrangidos a participar.<sup>196</sup> Cabe ressaltar que em todas as tribos da Nova Guiné, assim como na sociedade Grega e Romana a homossexualidade adulta e fora dos ritos de iniciação era considerada uma aberração, pois significava que um homem adulto já formado ocupou o papel passivo na relação sexual, portanto, se equiparando ao feminino considerado inferior.

Em nossas sociedades complexas, os meninos, na fase da homosociabilidade, são pressionados a viver momentos de forte erotismo, através da masturbação grupal, excitações sexuais coletivas, competições de tamanho do pênis etc. Nesses ambientes, os jovens homens se iniciam mutuamente nos jogos eróticos, reproduzindo e aprendendo os mesmos modelos e estruturas sexuais do mundo dos homens adultos. Nessa “casa-dos-homens”:

(...) A cada idade da vida, a cada etapa da construção do masculino, está em suma relacionado à uma peça: ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser iniciada e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna, ao mesmo tempo, iniciado e iniciador.<sup>197</sup>

Para alcançar o *status* de homem, ainda, segundo Welzer-Lang é necessário um rígido processo de aprendizagem, respeitando as normas e os códigos ditos e não ditos. As primeiras regras da “casa-dos-homens” são as aprendizagens esportivas. Aprender a jogar futebol é inicialmente uma maneira de dizer que se quer ser como os outros homens e, portanto, se distinguir do sexo oposto, ou seja, uma mulher. A incorporação das normas e códigos ditos se faz corporalmente nas atividades esportivas. Já a incorporação de códigos não-ditos se faz através de sofrimentos psíquicos como, por exemplo, jogar futebol tão bem, ou melhor, quanto os outros meninos. Há um sofrimento do corpo, portanto, para se adequar às regras do jogo, que exige musculatura rígida. Esse sofrimento constitui o “corredor de iniciação” para o mundo masculino. Assim, a entrada para o mundo dos “machos” se constitui em um distanciamento completo do mundo das mulheres ou de qualquer semelhança com o comportamento feminino. A construção do masculino é, concomitantemente, a submissão ao modelo masculino e a aquisição de privilégios do mesmo. Essa construção se faz por meio de sofrimentos, quando os jovens a serem iniciados na primeira peça da “casa-dos-homens” são vítimas de abusos,

<sup>196</sup> GODELIER, Maurice. *La production des Grands Hommes*. Paris: Fayard, 1982. (réédition en 1996).

<sup>197</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 462.

violações sexuais, penetrações anal forçada, geralmente cometidos pelos homens mais velhos que se aproveitam da hierarquia do mundo dos homens. A iniciação para o mundo masculino é, para os jovens homens, a descoberta do viril, pois para ser homem é preciso sofrer, o ser homem constitui em uma forma de *violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros.*<sup>198</sup>

Badinter relata o papel dos esportes, nos Estados Unidos, como rito de iniciação dos meninos que envolvem a competição, a agressão e a violência:

É nesse terreno do esporte que o pré-adolescente americano ganha seus galões de macho. Ali mostra publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força de seus golpes, a vontade de ganhar e esmagar os outros. Em suma mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um 'homem de verdade'. Os campos de esportes e os vestiários ainda são lugares onde a mistura com as mulheres é impensável, microcosmos do mais puro machismo, sem equivalentes reais na vida comum.<sup>199</sup>

Contudo, a autora, faz uma interessante reflexão sobre os esportes coletivos, embora seja através deles que se constroem o ideal viril e homofóbico do mundo dos homens. Também nos esportes há uma licença para que os homens vivam, inconscientemente, relações homoeróticas, como relata Badinter: *os jogadores de futebol ou de rúgbi, que se pegam pelo pescoço ou pela cintura, se abraçam, se apalparam, trocam tapinhas afetuosa nas coxas diante de milhões de telespectadores, sem o menor embaraço.*<sup>200</sup> Embora, em outros momentos da vida, seja impensável para os homens amizades íntimas com outros homens, a não ser para contar bravatas sexuais com mulheres com o intuito de afirmar sua virilidade diante dos outros homens.

A entrada para o mundo dos homens se faz por meio de violências, tanto físicas como psíquicas, de forma individual ou coletiva. As pseudobrigas do cotidiano são a maneira do homem mais velho mostrar sua superioridade física para impor seus desejos aos pequenos homens. Na entrada para o mundo masculino, existe um conjunto multiforme de violências e abusos de confiança, na apropriação do território pessoal, na criação de estigmas que demonstram um comportamento fora de qualquer relação com o masculino. Dessa forma, qualquer tipo de violência e/ou abuso sofrido pelo homem vai sendo revelada ao mesmo ora na

---

<sup>198</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 463.

<sup>199</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 94.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p. 95.

posição de vítima, ora na de agressor, constituindo-se, assim, a vivência do homem. Com isso Welzer-Lang afirma que a violência em nossa sociedade, em grande parte, é exercida pelos homens havendo uma relação direta entre violência e masculinidade. Nesse sentido, Badinter, considera que o tornar-se homem envolve fatores culturais, sociais e psicológicos, que estão totalmente desconectados do fator genético, *mas que desempenham papel não menos importante, talvez mais, do que ela [a genética]*.<sup>201</sup>

As violações sexuais cometidas no ritual de iniciação para o mundo dos homens deixam marcas na vida dos jovens homens, como aponta o Welzer-Lang:

(...) muitos homens que foram violentados sexualmente por outros homens mais velhos acabam por reproduzir esta forma particular de abuso. É como se eles se repetissem: 'já que eu passei por isso, que ele também passe'. E o abuso, além dos benefícios que traz, é também uma forma de exorcismo, uma conjuração da desgraça vivida anteriormente. Depois, ao longo dos anos, quando a lembrança da dor e a humilhação se estanca um pouco, o abuso sexual funciona como um elemento de compensação, um pouco como uma conta bancária que teria sido aberta por imposição, onde os outros abusos perpetrados representariam os juros que o homem abusado vem cobrar.<sup>202</sup>

De forma contrária, os ritos para as mulheres buscam impor limites ao seu corpo, definido como sagrado nas diversas sociedades. No caso da sociedade Cabila, Bourdieu relatou que as mulheres passam por um processo de socialização que as levam a adotar comportamentos meticulosos. Elas incorporam os comportamentos considerados próprios às mulheres cabilas. Estas devem evidenciar que conhecem a arte de viver feminina, demonstrando boa conduta, aprendendo a vestir-se e a usar as diferentes vestimentas que visam publicizar os distintos estágios sucessivos de suas vidas: menina, virgem núbil, esposa, mãe de família. As mulheres devem, ainda, adquirir de forma inconsciente a *maneira correta de amarrar sua cintura, os seus cabelos, de movimentar ou manter imóvel tal ou qual parte de seu corpo ao caminhar, de mostrar o rosto e de dirigir o olhar*.<sup>203</sup>

Em nossas sociedades as mulheres também são socializadas para terem um cuidado moral com corpo, portar-se de maneira correta. Devem saber sorrir, baixar os olhos, aceitar as interrupções, manter as costas sempre retas, as pernas não devem ser afastadas, (as mulheres que se sentam de pernas abertas são consideradas vulgares), ao contrário dos homens que devem ocupar o máximo de espaço com seu corpo, sobretudo nos lugares públicos. As roupas

---

<sup>201</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, prefácio.

<sup>202</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. Cit.* p. 464.

<sup>203</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 37.

femininas, mesmo as mais modernas, possuem a função de adequar continuamente o corpo feminino a ordem e ao controle como ressalta Bourdieu:

Os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades ( a corrida, a forma de se sentar etc); ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, ou se esforçam por cobrir com o antebraço uma blusa excessivamente decotada, ou têm que fazer verdadeiras acrobacias para apanhar no chão um objeto mantendo as pernas fechadas. Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associada à atitude moral e à contenção que convém às mulheres, continuam a lhes ser impostas pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos). E as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens – do mais alto escalão – como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher.<sup>204</sup>

Annick Prieur observou que o processo de diferenciação sexual entre as crianças do México parece ser mais precoce e mais completo do que na Europa. Desde o berço as meninas têm as orelhas furadas, usam vestidos brancos, e são repreendidas caso se sujeem, enquanto os meninos devem ser barulhentos e destruidores. Gutmann descreveu uma festa no México onde as meninas de 04 e 05 anos vestiam mini saias pretas e meias finas. Peñalosa, Diaz-Guerrero e Goldwert observaram que é importante para os pais mexicanos eliminarem todo traço de feminilidade de seus filhos varões: irmãos e vizinhos estimulam os meninos para a realização de jogos brutais dizendo que eles não são suficientemente homens. Tudo isso contribui para tornar um comportamento ‘desviante’ mais visível.<sup>205</sup>

A dominação masculina faz com que as mulheres sejam consideradas, objetos simbólicos, seres percebidos, colocando-as num estado de insegurança contínuo, pois estão sempre dependendo do olhar dos outros, como objetos atraentes e perceptíveis. As mulheres devem sempre ser femininas, ser simpáticas, sorridentes, atenciosas, submissas, discretas e contidas. Esse ideal de feminilidade é, portanto, uma expectativa dos homens em relação às mulheres. Elas estão sempre na dependência do olhar do outro (não apenas em relação aos homens), tal dependência tende a se tornar algo constitutivo do seu ser.<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 39-40.

<sup>205</sup> PRIEUR, Annick. *Little Boys in Mother's Wardrobe: sur les origines de l'homosexualité et de l'efféminement in Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, décembre 1998, p. 15-29.

<sup>206</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 82.

A dominação masculina produz a homofobia que se manifesta, através da violência, sobre os homens que fogem ao modelo viril imposto. O modelo de hierarquia do mundo masculino divide os homens, mesmo sendo eles os dominantes. Os homens que incorporam os códigos de virilidade e são vistos com “mulheres bonitas”, têm “dinheiro” e “poder” sobre homens considerados inferiores, mulheres e etnias inferiores, são considerados os “grandes homens”. É nesse modelo que se estruturam as hierarquias masculinas. Acrescenta Welzer-Lang:

A homofobia é uma forma de controle social que se exerce entre os homens, e isso desde os primeiros passos da educação masculina. Para ser valorizado, o homem precisa ser viril, mostrar-se superior, forte, competitivo... senão é tratado como os fracos e como as mulheres, e assimilado aos homossexuais. Homofobia e dominação das mulheres são as duas faces de uma mesma moeda. Homofobia e viriarcado constroem entre as mulheres e entre os homens as relações hierarquizadas de gênero. A homofobia é o produto, no grupo dos homens, do paradigma naturalista da superioridade masculina que deve se exprimir na virilidade.<sup>207</sup>

O modelo heterossexual é também uma forma de dominação sobre as outras sexualidades – homossexuais, bissexuais, transexuais etc. A naturalização da heterossexualidade como normal também divide homens e mulheres, impondo a estas o papel *passivo* nas relações sócio-sexuais, e dando àqueles o papel ativo nestas relações. A heterossexualidade, segundo Welzer-Lang, é um modelo político de gestão de corpos e desejos por ele denominado de heterossexismo que *é a discriminação e a opressão baseada em uma distinção feita a propósito da orientação sexual.*<sup>208</sup> Desta forma, os homens que fogem à “norma” são associados às mulheres, pois significa que eles assumiram o papel passivo na relação sócio-sexual, traindo assim sua masculinidade e o comportamento sócio-sexual ativo. Em algumas culturas, e particularmente no senso comum da nossa sociedade, não só expressões e símbolos são colocados no confronto do masculino com o feminino, impondo hierarquia (*esse cavalo é égua*, por exemplo), mas também em termos próprios como *bicha*, *baitola*, *boiola*, dentre outros, demonstrando, publicamente, uma posição inferior na hierarquia da dominação masculina. Neste sentido, o homem que preserva o papel ativo mesmo tendo relações sexuais com outro homem é considerado um ‘homem de verdade’, pois não feriu a norma heterocentrista. Este fato é muito difundido na sociedade brasileira que considera *gay* apenas aquele que se deixa penetrar. Essa hierarquia também foi, ressaltada, por Michaël Pollack:

---

<sup>207</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 118.

<sup>208</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 118.

a hierarquia tradicionalmente estabelecida [...] entre o ‘copulado’ e o copulador, sofrendo o primeiro a maior reprovação social por transgredir de modo claríssimo a ordem ‘natural’ das coisas, organizadas segundo a dualidade feminino (dominado) e masculino (dominante), de modo que em algumas culturas considera-se gay de verdade apenas aquele que se deixa penetrar, e não o que penetra.<sup>209</sup>

Esse fato é apontado por Don Kulick em um estudo etnográfico com as travestis, na cidade de Salvador, durante os anos de 1996 e 1997. Buscando entender o cotidiano das travestis e suas experiências de vida, o autor revelou diversos pontos da identidade das mesmas. No que se refere à sexualidade, elas consideram que os seus namorados devem ser sempre ativos, sendo os ‘homens de verdade’, mas se no ato sexual eles mostrarem desejos pelos órgãos genitais das suas namoradas (as travestis) serão equiparados aos gays e a elas próprias. Embora, elas ocupem o papel de ativo nas relações sexuais com seus clientes e com homossexuais que lhes despertem desejos sexuais, Segundo Kulick:

as travestis são extremamente preocupadas com o comportamento sexual dos homens que tomam para namorado. Ao que parece, o status masculino de um homem depende muito de suas ações na cama. Mesmo quando vai para cama com um ‘viado’ (isto é, com uma travesti ou com outro homossexual masculino), o homem é sempre aquele que assume a função de penetrar, em vez de ‘virar mulher na hora H.’ Esse entendimento é comum a todas as travestis de Salvador.<sup>210</sup>

O autor relatou, ainda, que:

A masculinidade [para as travestis de Salvador] é o produto de determinados interesses e ações. E um dos atributos definidores de um homem no sistema de gênero das travestis é que ele não pode se interessar pelo pênis de outros homens. Nesse quadro interpretativo, um homem penetra prazerosamente o ânus de outro homem. Mas ele não pode tocar ou manifestar desejo pelo pênis de outro homem. Fazê-lo significaria o mesmo que renunciar a seu status de homem. O ato mais carregado de significado é ‘dar o cu’ (isto é, deixar-se penetrar analmente). É um ato transformativo, como se tocado por varinha de condão: ele converte um indivíduo do sexo masculino de homem em viado (isto é, em alguém que partilha a mesma sexualidade das travestis). (...) Esse sistema binário implica que todos aqueles indivíduos – do sexo feminino e do sexo masculino – cujo desejo é o de serem penetrados pertencem à mesma categoria classificatória: eles ocupam o mesmo lado no quadro do binarismo de gênero. Em outras palavras, eles compartilham o mesmo gênero. (...) As travestis nos permitem sugerir que o binarismo configura-se de um modo radicalmente diferente do que estamos condicionados a pensar.<sup>211</sup>

Sobre a homossexualidade no Brasil, Peter Fry e Edward MacRae, mostram os vários significados que ela possui na sociedade brasileira, que se diferenciam de acordo com a

---

<sup>209</sup> POLLACK, Michaël. *Les homosexuels et le SIDA, sociologie d'une épidémie*. Paris : Métailié, 1988, p. 44.

<sup>210</sup> KULICK, Don. *Travesti, prostituição, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2008, p. 138

<sup>211</sup> KULICK, Don. *Op. cit.*, p. 138

classe social, a urbanização, grau de escolaridade dentre outros fatores. Dessa forma, os autores constataam:

Um homem de Belém, por exemplo, pode tranqüilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considere uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se considerar mais macho que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzeiros. Como o nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria como homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual, pode discordar do jovem prostituto e afirmar que ele é um homossexual só que não sabe, não tem consciência. O nosso amigo militante poderia achar que *gay is beautiful* é tão absolutamente simpático e 'normal' quanto outra pessoa, e passear na avenida Ipiranga de mãos dadas com seu amante. Outra pessoa poderia sentir vontade de ter relações sexuais com outros do mesmo sexo e restringir sua atividade sexual à escuridão do cinema ou ao anonimato de um banheiro público, ou nada.<sup>212</sup>

Para Annick Prieur o sentido que se dá às experiências homossexuais, certamente, são muito diferentes. Deve-se antes se perguntar se é pertinente falar da homossexualidade como um fenômeno universal, reduzindo essa universalidade a sua existência em todas as sociedades ou a homens que têm relações sexuais com outros homens.<sup>213</sup>

Verifica-se que transformações ocorreram no rígido modelo ativo/passivo. Tal mudança ocorreu principalmente após a luta do movimento gay, no Brasil, nos anos de 1970, e pela influência do modelo de identidade homossexual hegemônico nos Estados Unidos e nos países europeus. Tal modelo considera homossexual os dois homens que mantenham relação sexual, e não apenas o que ocupa a posição de passivo, rompendo, de certa forma, com a divisão dos papéis sexuais entre ativo e passivo, base da hierarquia heterossexual. Uma possível explicação, para que se considere, ainda, no Brasil, homossexuais apenas aqueles que ocupam a posição de passivo na relação sexual, com outros homens, é levar em conta a relação de classe social e o processo de urbanização. Apoio-me nos estudos de George Chauncey que demonstrou que no contexto da cultura industrial urbana, em Nova York, nas primeiras décadas do século XX, os homens que se deixavam penetrar eram considerados anormais. Esse entendimento mudou na segunda metade do século XX, em que se passou a considerar anormais todos os indivíduos engajados em relações sexuais com outros homens. Isso explica por que nos Estados Unidos e nos países europeus é considerado homossexual tanto o

---

<sup>212</sup> FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo : Abril Cultural/Brasiliense, 1985, p. 08-09.

<sup>213</sup> PRIEUR, Annick. *Op. cit.*, p. 17-19.

‘penetrador’ quanto o ‘penetrado’.<sup>214</sup> Assim é possível explicar que uma parcela significativa da população dos grandes centros urbanos brasileiro, de classe média, com maior influência européia, tenda a considerar ambos os parceiros como homossexuais. Ao passo que as parcelas de classe mais baixa dos centros urbanos e principalmente das cidades do interior tendam a conceber com homossexual apenas quem se deixa penetrar. Bourdieu também faz uma interessante reflexão sobre esta questão, segundo ele:

(...) nas relações homossexuais, a reciprocidade é possível, os laços entre a sexualidade e o poder se desvelam de maneira particular clara, e as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições que determinam, ao mesmo tempo, sua possibilidade e sua significação. A penetração, sobretudo quando se exerce sobre um homem, é uma das afirmações da *libido dominandi*, que jamais está de todo ausente na libido masculina. Sabe-se que, em inúmeras sociedades a posse homossexual é vista como uma manifestação de ‘potencia’, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade ‘feminizando’ o outro) e que é a este título que, entre os gregos, ela leva aquele que sofre a desonra a perda do estatuto de homem íntegro e de cidadão; ao passo que para um cidadão romano, a homossexualidade ‘passiva’ com um escravo é considerada algo ‘monstruoso’. Do mesmo modo, segundo John Boswell, ‘penetração e poder estavam entre as inúmeras prerrogativas da elite dirigente masculina; ceder à penetração era uma ab-rogação simbólica do poder e da autoridade’.<sup>215</sup>

O médico húngaro, o doutor Benket criou o termo homossexual em 1869. Durante, o século XIX, as teorias médicas definiram a homossexualidade como desvio da norma natural que é a heterossexualidade. Para Badinter, a invenção do termo homossexual ou invertido substituiu o antigo conceito de sodomita que era considerada uma aberração temporária, as novas palavras (homossexual e invertido) passaram a designar aqueles que se interessam pelo mesmo sexo, alterou-se com isso a concepção que se fazia deles. Essa nova nomenclatura possibilitou a criação de uma essência, de uma doença psíquica e de um mal social. *O nascimento do ‘homossexual é o nascimento de uma problemática e de uma intolerância que sobrevivem até os nossos dias.’*<sup>216</sup> Desta forma, os médicos, psiquiatras e sexólogos que tinham grande legitimidade naquele século construíram o homossexual e rotularam as práticas sexuais em heterossexuais e homossexuais. Nossa concepção de masculinidade é a heterossexual. A homossexualidade desempenha o útil papel de contraste, sendo considerada negativa, reforçando o aspecto positivo da heterossexualidade. Segundo Jeffrey Weeks:

---

<sup>214</sup> CHAUNCEY, George. *Gay New York in Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, décembre, 1998, p. 09-14.

<sup>215</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 31-32.

<sup>216</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 102.

as práticas homossexuais existem em toda a parte e desde sempre. Mas até que a sexologia lhe colocasse um rótulo, a homossexualidade era apenas uma parte difusa do sentimento de identidade. A identidade homossexual, tal como a conhecemos, é, portanto, uma produção da classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle. Nomear era aprisionar.<sup>217</sup>

O modelo heterossexual se impõe mesmo às sexualidades que o transgridem. Tal é a força legitimadora que ele possui nas sociedades ocidentais. A norma política heterossexual regula o modelo de família e mesmo de reprodução. A família aceita e legítima é a que se pauta no modelo heterossexual, homem e mulher, que é vista como normal e natural. Nesse sentido, os estudos sobre família desprezam as análises antropológicas que mostram que a família é um produto das relações sociais, não considerando família os modelos que transgridem a norma política heteronormativa como ressalta Welzer-Lang:

a reprodução humana e a paternidade são fenômenos manipulados socialmente para reforçar a dominação masculina, a reprodução humana é naturalizada no enquadramento do par homem/mulher. Ficam de fora dela os pais e mães celibatários, os – já existentes – pais homossexuais, as procriações assistidas pela medicina... (...) A família é apresentada não mais como uma forma social evolutiva, mas como uma estrutura natural que liga um homem e uma mulher. Seja por causa do androcentrismo e do *esquecimento* das mulheres nas análises ou devido às práticas não heterocentradas, as ciências sociais terão sem dúvida de desenvolver uma ruptura epistemológica nos próximos anos; elas têm, de qualquer modo, o dever de se desculpar.<sup>218</sup>

Dentro dessa lógica a homossexualidade é considerada uma perturbação da identidade de gênero. Para Badinter heterossexualidade e masculinidade são evidentes:

Hoje em dia, uma das características mais evidentes da masculinidade é a heterossexualidade. A definição do gênero implica espontaneamente a sexualidade: quem faz o que, e com quem? A identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa. ‘Normalidade’ e identidades sexuais estão inscritas no contexto da dominação da mulher pelo homem. Dentro desta óptica, a homossexualidade, que implica uma dominação do homem pelo homem, é considerada, senão uma doença mental, pelo menos uma perturbação da identidade de gênero.<sup>219</sup>

A construção social do masculino se faz de forma violenta contra os próprios homens, constituindo um conjunto de manobras agressivas que na verdade são mecanismos de defesa que os mesmos constroem para se distanciarem do mundo das mulheres. Esses conjuntos de manobras exigem do homem a preocupação de ser forte, independente, duro, cruel,

---

<sup>217</sup> *Apud* BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 105.

<sup>218</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 122.

<sup>219</sup> BANDINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 99.

polígamo, misógino, perverso, homofóbico, além do temor de ser desejado ou desejar outro homem. Assim, a construção social do masculino é fundamentada numa tríplice negação inconsciente: não ser sua mãe, não ser um bebê, não ser uma menina ou uma mulher e não ser homossexual.<sup>220</sup> O ser homem consiste em uma contínua afirmação da honra e da virilidade, em qualquer circunstância, da vida. Sendo a virilidade entendida como a capacidade de reprodução, de provar a potência sexual e de possuir privilégios sociais, econômicos e políticos. É também a aptidão ao combate e ao exercício da violência. Para ser um homem de verdade é preciso sempre fazer crescer sua honra e buscar a glória e a distinção na esfera pública. Para os homens, qualquer aproximação, com o mundo das mulheres, acarreta uma vulnerabilidade da honra e da virilidade. Dessa forma, é necessário que os mesmos sempre se afastem do universo feminino. A afirmação contínua da virilidade e da honra como prova da masculinidade leva os homens a investirem obrigatoriamente em todos os jogos de violência masculinos, como os esportes, principalmente, aqueles que produzem mais signos visíveis de masculinidade, como o futebol e as lutas marciais, para atestar as qualidades ditas viris. Para Bourdieu a virilidade é *uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens para os outros homens e contra a feminilidade por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente dentro de si mesmo.*<sup>221</sup>

Pedro Paulo de Oliveira analisou o processo de construção social da masculinidade na sociedade moderna. Identificou que na passagem do mundo medieval para o mundo moderno foi sistematizado o modelo ideal de masculinidade, que se pautou em valores simbólicos, interligados, como: virilidade, força, coragem, postura, responsabilidade e aparência. Estes valores constituem os valores da masculinidade hegemônica na sociedade moderna. A institucionalização do exército como aparato legítimo do uso da força nos Estados-nação modernos, desde a sua formação, tiveram papel predominante na construção do comportamento ideal de masculinidade como ressaltou o autor:

Com a formação dos exércitos nacionais, o ideal de masculinidade, mediante a imagem do guerreiro, atingiu o seu clímax. A esse vértice central, a vida militar acrescentou também a imagem do atleta e do homem disciplinado, base do ideal masculino que foram cultivadas com o auxílio da institucionalização dos esportes e dos ideais morais cristãos e burgueses, (...), a imagem da virilidade masculina esteve sempre presa ao guerreiro moderno e a seus

---

<sup>220</sup> BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. *Violência e masculinidade* in LINS, Daniel, BARREIRA, César (org.). *Poder e Violência*. Fortaleza: EUFC, 1996, p. 68-70.

<sup>221</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 67.

símbolos militares, decisivos em todas as importantes batalhas históricas do Ocidente.<sup>222</sup>

Segundo Oliveira, o exército na construção do ideal de masculinidade moderna preparava os homens para a guerra. Esta era considerada como a oportunidade para o indivíduo construir sua virilidade resistindo à dor e mesmo à mutilação, bem como a adequação dos jovens homens a uma moral própria do mundo masculino, como a honestidade, autenticidade, lealdade, resistência e heroísmo. Os exércitos militares eram vistos como a fuga das degenerações do mundo urbano e de seus vícios como o álcool, cigarro, devassidão e garantia a purificação do corpo, com uma conotação espiritual de salvação da alma. Dessa forma, o exército prepara os homens para a guerra que é entendida pelos homens:

como terapia viril, ainda, que muitas vezes fatal, a guerra estimula virtudes masculinas típicas do guerreiro, tais como coragem, ousadia, devoção férrea ao dever, dureza, rigidez, perseverança, fundamentais para o sucesso nas trincheiras, mas que permaneceriam valorizados mesmo em tempos de paz.<sup>223</sup>

O exército na sociedade moderna representa a instituição que constrói e reproduz o ideal de masculinidade:

As forças armadas deveriam se preocupar em desestimular através de severas sanções negativas, qualquer atitude ou prática sexual homo – orientada. A reunião de muitos jovens em áreas restritas, como acampamento, quartéis e casernas, poderiam suscitar tais licenciosidades, que deveriam ser evitadas por diversas razões. Na condição de instituição que buscava proteger e manter o corpo social, o exército era a expressão máxima de uma consciência coletiva tradicional e conservadora. Defendia os ideais sociais mais valorizados com tanto fervor quanto, por exemplo, as instituições religiosas, dentre os quais aqueles que se relacionavam à virilidade, rechaçando explicitamente a prática sexual homo-orientada<sup>224</sup>.

O modelo de masculinidade moderno pressupõe que o homem conviva com dois ideais de masculino. Em tempo de guerra a sociedade requisita o modelo de homem heróico e guerreiro. No tempo de serenidade faz-se o apelo a um homem moderado e racional que constitui o centro da célula familiar. Esses conjuntos mistos e antagônicos de masculinidades aparecem em diversos contextos sociais. Um exemplo deste fato são os executivos de grandes empresas: *São os responsáveis e comedidos chefes de departamentos, continuamente instados a*

---

<sup>222</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>223</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

<sup>224</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

*terem um espírito empreendedor e a tomarem atitudes de risco, valorizando a agressividade e a ousadia empresarial.*<sup>225</sup>

Nesse sentido, o ser homem tem um significado doloroso, como observa Guy Corneau:

(...) ser homem significa amputar seu corpo e seu coração sem poder chorar. Ser homem significa ser capaz de cometer violência contra seus próprios sentimentos, contra suas próprias emoções, contra seu próprio corpo – ser capaz de esquecer que se tem um coração e um corpo.<sup>226</sup>

A dominação masculina, como aponta Bourdieu, estabelece uma ordem social com seus direitos, suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças. A desigualdade entre os sexos é naturalizada se impondo ao social se legitimado a partir das diferenças biológicas. Desta forma, a construção dessa ordem se pauta na diferença biológica entre homens e mulheres, e a sua divisão se faz a partir da socialização do biológico e a biologização do social, que naturaliza as relações desiguais entre homens e mulheres. Essa divisão organiza o cosmo, estando presente em todo o mundo social e sendo legitimada como natural e incorporada às estruturas cognitivas e sociais. É preciso compreender que a sexualidade como a conhecemos hoje é produto de uma construção histórica. A divisão sexual está presente de forma objetiva em toda estrutura do social

ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação.<sup>227</sup>

A identidade masculina se afirma a partir do reconhecimento que os homens e as mulheres conferem aos homens. Para isso basta dizer a expressão “ele é um verdadeiro homem”. A incorporação e reprodução da dominação masculina estiveram e estão garantidas pelas instituições sociais – Família, Igreja e Estado – atualmente e ao longo de toda a história. A Família contribui, primeiramente, na reprodução da dominação masculina, através da imposição de comportamentos socialmente sancionados para meninos e meninas, bem como nas primeiras experiências da divisão sexual do trabalho, vendo-as como naturais e legítimas.

A Igreja, sempre marcada pelo antifeminismo do clero, busca preservar os valores patriarcais da moral familiar. Para isto, faz uso da exigência frente às mulheres do uso de trajes

---

<sup>225</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>226</sup> CORNEAU, Guy. *Paternidade e masculinidade* in NOLASCO, Sócrates (org.). *A Desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco. 1995, p. 47.

<sup>227</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

considerados como “decentes”, bem como a padronização de comportamentos próprios de uma mulher “de família”. Desta forma, busca sempre preservar a visão patriarcal da sociedade, onde a mulher está colocada como um ser passivo e inferior. Para legitimar, historicamente, tal visão, a Igreja utiliza os textos considerados sagrados e litúrgicos, interpretando, a seu modo, a visão holística da mulher como segunda criação divina e coadjuvante na construção da história da Humanidade, consolidando, assim, a ordem supranatural da dominação masculina na sociedade medieval e atual.

A escola também é responsável por reproduzir a dominação masculina. Os currículos, os discursos verbais, os regulamentos, as normas, as atividades próprias para cada sexo e a clássica divisão da turma em grupos monossexuados corroboram a construção social da diferença. Bourdieu destaca, ainda, que no processo educacional desde a tenra infância os meninos são objeto de um tratamento privilegiado por parte dos professores/as, que lhes dedicam mais tempo, são mais argüidos, e dificilmente são interrompidos e incentivados a participar mais das discussões gerais. E as meninas são sempre desencorajadas a seguirem as carreiras científicas, pois que tais carreiras são consideradas mais adequadas para os meninos. Aqueles que destoam dos papéis sociais sancionados para seu sexo são excluídos ou recebem sanções dos colegas ou da própria escola. Com o passar dos tempos, coube ao Estado legitimar, reproduzir e regular essa dominação em seus aparatos, principalmente através do Direito e, mais especificamente, do Direito de Família. Assim, mesmo após a luta do movimento das mulheres e dos homossexuais a partir da década de 1970, e suas respectivas conquistas, ainda temos muitos vestígios de dominação masculina no âmbito do Direito, principalmente no Brasil.<sup>228</sup>

A legitimação da dominação masculina se faz através de discursos que procuram naturalizá-la. É pautada na divisão sexual do trabalho que divide os espaços: o público para os homens, já que seu órgão sexual é externo, conferindo a eles funções consideradas nobres e o privado para as mulheres, pois seu órgão sexual é interno, impondo a estas funções ditas inferiores. Essa percepção é incorporada ao todo social e ao próprio corpo sendo justificada pela diferença anatômica entre os órgãos sexuais, em que o princípio masculino se impõe como medida de todas as coisas. Tal princípio se impõe até mesmo na relação sexual sendo esta uma relação social de dominação. Bourdieu observa que isso ocorre:

---

<sup>228</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 50-80.

Porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento da dominação.<sup>229</sup>

A dominação masculina é naturalizada e reproduzida através da violência física e simbólica. Esta última constitui uma violência suave, insensível que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento das suas próprias vítimas passando a ser encarada como natural pelas mesmas. Como afirma Bourdieu *A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física.*<sup>230</sup> Segundo, o autor, a violência simbólica é instituída:

por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se analisar, ou para ver e avaliar os dominantes..., resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.<sup>231</sup>

Os homossexuais são vítimas da violência simbólica e marcados por um estigma, que faz com que a homossexualidade seja negada publicamente, pois os homossexuais, *tendo necessariamente sido educados como heterossexuais, interiorizaram o ponto de vista dominante e podem assumir este ponto de vista a respeito de si mesmos.*<sup>232</sup> A violência simbólica faz com que o dominado assuma a respeito de si mesmo a visão do dominante sendo levado assim a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias ditas normais e construídas socialmente, passando a viver envergonhadamente a experiência sexual, pois a visão dominante o define como anormal. Essa violência pulveriza o movimento gay, e impede que o mesmo conquiste uma existência legítima na sociedade. Impossibilita também o reconhecimento legal da união civil homoafetiva, já aprovada em alguns países europeus. Para romper com a violência simbólica de que são vítimas os homossexuais (masculinos e femininos), as mulheres, os bissexuais e os transgêneros é necessário uma transformação

---

<sup>229</sup> Idem, *ibidem*, p. 31.

<sup>230</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 50.

<sup>231</sup> Idem, *ibidem*, p. 47.

<sup>232</sup> Idem, *ibidem*, p. 43.

radical *das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista do dominador.*<sup>233</sup>

A homossexualidade significa a traição ao princípio ativo, dominante e ao poder que é conferido aos homens. A homossexualidade masculina significa abrir mão dos direitos, dos privilégios e do poder sobre as mulheres, tanto materiais quanto culturais, que a dominação masculina propõe, sendo então os homossexuais equiparados ao feminino. O princípio da visão dominante – o masculino heterossexual – é reproduzido mesmo entre os casais homossexuais através da definição de papéis sexuais – ativos/passivos – são raros os casais homossexuais que não reproduzem essa divisão. Essa reprodução de papéis sexuais tende a obscurecer as diversas sexualidades – bissexualidade, transsexualidade dentre outras – cristalizando as sexualidades em torno dos órgãos sexuais. Dessa forma os casais homossexuais não estariam rompendo com o modelo considerado natural de união afetiva, mas mantendo os valores considerados normais pela sociedade ocidental como as uniões monogâmicas, a divisão sexual do trabalho etc. Para reflexão sobre tal questão é proposto por vários autores, dentre eles Daniel Welzer-Lang, uma revisão epistemológica nos estudos de gênero através do movimento Queer, um movimento que tem por objetivo ultrapassar o limite binário da sexualidade e nossos valores morais:

Criticando ao mesmo tempo o binário homem/mulher e o heterossexismo da classificação dessas próprias categorias, a análise queer visibiliza uma parte das mudanças já realizadas. Basta escutar os transexuais e o que eles/elas revelam de nossas classificações fixas, pesquisar em lugares de consumo sexual para se dar conta da ineficácia de nossas taxonomias. Para isso é necessário ir além do simples discurso dos homens recolhido das grandes pesquisas sobre sexualidade para ver o que realmente acontece na calçada.<sup>234</sup>

Neste contexto, Kate McGowen analisou os objetivos da ‘Teoria Queer’. Originalmente o termo Queer deu nome aos ativistas da Inglaterra e dos Estados Unidos que questionam a naturalização da heterossexualidade. As discussões deste movimento tomaram a academia da Inglaterra e dos Estados Unidos com um debate teórico sobre o gênero e a sexualidade. Esse debate busca construir um paradigma teórico radicalmente oposto as teorias essencialistas e naturalistas sobre a construção do ser, superando o padrão ocidental binário de bom/mau, heterossexual/homossexual etc. Segundo essa teoria todas as sexualidades são construções sociais. Neste sentido, a teoria Queer não se limita à academia, mas requer uma ação política que busque desconstruir a visão naturalizada da heterossexualidade, procurando

---

<sup>233</sup> Idem, *ibidem*, p. 54.

<sup>234</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit*, p. 473.

legitimar e dar visibilidade às outras sexualidades que são consideradas ‘anormais’. Critica o movimento homossexual que busca um estilo de vida *gay* ancorado nos valores morais e éticos da heterossexualidade. Assim a teoria Queer visa abolir os gêneros e reconhecer como legítimas todas as sexualidades.<sup>235</sup>

Tânia Navarro Swain corrobora as discussões sobre a Teoria Queer. Aponta que as representações dos papéis sociais e sexuais estão tradicionalmente centrados no paradigma naturalista/binário da heterossexualidade. A autora busca superar tal paradigma com uma radical revisão epistemológica dos estudos de gênero com a introdução do conceito de heterogêneo. A utilização deste conceito visa ampliar, analisar, legitimar e dar visibilidade as outras sexualidades que não se enquadram no esquema binário de classificação da heterossexualidade. Neste sentido, propõe-se uma sexualidade alternativa denominada, *queer*, que consiste na abertura de novas possibilidades de percepção sexual, emocional e erótica que legitima uma multiplicidade de sexualidades e de discursos polimorfos e ainda que desafie e questione a heterossexualidade e a categorização do mundo em masculino e feminino. Nesse sentido, o significado pejorativo do termo inglês *queer*, equivalente a estranho, esquisito, bicha, é semanticamente re-significado, pelos ativistas *queer*, e passou a significar um movimento que busca afirmar os direitos da diversidade sexual, bem como romper com os rótulos pautados no binarismo ocidental com homossexual/heterossexual, alto/baixo, bom/mal, homem/mulher etc, que aprisiona os sujeitos em categorias fixas. Com isso, o movimento *queer*, contesta toda forma de normalização, criticando até mesmo as políticas de identidade proposta pelos movimentos gays e lésbicos, que segundo os teóricos *queer*, são hegemônicas em relação aos travestis, transexuais, bissexuais, hermafroditas dentre outros.<sup>236</sup>

Pedro Paulo de Oliveira faz uma relação entre a pós-modernidade e o movimento *queer*. O autor afirma que:

Antes de tudo os defensores dessa nova linhagem anti-identitária e pós-moderna criticam qualquer política de identidade baseada numa dualidade de orientação sexual. São contrários a qualquer adesão a uma ou outra caracterização social definida, isto é, não se alinham entre os que discutem se os gays devem ou não ser masculinos ou femininos. Criticam os gays porque, segundo eles, elege o objeto de escolha sexual como um dado que permanecerá estável durante toda a vida do agente. Assim como não há objeto

---

<sup>235</sup> MCGOWAN, Kate. *Y ahora...¿ Qué es esto del “Queer”?* in *Más allá de la bella (in) diferencia: Revisión postfeminista y otras escrituras posibles*. FIGUEROA-SARRIERA, Heidi j., et alli (editores). Publicaciones Puertorriqueñas, Inc. 1994.

<sup>236</sup> SWAIN, Tânia Navarro. *Para além do Binário: os Queers e o Heterogêneo* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero – NUTEG*. Vol. 02, n. 01 (2º sem. 2000), Niterói: EDUFF, 2000.

de escolha sexual estável, também não pode haver uma identidade sexual composta por um conjunto de atributos invariáveis no tempo e no espaço. Gostam de se (in)definir como algo que vem-a-ser, nunca algo dado e determinado em definitivo.<sup>237</sup>

Observamos, hoje, o que muitos autores denominam de crise da masculinidade. Tal crise coloca em xeque o papel tradicional dos homens e possibilita repensar o modelo tradicional de masculinidade. Badinter faz uma análise histórica da crise da masculinidade. Segundo a autora, na França do século XVIII houve um processo de feminização dos costumes e dos homens:

O Século das Luzes representa um primeiro corte na história da virilidade. É o período mais feminista da história francesa, antes da época contemporânea. Por um lado os valores viris se esmaecem, ou pelo menos não são mais ostentados. A guerra não tem mais a importância e o *status* de outrora. A caça tornou-se uma distração. Os jovens fidalgos passam mais tempo no salão ou na alcova das mulheres do que exercitando-se nos quartéis. Por outro lado, os valores femininos se impõem no mundo da aristocracia e da alta burguesia. A delicadeza das palavras e das atitudes suplanta as marcas tradicionais da virilidade. Pode-se dizer que, nas classes dominantes, o unissexismo derrota o dualismo oposicional que habitualmente caracteriza o patriarcado.<sup>238</sup>

Na Inglaterra, no período da Restauração inglesa, entre os anos de 1688 e 1714, pode-se também identificar, segundo Badinter, uma crise da masculinidade. As mulheres inglesas solicitaram naquela época liberdade e igualdade sexual, ou seja, o direito ao orgasmo. Criticaram também os casamentos realizados por acordos familiares, reivindicando o direito ao amor.<sup>239</sup>

Durante a Revolução Francesa, em 1789, as mulheres reivindicaram a igualdade entre os sexos, denunciaram a exclusão das mulheres da cidadania moderna. Entretanto, os filósofos do Iluminismo restabeleceram a ordem dos papéis tradicionais de gênero. Através de discursos ideológicos, como o do pensador Rousseau, buscavam relegar as mulheres ao mundo doméstico, alegavam que fora dele as mulheres eram perigosas para a ordem pública. Tais discursos se consolidaram com a promulgação do Código Napoleônico e foi ratificado pela ideologia biomédica do século XIX, que consolidou o lugar social da mulher no âmbito doméstico. Tal ideologia só seria questionada, profundamente, na segunda metade do século XX.<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Op. cit.*, p. 97.

<sup>238</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>239</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

<sup>240</sup> Idem, *ibidem*, p. 14-15

Pedro Paulo de Oliveira observa que a partir do incremento do movimento feminista e do movimento *gay* um outro ponto de vista ganhou importância nas discussões sobre masculinidades. Uma nova visão procurou mostrar que os próprios homens não eram apenas algozes, mas também vítimas de sua própria dominação. O autor acredita que as transformações ocorridas nas relações de gênero foram, em grande parte, resultados da reestruturação do modo de produção capitalista e do mercado.<sup>241</sup>

Neste sentido, Nolasco buscou refletir acerca da masculinidade contemporânea, a partir de entrevistas realizadas com um Grupo de Homens de classe média, com idade entre 25 e 35anos, no período de 1984-86, no Rio de Janeiro. Os homens eram convidados a falar sobre suas vidas, sua maneira de perceber e sentir o mundo. O que se identificou, com destaque, nas reuniões foi a tensão, a angústia, a solidão e o sofrimento dos homens ao falar do significado de ser homem, de sua relação com o pai, o desprezo pelas suas emoções nas escolhas profissionais e afetivas, a competição em todas as esferas da vida, o trabalho como base de sua identidade e a dificuldade de se relacionarem com outros homens. Ao relatarem suas vidas, esses indivíduos se depararam com o modelo de masculinidade viril – o machão –, embora não se identificassem com tal modelo enfatizavam que recebiam estímulos da família, da escola e das relações sociais, que os faziam adotar os modelos viris e agressivos na vida cotidiana. Neste sentido, evidencia-se uma intensa preocupação dos homens em não fugir do estereótipo do machão. Qualquer *desvio* do mesmo é colocada em dúvida sua preferência sexual, o que significa uma ameaça aos privilégios, econômicos e simbólicos, a eles conferidos. Desta forma, aqueles que fogem ao modelo viril estão excluídos do mundo dos homens e dos privilégios, apontados acima e conferidos a eles. As entrevistas, realizadas com o Grupo de Homens, apontaram que a delimitação e a dinâmica da masculinidade estão representadas no estereótipo do macho viril. Entretanto, verificou-se, também nessas entrevistas, que há um esforço desses homens em encontrar um modelo diferente do viril, em que eles estejam autorizados a experimentar novos sentimentos e novos valores e projetos para suas vidas. O autor buscou analisar e problematizar de que maneira a sociabilidade dos homens molda suas sensibilidades, seus desejos, suas experiências e seus valores para se enquadrar no modelo viril, e com isso apontar as bases para um modelo de masculinidade alternativo ao estereótipo do machão. Assim, a discussão feita

---

<sup>241</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Op. cit.*, p. 81.

pelo autor dá legitimidade ao *novo homem*, aquele que rompe, gradativamente, com as amarras do estereótipo do machão, da solidão afetiva e sentimental.<sup>242</sup>

Para Welzer-Lang, o movimento de mulheres e o movimento gay acarretaram uma profunda crise da identidade masculina, possibilitando mudanças, mesmo que aparentes, na hierarquia de gênero. Isso possibilitou pensar novos debates e reflexões sobre as relações sociais de sexo. Pierre Bourdieu, atenta para o fato das transformações ocorridas na relação entre homens e mulheres ser algo incontestável e indiscutível. Isso foi possível, sobretudo, a partir do esmerado trabalho crítico do movimento feminista e gay, que conseguiu romper, em determinados espaços sociais, com a dominação masculina. Essas transformações se deram, sobretudo, para as mulheres no acesso ao mundo do trabalho e da escolaridade, possibilitando um afastamento do espaço doméstico e das funções reprodutivas assim como na diminuição dos membros da família, o adiamento da idade do casamento e da procriação e a diminuição do número de casamentos e aumento das taxas de divórcios. Um dos fatos que mais contribuiu para a mudança foi o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, que afetou a divisão sexual do trabalho, e os papéis tradicionais de homens e mulheres. Outro fator de mudança é que as filhas de mães que trabalham poderão ter aspirações de carreiras mais elevadas que suas mães e são menos apegadas ao modelo tradicional da condição feminina. Segundo Badinter, essas transformações ocasionaram nos jovens homens uma crise, pois:

(...) não se reconhecem nem na virilidade caricatural do passado, nem no repúdio à masculinidade. Eles já são herdeiros de uma primeira geração de mutantes. Filhos de mulheres mais viris e de homens mais femininos, às vezes eles têm dificuldade em se identificar com os pais.<sup>243</sup>

Isso causou uma mudança na estrutura familiar, embora, o direito e os setores mais conservadores insistam em perpetuar o modelo tradicional de estrutura familiar, pautado na sexualidade heterossexual e orientado para reprodução. Os homossexuais ao reivindicarem direitos e se tornarem visíveis no espaço público, contribuem para quebrar e ampliar o espaço das possibilidades da sexualidade e de novas estruturas familiares. Michel Pollak, já tinha destacado o papel inovador das classes burguesas urbanas que impulsionam frequentemente os novos estilos de vida entre os homossexuais.<sup>244</sup>

---

<sup>242</sup> NOLASCO, Sócrates. *O mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

<sup>243</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 187.

<sup>244</sup> POLLAK, Michael. *L'homosexualité masculine, ou: le bonheur dans le ghetto?* in ARIÉS, Philippe et BÉJIN, André (orgs) *Sexualités Occidentales, Communications*. Vol. 35, Paris : Éditions du Seuil, 1982.

Entretanto, Bourdieu, alerta para a permanência da estrutura da dominação masculina. Mesmo tendo acesso ao mercado de trabalho e a níveis escolares superiores as mulheres, ainda, são vítimas dessa dominação. A igualdade de oportunidades nas carreiras esconde as dificuldades no acesso a determinadas profissões.

O movimento gay conseguiu colocar na agenda pública a temática da cidadania homossexual, como a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a descriminalização da homossexualidade, a retirada da mesma, da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde e dos Conselhos de Psicologia, a reivindicação do direito a constituírem família, inclusive com a adoção de crianças, em diversos países, principalmente, na Europa ocidental e nos Estados Unidos. Entretanto, os setores tradicionais e religiosos questionam tais conquistas. Badinter expõe as dificuldades da luta do movimento gay ao reivindicar a homoparentalidade, isto é, *a capacidade jurídica e social de homossexuais masculinos ou femininos de colocar no mundo ou criar crianças.*<sup>245</sup> Segundo Badinter, os setores conservadores e religiosos criam mitos negativos para ridicularizar e impedir o direito de homossexuais criarem seus filhos. Dentre os mitos mais difundidos está à idéia de que os gays e as lésbicas são doentes, e por isso, corre-se o risco de transmitir a homossexualidade aos filhos. Outro argumento sustentado, nesses mitos, é o de que os homossexuais são obcecados por sexo, havendo o risco dos pais gays abusarem sexualmente dos filhos, ou ainda, deixar que seus amigos o fizessem. Entretanto, as estatísticas norte-americanas, demonstram que 90% dos casos de abuso sexual incestuosos são cometidos por heterossexuais. Tal argumento ideológico é inclusive utilizado nos tribunais norte-americanos para negar a guarda dos filhos a pais gays. O último mito é o de que os filhos de lésbicas e gays estariam expostos à perseguição da sociedade. Esse argumento revela uma dificuldade para os filhos de pais e mães homossexuais, pois a criança pode estar exposta à zombaria devido a homofobia da sociedade, o que poderia levá-la a se isolar. Outro risco é o de que a própria criança possa internalizar essa homofobia. Entretanto, Badinter, apresentou os resultados de pesquisas sobre o assunto que revelam que os pais e mães homossexuais amam seus filhos, buscando uma relação afetuosa e estável com os mesmos. Os homossexuais são mais rigorosos que os pais heterossexuais na disciplina com seus filhos. Ressalta-se, ainda, que os pais gays, às vezes, têm relações mais maternas com seus filhos.<sup>246</sup>

---

<sup>245</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 477.

<sup>246</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 176-178.

Para, Bourdieu, o movimento feminista e o movimento gay desempenharam importante papel na ampliação da esfera política e do politizável, colocando na agenda política questões que sempre foram relegadas ao mundo privado, como violência doméstica, homofobia, dentre outros. Esses movimentos têm o mérito e o dever de lembrar que o universalismo do princípio valorativo, garantido pelo Direito Constitucional, não é tão universal quanto nos quer parecer. Entretanto, os movimentos feministas e homossexuais, correm o risco de criar uma outra forma de universalismo fictício que contempla, apenas, as mulheres e os homossexuais de origem social dominante. A ação política contra a dominação masculina como ressalta, Bourdieu, deve levar:

(...) realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também a ordem social (a começar pelo Estado, estruturado em torno da oposição entre sua 'mão direita', masculina, e sua 'mão esquerda', feminina, e a Escola responsável pela reprodução efetivamente de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais, e organizada também em torno de oposições homólogas) poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina.<sup>247</sup>

Neste sentido, ao refletirmos sobre as mudanças nas relações de gênero, há de se admitir que elas aconteceram, principalmente, para as mulheres. Mas temos que estar permanentemente analisando-as, pois as relações de gênero são dinâmicas e não são homogêneas e variam segundo o país, a cultura, a classe social e a etnia. As conquistas das mulheres, bem como as dos homossexuais e negros, são constantemente questionadas.

Segundo, Bourdieu, uma das dificuldades de ação política do movimento gay e lésbico é a falta de um porta-voz emblemático, de visibilidade e de uma bandeira dos movimentos que contestam a heteronormatividade e a homofobia. Nas paradas gays de todo mundo, que cada vez mais conta com um público diversificado, como os queers, as drag-queens, as/os transexuais, as/os travestis, que não podem ser reduzidos a meros atrativos do comércio gay como insistem os setores mais conservadores. Para, o autor, os homossexuais têm a possibilidade de dissolver os papéis sexuais tradicionais que considerou a mulher como ser passivo e o homem como ser ativo na relação sexual e em todas as esferas do social, entretanto o movimento, ainda, não conseguiu diluir esses papéis sexuais. Ou seja, se as categorias gays e

---

<sup>247</sup> Idem, *ibidem*, p. 139.

lésbicas são postas em cheque ao falarem por sujeitos coletivos, os próprios grupos formados por essas pessoas não conseguem encontrar um denominador comum de reivindicação. Por isso, acabam sendo criados sectarismos que impedem o avanço do movimento e – pior - em nada contribuem para a garantia dos direitos.

Cabe ressaltar que os estudos acadêmicos sobre a homossexualidade no Brasil são, ainda, tímidos. Segundo, Silvia Ramos e Sérgio Carrara <sup>248</sup>, foram identificados na Plataforma Lattes do CNPQ <sup>249</sup> temas como homoerotismo, homossexualidade, gay, lésbica e queer, como temáticas de pesquisa de 1420 pesquisadores. Esses estudos, porém não possibilitam uma reflexão profunda sobre a identidade do homossexual brasileiro: quantos vivem em uniões estáveis em coabitação, e se há uma reprodução do paradigma heteronormativo (divisão em ativo e passivo) nessas relações. É necessário pensar os obstáculos vivenciados pelos casais homossexuais por não terem suas uniões reconhecidas socialmente e juridicamente pelo Estado brasileiro. Quais os desafios enfrentados pelos pais e mães homoparentais? Será que nossas taxionomias acerca das identidades de gênero encontram correspondência na realidade? Como pensar em direitos para além das categorias identitárias de gênero e de sexo, como propaga a teoria queer? Qual a reivindicação política que o movimento LGBT faz: se pela igualdade ou se pela especificidade? Esses constituem os desafios que os pesquisadores que se dedicam a estudar a homossexualidade, no Brasil, estão convidados a refletir.

Em se tratando de Brasil estamos distante de uma convivência homossexual que garanta a felicidade. Tolhidos em seus direitos civis, sociais e humanos lutam, contra a homofobia que segundo dados do Grupo Gay da Bahia mata um membro da comunidade LGBT a cada dois dias. Assim, em se tratando dos direitos dos homossexuais, alguma mudança significativa ainda está longe de ser alcançada pela sociedade brasileira, por conta da formação homofóbica e sexista existente, aliada aos obstáculos enfrentados pelos poucos projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional. Mesmo que no ano de 2008 tenha sido realizada a Conferência Nacional para Políticas Públicas GLBT. Nenhuma das propostas da conferência foi colocada em prática. Com isso a concretização da cidadania vai ficando, cada vez mais, distante do público homossexual, que tem de viver sua identidade na marginalidade, ou em

---

<sup>248</sup> RAMOS, Silvia; CARRA, Sérgio. *A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas* in *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. v. 16, n. 2. Rio de Janeiro, UERJ/IMS, 2006.

<sup>249</sup> Conselho Nacional de Pesquisa e Inovação Tecnológica vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia do Brasil.

espaços delimitados nos grandes centros urbanos. Mas será possível pensar esses espaços, como estratégias de luta política individual cotidiana como forma de afirmação da sua orientação sexual?

## CAPÍTULO IV - DO PECADO À BUSCA DA CIDADANIA: O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NA LUTA POLÍTICA.

Ao longo da história da Humanidade a homossexualidade nem sempre foi percebida como anormal e intolerável. Na Grécia, ela relacionava-se estreitamente com a masculinidade. Esse relacionamento constituía parte do treinamento e da disciplina militar. A relação homossexual grega básica se dava entre um homem mais velho (*erastes*) e um mais jovem (*eromenos*), que ainda não possuía sua masculinidade formada. O homem mais velho admirava o mais jovem por sua virilidade e beleza, e o mais jovem respeitava o mais velho, por sua experiência, sabedoria e comando. A homosociabilidade se dava entre um homem mais velho com papel sexual ativo e um mais novo, este com papel sexual passivo, onde os mais velhos, além do sexo, deveriam educar e proteger o mais jovem até que este, no devido tempo, alcançasse a maturidade e se casasse com uma mulher.<sup>250</sup> Michel Foucault destacou que era através da homossexualidade que os gregos tinham acesso a inteligibilidade: *Na Grécia, a verdade e o sexo se ligavam sob a forma da pedagogia, pela transmissão corpo a corpo de um saber preciso; o sexo servia de suporte às iniciações do conhecimento.*<sup>251</sup>

O mundo grego era, dentro de suas limitações, bissexual. A legislação grega restringia o acesso aos cargos públicos àqueles homens que praticavam relações homoeróticas, sendo a sociedade grega intolerante com as mesmas entre pessoas de idade similar. Isto se justificava para o mundo grego, pois significava que se um homem adulto, portanto, já formado, adotasse a posição de passivo, traindo sua masculinidade, estaria ele se equiparando ao sexo inferior, considerado como o feminino.

No Império Romano, bem como na Grécia, as pessoas não eram classificadas como heterossexuais ou homossexuais. O que se evidenciava como crucial era a manutenção dos papéis e características definidas culturalmente e socialmente como de masculinidade e feminilidade. Havia grande reprovação social para aqueles ou aquelas que infringissem essa regra. A prostituição de jovens de “boa família” e o lesbianismo (que implicava no ato da

---

<sup>250</sup> Pensamentos compartilhados por RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993, p. 138. Também neste sentido, RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996, p. 340 e SPENCER, Colin. *Op. cit.*, p. 41-65.

<sup>251</sup> *Apud* BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 103.

mulher assumir um papel predominantemente masculino) contavam com forte oposição da sociedade romana e grega, em geral.

Com o advento do cristianismo tudo o que foi descrito e que prevalecia no mundo grego e romano mudou. Em seu lugar impuseram-se novas práticas, equiparando-se a sodomia com afeminação (ato de se tornar feminino), e vendo-a exclusivamente como pederastia. Como já descrito, na Grécia – bem como no Império Romano – a homosociabilização se dava entre um homem mais velho e um mais novo. Este fato constituía-se como parte da cultura da sociedade grega e romana e não era encarado como abusivo ou violento por aqueles que a praticavam. Na Idade Média esta percepção foi modificada passando a ser vista como pederastia, o que é tomado hoje, terminologicamente, como pedofilia.<sup>252</sup>

Na Idade Média o termo *homossexualidade* era desconhecido. O comportamento homossexual não era visto como inato ao ser humano, mas adquirido, e para caracterizá-lo eram utilizados os termos *sodomia* e *sodomita*. Estes termos também eram usados com frequência para descrever as relações carnis masculinas (como o sexo anal), a masturbação, a bestialidade e o sexo não procriativo em geral.<sup>253</sup> Para uma melhor classificação dos atos de sodomia o Padre L.M. Sinistrati d’Ameno fez especificações sobre o pecado da sodomia:

Para o sábio eclesiástico, a sodomia se define como a relação carnal entre dois machos ou duas fêmeas, mas nem por isso todos atos *homossexuais* são constitutivos desse crime. Para que exista crime, é necessário que haja coito, introdução do pênis no ânus, *a fim de que se distinga da simples volúpia (polução, masturbação) obtida mutuamente entre macho e macho ou entre fêmea e fêmea*. O pecado existe quando nos enganamos de vaso! Segundo alguns doutores, a *intromissão do membro viril no vaso posterior deveria acontecer com regularidade, e seria preciso que houvesse descarga de sêmen no interior do ânus. Esta era a sodomia perfeita, e neste caso os pecadores só podiam ser absolvidos pelo papa ou os bispos*. Em troca, se o macho copulava pelo ânus com uma mulher, a sodomia era imperfeita, e um simples confessor podia absolvê-lo.<sup>254</sup>

O sexo na Idade Média passou a ser considerado unicamente para fins de reprodução, sendo que quaisquer outras finalidades para ele eram consideradas um pecado contra a natureza. A percepção da Igreja foi incorporada às leis, inicialmente pelo Império Romano, que adotou o cristianismo como religião oficial, até chegar aos extremos com os reinados europeus dos séculos XIV a XVI. Em relação às leis romanas, o Imperador Justiniano

---

<sup>252</sup> RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 138; RANKE-HEINEMANN, Uta. *Op. cit.*, p. 340. e Spencer, Colin. *Op. cit.*, p. 66-77.

<sup>253</sup> RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 140; RANKE-HEINEMANN, Uta. *Op. cit.*, p. 340.

<sup>254</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 100-101.

(527-565 d.C.) impôs um código de leis morais – redigidos pela Igreja – mais rigoroso que aquele que existia no Império Romano antes do Cristianismo. Neste sentido, percebia-se a sodomia como uma prática antinatural, constituindo uma violação às leis de Deus, um crime que sofreria a retaliação da natureza. Essa percepção se difundiu durante e posteriormente à Idade Média, quando então as calamidades ambientais – como a peste negra, no século XV – se sucederam, surpreendendo até a própria Igreja. Os teólogos e pregadores populares atribuíam, diretamente, estas calamidades à existência de sodomia, como se verifica no discurso do teólogo Jean Gerson (1363-1429 d.C.):

Por causa deste pecado detestável, o mundo foi uma vez destruído por um dilúvio universal, e as cinco cidades de Sodoma e Gomorra foram queimadas pelo fogo celestial, de modo que seus habitantes desceram vivos ao inferno. Igualmente por causa deste pecado – que suscita a vingança divina – fomes coletivas, guerras, pestes, enchentes, traições de reinos e muitas outras calamidades acontecem com mais freqüência, como atesta a Sagrada Escritura.  
255

No início da Idade Média a Igreja utilizava-se do sistema de penitências para pecados, relacionados pela Igreja e ligados à homossexualidade. Esse sistema propiciava ao penitente a chance de expiar seus pecados pela mortificação da carne, pela reflexão sobre sua gravidade e pela decisão de não mais cometê-lo, sendo que as penitências variavam em função da idade, do *status* social e do sexo do pecador, contribuindo para sua atenuação ou agravo se o fiel fosse leigo ou pertencente ao clero. Em caso de reincidência, as penitências eram agravadas.

Com a revitalização das cidades e da vida urbana, no século XII, a homossexualidade ganhava mais evidência, o que criava a sensação de um problema homoerótico (sodomita). Havia lugares reconhecidos para encontros como casas de banhos e barbearias. Criou-se um vocabulário específico, como o fato de que (...) *um jovem homossexual era conhecido como um “Garnimedes”*; a atividade homossexual era chamada de “jogo”; “caçar” era o termo aplicado à atividade hoje conhecida como paquerar.<sup>256</sup> No século XII, com o Renascimento, surge um interesse dos jovens homossexuais por poesias gregas que defendiam o amor entre dois rapazes. As cidades italianas de Veneza e Florença e as francesas de Paris e Orléans tornaram-se centros de redutos homossexuais notórios.

---

<sup>255</sup> *Apud* RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 139.

<sup>256</sup> RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 139.

Segundo Richards, três grupos lograram destaque em atividades homossexuais: a nobreza, o clero e os estudantes. Algo em comum se estabelece entre esses três grupos: a ausência de casamento. No caso dos nobres e dos estudantes, o celibato ocorria revestido de legitimidade, pois que adiavam o casamento em virtude do estudo; no caso do clero, a justificativa era o voto obrigatório do celibato. O fato das pessoas desses grupos não se casarem dava a percepção, medieval popular, de que a homossexualidade ocorria pela ausência de casamento. A homossexualidade era, portanto, vista como pecado exclusivamente da cidade, da corte e das classes altas, pelo fato de ser mais notável a possível presença desta convivência nesses lugares e com esses atores sociais. No entanto, os registros dos Tribunais de Veneza, no final da Idade Média, indicavam a existência de homossexualidade em todos os grupos, em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais.<sup>257</sup>

A partir do século XII e XIII a homossexualidade se torna mais evidente nas cidades e até dentro do clero. Os Concílios da Igreja passaram a ser mais ríspidos ao lidar com os homossexuais. No Concílio de Nablus, realizado em Jerusalém no ano de 1120, foi estabelecida para o adulto sodomita reincidente, do sexo masculino, a pena de morte pela fogueira, a ser executada pelas autoridades civis.<sup>258</sup>

Em toda a Europa da Idade Média a sodomia, após os séculos XII e XIII, passou a contar com punições severas para aqueles que a praticavam. Richards demonstra que na Inglaterra o Rei Eduardo I (1272-1307) e Luís IX, na França, decretaram a morte pelo fogo para os praticantes desse crime. Afonso X, de Castela (1226-1284) decretou que os homossexuais deviam ser castrados e pendurados pelas pernas até a morte. Na Espanha, a punição foi alterada para a morte na fogueira pelo Rei Fernando e pela Rainha Isabel, no fim do século XV.<sup>259</sup>

O Cristianismo, no início da Idade Média, punia os sodomitas com penitências; no período posterior, a punição era a fogueira, ficando clara a posição da Igreja em relação ao homossexualismo e sua conseqüente intolerância. Assim, os sodomitas eram obrigados a se absterem de suas práticas homoeróticas, ou se arriscarem à punição.

Por sua vez, no Brasil e em outras colônias americanas, tanto latinas como anglo-saxônicas, era comum a prática de sodomia por parte dos africanos, seus descendentes e

---

<sup>257</sup> RICHARDS, Jeffrey. *Op. cit.*, p. 141.

<sup>258</sup> Idem, *ibidem*, p. 146.

<sup>259</sup> Idem, *ibidem*, p. 145.

também pelos brancos. Essa prática foi comprovada, quase exclusivamente, por relatos presentes nos processos inquisitoriais dos acusados de práticas homossexuais. No Brasil e na América Colonial os sodomitas viviam na clandestinidade como na Europa. As práticas homossexuais eram consideradas um (...) *hediondo pecado e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo Diabo*.<sup>260</sup>

As práticas sodomitas entre os escravos eram favorecidas devido ao desequilíbrio da distribuição populacional entre os sexos. As mulheres negras representavam somente um terço ou um quarto da população escrava. Segundo Luis Mott o desequilíbrio entre os sexos não é o único fator para explicar a prática sodomita entre os escravos. Eles também canalizavam sua sexualidade para outras direções, como o auto-erotismo, o bestialismo e a prostituição.<sup>261</sup> Para Mott e outros autores a homossexualidade não é exclusiva da sociedade européia. Segundo Ford e Beach<sup>262</sup>, que pesquisaram 190 sociedades humanas, em 76% delas a homossexualidade era praticada sendo que em 64% a conduta homoerótica era considerada normal e socialmente aceita, e em 36% das sociedades restantes a homossexualidade era praticada secretamente ou era rara, existindo hostilidade social quanto à prática de sodomia. Entre as sociedades onde a homossexualidade é considerada normal ou aceita inclui-se um número expressivo de países africanos, dentre eles Uganda e o Zanzibar. Os sodomitas ocupavam nestas sociedades importantes setores da vida social: eram os mágicos, os médicos e os xamãs.

Os homossexuais da região do reino de Angola eram chamados de ‘quimbandas’, se vestiam de mulheres e andavam de barba cortada, viviam em grupos tendo comunicação social e sexual uns com os outros, eram respeitados por todos e possuíam cerimônias fúnebres específicas.<sup>263</sup>

Na América colonial os relatos do Santo Ofício demonstram que as relações sodomitas se davam entre negros, negros e mestiços, mestiços e brancos e brancos e negros. De acordo com Mott, os relatos da prática de pederastia por parte dos negros são menores devido ao policiamento menos ostensivo para com os escravos e maior controle moral a que os senhores estavam submetidos, não significando que não existissem práticas homoeróticas entre

---

<sup>260</sup> Apud MOTT, Luiz R. B.. *Escravidão e Homossexualidade* in VAINFAS, Ronaldo (org.) *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro : Graal, 1986, p. 19-20.

<sup>261</sup> MOTT, Luiz R. B. *Op. cit.*, p. 23-25.

<sup>262</sup> Apud. MOTT, Luiz R. B. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>263</sup> Idem, *ibidem*, p. 28.

negros. Entre os negros sodomitas se destacava Francisco Manicongo que pode ser considerado o primeiro travesti de que temos notícia na história do Brasil.

Observou-se no Brasil colonial alguns casos de abuso sexual cometidos pelos senhores em face de seus escravos. Dentre esses casos o mais dramático de que se tem notícia até hoje, e em toda a história do escravismo americano, aconteceu no Pará setecentista, sendo o acusado Francisco Serrão de Castro, herdeiro do Engenho da Boa Vista. Francisco, aproveitando-se de sua posição hierárquica, abusou de 18 escravos de forma violenta, dos quais 5 adoeceram e morreram por esta causa. Também há relatos de abuso de negros para com brancos. Um relato do Santo Ofício destaca que Mateus Duarte um mulato forro de cinquenta anos, foi acusado de ter cometido o pecado da sodomia com um rapaz branco de 17 anos, o qual não consentiu e gritou, sofrendo então a violência. Entretanto as relações homossexuais no Brasil colonial não foram marcadas só pela violência ou compulsividade, pois existiram casos de cumplicidade entre etnias diferentes. Assim, na América colonial, bem como na Europa, a sodomia era considerada um hediondo pecado que deveria ser castigado.<sup>264</sup>

Segundo Terry Castle durante a propagação dos ideais iluministas, na Europa, os bailes de máscaras na, Inglaterra do século XVIII, possibilitavam aos indivíduos a transgressão das 'normas' socialmente definidas para os sexos. Para mulheres, prostitutas, travestis e homossexuais o disfarce propiciava experimentar prazeres sexuais desconhecidos e não permitidos, o que acarretava a quebra de tabus moralizantes da época. A máscara representava a fuga de si mesmo. Os limites morais e psicológicos internalizados desapareciam, pois as transgressões eram atribuídas a 'outra pessoa' – a máscara - e não a elas próprias. Assim, os bailes de máscaras proporcionaram no século XVIII a afirmação de novas sexualidades. As transgressões atacaram as rígidas fronteiras de comportamento entre os gêneros o que potencializou a individualidade e os desejos sexuais.<sup>265</sup>

Como sabemos no século XVIII, com a laicização da sociedade, o termo sodomia vai deixando de ser utilizado. A homossexualidade perdeu o status de pecado e passou a ser controlada por um discurso científico que a considerou como uma anormalidade. Tal discurso foi elaborado por médicos e biólogos. Estes afirmavam que a diferença, equacionada como inferioridade, entre heterossexuais e homossexuais era biológica e, portanto, natural.

---

<sup>264</sup> Idem, *Ibidem*, p. 35-40

<sup>265</sup> CASTLE, Terry. *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII* in ROSSEUAU, G.S. *et all* (orgs.). *Submundos do sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro : Rocco, 1999, p. 218.

Entretanto, na Hungria, o doutor Benkert, criou em 1896, o termo homossexualidade e reivindicou a especificidade dos *gays* como sendo natural. Benkert acreditou que ao considerar a homossexualidade como natural teria criado uma arma usada na defesa dos direitos dos homossexuais, pois era algo inato, o estado não poderia puní-los como criminosos. Com esse argumento, Benkert solicitou ao ministro da justiça a retirada da homossexualidade da lista de crimes da velha lei prussiana.

Nesse mesmo período, o sexólogo e antigo juiz Karl Heinrich Ulrichs, destacou-se como pioneiro do movimento gay, sendo ele próprio homossexual. Ulrichs realizou estudos sobre a homossexualidade a partir de um triplo ponto de vista: do historiador, do médico e do filósofo. Nessa análise ele fez uma distinção entre pederastas e aqueles a que chamou de uranistas, definidos como homens com alma feminina. Com isso, Ulrichs reivindicou que a homossexualidade fosse considerada uma terceira categoria sexual. Por isso, eles deveriam ser qualificados dentro de uma nova categoria de gênero, intermediária entre o masculino e o feminino. Com esse argumento Ulrichs reivindicou que o parágrafo 171, da constituição alemã, que tipificava a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo como crime, fosse retirado. E fundou a primeira associação para defesa dos direitos das pessoas homossexuais. No entanto, o que parecia ser uma estratégia para reivindicar direitos para os *gays*, colocou a homossexualidade no escorregadio caminho da doença mental. Tal percepção está presente no senso comum e científico até hoje. De tal forma que a heterossexualidade passou a ser considerada *normal*, ao passo que a homossexualidade um desvio da *norma*, logo considerada inferior e doentia como ressalta Badinter:

Por ironia da história, os próprios homossexuais e os sexólogos que se apresentam como reformistas são, em grande parte, os responsáveis pelo confinamento dos *desviantes* no terreno da anormalidade. O melhor exemplo desta derrapagem vem do sexólogo Havelock Ellis. Acreditando estar reforçando a tolerância da sociedade burguesa à homossexualidade, ele desenvolveu o argumento de caráter inato e irresponsável desta última: não se pode fazer nada, ela é de nascença. Como resultado, a hipótese de uma homossexualidade determinada biologicamente se impôs na literatura médica do século XX, acarretando todo tipo de tentativas hormonais e cirúrgicas para mudar lésbicas e homossexuais masculinos em heterossexuais.<sup>266</sup>

Dessa forma, verificamos que a estratégia de reivindicar a naturalidade da homossexualidade teve conseqüências graves. Pois se ela era considerada uma anomalia genética, abriu-se o caminho para os médicos e psiquiatras encontrarem a sua cura.

---

<sup>266</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 104-105.

Observamos que a primeira estratégia do incipiente movimento homossexual, em ambiente inóspito, no fim do século XIX, só fez legitimar os discursos biologizantes que consideravam a homossexualidade como doença, crime, perversão e desvio de conduta. Um outro debate se iniciava dentro do modesto movimento homossexual: os que defendiam o caráter específico da homossexualidade e os que afirmavam a sua universalidade. Dentre os defensores da especificidade se destacaram Robert Stoller e Richard Friedman. Ambos não consideravam a homossexualidade uma doença, mas afirmavam que ela é uma preferência sexual, e não um conjunto de sinais e comportamentos universais, mas que só pertencem aos homossexuais e que, portanto são diferentes dos outros e formam uma minoria com desejos sexuais e comportamentos particulares distintos dos heterossexuais. Para os defensores da universalidade da homossexualidade se destacavam o sociólogo Frederick Whitam, Freud e Alfred Kinsey. O sociólogo Whitam realizou um estudo em comunidades homossexuais de países tão diferentes como os Estados Unidos, a Guatemala, o Brasil e as Filipinas e concluiu que a homossexualidade se exprime em todas as culturas. Freud elaborou a teoria da bissexualidade originária, que todos os seres podem ter desejos sexuais tanto por pessoas do mesmo sexo quanto do outro sexo. E não considerou a homossexualidade um crime como os seus pares psicanalistas. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, o relatório Kinsey trouxe importante contribuição à tese da bissexualidade humana. Pois seu estudo assinalou que tendências homossexuais e heterossexuais existem na maioria dos seres humanos.

No final dos anos de 1960, ocorreram significativas transformações sociais e políticas para as chamadas minorias. Elas se organizaram em movimentos sociais para lutarem pela efetivação da plena cidadania. O movimento feminista questionou a dominação masculina, a divisão sexual do trabalho. Os negros nos Estados Unidos contestaram a segregação étnica que limitava seus direitos. O movimento gay teve como marco a *Rebelião de Stonewall* ocorrida na noite de 28 de junho, de 1969. Tal rebelião resultou da ação policial que tinha como objetivo interditar o bar chamado Stonewall Inn, localizado em Christopher Street, alegando que o estabelecimento havia descumprido a lei seca que proibia a venda de bebidas alcoólicas. Os freqüentadores do bar reagiram à ação da polícia e iniciaram um protesto que durou todo o fim de semana. Protestaram com palavras de ordem como “*Poder Gay*”, “*Sou bicha e me orgulho disso*”, “*Eu gosto de rapazes.*”<sup>267</sup> A partir dessa manifestação o movimento gay

---

<sup>267</sup> FRY, Peter e MACRAE. *O que é homossexualidade*. São Paulo : Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p. 96-97.

americano decretou o dia 28 de julho como o Dia de Orgulho Gay. Após esse fato, os homossexuais de vários lugares se organizaram em movimentos e lutaram pela descriminalização da homossexualidade, pela retirada da mesma da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde e pela efetivação da cidadania homossexual. O movimento homossexual questionou os privilégios dos heterossexuais, como o casamento e a definição jurídica e social de família que considerava apenas relações afetivas entre homens e mulheres. Solicitaram políticas públicas para combater a violência física e simbólica de que são vítimas os homossexuais. Sobre o movimento gay Badinter relatou:

No espaço de cultura própria, um estilo de vida, uma expressão política e reivindicações quanto à sua legitimidade. Esta minoria que se tornou visível teve impacto sobre toda a sociedade.<sup>268</sup>

Nesse período, uma nova percepção da homossexualidade começou a ser construída. Uma primeira mudança foi a utilização da palavra gay, nos Estados Unidos, em detrimento do termo homossexualidade que remete a patologia e aos discursos médicos do século XIX. A denominação *gay* é mais neutra e passou a designar uma cultura específica e positiva, principalmente com os *gay's studies* que são estudos sobre a homossexualidade que buscam demonstrar que a heterossexualidade não é uma norma e questionam os seus privilégios sociais, culturais, econômicos e políticos.

Nesse contexto, formaram-se frentes de lutas, nos EUA, como: a Mattachine Action Committee, a Gay Liberation Front e a Gay Activist Alliance. Que deram origem aos movimentos mais organizados nos anos de 1990, como o Act-Up e a Queer Nation. Tais grupos, em parcerias com outros, organizaram as primeiras paradas americanas denominadas de Gay Pride, que são responsáveis por reunir milhares de integrantes da comunidade LGBT em diversas cidades dos Estados Unidos, com o intuito de afirmar o orgulho gay. Essa forma de luta política foi adotada por países europeus e por outros países, como o Brasil.<sup>269</sup>

No Brasil as primeiras formas de associações de homossexuais ocorreram a partir da segunda metade do século XX. Em 1963, Agildo Guimarães editou e publicou, na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro jornal dirigido à comunidade homossexual, *O Snob*. O conteúdo do jornal era formado por colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os travestis mais famosos da época. O jornal teve 99 números e foi publicado de julho de 1963 a junho de

---

<sup>268</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit. p.114.

<sup>269</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Op. Cit. P. 94

1969, ano que marcou o endurecimento da ditadura militar no Brasil. O jornal era distribuído gratuitamente ou mediante alguma contribuição. Os principais locais de distribuição do jornal eram a Cinelândia e Copacabana, embora tenha alcançado veiculação nacional. Segundo Green e Fry a identidade homossexual adotada pelo jornal era pautada no modelo boneca ou bicha e os bofes. Tal modelo era uma reprodução da norma heterossexual. As bichas desempenhavam sempre o papel passivo na relação sexual e o bofe era considerado o verdadeiro homem, não sendo considerado um homossexual. Em 1966 foram realizadas severas críticas, interna e externa, ao modelo de homossexual difundido pelo jornal. Este fato levou os editores do jornal a inovarem o editorial, ao invés de fofocas e desenhos femininos, se optou por artigos mais políticos que refletiam sobre a discriminação de que eram vítimas os homossexuais. O jornal informava sobre os acontecimentos recentes nos EUA como a revolta de Stonewall e a Revolução de 68 em Paris. No ano de 1968 os editores do jornal decidiram criar a Associação Brasileira da Imprensa Gay (ABIG) para reunir as diferentes publicações produzidas por grupos homossexuais de todo o país. No início de 1969 foi organizado o primeiro encontro da associação que foi nomeado de Congresso da ABIG, onde foi eleito um presidente. Entretanto, nesse mesmo ano, o jornal O Snob, e a ABIG encerraram suas atividades devido a forte repressão da ditadura militar.<sup>270</sup>

Com a abertura política, lenta e gradual, no fim dos anos de 1970 o movimento feminista e homossexual ganharam força. No ano de 1976 o jornal Última Hora, de São Paulo, criou a coluna jornalística específica para homossexuais com o título de duplo sentido: *Coluna do Meio*, organizada por Celso Cury. Eram divulgadas, nessa coluna, matérias sobre os homossexuais famosos do Brasil e do exterior, bem como anúncios de bares e casas noturnas, em São Paulo e no Rio de Janeiro, voltadas para o público gay. Isso provocou um aumento no número de exemplares vendidos do jornal demonstrando o interesse do público pela coluna. Tal fato levou outros jornais, a criarem colunas semelhantes. Entretanto, tal coluna não durou muito. Em outubro de 1976 o Ministério Público apresentou uma denúncia contra Celso Cury por atentado à moral, aos bons costumes e por promover encontro entre pessoas *anormais*. Foi despedido da redação do jornal sob alegação de que o Última Hora estava em crise financeira e precisava reduzir seu quadro de funcionários.

---

<sup>270</sup> GREEN, James N. *Op. cit.*, p. 296-304; GREEN, James *et al. Op. cit.*, p. 155-158.

No entanto, no ano seguinte a temática da homossexualidade ganhou o espaço público. Ela foi pauta de diversas matérias em revistas e jornais de circulação nacional. A revista *Veja* na edição de agosto de 1977 divulgou uma matéria intitulada *Um gay power à brasileira*. Em setembro de 1977, a revista *Manchete* editou uma extensa matéria intitulada: *São Paulo: os acordes da liberação gay*. O jornal *Folha de São Paulo*, no dia 3 de outubro, publicou uma reportagem denominada *A identidade de uma minoria*. A edição da revista *Isto É*, de 28 de dezembro de 1977 trouxe na capa a manchete: *O poder homossexual*. Todas essas matérias tratavam do cotidiano e da identidade dos homossexuais.<sup>271</sup>

Com a abertura do regime militar uma nova atmosfera política e social possibilitou que fosse fundado em 1978 o *Jornal Lampião da Esquina* e o *Grupo Somos*, ambos com uma proposta de politização da questão da homossexualidade. O primeiro número do jornal foi divulgado em abril de 1978 com tiragem de dez mil exemplares. Foi organizado por um grupo de jornalistas e intelectuais. A coordenação editorial era chefiada por Aguinaldo Silva e o jornal contava no início com sete editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Costa, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata. O conselho editorial contava com a coordenação do antropólogo Peter Fry e o cineasta Jean-Claude Bernardet. As edições do jornal eram compostas de contos, ensaios, notícias do movimento homossexual internacional de gays e lésbicas, informações sobre bares e pontos de interação e notas de interesse da comunidade homossexual. O jornal teve circulação até junho de 1981 e contou com a publicação de 38 números. Nesse período de existência os organizadores do jornal tiveram que enfrentar fortes truculências do Estado. Como a acusação em 1979 de que o jornal ofendia a moral e os bons costumes. Tal acusação foi retirada mediante a ampla mobilização dos homossexuais, artistas, intelectuais e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O jornal tinha uma conotação política com reivindicação de direitos para os homossexuais, bem como tornou visível outras identidades do homossexual, para além do modelo popular bicha\bofe. Isto se deu principalmente após a influência do movimento gay norte americano no Brasil, uma vez que João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas auto-exilaram-se nos EUA o que possibilitou aos mesmos um estreito contato com o movimento homossexual norte americano.<sup>272</sup>

---

<sup>271</sup> GREEN, James GREEN, James *et al.* *Op. cit.*, p. 169

<sup>272</sup> *Idem, ibidem*, p. 178-184.

O Grupo Somos adquiriu uma importância nacional pela sua visibilidade e notoriedade na luta pela efetivação da cidadania homossexual. Uma das ações do grupo foi a realização no dia 6 de fevereiro de 1979, de um debate público, na Universidade de São Paulo, com o intuito de organizar as minorias brasileiras, mulheres, negros, índios e homossexuais. O evento contou com mesas de palestrantes que incluía os editores do *Lampião* e membros do Grupo Somos e contou com a participação de 300 pessoas. A importância desse ato deveu-se ao fato de representar a consolidação do debate público em torno da homossexualidade. As discussões travadas pelos palestrantes foram acaloradas. Havia uma clara discordância do movimento estudantil ligado aos partidos da esquerda brasileira, bem como dos integrantes do Partido Comunista Brasileiro PCB. Eles questionavam a criação de um movimento que lutasse por temas específicos como a homofobia, o racismo e o sexismo. Seus argumentos eram de que a luta, em torno dessas questões, provocaria um enfraquecimento da luta maior, contra a ditadura militar e o sistema capitalista. Essa questão provocou fissuras no interior do Grupo Somos, pois um segmento do grupo defendia os argumentos da esquerda brasileira, e o outro a proposta de que o movimento homossexual deveria ser autônomo e independente das forças sociais mobilizadas na luta contra a ditadura militar. Todavia, o resultado desse encontro foi a proposta de defesa da homossexualidade como uma orientação sexual possível, desvinculando-a da idéia de anormalidade e doença tão cultivada pelas teorias médicas do final do século XIX e início do XX no Brasil. Nesse encontro foram formados dois novos grupos: o Eros e o Libertos. MacRae fez uma análise da ideologia compartilhada pelo Grupo Somos e destacou:

O grupo deveria ser exclusivamente formado por homossexuais; as palavras *bichas* e *lésbicas* deveriam ser esvaziadas de seus conteúdos pejorativos; na análise das relações de gênero, as assimetrias entre homens e mulheres deveriam ser combatidas, bem como a polarização ativo/passivo e os estereótipos efeminado/masculinizada; a bissexualidade, como identidade ou subterfúgio para não assumir a homossexualidade, era criticada, embora, em alguns momentos, a prática bissexual fosse até mesmo glorificada como subversão de todas as regras; a monogamia e a possessividade nos relacionamentos eram questionados; o prazer era visto como bem supremo, e o autoritarismo devia ser combatido em todas as suas manifestações tanto fora quanto dentro do grupo.<sup>273</sup>

No dia 16 de dezembro de 1979, foi realizado o I Encontro de Homossexuais Militantes, na Associação Nacional de Imprensa (ABI), na cidade do Rio de Janeiro. Nesse

---

<sup>273</sup> FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro : Garamond, 2005, p. 96.

encontro marcaram presença 61 pessoas sendo 11 lésbicas e 50 gays e nove grupos gays: Somos/RJ, Auê/RJ, Somos/SP, Eros/SP, Somos/Sorocaba, Beijo Livre/Brasília, Grupo Lésbico Feminista/SP, Libertos/Guarulhos, Grupo de Afirmação Gay/Caxias. As principais resoluções desse encontro foram: reivindicação de incluir na Constituição Federal o respeito à orientação sexual, bem como lutar pela retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais e convocar todos os militantes gays e lésbicos para um próximo encontro na semana santa próxima, em São Paulo. Entre os dias 4 e 6 de abril de 1980, em São Paulo, ocorreu o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados – Egho. Esse encontro foi restrito aos grupos homossexuais e seus convidados que contou com a participação de duzentas pessoas integrante dos grupos Auê/RJ, Somos/SP, Eros, Libertos, Somos/Sorocaba, Beijo Livre/Brasília, além de representantes da cidade de Belo Horizonte, Vitória, Goiânia, Curitiba e uma comissão de representantes do jornal o Lampião. Concomitante a esse evento ocorreu, também, o I Encontro Brasileiro de Homossexuais – Ebho que contou com a participação de seiscentas pessoas. Cabe ressaltar, que os grupos citados anteriormente (os que participaram dos dois eventos citados) foram os primeiros grupos existentes no Brasil e constituíram a chamada primeira onda do movimento homossexual brasileiro. Posteriormente, houve a extinção de alguns grupos devido à vinculação da homossexualidade com a epidemia da AIDS durante a década de 1980. Houve também a fragmentação do Grupo Somos, em maio de 1980, em três grupos: o Somos, o Grupo Lésbico-Feminista, posteriormente rebatizado de Galf (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) e o Grupo de Ação Homossexualista que posteriormente passou a se chamar Outra Coisa. O desmembramento, do Grupo Somos se deveu aos acalorados debates internos acerca da autonomia e independência do movimento homossexual em relação à esquerda brasileira. Vale destacar, que novas fragmentações e fusões entre os grupos ocorreram. Isso acarretou a deterioração do movimento homossexual, aprofundada com o encerramento das atividades do jornal o Lampião em junho de 1981. Tal jornal desempenhava um importante papel na mobilização do movimento homossexual brasileiro, além de fazer circular idéias e divulgar suas atividades por todo o país. Dessa forma, houve no Brasil um declínio na quantidade de grupos homossexuais. Com isso, o II Encontro Brasileiro de Homossexuais, previsto para acontecer em abril de 1981, não ocorreu. Regina Facchini, não interpreta a diminuição no

número de grupos de homossexuais como um declínio do movimento homossexual, mas como uma transformação na forma de organização e militância desses grupos.<sup>274</sup>

As reflexões de Badinter sobre o movimento gay ressaltam as vantagens e os inconvenientes da afirmação, da homossexualidade, no espaço público. Entre as primeiras, a autora destacou o desenvolvimento da auto-estima dos gays e a aceitação da sua sexualidade enquanto orientação e não mais como doença/desvio. Entre as segundas, ressaltou que a visibilidade dos homossexuais significou para a sociedade uma afronta aos padrões considerados normais de sexualidade o que aumentou a hostilidade face a essa minoria. Nos Estados Unidos, a mídia juntamente com outras instituições, contribuiu para a associação da AIDS à homossexualidade, através da divulgação da subcultura *gay*. Uma das ligações próprias a este contexto nos remete ao período que se inicia em 1980, onde houve uma relevância particular, com a descoberta de novas endemias e epidemias. Ocorreu então um reforço dos discursos homofóbicos e de arcaicos paradigmas sobre antigas causas de contração de determinadas doenças, algumas coletivas, como a AIDS que foi inicialmente identificada com a subcultura *gay*. Uma vez descoberta a forma de transmissão da AIDS, no ano de 1985, a conexão entre a doença e a forma de transmissão da mesma – sexo, preponderantemente –, trouxe como consequência um reforço da discriminação contra os homossexuais.<sup>275</sup>

Entretanto, em 1986 dois grupos ganharam relevância no contexto nacional, o Grupo Gay da Bahia, fundado por Luiz Mott e o Triângulo Rosa no Rio de Janeiro organizado por João Antônio Mascarenhas. A atuação política dessas duas entidades significou uma nova forma de luta, pois elas *demonstram um menor envolvimento com projetos de transformação social, num sentido mais amplo, e uma ação mais pragmática, voltada para a garantia dos direitos civis e contra a discriminação e violência dirigida aos homossexuais.*<sup>276</sup> Com essa nova forma de luta política e a associação entre homossexualidade e AIDS ocorreu um reflorescimento do movimento gay no Brasil denominado de segunda onda. Nesse período, surgiu o Grupo Atobá na cidade do Rio de Janeiro. O Grupo Gay da Bahia e o Grupo Atobá desempenharam forte papel na articulação política na, segunda onda, do movimento homossexual brasileiro. Diversos encontros homossexuais foram organizados com intuito de

---

<sup>274</sup> FACCHINI, Regina. *Op. cit.*, p. 93-118

<sup>275</sup> GÓIS, João Bosco Hora. *Olhos e ouvidos públicos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença* in PUPIN, Andréa Brandão et al. *Mulher, Gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001, p. 40.

<sup>276</sup> FACCHINI, Regina. *Op. cit.*, p. 111.

debater e elaborar estratégias políticas de luta em prol dos direitos homossexuais e contra a discriminação e violência de que eles são vítimas.

No ano de 1984 foi realizado em Salvador o II Encontro Brasileiro de Homossexuais coordenado pelo Grupo Gay da Bahia. Nesse encontro estiveram presentes quarenta participantes representando os grupos: Dialogay/Sergipe, o Gathó, o Grupo Libertário Homossexual, o GGB e o Adé-Dudu de Salvador, além de representantes de Maceió. Em janeiro de 1989 aconteceu no Rio de Janeiro, o III Encontro Brasileiro de Homossexuais convocado pelo Grupo Atobá onde estiveram presentes o Grupo Resistência Asa Branca (Grab/CE), Dialogay (SE), GGB (BA), Comunidade Pacifista Tunker (GO), Movimento Antônio Peixoto (PE) e Atobá (RJ). No ano de 1990, em Aracaju (SE) ocorreu o IV Encontro Brasileiro de Homossexuais sob a organização do Grupo Dialogay (fundado em 1981). Participaram do evento os grupos: GGB (BA), o Dialogay (SE), o Atobá (RJ), o Grab (CE), o grupo Free (PI), e o Nies ( Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Sexualidade).

Em Recife, no ano de 1991, foi organizado o V Encontro Brasileiro de Homossexuais organizado pelo Movimento Antônio Peixoto (MAP/PE). Participaram desse encontro os grupos GGB (BA), o MAP, o Atobá, Rede de Informação Um Outro Olhar (organização formada a partir do Galf/SP) e os futuros fundadores do Grupo Dignidade/PR que foi fundado em 1992. O VI Encontro Brasileiro de Homossexuais aconteceu no Rio de Janeiro, no ano de 1993 e contou com a participação de onze grupos homossexuais.

Na cidade de Cajamar no Estado de São Paulo ocorreu o VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais, no ano de 1993 e dele participaram vinte e um grupos. Esse encontro foi singular, pois demonstrou o aumento da participação dos grupos gays e lésbicos. Isso pode ser explicado pelo fato de que a partir desse ano o encontro passou a receber financiamento do programa estatal de prevenção as DSTS/AIDS. Com isso, o encontro nacional de homossexuais passou a ocorrer paralelamente ao Encontro Brasileiro de Gay e Lésbicas que Trabalham com AIDS. Com a participação de novos grupos de lésbicas, possibilitou-se a inclusão da letra L na sigla do movimento homossexual. Houve também a presença de entidades de estados que nunca haviam participado antes como o Nuances (RS) e o Movimento Homossexual Diretrizes e Emancipação (MG) demonstrando a existência de outros grupos atuantes no país, para além, daqueles que participavam dos eventos nacionais. Tal participação pode ser entendida, pelo

fato, desses outros grupos não disporem anteriormente de recursos para viajar para outro estado. Foi identificada, nesse encontro, a existência de 43 grupos homossexuais no Brasil.<sup>277</sup>

O VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas ocorreu concomitantemente ao I Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas que Trabalham com AIDS, entre os dias 28 e 31 de janeiro de 1995, na cidade de Curitiba. Nesse evento, estavam presentes 84 entidades, entre elas 43 grupos gays ou mistos, três grupos exclusivamente lésbicos e três grupos de travestis. Nesse encontro foi fundada, em uma assembléia geral, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – ABGLT. A proposta de organização de uma entidade nacional era debatida desde o IV encontro, entretanto, somente no ano de 1995 a associação pode ser criada. Houve, contudo o questionamento do Grupo Nuances (RS) sobre o processo pelo qual havia sido criada a associação. Nesse encontro, foi aprovada a inclusão do termo travestis no nome dos próximos encontros do movimento.

No ano de 1995, ocorreu no Rio de Janeiro, a 17ª Conferência Internacional da Internacional Lesbian and Gay Association, ONG de origem européia criada em 1978 e registrada sob as leis da Bélgica, que conta com 450 grupos associados de mais de sessenta países. Estiveram presentes na conferência 1200 participantes. A organização do encontro contou com a participação de diversos grupos homossexuais brasileiros, do Ministério da Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, de funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Sindicato dos Bancários e dos Previdenciários, ambos do Rio de Janeiro.

O IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis e o II Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas que Trabalham com AIDS ocorreu em São Paulo durante os dias 20 e 26 de fevereiro de 1997. A realização ficou sob a responsabilidade de uma comissão de grupos homossexuais constituída após muitos conflitos internos. Formaram a comissão a Rede de Informação Um Outro Olhar, o grupo Corsa e ativistas independentes. Participaram 52 grupos GLTs, estando presentes 338 pessoas, dentre estas 53% homens, 42% mulheres, 4% travestis e 1% transexuais. Desse total de participantes do evento 52 receberam bolsas de auxílio para custear o transporte, alimentação e a estadia para participar das atividades. O financiamento do encontro foi obtido, mediante a apresentação de projeto ao Ministério da Saúde, pela Rede de Informação Um Outro Olhar, um dos poucos grupos que possuía estrutura de ONG e que já

---

<sup>277</sup> FACCHINI, Regina. *Op. cit.*, p. 182.

havia conseguido financiamentos anteriores o que deixou o grupo em uma situação delicada frente aos demais grupos. O encontro foi marcado por confrontos e agressões entre militantes e grupos como relata Regina Facchini:

As acusações apontavam discriminações, preconceitos, luta por poder, violência, autoritarismo, falta de ética, falta de trabalho, falta de respeito pelo trabalho do outro, mau uso dos recursos destinados ao combate e prevenção da AIDS, falta de compromisso efetivo com a causa, subordinação de finalidades públicas a interesses privados. Sem dúvida, essas acusações refletem a democracia, o respeito e a ética como valores norteadores gerais no movimento. Refletem a existência, ainda, de uma visão comunitarista por parte de alguns grupos e/ou a manipulação simbólica em torno da igualdade e da ausência de hierarquias – valores com raízes históricas no movimento – em momentos de conflitos. Sinalizam, também, a existência de conflitos entre as diversas identidades coletivas que compunham o movimento: gays, lésbicas e travestis. (...) durante o encontro houve momentos em que, por exemplo, lésbicas se posicionaram como mulheres e questionaram a legitimidade da reivindicação de atendimento de travestis em enfermarias femininas, argumentando que travestis, em última instância, são homens, gerando uma discussão bastante acalorada.<sup>278</sup>

O encontro foi encerrado com uma passeata pelas ruas do centro da cidade de São Paulo, como ocorrera nos encontros anteriores. Foi nessa passeata que surgiu a idéia da organização de eventos de rua, a parada gay, para comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay.

Os conflitos ocorridos no IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis demonstram as disputas e a fragmentação identitária dentro do movimento homossexual. Tal segmentação se agrava com a interferência dos agentes estatais e do mercado. Houve disputas entre os grupos pela aprovação de projetos. Com isso, verificamos que há fraturas internas na base do movimento. Tal fato, como já apontado por Facchini, foi ressaltado por Pedro Paulo de Oliveira:

Seria, no entanto, ingênuo pensar que os gays possam ser tomados como um grupo homogêneo e sem diferenças dentro de suas hostes. Não bastasse as diversas pertencas sociais que incidem sobre os diferentes agentes homo-orientados, suficientes para justificar posicionamentos díspares diante de questões fundamentais, os gays encontram dissensões mesmo em relação à própria imagem que fazem de si enquanto grupo e também quanto ao tipo de comportamento e de estratégias a serem adotadas para um enfraquecimento do preconceito de gênero do qual são vítimas contumazes. A história de suas dimensões pode ser verificada ainda quando eles nem tinham a dimensão que ganharam nas últimas décadas.<sup>279</sup>

---

<sup>278</sup> FACCHINI, Regina. *Op. cit.*, p. 132.

<sup>279</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Op. cit.*, p. 95.

A primeira dissensão do movimento homossexual, no fim do século XIX que, ainda, se faz presente diz respeito à divisão entre aqueles homossexuais que consideravam importante adotar um comportamento feminilizado como forma de afirmação pública da identidade homossexual que é conhecido hoje nos Estados Unidos como cultura *camp*. Outro segmento de homossexuais pregava valores comportamentais masculinos. Nesse debate, Jurandir Freire Costa se posicionou alegando que o comportamento *camp* não significa um confronto aos padrões hegemônicos de gêneros. Tal cultura contribui, apenas, para reproduzir a percepção dominante da homossexualidade como uma aberração.

Há grupos homossexuais que reivindicam uma especificidade gay, uma marca distintiva para a cultura tipicamente homossexual. Esses grupos defendem uma espiritualidade gay, pregam a vida coletiva gay em espaços comunitários sem estruturas sociais hierárquicas, onde mulheres e heterossexuais não poderiam participar. Para outros grupos gays os homossexuais masculinos seriam homens comuns se diferenciando apenas em suas práticas sexuais. As feministas desconfiam desses grupos e argumentam que esses gays buscam ampliar o espectro da dominação masculina para nele também incluírem os homens que fazem sexo com homem, em detrimento de lutar pelo desmantelamento dos privilégios materiais, culturais e simbólicos, bem como a cultura androcêntrica. Pedro Paulo de Oliveira adverte que a desconfiança feminista em alguns casos é legítima, pois há, sem dúvidas, gays que manifestam indiferença ou mesmo até hostilidade em relação aos gays femininos e às mulheres.<sup>280</sup>

Em relação à forma de parceria sexual há militantes que defendem a monogamia, principalmente os grupos que lutam pelo direito ao matrimônio, e outros que pregam a *libertação de quaisquer constrangimentos que impeçam o exercício livre da sexualidade, incluindo a restrição de contato sexual a apenas um(a) parceiro(a)*.<sup>281</sup>

Embora a história do movimento homossexual tenha demonstrado que afirmar a origem da homossexualidade no aspecto biológico constitui uma armadilha, como verificado no século XIX, alguns grupos, na atualidade, como o National Gay and Lesbian Task Force, nos EUA, consideram positivas as pesquisas que buscam vincular a homossexualidade a causas genéticas e biológicas. Para esse grupo, assim, tal como acontece com a cor da pele, os homossexuais poderiam reivindicar proteção contra a discriminação social, o que não ocorre,

---

<sup>280</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Op. cit.*, p. 96

<sup>281</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

quando defendemos que a homossexualidade é resultado de experiências e vivências sociais. Isso possibilita que pesquisas científicas de valor duvidoso corroborem as explicações sustentadas durante o século XIX, que consideravam a homossexualidade como desvio, doença e anormalidade. Contra essas teorias o movimento homossexual luta até os dias atuais.

Todavia na década de 1990 o movimento homossexual se consolidou. Alcançou visibilidade no espaço público. Tal visibilidade se deveu a luta dos grupos homossexuais, no Brasil e nos países ocidentais, contra a vinculação da epidemia de Aids aos homossexuais. Nesse período o mercado voltado para o segmento homossexual se pluralizou. Além das casas noturnas foi possível vislumbrar o surgimento de diversos segmentos da mídia que realizam festivais de cinema com a temática homossexual. Foram criados, também, agências de turismo, livrarias, programas e até mesmo um canal de televisão a cabo, lojas de roupas, cruzeiros marítimos e diversos sites na Internet voltados para o segmento homossexual. Na Europa e nos EUA há seriados gays como o *Queer as Folker* ou *The L Word*, que têm significativa influência na cultura homossexual brasileira como destaca Isadora França Lins: *A parcela de homossexuais brasileiros ‘antenados’ à última moda pauta-se, em muitos aspectos, pelos mesmos referenciais que compõem o estilo de vida dos personagens de regiões mais ao norte do globo.*<sup>282</sup>

Foi criada nessa época a sigla GLS o ‘S’ significa simpatizantes que tem por objetivo expandir o gueto possibilitando que os que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam dessa comunidade. A sigla foi utilizada no primeiro festival de cinema MixBrasil. Um desfile de moda, em meados da década, produziu camisas com as letras G, L ou S, que foram usadas por gays, lésbicas e simpatizantes famosos, com objetivo de dar visibilidade à luta dos homossexuais. A sigla GLS foi associada a um público homossexual moderno, interessado em arte, música, conectado à última moda e freqüentador da noite.

Nesse contexto, foi lançada a revista Sui Generis. Segundo, Marcos A. Assis Lima, essa revista, foi lançada em janeiro de 1995 e, direcionada ao público homossexual, tendo como ideal divulgar a diversidade da cultura homossexual brasileira e buscando em suas matérias captar comportamentos, valores, hábitos e regras apropriados e compartilhados por

---

<sup>282</sup> FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes: O Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo*. São Paulo : Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, 2006, p. 49.

gays e lésbicas. O autor identificou que no plano do discurso, embora, a revista reconhecesse a diversidade da ‘cultura gay’ brasileira, na prática os artigos publicados buscavam limitar esta diversidade. O estilo gay valorizado e difundido pela *Sui Generis* traduzia um determinado modelo de homossexual que consistia em ser bem sucedido profissionalmente e afetivamente – relacionamento estável e monogâmico -, de classe média, branco, assumido sexualmente, que cultuava o físico e a beleza. Com isto, a revista buscava a normalidade da cultura homossexual pautada em valores heterossexuais. Cabe ressaltar, que tal estilo gay valorizado pela revista é o modelo cultuado pelos homossexuais americanos. Assim, exclui e violenta os homossexuais que não compartilham desse padrão comportamental. Destaca-se o preconceito da revista em relação ao tipo efeminado, que passa a ser uma ‘anormalidade’ em relação ao padrão cultuado. Na verdade a revista cultua um padrão de homossexualidade que contempla o homem branco e de classe média deixando de fora outras possibilidades de viver a homossexualidades.<sup>283</sup>

Outra revista lançada em 1997, a *G Magazine* tinha como maior filão os ensaios fotográficos de homens nus geralmente atores globais, jogadores de futebol, cantores e modelos. Dessa forma, a revista conseguia atingir um público para além do homossexual. Aos poucos foram sendo incorporadas colunas de entrevistas e matérias diversas sobre a homossexualidade. As reportagens tratam da vivência do homossexual, abordando temas como saúde, beleza, estilo de vida e anúncios de estabelecimento voltados para o segmento gay, como saunas, bares, boates, clínicas de estética dentre outros. Em 2003 a revista criou colunas que abarcaram outras categorias identitárias além dos gays: uma para os ‘ursos’<sup>284</sup>, uma para trans, e uma para lésbicas. Posteriormente foi criada uma coluna para os soropositivos. Divulgava também informações e causas do movimento homossexual.

Dessa forma, a mídia e o mercado voltados para o público gay foram capazes de possibilitar um canal de comunicação entre os homossexuais, *através do qual foi possível difundir tantos discursos políticos e demandas do movimento, quanto informações a respeito do circuito GLS e dos diversos estilos de vida que o acompanham.*<sup>285</sup> Entretanto, essa sigla, foi rejeitada pelo movimento que alegou que a mesma não nomeia os sujeitos que passaram a ganhar visibilidade na comunidade a partir da década de 1990: as travestis e transexuais e os

---

<sup>283</sup> LIMA, Marcus Assis. *Em busca da normalidade: Sui Generis e o estilo de vida gay* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero – NUTEG*. Vol. 02, n. 01 (2º sem. 2000). Niterói : EDUFF, 2000, p. 109-125

<sup>284</sup> Homossexuais geralmente obesos e com pelos distribuídos por todo corpo.

<sup>285</sup> FRANÇA, Isadora Lins. *Op. cit.*, p. 98.

bissexuais. Os integrantes do movimento alegavam, ainda, não existir movimento de negros e simpatizantes, movimento feminista e simpatizantes, movimento do sem terra e simpatizante. Dessa forma, afirmavam que a não incorporação da letra S não exclui, mas apenas nomeia o foco do movimento.

A visibilidade do movimento homossexual fez com que outros sujeitos se fortalecessem e se tornassem visíveis: as travestis e transexuais e os bissexuais. Em fins da década de 1990 foram criadas a ANTRA (Articulação Nacional de Transgênero) e o CNT (Coletivo Nacional de Transexuais). A inserção da letra B ao nome do movimento causou acalorados debates no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis. Os argumentos contrários à inserção dos bissexuais como sujeitos políticos iam no sentido de que eles são uma espécie de traidores do movimento, aparecendo como os que nunca sofrem o preconceito, eles mantêm práticas homossexuais e participam do ‘mundo do heterossexual’ com tranquilidade, ao passo que os homossexuais são vítimas de toda forma de preconceitos. A incorporação dos bissexuais também provoca uma desestabilização entre heterossexuais e homossexuais e entre homens e mulheres. Segundo França esses segmentos têm produzido um questionamento no interior do movimento pelo fato de que:

não se encaixam exatamente em nenhuma das duas pontas das pares culturalmente estabelecidos e de certa forma incorporados pelo movimento, que por vezes pareceu atuar sob a implícita perspectiva de que existem mundos que não se cruzam em momento algum: o mundo dos ‘heterossexuais’ e o mundo dos ‘homossexuais’, e o mundo dos ‘homens’ e das ‘mulheres’. Nesse sentido, a atuação crescente de bissexuais e travestis e transexuais no movimento brasileiro tem trazido uma variedade de questionamentos que ainda não encontraram uma resolução definitiva no seu interior, apesar dos esforços realizados nesse sentido.<sup>286</sup>

A organização desses grupos acarretou uma multiplicação de categorias que compõe o movimento GLBT, levando o mesmo a uma complexa atuação, pois aqueles que têm especificidades decorrentes do fato de serem negros, jovens e deficientes físicos passaram também a reivindicar uma atenção especial dos militantes.

Em meados da década de 1990 foram realizadas as primeiras paradas gays, no Rio de Janeiro e em São Paulo, (a 1ª Parada Gay do Rio de Janeiro, aconteceu no ano de 1995). Em São Paulo, no ano de 1997, ocorreu a I Parada do Orgulho GLBT com o formato atual inspirado em eventos semelhantes de outros países. As paradas têm uma periodicidade anual e

---

<sup>286</sup> FRANÇA, Isadora Lins. *Op. cit.*, p. 98.

o objetivo de celebrar o orgulho gay dando visibilidade às reivindicações do movimento GLBT. Esse tipo de manifestação inaugurou uma nova forma de atuação política que reúne celebração, combate à discriminação e reivindicação da cidadania. Desse período em diante as paradas espalharam-se para a maioria das capitais brasileiras e para muitas cidades do interior. A *Interpride*, (rede internacional de entidades organizadoras de paradas), divulgou que em 2008 foram realizadas 127 paradas no país e 23 eventos culturais voltados para temática GLBT. O Brasil é hoje, o segundo país, com o maior número de paradas do mundo. A parada de São Paulo é considerada a maior do mundo em número de participantes. No Brasil, Minas Gerais liderou o ranking nacional, com 21 paradas, e São Paulo contou com 12. O Governo Federal apoiou, através do Ministério da Cultura, 21 eventos. Outros 92 receberam o apoio do Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde. As paradas nas diversas cidades brasileiras atraem um público diversificado formada por pessoas dos bairros considerados nobres e das periferias incluindo crianças, jovens e idosos. Isadora Lins França fez uma minuciosa descrição da multidão que frequenta a parada de São Paulo, mas que pode ser considerado um retrato dos vários eventos que acontecem em outras cidades brasileiras. Ela destaca a heterogeneidade do público:

Há casais andando de mãos dadas – nas mais variadas combinações possíveis, travestis exibindo seus seios, rapazes (pouco) vestidos de diabo, mulheres com bebês, famílias inteiras (de novos ou velhos arranjos), *drag-queens* caprichando no visual e disputando os flashes dos fotógrafos profissionais e de pessoas que querem posar ao seu lado para fotos pessoais, grupinhos de amigos com roupas coloridas, cabelos espalhafatosos e *piercings* inusitados, grupinhos de amigos trajando preto dos pés a cabeça, jovens rapazes de saia, mulheres de calça social e suspensório, homens encenando os mais diferentes personagens relacionados a imagens iconográficas da homossexualidade (marinheiros, bombeiros, policiais), ursos caminhando sob sua bandeira, pessoas com faixas remetendo aos seus estados de origem, homossexuais evangélicos com as faixas de suas igrejas, punks e góticos, pessoas que se beijam aos trios, travestis trajando plumas de escola de samba, pessoas solitárias observando atentamente o movimento, trios que se beijam simultaneamente, rapazes de músculos trabalhados e mais uma infinidade de tipos e pessoas que nenhuma descrição conseguira abarcar. Acompanhando tudo isso, uma grande fila de pessoas na calçada.<sup>287</sup>

A parada é constituída por trios elétricos que se organizam da seguinte forma: o primeiro trio é o da comissão organizadora da parada, em seguida o das ONGs e depois os trios de casas noturnas. Geralmente, entre um trio e outro, é estendida a bandeira do arco-íris símbolo mais conhecido do movimento homossexual.

---

<sup>287</sup> FRANÇA, Isadora Lins. *Op. cit.*, p. 81.

Na atualidade há um debate acalorado dentro e fora do movimento GLBT, sobre a Parada, que versa sobre a questão dos limites entre a 'festa' e a 'política'. Embora seja distinta dos movimentos políticos tradicionais, as paradas têm conseguido atrair um número de pessoas que nenhum movimento social, atualmente, no Brasil, consegue reunir. Os críticos ferozes insistem em associar a parada a uma festa, e afirmam não ser um ato político. Por isso é freqüente a associação entre o Carnaval e a Parada. Isso irrita os militantes e nos parece ser uma forma de desqualificar a luta do movimento GLBT. É importante frisar que a parada gay é uma estratégia política diferente das adotadas dos outros movimentos sociais principalmente aqueles ligados à esquerda. Isadora Lins França apresentou os resultados de uma pesquisa realizada para saber os motivos que levam tantas pessoas às ruas. Esse trabalho revelou que 57,6% das pessoas entrevistadas foram à parada porque queriam que os homossexuais tivessem mais direitos, 8,9% foram por solidariedade a parentes e amigos(as) homossexuais, 26,7% foram por curiosidade e 4,1% para paquerar.<sup>288</sup>

Essa forma de luta política, singular, do movimento GLBT possibilitou o fortalecimento e a visibilidade da comunidade e das suas reivindicações. A cada ano as paradas trazem como tema as questões pelas quais os LGBTs lutam. Dessa forma, elas possibilitaram avanços importantes, como o fato do estado brasileiro ter criado um programa específico para atender às demandas homossexuais. Em 2004 foi criado, no governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva o 'Programa Brasil Sem Homofobia', vinculado à Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Uma das ações desse programa foi o financiamento de Centros de Referência em Direitos Humanos e Combate à Homofobia em todos os estados, além de financiar núcleos de pesquisas e promoção da cidadania GLBT e projetos de capacitação em Direitos Humanos para o combate à homofobia. No ano de 2005 o Ministério da Cultura abriu edital aceitando projetos para apoio às Paradas GLBT. Foi concedido financiamento para 28 paradas no Brasil, valores que iam de R\$ 10.000 a R\$ 90.000 para cada organização. Isso significou um marco para o movimento que até então recebia financiamento, apenas, do Ministério da Saúde, para o trabalho de prevenção da AIDS. Tal coisa parecia ao movimento como menos digna do que o recebimento de recursos pelo trabalho na área de direitos humanos e cultura.

---

<sup>288</sup> FRANÇA, Isadora Lins. *Op. cit.*, p. 137.

Outra importante conquista do movimento GLBT foi a realização da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais convocada por meio do Decreto Presidencial de 28 de novembro de 2007. A organização da conferência ficou sob a responsabilidade da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Segundo o regimento, a conferência foi dividida em duas etapas, uma em nível nacional e outra em âmbito estadual e do distrito federal. O regimento sugeria, ainda, a realização de pré-conferências municipais ou regionais e as decisões destas poderiam ser encaminhadas à conferência Estadual. Dessa forma, após a realização das pré-conferências regionais no Estado do Rio de Janeiro, ocorreu entre os dias 16 a 18 de maio de 2008, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, a conferência Estadual que teve como tema “Direitos Humanos e Políticas Públicas: O caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais” que tinha como objetivos, propor diretrizes para a implementação de políticas públicas para garantir a plena cidadania dessa minoria. Ela pretendeu também propor diretrizes e estratégias para o Programa Brasil sem Homofobia. Participaram da conferência os delegados da sociedade civil e do poder público que foram eleitos nas pré-conferências municipais que tinham poder de voz e voto, além destes participaram os observadores e os convidados.

Nossa participação na conferência se deu como observador. Faremos agora algumas considerações sobre o evento. O primeiro dia da conferência se restringiu ao cerimonial de abertura que contou com a presença de Perly Cipriano subsecretário da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, de Ana Maria Costa Diretora de Gestão Participativa do Ministério da Saúde, de Cida Diogo Deputada Federal Coordenadora da Frente Parlamentar pela livre Cidadania GLBT de Benedita da Silva – Secretária de Assistência Social e Direitos Humanos/RJ, de Luiz Eduardo Soares Secretário Municipal de Prevenção à Violência e valorização da Vida de Nova Iguaçu e Professor da UERJ, de Neusa das Dores Pereira Membro do Comitê Organizador da Conferência Estadual GLBT e integrante do Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher Rio de Janeiro/RJ, de Carlos Magno Membro da Comissão Organizadora Nacional e Secretário da Região Sudeste da ABGLT, de Cláudio Nascimento Superintendente de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro - SEAS.DH/RJ, do Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Sr. Siro Darlan. Pela Comissão

Organizadora Estadual participaram o Diretor do Grupo Arco-Íris Julio Moreira, Ricardo Veivalves Reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ e a Presidente da Associação de Travestis e Transexuais do Rio Majorie Marchi. Também participaram representantes da Procuradoria Geral de Justiça do Estado do RJ; das Secretarias de Estado de Cultura, de Educação, de Saúde e Defesa Civil, de Trabalho e Renda e de Turismo, Esporte e Lazer.

A fala recorrente de todos os convidados era de ressaltar a importância do evento, enquanto marco histórico para a comunidade GLBT. Um fato marcante da abertura da Conferência foi a assinatura, pelo reitor da UERJ Ricardo Vieiralves, da Carta Compromisso da UERJ, Por Um Rio Sem Homofobia, entregue ao presidente da Conferência, com atos administrativos importantes para promoção da cidadania, como a criação do primeiro (1) Laboratório de Políticas Públicas para GLBT, (2) o anúncio de que travestis e transexuais podiam usar o banheiro feminino nas instalações, (3) o uso do nome social por travestis e transexuais nos registros e chamadas na Universidade e em órgãos vinculados, (4) o acompanhamento do companheiro (a) de GLBT em consulta, internação e exame no Hospital Universitário da UERJ (Pedro Ernesto) e (5) apoio na implantação e gestão do Programa Rio Sem Homofobia. Esse fato foi muito comemorado pelos participantes do evento.

O segundo dia, caracterizou-se por um considerável atraso no início da programação, tendo sido canceladas algumas seções do evento que estavam previstas, como os encontros satélites com os diversos temas específicos da comunidade GLBT: Mídia e Homossexualidade, Bissexualidade e seus mitos, Religião e sexualidade, dentre outros. Com isso, ocorreu apenas, na parte da manhã a leitura e aprovação do regulamento da Conferência Estadual. Em seguida, deu-se início a uma palestra que buscou fazer um panorama das políticas públicas para GLBT, em âmbito nacional e estadual. Foi realizado à tarde um ato público, em frente ao Estádio do Maracanã, pelo fato de ser celebrado no dia 17 de maio o Dia Mundial de Luta Contra a Homofobia, que passou a fazer parte da programação da Conferência. O objetivo do ato era pedir respeito e paz. Os participantes soltaram balões brancos em homenagem aos mais de 2.500 GLBT assassinados no Brasil, vítimas da homofobia. Horas antes da manifestação, no caminho para o Restaurante Popular do Maracanã, onde os/as participantes almoçaram, um torcedor agrediu verbalmente duas travestis com palavras de baixo calão, na frente de dois policiais que, imediatamente, autuaram o agressor. O caso foi registrado na

Delegacia de Polícia de Flagrantes da Praça da Bandeira. Tal fato causou grande revolta entre os/as participantes uma vez que estavam reunidos para discutir políticas públicas. A decisão de encaminhar o agressor para delegacia resultou de uma votação no refeitório durante o almoço. Uma segunda proposta foi apresentada pelos/as participantes/as e consistia em fazer o agressor pedir desculpas em público às travestis.

Após esse episódio, ocorreram seis mesas-redondas sobre os temas: 1) Segurança Pública. Direitos Humanos e Combate à Homofobia, 2) Saúde e Assistência Social 3) Trabalho, Renda e Turismo, 4) Legislação e Justiça, 5) Cultura e Educação, 6) Articulação da Política de Direitos de GLBT e Direitos Humanos. Como palestrantes participaram pesquisadores, Juizes, representantes da OAB, do movimento GLBT e diversos órgãos governamentais.

Essas mesas-redondas buscaram identificar as principais demandas da luta contra a homofobia e pela cidadania GLBT. Dentre as diversas propostas aprovadas, as que obtiveram destaque para serem encaminhadas ao Programa Federal Brasil Sem Homofobia, foram a alocação de recursos e a institucionalização de suas políticas nos Ministérios e nos âmbitos estadual e municipal. A Conferência aprovou, como uma das medidas legislativas prioritárias, a aprovação do projeto de lei que se encontra no Senado sob o número PLC 122/06 que torna crime a homofobia (na mesa-redonda que participamos a de número 6 apenas Roberto Gonçalves representante da OAB fez ressalvas à medida). A aprovação de projetos de lei que versem sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo; a mudança de nome para travestis e transexuais e a adequação de sexo para transexuais também foram aprovadas.

Ainda, neste segundo dia, observamos que houve um desentendimento entre a representante da Associação de Travestis do Rio de Janeiro Marjorie March e o presidente da organização da conferência Cláudio Nascimento. Tal fato se deveu à discordância de Marjorie March com os shows que seriam apresentados por algumas travestis no final deste dia. A representante da ASTRA/RJ ameaçou se retirar da conferência junto com todas as travestis e transexuais. Para ela a realização do Show de travestis seria considerado como descaso com o evento, pois aquele momento era de luta por direitos e não de diversão. Questionava o porquê só as travestis fariam show, se por acaso elas eram algum folclore que serviria para divertir os gays e as lésbicas. Esse fato foi solucionado em uma reunião em local reservado entre o presidente da organização da conferência Cláudio Nascimento e a Presidente da ASTRA/RJ.

Embora esse fato não tenha ganhado repercussão pública foi possível observá-lo porque conversávamos com uma travesti que nos confidenciou o ocorrido.

No terceiro e último dia da Conferência foi realizada a plenária final para escolhas de 32 delegados (eleitos/as em pré-conferências regionais) para representar o Estado do Rio de Janeiro na Conferência Nacional. De acordo com os regimentos internos das Conferências Nacional e Estadual, 11 delegados deveriam ser representantes do Poder Público e 21 da Sociedade Civil, sendo que pessoas de gênero feminino (mulheres heterossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis) deveriam representar pelo menos 50% dos escolhidos e pelo menos 30% deveriam ser afro-descendentes. Para atender a essa orientação, foram realizados dois encontros anteriores (Poder Público e Sociedade Civil) à Plenária Final para definir chapas com representantes de cada categoria. A reunião do Poder Público, na concha acústica da UERJ, indicou os nomes das 11 pessoas da esfera governamental que fizeram a delegação do Estado na Conferência Nacional. Como só houve uma chapa na plenária final, os/as representantes do poder público escolhidos/as foram confirmados/as pelos/as delegados/as presentes. Já a reunião da Sociedade Civil definiu duas chapas - que na Plenária final ganharam votos de delegados/as do poder público e da sociedade civil. A chapa vencedora, Por um Rio Sem Homofobia, ganhou o direito de eleger 13 de seus componentes para a delegação estadual por receber 91 votos. Já a segunda chapa, Mosaico-Nada Será Como Antes, com 52 votos, teria o direito de levar 8 representantes para a Conferência Nacional. O sistema de escolha dos delegados/as foi por proporcionalidade direta dos votos que cada uma recebeu na plenária final.<sup>289</sup> Assim, os delegados que representam o Estado do Rio de Janeiro participariam da Conferência Nacional de Políticas Públicas para GLBT a ser realizada em Brasília.

Entre os dias 05 e 08 de junho 2008 aconteceu em Brasília a Conferência Nacional GLBT. O evento reuniu cerca de mil pessoas, entre delegados, observadores, convidados, imprensa e organizadores. Durante quatro dias, foram discutidas propostas de políticas públicas para o segmento em mesas-redondas, grupos de trabalho e plenárias. Depois da histórica abertura, que contou com a presença do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, e do presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Toni Reis, o encontro teve seu ponto alto no anúncio do Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, de que o Sistema Único de Saúde passaria a realizar cirurgias de

---

<sup>289</sup> Relatório da Conferência Estadual de Políticas Públicas para Cidadania GLBT.

transgenitalização. Diversas propostas foram aprovadas nas áreas de Direitos Humanos, Saúde, Justiça e Segurança Pública, Turismo, Previdência Social, Comunicação, Educação, Trabalho e Emprego, Cultura e Cidades. Todas as propostas tiveram por objetivo lutar pela efetivação da cidadania dos GLBTs. Foi também decidido que a letra L que representa as lésbicas passaria a ser a primeira letra da sigla do movimento que passaria a se denominar LGBT. As lésbicas argumentaram que elas tinham menor visibilidade do que os outros sujeitos políticos do movimento e que também tinham menos poder de decisão no interior do movimento. Travestis reivindicaram que, se adotado o critério de exclusão, o T deveria encabeçar a sigla. Venceu a justificativa de que internacionalmente o L vem na frente". A votação durou mais de uma hora e, no final, 190 delegados votaram a favor do LGBT e 160 contra. Também ficou reiterada a alocação de recursos e a institucionalização das políticas dos Ministérios (âmbito federal) e Secretarias (nos âmbitos estadual e municipal) ao Programa Federal *Brasil Sem Homofobia*, bem como a urgência da aprovação do Projeto-lei que se encontra no Senado sob o número PLC 122/06, que tipifica a homofobia como crime, e as demais que versam sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a mudança de nome para travestis e transexuais e a adequação de sexo para os transexuais.

Buscamos até aqui demonstrar as estratégias políticas que o movimento LGBT utilizou para desconstruir o estigma de que são vítimas desde a Idade Média quando a Igreja os considerava como pecadores. Verifica-se que a organização em movimentos sociais foi de suma importância nesse processo. E como estratégia política às paradas LGBT foram e são um meio eficaz de visibilidade e de inserção de propostas dessa minoria no espaço público e na agenda governamental. Além disto, demonstraram-se às dificuldades para a aprovação e discussão das políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT, e identificou-se que o movimento possui alguns desafios internos semelhantes a outros movimentos sociais no que se refere à participação política dos seus membros. No entanto, o movimento tem desempenhado seu papel na luta pela efetivação da cidadania homossexual como sugere o tema da parada GLBT de São Paulo em 2009: "Sem Homofobia, mais cidadania".

## CAPÍTULO V - BUSCANDO A CIDADANIA: AS ESTRATÉGIAS PARA AFIRMAÇÃO PÚBLICA DA HOMOSSEXUALIDADE.

A ocupação de lugares públicos pelos gays não é atual na cidade do Rio de Janeiro. Em 1872 Francisco Ferraz de Macedo identificou aqueles por eles freqüentados. Seu objetivo era coletar dados sobre esses indivíduos que sustentassem as teorias da época que consideravam a homossexualidade uma doença e desvio de conduta. Na referida cidade, ele relata: *abundam com mais freqüência é nas freguesias do Sacramento, Santana, Santo Antônio, Santa Rita e São José.*<sup>290</sup> Segundo Macedo era comum a presença dos gays nesses locais devido à presença de casas de prostituição consideradas por ele: *verdadeiros focos de extrema degradação moral, onde se alugam quartos a toda hora do dia e da noite para a consumação de atos de uma hediondez tal que a decência manda ocultar.*<sup>291</sup> Em minúcias descreve as formas de socialização dos homossexuais nesses espaços destacando que: *os passeios são o gosto mais favorito destes infelizes, e quando passeiam vão de preferência aos lugares mais freqüentados: assim, nos passeios público de grande concorrência, nas procissões, nos teatros, nas romarias é que os encontramos.*<sup>292</sup>

Na última década do século XIX e início do XX, José Ricardo Pires de Almeida, relata que os homossexuais estiveram ainda mais presentes nos espaços públicos:

Passando-se do lar privado às praças públicas, não menos desembaraçado era o exercício do asqueroso vício da pederastia, pois até bem pouco tempo o Largo do Paço e o Campo de Santana constituíam, à noite, o mais pavoroso cenário da imoralidade, tendo como atores marinheiros, soldados e vagabundos de toda espécie, que se entregavam na impunidade das trevas ao horrendo comércio desse asqueroso vício. (...) Folheando as comédias de Martins Pena, já encontramos o Largo Rocio como local predileto dos pederastas.<sup>293</sup>

Observamos que a visão de Pires de Almeida sobre a homossexualidade era de clara intolerância. Por isso, seu pavor dos territórios urbanos ocupados pelos gays da época, que utilizavam esses lugares para a interação e a sociabilidade. Podemos pensar esses locais como uma conquista dos homossexuais da época, pois eram alvo de perseguições da Polícia, da

---

<sup>290</sup> GREEN, James N. *et al. Op. cit.*, p. 29-30.

<sup>291</sup> Apud GREEN, James N. *et al. Op. cit.*, p. 30

<sup>292</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>293</sup> GREEN, James N. *et al. Op. cit.*, p. 31.

Justiça e da Medicina. Com detalhes, Pires de Almeida, descreve os espaços utilizados pelos gays à época:

As portas dos teatros, os cafés, os restaurantes, os bilhares, as portarias dos conventos, as escadarias das igrejas, os arvoredos do Campo do Santana, as casas de banhos, os porões dos teatros foram, entre outros, e durante longo período, os pontos em que se entrevistavam os pederastas e uranistas de todas as classes, categorias e condições.<sup>294</sup>

O Largo do Rocio que Pires de Almeida identificou como o mais novo local freqüentado pelos homossexuais tornou-se, em 1890, Praça Tiradentes. No início do século XX a cidade do Rio de Janeiro passou por um processo de urbanização, que buscava transformar o Rio em uma versão tropical da moderna Paris. A Praça Tiradentes foi um espaço de grande efervescência noturna, pois:

A localização estratégica da praça favorecia uma combinação eclética de teatros, os recentíssimos cinemas, uma sala de concertos que apresentava números musicais e espetáculos de variedades – o chamando teatro de revista – , sem mencionar os cabarés, cafés populares, além dos bares. A burguesia carioca freqüentava o elegante e espaçoso Teatro São Pedro, enquanto os fregueses das classes média e operária tinham à mão uma série de distrações culturais, culinárias, libacionais e sexuais.<sup>295</sup>

Esses territórios urbanos ocupados pelos homossexuais para a socialização e a interação foram se alterando e se transformando ao longo do século nas grandes cidades brasileiras. Até as décadas de 1940 e 1950 a Lapa, a Cinelândia e a Praça Tiradentes continuaram sendo territórios ocupados por gays, mas um novo local, a praia de Copacabana, os fascinava, principalmente aqueles de classe média. Copacabana foi almejada pela elite e pela classe média carioca como lugar de moradia a partir dos anos de 1940, pois era considerada um bairro chique e sofisticado. Os homossexuais que aspiravam esse estilo de vida, buscavam Copacabana porque o bairro era próprio para diversão, para encontros sexuais e socialização. Dessa forma, um novo território urbano foi ocupado pelos *gays* cariocas, o trecho da praia de Copacabana em frente ao luxuoso Hotel Copacabana Palace denominado pelos próprios de “Bolsa de Valores”, referindo-se à qualidade dos encontros e flertes que ocorriam naquele local. Os freqüentadores atribuíam uma importância para além das paqueras e encontros sexuais, considerando que esse espaço possibilitava a integração dos homossexuais cariocas, afirmando uma subcultura gay. A praia reunia no mesmo lugar, pessoas de classes sociais distintas, o que não era possível em bares, boates e espaços privados, devido ao alto custo

---

<sup>294</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>295</sup> Idem, *ibidem*, p. 59.

desses ambientes. Aí prevalecia evidentemente, a aura da classe média. Entretanto, é importante destacar o valor desse território como possibilidade de fortalecimento da identidade homossexual, pois para manter a sua ocupação os gays da época tiveram que lutar, contra as constantes intervenções da polícia que tinha por objetivo expulsá-los. Também tiveram que enfrentar um grupo de rapazes de classe média moradores do bairro que usavam a mesma área para sua própria socialização e atividades de lazer e que agrediam e violentavam os frequentadores da chamada ‘Bolsa de Valores’. Os atos de violência desses rapazes iam desde jogar areia a até fincar faixas com slogans que diziam *Fora as Bichas*, com o claro objetivo de avisar aos homossexuais que eles não eram bem-vindos em frente ao Copacabana Palace. Estes últimos tiveram que enfrentar essas ameaças sem o auxílio da polícia uma vez que a mesma era contrária a existência do território gay na praia. Mas, curiosamente, a defesa aos homossexuais veio das famílias que frequentavam a praia de Copacabana, que irritadas por terem suas crianças atingidas pela areia jogadas pelos rapazes, ameaçaram levar o fato aos pais desses jovens e até mesmo à polícia. Nos parece, como atesta Green, que o tiro saiu pela culatra e os gays continuaram a frequentar e a consolidar a Bolsa de Valores como uma área social de encontros para homossexuais. Esse espaço continua sendo frequentado por gays até os dias atuais. Entretanto, com a decadência do bairro de Copacabana na década de 1970 o território gay na referida praia passou a ser frequentado hegemonicamente por homossexuais de classe baixa, vindos dos subúrbios e da periferia da cidade do Rio, e que partilham do modelo efeminado.<sup>296</sup>

Adotamos a classificação ‘praia gay de Ipanema’ em analogia ao termo cunhado pelo historiador James Green para classificar o espaço da praia de Copacabana, em frente ao Hotel Copacabana Palace, frequentado por homossexuais desde os anos de 1950, o qual Green chamou de ‘Praia Gay de Copacabana’.

Em 1958, Frank Golovitz, escreveu uma matéria sobre as praias gays para a revista americana *One Magazine*, uma das primeiras organizações homossexuais. Ele observou que:

Há uma grande diferença entre um bar gay e uma praia gay. Por um lado, a praia é mais verdadeiramente gay e num sentido muito mais saudável. Embora alguns estejam ‘a caça’, a porcentagem não é tão alta quanto nos bares. Nem a tensão. Com raras exceções, numa praia tudo está à mostra num local aberto...É provavelmente o único lugar onde grandes grupos mistos de

---

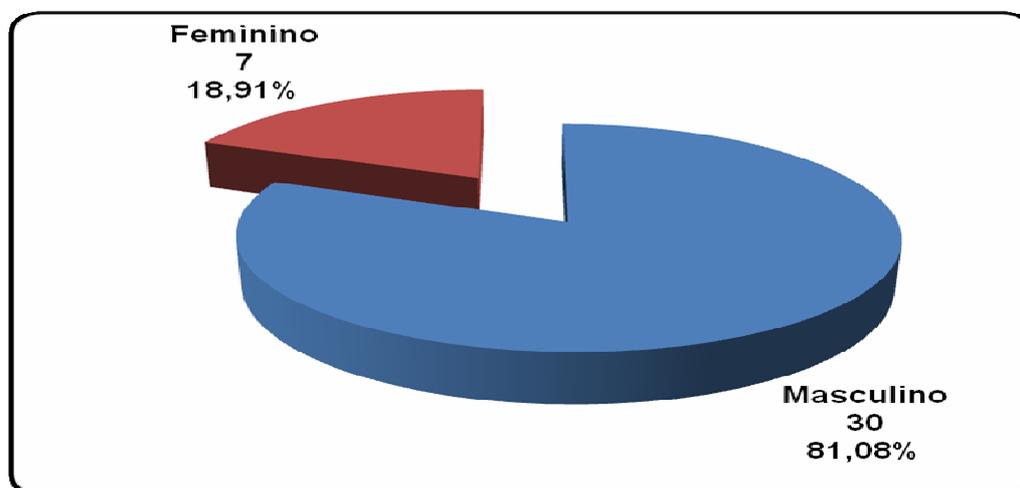
<sup>296</sup> GREEN, James N. *et al. Op. cit.*, p. 264-266.

homossexuais podem ser livremente observados agindo naturalmente. E as fronteiras de classe são ainda mais facilmente rompidas numa praia que em outros setores do mundo gay.<sup>297</sup>

Essa matéria será tomada como ponto de partida para nossas reflexões sobre o trecho da praia de Ipanema, em frente às ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, na busca de responder às questões que colocamos como relevantes para o nosso trabalho.

A matéria citada anteriormente sugere que o espaço da praia gay reúna grupos mistos de homossexuais o que dissolveria em certa medida as rígidas fronteiras de classes sociais entre os mesmos principalmente em uma cidade como o Rio de Janeiro onde essa desigualdade é visível, se tomarmos a divisão geográfica entre a zona sul e a zona norte. Mediante essa afirmação indagamos se na praia gay de Ipanema a divisão de classe social é atenuada. Os dados de nossa pesquisa nos levam a apontar uma outra conclusão sobre essa questão como verificaremos adiante.

No que se refere ao sexo dos entrevistados observamos que 81,08% dos frequentadores são homens como demonstra os gráfico a seguir:



**Figura 01- Quanto ao Sexo dos/as Entrevistados/as – Praia de Ipanema – Rio de Janeiro – abril a outubro -2008**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

<sup>297</sup> Apud GREEN, James N. *et al.* Op. cit., p. 264.

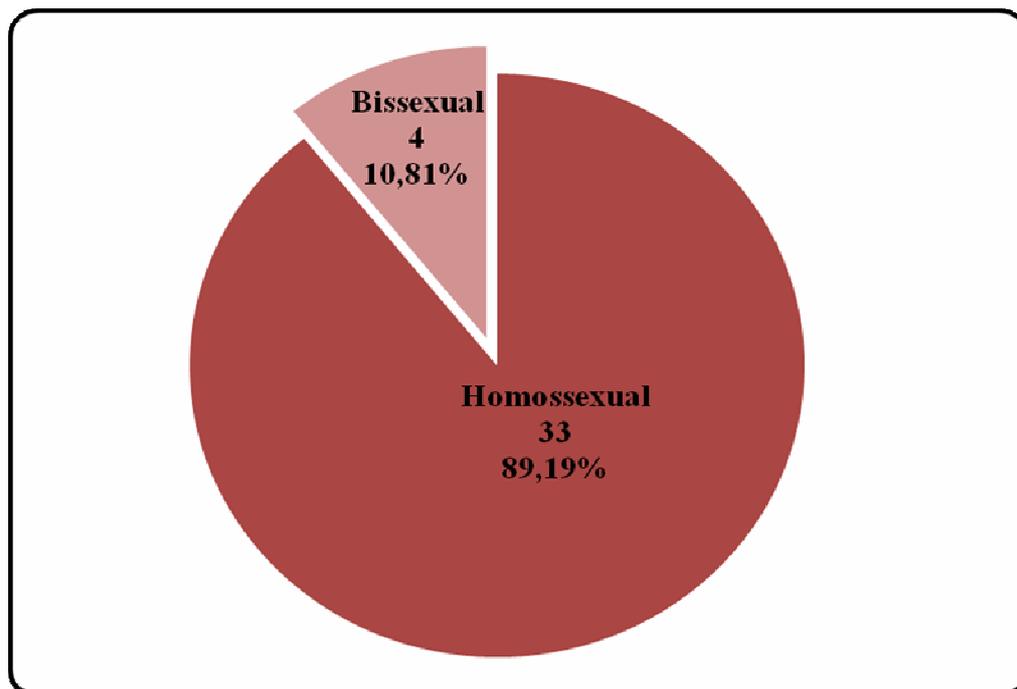
A interpretação desses dados evidencia que há uma predominância dos homossexuais masculinos nesse trecho da praia. Isso condiz com a menor expressividade que o movimento lésbico possui na cidade. Verificamos que a visibilidade dos gays é maior que a das lésbicas mesmo nos espaços de socialização denominados de homossexual. O número de bares, discotecas, e saunas voltados, exclusivamente, ao segmento lésbico é muito inferior se comparado com aqueles direcionados ao público masculino. Segundo Bourdieu, tal fato é observado até mesmo no interior do movimento gay que reproduz a hierarquia de gênero. Isso leva a uma luta interna do movimento homossexual que não dá espaço às demandas do seguimento lésbico.<sup>298</sup> Para o antropólogo Edward MacRae a menor visibilidade do segmento lésbico se explica pelo fato das lésbicas (e até as heterossexuais) sofrerem uma repressão social que as levam: *a sair menos sozinhas, a serem mais tímidas quanto a manifestações abertas de sua sexualidade: são mais ‘enrustidas’, menos visíveis.*<sup>299</sup> Isso ficou demonstrado na Conferencia Nacional GLBT ocorrida em julho de 2008, em Brasília, onde o seguimento lésbico reivindicou que a letra “L” - que representa as lésbicas - viesse primeiro na sigla do movimento homossexual. Tendo seu pleito atendido a sigla tornou-se LGBT.

Em relação à orientação sexual dos entrevistados, podemos observar que 89,18% se consideram homossexuais masculinos ou femininos e 10,81% bissexuais.

---

<sup>298</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 148.

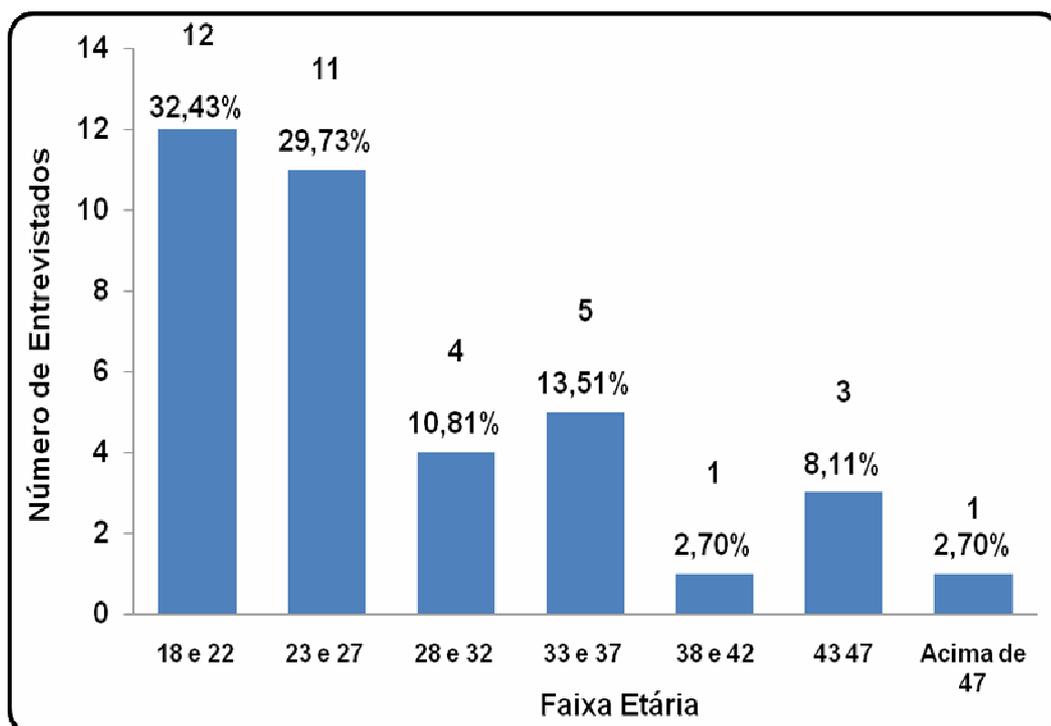
<sup>299</sup> GREEN, James N. *et al* (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 303.



**Figura 02 – Orientação sexual dos/as Entrevistados/as – Praia de Ipanema – Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Esses dados, sobre a orientação sexual, nos faz considerar que estão ausentes, nesse espaço, outras orientações sexuais como travestis e transexuais. O que nos leva a refletir sobre as permanências da estrutura da dominação masculina. Isso nos sugere afirmar que os homossexuais masculinos reproduzem a hierarquia de gênero. Mesmo nos espaços de socialização, as lésbicas, as travestis, as transexuais e os bissexuais não possuem a mesma visibilidade que o segmento gay. Isso explica o fato do movimento gay ter se fragmentado em movimentos políticos próprios que lutam por identidades e estratégias para enfrentar os preconceitos de gênero no interior da própria comunidade homossexual, revelando que a mesma não é homogênea. Entretanto, nos parece que identidade gay está fixada como sendo a de um homem branco de classe média.

A idade, dos/as freqüentadores/as da praia gay de Ipanema, varia de 18 a 58 anos. Conforme demonstra o gráfico abaixo:

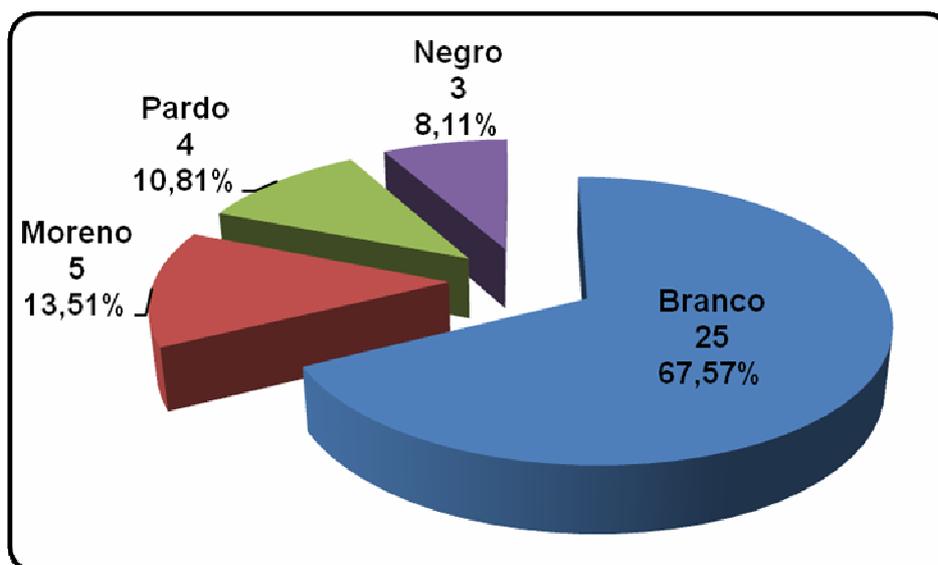


**Figura 03 – Faixa etária dos/as Entrevistados/as- Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro -2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Evidenciamos que 71,97% dos/as informantes possuem idade que variam entre 18 a 32 anos. Com isso, a presença de jovens homossexuais é hegemônica. Ao considerarmos a praia como um lugar de exposição do corpo é compreensível que mais da metade deles sejam jovens. Além disso, o bairro de Ipanema, como demonstramos no capítulo primeiro, é um lugar que cultua a prática de esporte, a moda e a gastronomia refinada. Dessa forma, não seria diferente com os homossexuais frequentadores/as desse espaço.

A cor da maioria desses/as entrevistados/as é branca, ou seja, 67,56% dos deles se auto declararam como brancos, (cabe ressaltar que essa classificação brasileira considerada o fenótipo, o que a faz ser bem flexível) como indicado no gráfico a seguir:

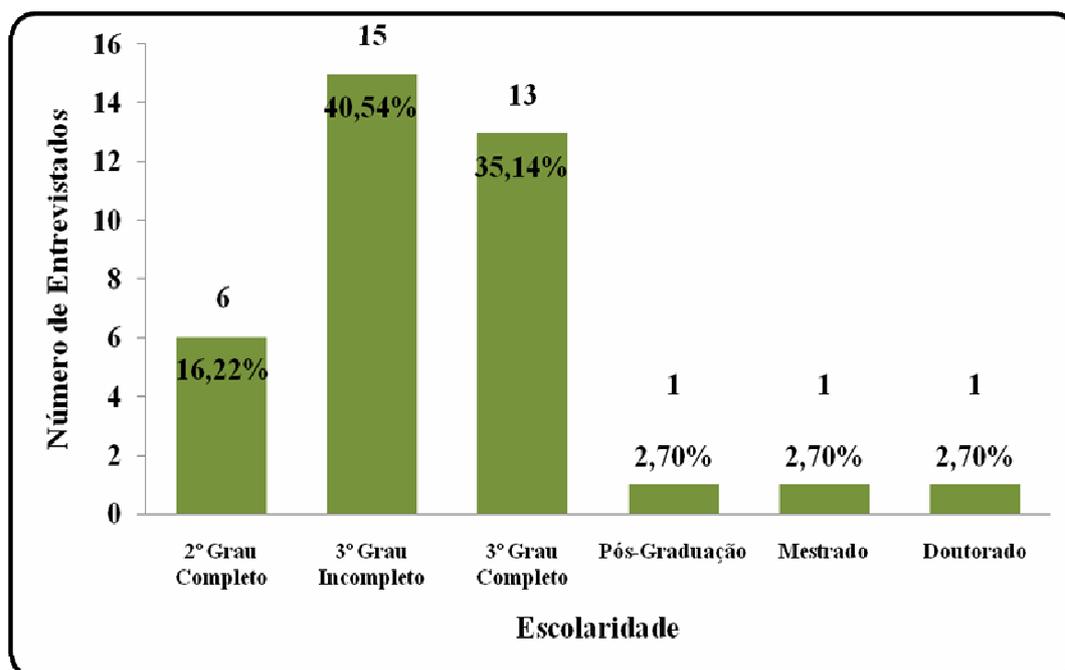


**Figura 04 – Cor dos/as entrevistados/as – Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Podemos observar, que o número de frequentadores/as negros/as é o menor, totalizando 8,11%, dos/as entrevistados/as. Dentre esses, dois são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os primeiros são professores, um tem 45 anos, possui doutorado e mora em Copacabana, zona sul do Rio e o outro 23 anos, possui terceiro grau e mora no bairro do Méier, na zona norte da cidade. A entrevistada do sexo feminino possui 30 anos, trabalha como produtora de moda, cursa o ensino superior e mora em Olaria subúrbio da Leopoldina. Cabe pensar a riqueza de informações que os dados nos apresentam, pois os três entrevistados negros possuem um alto grau de escolaridade para um país como o Brasil e ocupam cargos profissionais de significativo prestígio social. Mesmo considerando o fato de dois desses/as entrevistados/as negros/as morarem no subúrbio, eles/as podem ser considerados/as como as ‘elites’ desses bairros.

Dos 37 entrevistados/as 14 possuem terceiro grau completo e os demais 14 cursam o ensino superior como podemos verificar no gráfico:



**Figura 05 – Escolaridade dos/as entrevistados/as - Praia de Ipanema – Rio de Janeiro - abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

As profissões dos/as freqüentadores/as da praia gay de Ipanema são consideradas de significativo prestígio social, como segue abaixo:

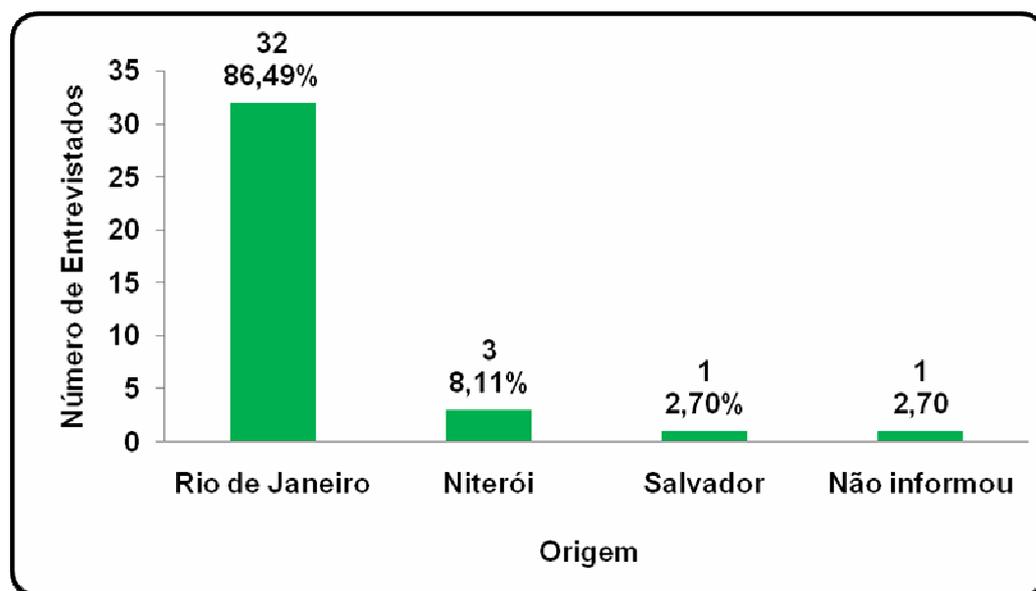
**Tabela 01- Profissão dos/as entrevistados/as - Praia de Ipanema- Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

PROFISSÃO	Número de Entrevistados	%
Estudante	7	18,92
Publicitário	4	10,81
Professor	4	10,81
Jornalista	2	5,41
Arquiteto	2	5,41
Produtor de Moda	1	2,70
Fisioterapeuta	1	2,70
Programador	1	2,70
Cozinheiro	1	2,70
Técnico de Enfermagem	1	2,70
Enfermeiro	1	2,70
Designer	1	2,70

Comerciante	1	2,70
Vendedor	1	2,70
Militar	1	2,70
Administrador	1	2,70
Ator	1	2,70
Oficial de Náutica	1	2,70
Bailarino	1	2,70
Bancário	1	2,70
Gerente de Suporte	1	2,70
Servidor Público Federal	1	2,70
Não informado	1	2,70
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00</b>

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

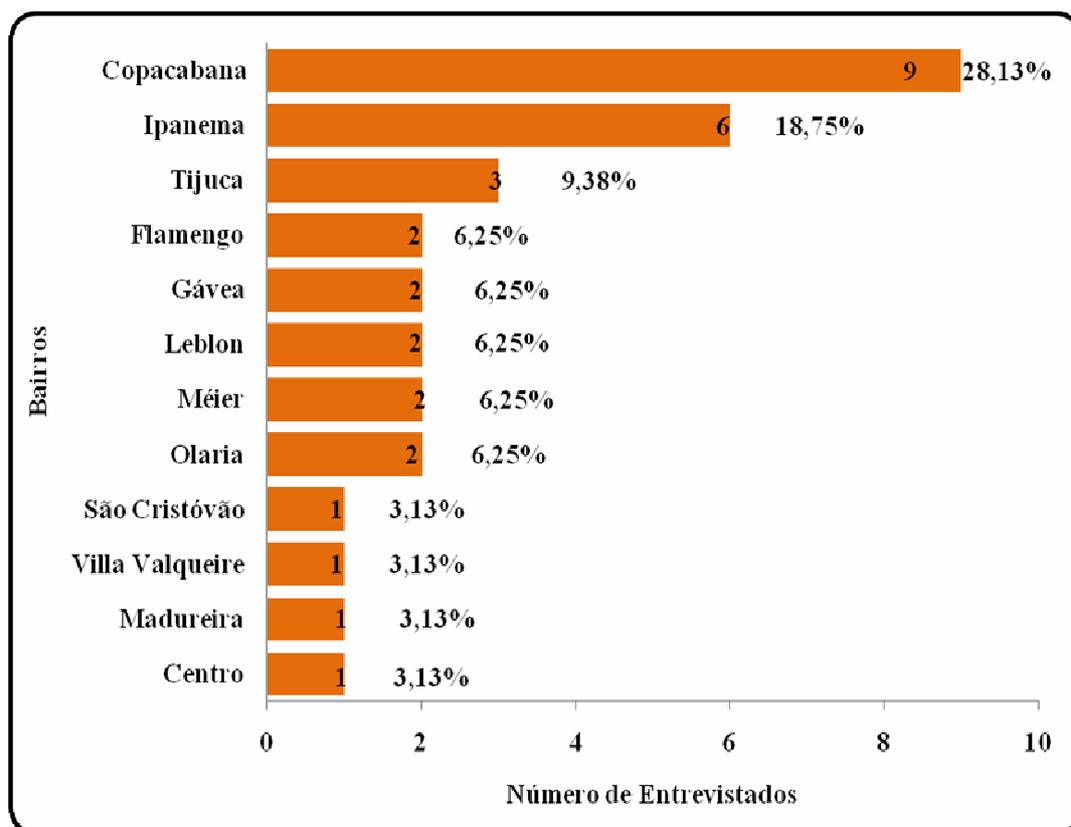
Sobre o local de moradia desses homossexuais verificamos que a maioria reside na cidade do Rio de Janeiro como demonstram os dados abaixo:



**Figura 06 – Local de moradia dos/as entrevistados/as - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Entre aqueles/as que moram, na cidade do Rio de Janeiro, identificamos que a maioria reside nos bairros localizados na zona sul da cidade:



**Figura 07– Bairros dos/as entrevistados/as que habitam na cidade do Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Entre os/as entrevistados/as verificamos que aqueles que são provenientes da zona norte ou dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro possuem um elevado grau de escolaridade e profissões de prestígio social como a entrevistada Fernanda<sup>300</sup> que possui 30 anos de idade, é negra, moradora do bairro de Olaria é produtora de moda e cursa o terceiro grau. Marcos tem 24 anos é pardo, militar e cursa o terceiro grau é morador do bairro de Madureira. Fábio 27 anos, branco, possui terceiro grau completo é oficial de náutica e morador da Villa Valqueire. Fernando tem 23 anos, branco, possui terceiro grau completo é bancário e morador do bairro da Tijuca. Magno tem 23 anos, negro, possui terceiro grau completo é professor e morador do Méier. Marisa 22 anos, branca, terceiro grau completo é professora e moradora de São Cristóvão. Verificamos que embora esses/as entrevistados/as não morem na zona sul do Rio, o perfil socioeconômico dos/as mesmos/as é muito similar aos demais que moram nos bairros da zona sul. Isso nos faz considerar que os/as entrevistados/as que moram em outras partes da

<sup>300</sup> Nomes fictícios.

cidade, que não a zona sul, não destoam do perfil hegemônico dos/as frequentadores/as da praia gay de Ipanema. Tal fato fica evidente quando analisamos uma matéria jornalística publicada no caderno H, do Jornal do Brasil, que faz uma associação entre o espaço gay na praia de Ipanema e a aura do bairro. Como foi dito, no capítulo primeiro, a referida matéria jornalística, considera o local da praia onde os homossexuais frequentam de palácio de cristal. Neste lugar os mesmos andam de mão dadas, beijam-se na boca, fazem juras de amor e trocam carícias livremente.<sup>301</sup>

Percebemos que as imagens veiculadas dos homossexuais frequentadores/as desse espaço da praia de Ipanema são de gays modernos, de padrões elevados e sofisticados de renda, estilo, apresentação corporal, preferências estéticas e consumo, adeptos do estilo musical eletrônico, e sintonizados com modos e modas globalizados associados à homossexualidade. Podemos utilizar termos populares e até mesmo comumente empregados entre os próprios homossexuais para definir os gays de Ipanema: eles seriam os modernos homossexuais que são chamados popularmente de ‘bichas finas’ ou bichas de nível’, ou, ainda, ‘bichas ultralounge’, essa classificação é utilizada para fazer referências aos homossexuais que frequentam as casas noturnas, direcionadas ao público homossexual, adeptas do estilo de música *lounge*, cujos os clientes são compostos de homossexuais ‘finos, modernos e bacanas’. Dessa forma, eles se distinguem das ‘bichas quaquá’ ou mesmo das ‘bichas pocpoc’, personagens tão comuns das piadas de diversos comediantes brasileiros. Essas expressões são utilizadas para designar ou acusar os jovens homossexuais pobres, escandalosos e efeminados das periferias dos centros urbanos.

Apresentamos o perfil dos/as frequentadores/as da Praia Gay de Ipanema e verificamos que eles são gays que pertencem às camadas média e média alta tem alto grau de escolaridade, e possuem padrões de consumo refinados e modernos. Esse perfil nos sugere pensar que esses indivíduos possuem um grau de ‘consciência’ sobre direitos ligados à cidadania homossexual. Buscamos, então, indagar a opinião dos/as entrevistados/as desse espaço sobre algumas questões que consideramos importantes para a temática da cidadania tal como a igualdade entre homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais e a violência.

A respeito das questões relativas a sexo/gênero pudemos observar que os depoimentos deles podem ser classificados em dois grupos: 30% dos informantes reafirmaram

---

<sup>301</sup> JORNAL DO BRASIL. *Op. cit.*, p. 04.

os papéis de gênero tradicionais, 54% afirmaram que a sociedade contemporânea está rompendo com o modelo tradicional de gênero. Cabe destacar que 16% dos entrevistados declararam não saber responder a questão. Os informantes que corroboram o modelo tradicional de gênero em suas falas ao responderem ao quesito o que é ser um homem e o que é ser mulher assim se expressaram:

Ser homem é saber lidar com os desafios do dia-a-dia, saber ser forte para lidar com os problemas e saber respeitar o próximo. Ser mulher, eu acho, que é representar a criação. (Carlos, 19 anos, profissão programador)

Ser homem é ter caráter, postura, saber se impor, ser forte tendo ética e civilidade. Ser mulher é ser dócil, feminina, delicada e atenciosa. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Acho que hoje os papéis de homem e mulher estão se fundindo, mas cabe a mulher as funções ligadas à procriação e de cuidar. (Ronni, 28 anos, profissão publicitário)

Acho que acima de tudo passar a imagem de homem independente de você ser gay, heterossexual ou bissexual. Se você nasceu homem tem de manter sua imagem e postura de homem, ou seja, ser forte, duro, saber resolver os problemas do dia-a-dia, ter certeza das decisões a serem tomadas, enfim preservar a masculinidade. Eu não concordo com as pessoas que mudam de sexo e acabam sendo uma caricatura bizarra de mulher que só querem aparecer. Se você é macho tem que ser macho. Ser mulher é saber chamar atenção, ser charmosa e delicada. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Ser homem é saber ter postura e saber conduzir a vida. A única imagem de mulher para mim é a minha mãe e só consigo ver esse lado da mulher. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

O ser homem na sociedade está atrelado à família, de ser o pai exemplar e trazer dinheiro para casa. O papel da mulher é cuidar do lar. A mulher embora hoje esteja dividindo tudo, mas ela mais maternal tem a responsabilidade de trazer novas gerações. (Jorge, 24 anos, profissão Ator/Bailarino)

O homem culturalmente é o sexo dos direitos. O seu papel é o do patriarca que deve ser o condutor. O papel da mulher na sociedade é de ser articuladora. (Leandro, 24 anos, profissão enfermeiro)

Ser homem para mim é ter caráter, ser honesto e sério. Ser cidadão, poder transformar a sociedade com o intuito de alcançar o bem estar do ser humano. Ser mulher é ser mãe, companheira e idealizadora de objetivos. (Alan, 25 anos, profissão vendedor)

Ser homem é ter dignidade e respeito dentro da família do seu emprego. É saber conduzir a sua vida. O papel da mulher se dirige totalmente a criação, é claro que o homem também ensina determinadas coisas as crianças, mas a mulher está totalmente voltada para a criação de colocar o filho no mundo e cuidar dele. Embora deva ter seu papel profissional sem abdicar do seu papel de mãe. (Marcos, 24 anos, profissão militar)

Ser homem é construir a família, a sociedade civil e o seu país. É ter conduta, ter caráter e postura. O papel da mulher para mim ele vem se perdendo há muito tempo. O feminismo acha que as mulheres podem ter uma vida profissional, mas faz com que elas se esqueçam da casa, da família. Eu não sou machista em hipótese alguma. Mas nessa questão tem que haver um equilíbrio nisso aí. Está faltando hoje à função real da mulher dentro de casa e da família. (Valmir, 43 anos, profissão comerciante)

Ser homem acima de tudo é ter dignidade, ter seriedade, ter compromissos. O papel do homem na sociedade é de trabalhar correr atrás. Ser mulher é também poder trabalhar e correr atrás. Mas sem deixar de cuidar da casa e dos filhos. (João, 41 anos, profissão designer)

Para alguns dos/as frequentadores/as não há mais uma definição dos papéis de gênero. Isso pode ser verificado nos depoimentos colhidos:

Ser homem hoje não está mais pautado no modelo de masculinidade anterior. Hoje ser homem e ser mulher é ter dignidade. E ser mulher hoje é muito mais do que ser mãe. Hoje não é mais possível ficar preso a um modelo, cada indivíduo tem o direito de ser o que quiser, sem modelos a seguir. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

Acho que não tem mais o papel do homem e da mulher os dois são seres humanos. (Peixoto, 18 anos, profissão técnico de enfermagem)

Considero que o homem e a mulher tem a mesma importância para a sociedade, por isso creio que não há um papel específico para cada um dos sexos. (Mário, 20 anos, estudante)

Ser homem dentro da forma que eu fui educado, dentro das experiências que eu estou inserido é você assumir determinados comportamentos que estão atrelados às regras sociais. Como por exemplo, se eu sou homem tenho que prover determinadas coisas na minha casa, na minha família. Se eu sou homem não posso assumir determinados comportamentos como por exemplo expressar muita afetividade com outros homens, ter sempre uma postura firme, rígida. Você assumir fragilidades sendo homem é muito complicado. Então na verdade eu cresci nesse universo de que homem tinha que ter essas características. Tinha que ser sempre aquele cara forte, que vai prover a família e que tinha que sempre conter seu lado sentimental. Embora hoje eu acho que significativas mudanças ocorreram nesse papel. Hoje há uma menor diferença entre o papel do homem e da mulher na sociedade. Vejo que hoje as pessoas na sociedade buscam se realizar profissionalmente. Então eu não vejo diferenças entre homens e mulheres na nossa sociedade. O papel da mulher está muito ligado à casa, aos filhos. Se eu pegar mesmo a minha própria família percebo que minha mãe o tempo inteiro está fazendo alguma função doméstica, mesmo tendo um emprego fora de casa. E isso é mais encargo. É ela quem dá força, é quem cuida e tem que se preocupar com as coisas da casa e verificar se está tudo funcionando. Então eu acho que a mulher tem um papel muito mais complicado que o homem. Ela tem uma carga de trabalho muito maior que a do homem principalmente quando ela trabalha fora de casa, pois o acumula com o trabalho doméstico. A mulher é um grande esteio sentimental, porque tudo que está relacionado à afetividade, ao coração encontra apoio na mulher. Embora elas tenham dificuldade de ocupar determinados cargos

devido à sociedade ter uma mentalidade machista. E vê sempre o homem como ideal para ocupar determinadas profissões e duvida que uma mulher possa exercer o mesmo cargo que um homem, mesmo ela tendo capacidade para isso. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Ser homem é ser um cidadão e ter consciência dos seus deveres. É contribuir com o avanço da tecnologia do bem estar da sociedade. Ser mulher é ser uma cidadã e ter consciência dos seus direitos e deveres e contribuir para a sociedade. E lutar, se impor para se igualar aos homens. (Rodrigo, 31 anos, profissão professor)

É difícil responder essa pergunta. Hoje os papéis estão interligados. Então não consigo definir o que é um homem e o que é uma mulher. Talvez uma pessoa mais antiga saberia diferenciar. Para mim homem e mulher têm o mesmo papel na sociedade é trabalhar, é casar e ter filho se quiser. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Ser homem é ser um cidadão do sexo masculino e tem que cumprir com seus deveres e reivindicar direitos. E também respeitar o próximo. Ser mulher é ser do sexo feminino e tem que cumprir com seus deveres e reivindicar direitos. E também respeitar o próximo. (Marcelo, 21 anos, estudante)

Ser homem é pertencer ao sexo masculino, logo ser mulher é pertencer ao sexo feminino do ponto de vista genético. Não vejo distinção entre o papel de ambos na sociedade. Pois trabalham estudam, viajam, pagam contas, tem filho, vão a reuniões escolares e profissionais, bebem com os amigos. Mas acho que a sociedade, ainda, é bem machista e a mulher está longe de conquistar essa igualdade. (Sandra, 25 anos, profissão bailarina)

Ser homem é nada mais que um gênero e seu papel social é viver em harmonia com seus semelhantes e com meio ambiente. Assim como a mulher tem o mesmo papel do homem, pois são iguais. (Edson, 21 anos, estudante)

Ser homem é assumir responsabilidades, ter caráter assumindo seus erros aprender com eles isso independe de ser homossexual ou heterossexual. Ser mulher é a mesma coisa é ter responsabilidade, ter caráter. A sociedade vê a mulher como mãe. Mas o papel da mulher não é só esse. É ocupar espaços em toda a sociedade. (Magno, 23 anos, profissão professor)

Para mim ser homem é ser uma pessoa com órgão sexual masculino. Para a sociedade em que vivo é ser viril, dominador, forte, seguro e sexualizado. E por mais que desconsidere características implícitas para homem e mulheres, consciente ou inconsciente sou influenciado do por essa cultura. Ser mulher para mim é ser uma pessoa com órgão sexual feminino. Para a sociedade em que vivo é ser sensível, complacente, frágil, dependente, assexuada etc. E por mais que desconsidere essas características implícitas para homens e mulheres, consciente ou inconsciente sou influenciado por essa cultura. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Ainda sobre o quesito acerca do que é ser um homem e o que é ser uma mulher observamos que alguns/as entrevistados/as afirmam que não há mais diferenças, pois ambos são seres humanos e reafirmam valores como respeito e dignidade

Ser homem para mim é você ser humano. É saber respeitar as pessoas, as liberdades individuais, ter generosidade em um sentido amplo ser homem é isso. Ser mulher, eu acho que é a mesma coisa é ter caráter, generosidade respeitar o outro. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Homens e mulheres para mim são seres humanos. São iguais então ser homem ou mulher é um ser humano. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

O homem é um ser humano como outro qualquer. Assim como a mulher é também um ser humano. (Fernanda, 30 anos, profissão produtora de modas)

Ser homem não tem nada haver com papel sexual, bem como de orientação sexual. É ser humano, ter caráter é ser generoso. Assim como a mulher independente da orientação sexual. Ser mulher é ter caráter, generosidade e honestidade. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Ser homem é saber se dar ao respeito e respeitar as pessoas. Ser mulher para mim é a mesma coisa que homem é ter respeito por si mesma e saber respeitar o outro. As mulheres ocupam uma posição na sociedade de forma igual ao do homem. (Fabrício, 18 anos, estudante)

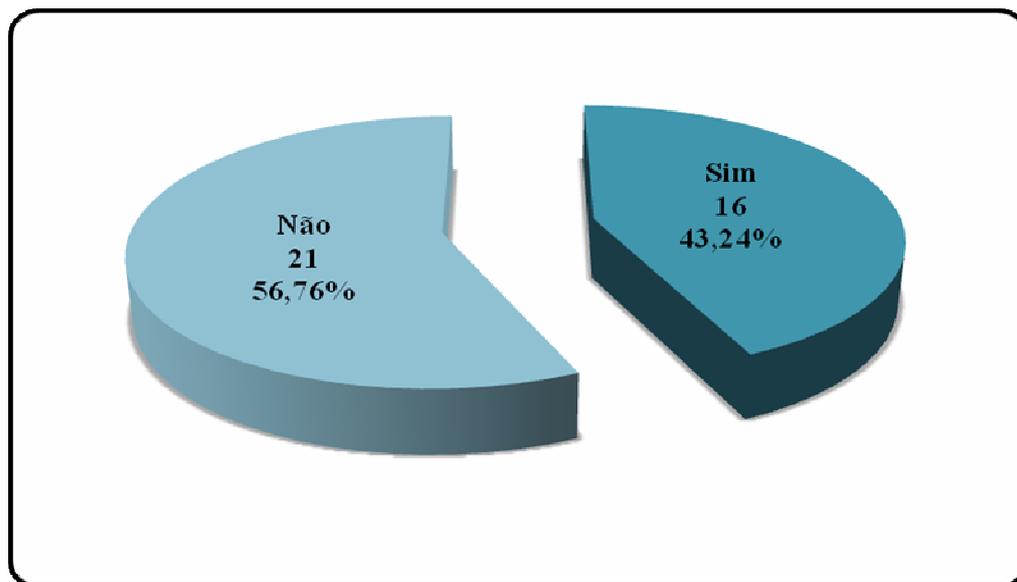
Ser homem e ser mulher é ter personalidade, ter palavra, cumprir compromissos, ter dignidade, ter caráter e andar lado a lado com seu companheiro ou companheira. (Marx, 40 anos, profissão professor universitário)

Não vejo diferenças entre homens e mulheres são seres humanos. (Cristiane, 19 anos, profissão produtora cultural e jornalista)

Homens e mulheres são iguais. Para mim são seres humanos. (Gilberto, 31 anos, profissão arquiteto)

Ser homem e ser mulher é ter responsabilidade e responder por seus atos. (Fernando, 23 anos, profissão bancário)

Com relação à questão de igualdade de direitos observamos que mais da metade dos/as informantes consideram que homens e mulheres não possuem os mesmos direitos. Ao responderem a pergunta: Você acha que homens e mulheres possuem os mesmos direitos? Por quê? Obtivemos o seguinte resultado:



**Figura 08 – Opiniões dos/as Entrevistados/as sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro – 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

É interessante refletir e analisar as explicações dadas pelos frequentadores/as aos afirmarem ou negarem a igualdade entre homens e mulheres. Aqueles que afirmaram que há igualdade de direito entre homens e mulheres, consideram que o movimento feminista possibilitou um avanço desses direitos na contemporaneidade. Entretanto em suas repostas observamos uma contradição, pois afirmam que, ainda, existe desigualdade no mercado de trabalho entre homens e mulheres, como observamos nas seguintes respostas

Eu acho que tem os mesmos direitos hoje em dia. Por que antigamente as mulheres não tinham direitos, não podiam nada. No mercado de trabalho elas estão ocupando mais espaços. Embora os homens ocupem mais espaços que as mulheres e ganhem mais. (Gustavo, 21 anos, estudante)<sup>302</sup>

Tem os mesmos direitos, mas na sociedade há muito preconceito contra as mulheres. (Fabrício, 18 anos, estudante)<sup>303</sup>

Observamos que algumas mulheres consideram que homens e mulheres possuem os mesmo direitos na sociedade como afirmaram em seus depoimentos:

<sup>302</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 04 de agosto de 2008.

<sup>303</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 20 de abril de 2008.

Não, que não tenha os mesmos direitos, pois têm, mas em muitas das vezes os homens saem em melhor vantagem em entrevistas de emprego, salários em que na mesma profissão os homens ganham mais que as mulheres. Embora nos estamos caminhando para a igualdade. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)<sup>304</sup>

Acho que tem sim, hoje em dia está tudo aberto, para tudo há abertura. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)<sup>305</sup>

Tem sim os mesmos direitos, antigamente, não, mas hoje em dia sim, as mulheres têm todos os direitos. (Fernanda, 30 anos, profissão produtora de modas)<sup>306</sup>

Já na afirmação de Pietro verificamos que ele considera que há diferença de classe social entre as próprias mulheres:

Acho que sim, na sociedade atual os direitos entre homens e mulheres são iguais. Acredito que há uma diferença de classes social. No Brasil, há uma grande diferença entre mulheres ricas e pobres. (Pietro, 36 anos, profissão publicitário)<sup>307</sup>

Os/as entrevistados/as que consideram que há uma diferença de direitos entre homens e mulheres afirmam que essa desigualdade está evidente, principalmente, no mercado de trabalho e na cultura como demonstram as seguintes falas:

Não, ainda, há muita coisa para as mulheres provarem que são capazes de fazer e diminuir o machismo existente. (Marisa, 22 anos, profissão professora)

Não, a gente vê no dia a dia, em algumas empresas e na área militar a mulher não entra em alguns setores. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Não acho que as mulheres tenham os mesmo direitos que os homens. Porque é uma questão de cultura. É da nossa história. Embora, a desigualdade venha diminuindo, acho que ainda existe uma diferença entre homens e mulheres. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Não, acho que é uma questão histórica, a mulher teve uma conquista recente na sociedade, com Betty Friedman queimando o sutiã na década de sessenta. Essa pequena conquista foi obtida com muita luta, assim como todos os movimentos sociais de minorias políticas. Hoje as mulheres têm mais liberdade em relação à situação e as condições que elas viviam no passado, mas ainda elas têm muita coisa a ser conquistada, por exemplo, os salários das mulheres não são os mesmos, dos homens quando exercem as mesmas funções e com a mesma carga horária, então isso quer dizer, que os direitos das mulheres não são iguais aos dos homens. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

---

<sup>304</sup> Depoimento concedido no dia 09 de maio de 2008

<sup>305</sup> Depoimento concedido no dia 22 de abril de 2008.

<sup>306</sup> Depoimento concedido no dia 09 de setembro de 2008.

<sup>307</sup> Depoimento concedido no dia 24 de julho de 2008.

Não; defendo que uma série de direitos entre homens e mulheres devem ser iguais. Porém eles, ainda, não são em muitos casos, Por exemplo, pesquisas têm demonstrado que é menor o salário de mulheres que cumprem as mesmas funções que homens. Defendo também que as mulheres tenham uma serie de direitos diferenciados em relação aos homens. Devemos tratar os desiguais de forma diferente, na medida de sua desigualdade. Assim, as mulheres devem ter acesso à licença maternidade, a uma aposentadoria mais cedo (considerando que elas têm uma dupla jornada de trabalho), e outros. As mulheres, assim, como os homossexuais, sofrem opressões originadas de nossa tradição cristã, que trata de forma subjugada as mulheres. Assim, muitos direitos já garantidos, na prática não se materializam. Por exemplo, a representação política, em que apesar das mulheres terem direitos a serem candidatas (inclusive com um preconceito positivo em termos de cota nas chapas proporcionais), ainda temos uma minoria feminina no legislativo das três esferas federativas. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)<sup>308</sup>

Nos argumentos identificamos, também, justificativas pautadas nos ideais da cidadania moderna, ao reivindicarem a igualdade legal entre os indivíduos como se pode observar no depoimentos transcritos:

Não possuem os mesmos direitos. Embora homens e mulheres tenham os mesmos deveres perante o Estado, eles não têm os mesmos direitos. (Jorge, 24 anos, profissão ator/bailarino)<sup>309</sup>

Não. Mesmo que homens e mulheres tenham os mesmos deveres na sociedade, eles não têm os mesmo direitos. (Marcelo, 21 anos, estudante)<sup>310</sup>

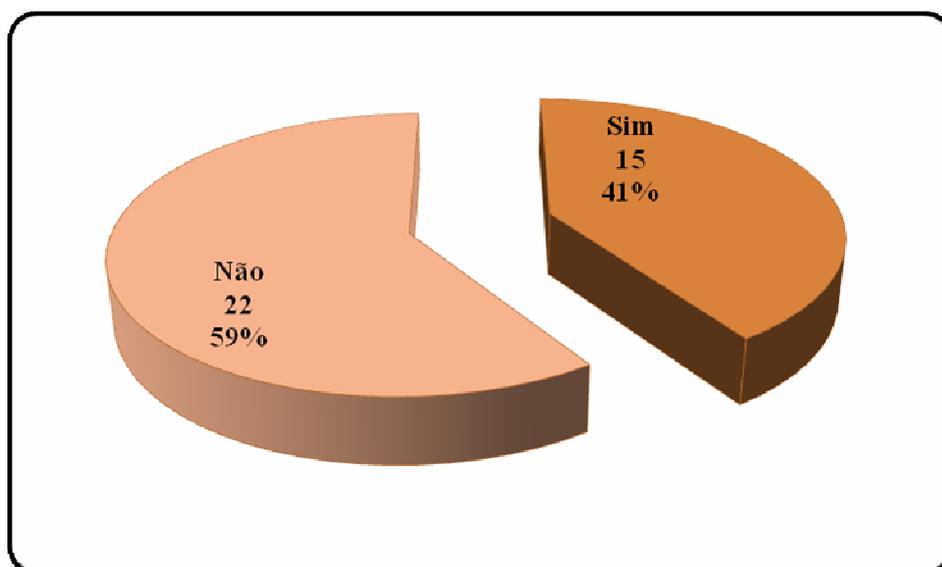
Perguntamos aos nossos entrevistados se eles achavam que homossexuais e heterossexuais possuem os mesmos direitos e por quê? Verificamos que 19% deles responderam que homossexuais e heterossexuais possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira. Entretanto, 81% afirmaram em suas respostas que homossexuais e heterossexuais não possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira, como demonstra o gráfico a seguir:

---

<sup>308</sup> Todos os depoimentos foram concedidos em entrevistas durante trabalho de campo, entre os meses de abril e outubro de 2008.

<sup>309</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 24 de julho de 2008.

<sup>310</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 22 de abril de 2008.



**Figura 09 – Opiniões dos/as Entrevistados/as acerca dos direitos de igualdade entre homossexuais e heterossexuais - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Selecionamos algumas justificativas utilizadas pelos/as informantes para afirmarem que há igualdade de direitos entre homossexuais e heterossexuais, como verificamos:

Sim, se o Estado impõe os mesmos deveres para homossexuais e heterossexuais, considerando todos cidadãos, então provêm os mesmo direitos, sendo laico e justo. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Heterossexuais e homossexuais têm sim os mesmos direitos por serem iguais, independente da escolha sexual. (Peixoto, 18 anos, profissão técnico de enfermagem)

Eu acho que, homossexuais e heterossexuais, têm os mesmos direitos, independente da orientação sexual. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)<sup>311</sup>

Entre aqueles/as que afirmaram a igualdade entre homossexuais e heterossexuais percebemos uma contradição nos depoimentos:

Homossexuais e heterossexuais têm os mesmos direitos, porém têm muito preconceito. Como o fato dos homossexuais não poderem se expressar livremente em público como os heterossexuais. (Mário, 20 anos, estudante)<sup>312</sup>

<sup>311</sup> Depoimentos concedidos em entrevista entre os meses de abril a outubro de 2008.

<sup>312</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 09 de outubro de 2008.

Sim, todos somos iguais. Independente de ser homossexual ou heterossexual. Mas eu acho que o homossexual deveria ter mais direitos que os heterossexuais, devido à discriminação que sofrem na sociedade. (Carlos, 19 anos, profissão programador)<sup>313</sup>

Eu acho que homossexuais e heterossexuais têm os mesmos direitos. Só tem uma coisa que eu acho que, ainda, fica a desejar, por exemplo, um casal heterossexual quando vão ao shopping podem se beijar em público, já os homossexuais se beijarem em público no shopping, as pessoas vão chamar os seguranças para nos tirarem dali. Então eu acho que é a única coisa que fica diferente, do resto eu acredito que é tudo igual, entre heterossexuais e homossexuais, sim. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Os/as entrevistados/as que percebem que há uma diferença entre homossexuais e heterossexuais, afirmam que a principal desigualdade se deve à discriminação e ao preconceito vividos por essa minoria na sociedade brasileira:

A sociedade atribui direitos que não são iguais para todos. Heterossexuais e homossexuais não têm os mesmos direitos porque o gay é alvo de preconceito, porque é diferente e os diferentes na nossa sociedade são os maiores alvos de discriminações, assim como as outras minorias políticas. Os homossexuais, por exemplo, não podem beijar na boca na rua, isso significa que o nosso direito de demonstrar afeto pela pessoa que amamos não é o mesmo dos heterossexuais. Eu acho que isso, por si só, já contamina todo o teu bem-estar em todas as esferas da vida. O fato de você ter que vir a esta praia aqui para beijar e abraçar a pessoa que você ama demonstra a desigualdade entre homossexuais e heterossexuais. Porque se você fizer isso em qualquer outro lugar vai pagar um preço muito alto que a maioria dos gays não querem pagar. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Não, acho que homossexuais e heterossexuais não têm os mesmos direitos. O homossexual sofre preconceitos de várias formas, e os heterossexuais não sofrem, por isso, acho que não possuem direitos iguais. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Não, porque nunca vai ter, acho difícil igualar, a gente está tentando, mas tem muita coisa errada, as pessoas têm uma mente muito fechada, não se pode dar um beijo no meio de shopping, no cinema, se eu quiser fazer isso tenho que me conter. Mas acredito que está havendo algumas mudanças em relação a essa situação. (Fernanda, 30 anos, profissão produtora de modas)

Eu acho que não têm os mesmos direitos porque na sociedade em que a gente vive a maioria é heterossexual e os homossexuais são vistos como desiguais. (Fabrício, 18 anos, estudante)

Não temos, mas deveríamos ter, mas o preconceito, ainda, é muito grande. Fico incomodado em não poder ter liberdade como, por exemplo, andar na rua de mãos dadas com meu namorado, não poder beijá-lo em público. Isso incomoda muito, mas não é algo que a gente pode impor a sociedade infelizmente. (Gabriel, 21 anos, estudante)

---

<sup>313</sup> Depoimento concedido em entrevista no dia 22 de abril de 2008.

Os mesmos direitos não! Creio que a sociedade atribuí direitos diferentes a homossexuais e heterossexuais. Por exemplo, você é gay e quer vir à praia, tem de ficar em uma área gay, para poder usufruir o que os heterossexuais fazem em qualquer lugar, como beijar, abraçar e poder expressar seu comportamento sexual. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Na verdade deveriam ter, mas não é o que ocorre na prática. Ainda há muita desigualdade visível. (Marisa, 22 anos, profissão professora)

Não, acho que é uma diferença cultural, que vai mudando com o tempo, com luta do movimento gay, mas, ainda, existe um longo caminho de lutas. (Hugo, 36 anos, profissão publicitário)

Identificamos, também, justificativas pautadas nos ideais da cidadania moderna. Nas falas, os/as entrevistados/as consideram que o Estado atribui direitos diferentes a homossexuais e heterossexuais:

Não acho que homossexuais e heterossexuais tenham os mesmos direitos, principalmente em relação aos direitos civis, pois falta muita coisa para os gays conquistarem. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Eu acho que deveria ter, mas hoje em dia, ainda, não tem. Por exemplo, o direito de poder se casar e divorciar, a adoção. Acho que os grupos gays devem estar lutando por esses direitos, para que se tornem reais, no Brasil, como já é em alguns países. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Não têm os mesmo direitos, mas deveria ter, pois somos todos seres humanos, independente da sexualidade. (Magno, 30 anos, profissão professor)

Não temos os mesmos direitos, embora nós paguemos os mesmos impostos que os heterossexuais, como IPTU, IPVA, Imposto de renda, mas não temos os mesmos direitos perante o Estado brasileiro. (Marx, 40 anos, profissão professor universitário)

Não temos os mesmo direitos, mas temos os mesmo deveres, então o Estado deveria garantir os mesmo direitos. Os homossexuais contribuem da mesma forma com a sociedade que os heterossexuais. Por isso, temos que ter os mesmo direitos, mas ainda não temos. (Marcelo, 21 anos, estudante)

Não, em tese a Constituição Federal, garante direitos iguais para todos os indivíduos de forma igual. Porém esse princípio liberal mascara uma situação desigual e excludente no acesso aos direitos (todos são iguais, mas um 'mais' iguais do que outros). E mesmo do ponto de vista jurídico, os homossexuais, ainda, não têm acesso a alguns direitos assegurados aos heterossexuais, como a união civil, a guarda compartilhada dos filhos, pensão após falecimento de seu/sua companheiro/a. Nos últimos anos muitos desses direitos foram

ampliados, mas apesar disso, ainda, não se pode afirmar que existam direitos iguais entre heterossexuais e homossexuais. Sobretudo porque, ainda, perdura a homofobia, herança de nossa tradição cristã. Nesse sentido, muitos homossexuais se sentem constrangidos em reivindicar seus direitos, e mais grave ainda, são vítimas de violências físicas e psicológicas. ( Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)<sup>314</sup>

Esses depoimentos demonstram a percepção dos/as freqüentadores/as acerca das questões de sexo/gênero, da igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como entre homossexuais e heterossexuais. As repostas dos nossos/as informantes podem ser analisadas a partir de um arcabouço teórico que nos possibilita refletir sobre algumas questões referentes a desigualdade de gênero em nossa sociedade. Para o sociólogo Daniel Welzer-Lang a dominação masculina existente nas sociedades ocidentais, produz uma assimetria entre os gêneros, em que os dominados não percebem da mesma maneira essa relação desigual. Este fenômeno o autor expressa com clareza:

Não somente homens e mulheres não percebem da mesma maneira os fenômenos, que são no entanto designados pelas mesmas palavras, mas sobretudo não percebem que o conjunto do social está dividido segundo o mesmo simbólico que atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. Esta divisão do mundo, esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências múltiplas e variadas (...).<sup>315</sup>

A diferença na percepção dos/as entrevistados/as se deve ao fato de homens e mulheres não terem as mesmas informações e o mesmo conceito sobre o sentido e as formas de linguagens da dominação masculina, como ressaltou Welzer-Lang:

A dominação é sempre sustentada por uma justificação naturalista das diferenças, e ao mesmo tempo por uma ocultação do que vivem os dominantes. Do mesmo modo, se os homens conhecem o modo de usar da dominação, eles têm apenas uma consciência limitada do que as dominadas vivem.<sup>316</sup>

O sociólogo Pierre Bourdieu argumenta que as explicações dos papéis sociais de gênero estão nos mitos de origem das diversas sociedades, sendo a primeira forma de hierarquia social pautada na dominação masculina. Ela estabelece uma ordem social com seus

---

<sup>314</sup> Esses depoimentos foram concedidos em entrevista durante os meses de abril a outubro de 2008.

<sup>315</sup> WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia* in *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 02, 2001, p. 461.

<sup>316</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 111.

direitos, suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças. A desigualdade entre os sexos é naturalizada se impondo ao todo social se legitimando a partir das diferenças biológicas como ressalta o autor:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-as aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, como divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.<sup>317</sup>

Podemos verificar que o discurso da divisão dos sexos e conseqüentemente da divisão sexual do trabalho está presente nas falas dos entrevistados que reafirmaram os papéis tradicionais de gênero ao terem sido perguntados sobre o que era ser homem e o que era ser mulher na concepção dos informantes como constatamos em seus depoimentos descritos anteriormente.

A análise apurada dos depoimentos nos possibilitou verificar que três das onze mulheres entrevistadas não consideram haver desigualdade de direitos entre homens e mulheres. Observamos também que 19% dos entrevistados afirmaram em suas falas que homossexuais e heterossexuais possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira. Uma explicação para esse fato é apontada pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Ele fez uma importante consideração sobre a incapacidade dos dominados perceberem a hierarquia de gênero. Bourdieu afirmou que a dominação masculina é naturalizada e reproduzida através da violência física e simbólica. Esta última constitui uma violência suave, insensível que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento das suas próprias vítimas passando a ser encarada como natural pelas mesmas. Assim, a violência simbólica faz com que o dominado assuma a respeito de si mesmo a visão do dominante sendo levado a aplicar a si mesmo as categorias ditas 'normais' e construídas socialmente para cada um dos sexos. Com isso, compreendemos o fato de alguns entrevistados não perceberem a desigualdade de direitos entre homens e mulheres/homossexuais e heterossexuais em nossa sociedade.

---

<sup>317</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 18-19.

Ainda sobre os argumentos utilizados pelos/as entrevistados/as, sejam do sexo masculino ou feminino, que afirmaram haver na atualidade igualdade entre homens e mulheres devido a luta do movimento feminista nas últimas décadas do século XX, é preciso lembrar que embora o movimento feminista tenha alcançado algumas conquistas para as mulheres a dominação masculina, ainda, permanece em nossa sociedade. Bourdieu, alertou para a permanência da estrutura da dominação masculina. Mesmo as mulheres tendo acesso ao mercado de trabalho e a níveis escolares superiores elas, ainda, são vítimas dessa dominação. A igualdade de oportunidades nas carreiras esconde as dificuldades no acesso a determinadas profissões, como a especialidade cirúrgica na área médica, por exemplo. Os cargos ocupados pelas mulheres são sempre considerados inferiores. E quando elas possuem o mesmo grau de instrução e ocupam o mesmo cargo que um homem, elas recebem salários inferiores aos deles. É visível no mercado de trabalho que as mulheres são sempre levadas a desempenhar papéis que as remetem ao mundo doméstico. Dentro das empresas elas são requisitadas para coordenar as atividades de apresentação e de representação, de recepção e de acolhida. São convocadas a executar, ainda, os grandes ritos burocráticos das empresas que, assim, como as tarefas domésticas, são indispensáveis para a manutenção e o *aumento do capital social de relações e do capital simbólico da empresa*.<sup>318</sup> Verifica-se também que as mulheres ocupam em menor número os cargos de direção, gerência e presidência. Por isso, o autor, ressalta que: *as mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis*. Em relação à questão feminina é necessário levar em conta as distintas condições de mulheres, como as mulheres negras, as operárias, as burguesas dentre outras.

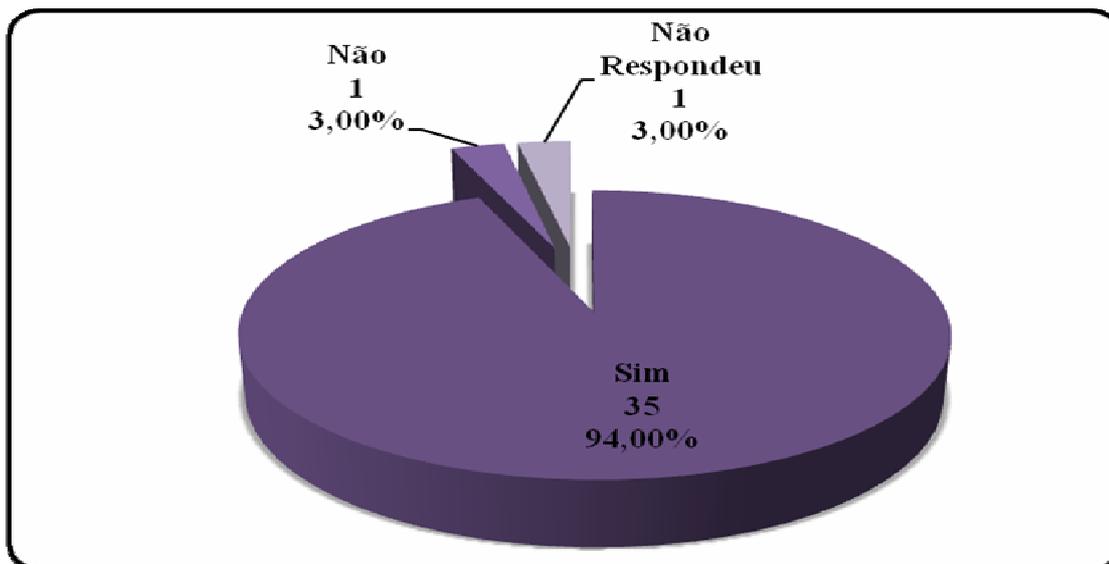
Consideramos que o fato de 30% dos/as entrevistados/as perceberem a desigualdade de direitos entre homens e mulheres e 81% afirmarem que homossexuais e heterossexuais não possuem os mesmos direitos na sociedade brasileira, se deve, em parte, ao elevado grau de escolaridade dos frequentadores da praia gay de Ipanema. Outro fator preponderante é o papel que o movimento feminista e o movimento gay desempenharam nas últimas décadas do século XX. Bourdieu, Welzer-Lang e Badinter afirmaram que esses movimentos desempenharam importante papel na ampliação da esfera política e do politizável, colocando na agenda política questões que sempre foram relegadas ao mundo privado, como violência doméstica, homofobia, dentre outros. Esses movimentos têm o mérito e o dever de lembrar que o

---

<sup>318</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 119.

universalismo do princípio valorativo, garantido pelo Direito Constitucional, não é tão universal quanto nos quer parecer. Essa politização possibilitou que a dominação masculina fosse percebida e discutida em todas as esferas da sociedade. O movimento feminista questionou a dominação masculina e a divisão sexual do trabalho e exigiu do Estado políticas públicas que minimizassem as desigualdades entre homens e mulheres. Podemos considerar que a aguçada percepção, dos frequentadores da praia gay de Ipanema acerca da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, deve-se ao papel desempenhado pelo movimento feminista brasileiro que desde a década de 1970 busca dar visibilidade a desigualdade de gênero e suas conseqüências para as mulheres como a violência doméstica, o difícil acesso das mesmas à educação e ao trabalho, o que acarreta sérias limitações no exercício da cidadania feminina. O movimento homossexual lutou pela descriminalização da homossexualidade, pela retirada da mesma da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde, questionou os privilégios dos heterossexuais, como o direito ao casamento e a definição jurídica de família que considera apenas relações afetivas entre homens e mulheres, e luta, no Brasil, pela efetivação da cidadania homossexual. O movimento solicitou, do Estado, políticas públicas para combater a violência física e simbólica de que são vítimas os homossexuais. Isso possibilitou que os homossexuais deixassem de pensar sua orientação sexual como doença, desvio de conduta e anormalidade. Ela passou a ser pensada como uma sexualidade possível, levando-os a reivindicarem a efetivação da cidadania para essa minoria sexual.

O desdobramento, da luta do movimento homossexual, pode ser verificado quando analisamos a opinião dos entrevistados ao responderem a seguinte pergunta: você é a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo? A essa questão 94,60% dos informantes se declararam a favor da legalização da união civil, como demonstra o gráfico seguinte:



**Figura 10 – Opinião dos entrevistados/as acerca da união estável entre pessoas do mesmo sexo – Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Aqueles/as favoráveis à união civil entre pessoas do mesmo sexo, argumentam que o reconhecimento legal das uniões de casais gays e lésbicas possibilitaria uma maior igualdade entre homossexuais e heterossexuais e ressaltam os benefícios desse tipo de união para os casais homossexuais femininos e masculinos, como percebemos nos depoimentos seguintes

Sou a favor, eu acho que duas pessoas que se gostam não têm porque elas não podem desfrutar dos mesmos direitos que os heterossexuais possuem. Como o fato de não poder deixar pensão para o seu companheiro em caso de morte. Nessas situações quando não se tem uma união regulamentada não se tem os mesmos direitos de uma relação heterossexual. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Eu acho que tem que ter. Porque a gente que se assume em relacionamento gay, por exemplo, tem que ter um documento para se assegurar que mantém alguma relação, de que conseguiu adquirir bens, de que você teve uma vida estável com aquela pessoa. (João, 41 anos, profissão designer)

Eu acho que é um direito que a gente precisa ter assegurado pela lei. Principalmente quando você sabe da história de muitos homossexuais, que quando a família descobre a orientação sexual, eles passam por vários problemas, tendo que sair de casa. As vezes vão viver e conseguem um estado socioeconômico bom e constroem um patrimônio com alguém que está junto e de repente um desses dois morre e a família vai ficar com todos os direitos e o outro que ficou viúvo passa a viver uma situação muito difícil. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Acho necessária e importante para diminuir as desigualdades entre homossexuais e heterossexuais. (Marisa, 22 anos, profissão professora)

A sociedade moderna optou por construir um Estado laico que represente e expresse a diversidade religiosa e cultural da sociedade. Mas esse é um processo ainda inconcluso. Portanto, o Estado brasileiro, ao se propor laico deveria prever variadas formas de união civil entre parceiros, como a união civil de pessoas do mesmo sexo (ou a poligamia). Por isso, além de favorável a adoção da união civil de pessoas do mesmo sexo, acredito que ela é coerente ao que propõe um Estado laico. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)<sup>319</sup>

É interessante analisar o discurso de Verônica a única entrevistada contrária à união civil entre pessoas do mesmo sexo:

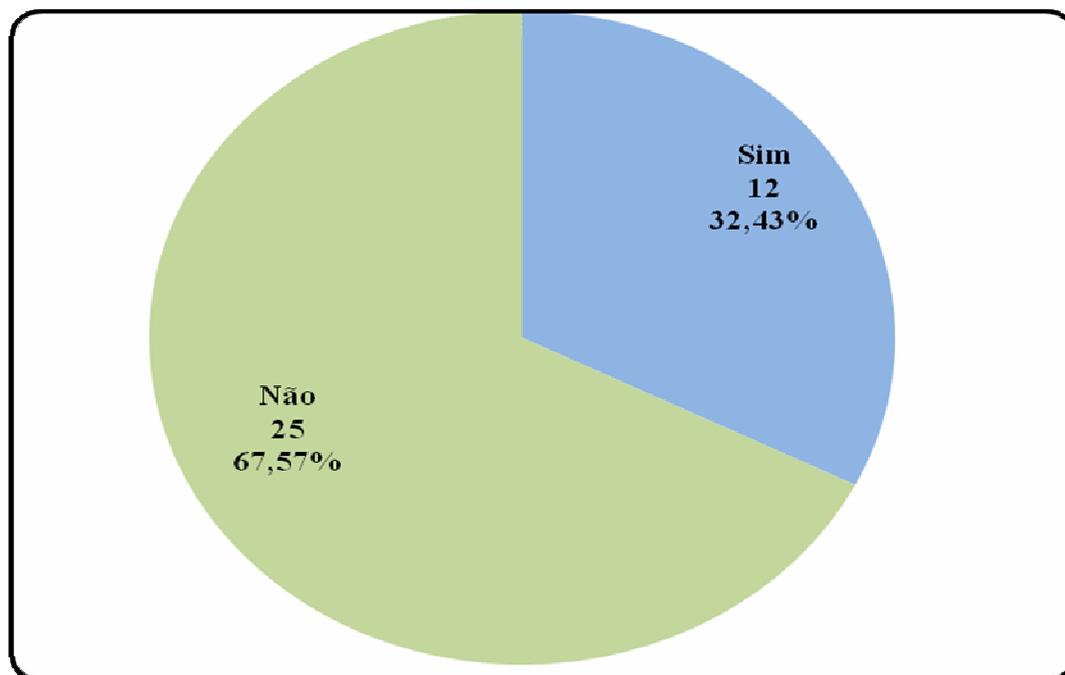
Eu acho uma besteira, acho que não tinha que existir esse negócio – acho uma babaquice esse negócio – casar, acho uma besteira danada, acho até que casal heterossexual casar é babaquice, uma babaquice casar no papel. Depois, ter que separar, ter que fazer partilha de bens! Se gostar, se junta, para que colocar no papel? Nada a ver, acho uma caretice os homossexuais, que se dizem abertos querem reivindicar o casamento. Na verdade eles estão buscando a caretice dos heterossexuais. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Verificamos que a entrevistada possui uma opinião acerca da união estável entre pessoas do mesmo sexo, distinta da defendida pelo movimento homossexual, que considera a questão como pauta de grande importância para os direitos reivindicados pelo segmento LGBT. O que ela considera uma besteira, segundo o movimento gay, possibilitaria aos homossexuais que desejassem legalizar a união, a garantia de vários direitos assegurados aos casais heterossexuais. Atualmente os homossexuais não podem deixar herança para seus companheiros, decidir o melhor tratamento médico caso seu companheiro esteja enfermo, demonstrar afeto em público. Não podem também incluir seu companheiro/a como dependentes de plano de saúde e não podem, ainda, unir suas rendas para financiamento da casa própria. A sexualidade dessas pessoas é desvalorizada culturalmente, estando elas sujeitas à vergonha, molestação, discriminação e violência.

Perguntamos aos entrevistados/as se eles/as possuíam relacionamento estável, quando a resposta era positiva pedíamos para relatarem como eram divididas as funções domésticas. Observamos que 32% deles/as possuem relacionamento estável como demonstrado no gráfico a seguir:

---

<sup>319</sup> Depoimento concedido em entrevistas.



**Figura 11 – Entrevistados/as que têm relacionamento estável - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Dentre os doze entrevistados que declaram ter relacionamentos, nove coabitam na mesma residência. Sobre a divisão das tarefas domésticas eles/as declaram que:

Tenho um relacionamento, e hoje, nos duas trabalhamos. Então a gente divide bem as funções do lar. Não existe uma divisão fixa, do tipo eu faço isso e ela faz aquilo, o que eu faço ela faz, pois são duas mulheres por isso é mais fácil ser dona de casa, está no sangue feminino. (Fernanda, 30 anos, profissão produtora de modas)

Tenho. As funções domésticas são divididas de forma igual, os dois fazem de tudo. Nosso relacionamento é aberto. (Carlos, 19 anos, profissão programador)

Sim, é dividido igualmente nos duas trabalhamos e dividimos de acordo com a aptidão de cada uma. Minha companheira gosta mais de cozinhar, então ela cozinha e eu arrumo a casa e lavo a louça. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Tenho um relacionamento estável e a gente divide bem, cada um faz aquilo que tem mais prazer, mais aptidão em fazer. (João, 41 anos, profissão designer)

Sim, acho que a gente tenta fazer cada um o máximo. Se eu posso fazer um serviço doméstico eu faço, se ele pode fazer também. Acho que é o conjunto, ninguém está livre de não fazer nada. (Marcos, 24 anos, profissão militar)

Sim, nos dividimos tudo desde a limpeza até as compras do mês. (Jorge, 22 anos, profissão ator/bailarino)

Sim, nos dividimos todas as funções domésticas. (Hugo, 36 anos, profissão publicitário)

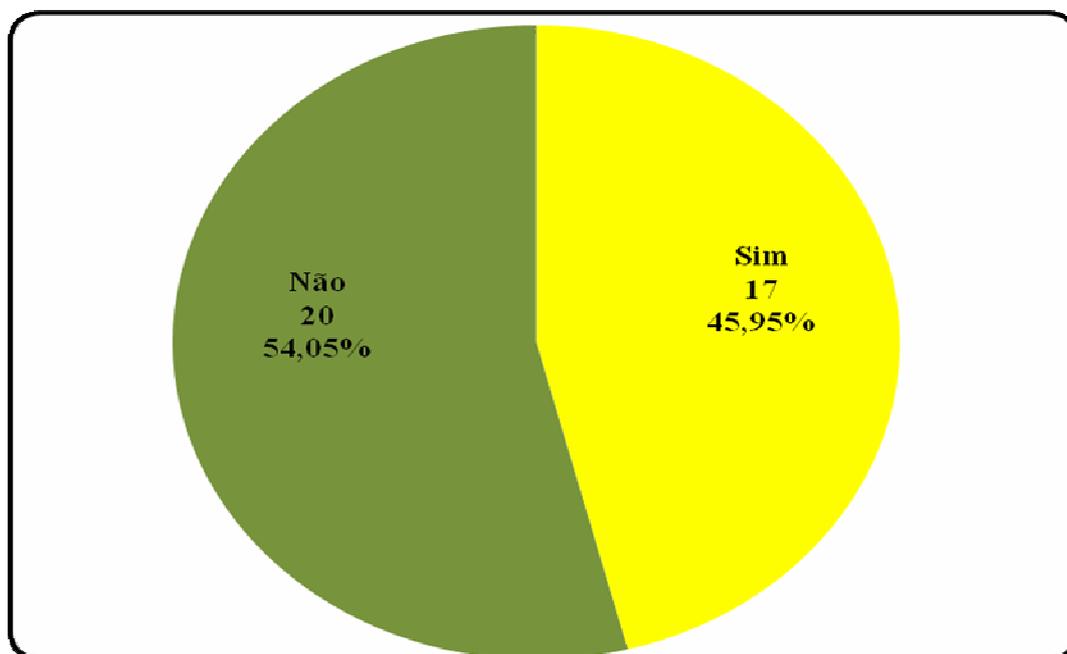
Sim, os trabalhos domésticos são divididos de acordo com a aptidão de cada um. Eu gosto mais de cozinhar e decorar o apartamento. Então ele fica com a parte de arrumar e lavar a louça. (Pietro, 36 anos, profissão publicitário)

Esses depoimentos acerca da divisão do trabalho doméstico nos induz a considerar que entre os casais homossexuais masculinos e femininos há uma igualdade na repartição das tarefas domésticas, como sugeriu Bourdieu ao refletir sobre essa questão. Para o autor é possível que entre os casais homossexuais rompam com o modelo heterossexual afirmou que: *(...) nas relações homossexuais, a reciprocidade é possível, os laços entre a sexualidade e o poder se desvelam de maneira particularmente clara, e as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam, ao mesmo tempo, sua possibilidade e sua significação.*<sup>320</sup> Isso nos possibilita sugerir, dentro dos limites dessa pesquisa, que esses entrevistados romperam com o modelo clássico da divisão sexual do trabalho pautada no modelo heterossexual que define o espaço o público para os homens, já que seu órgão sexual é externo, conferindo a eles funções consideradas nobres e o espaço privado para as mulheres, pois seu órgão sexual é interno, impondo a estas funções ditas inferiores. Essa percepção é incorporada ao todo social e ao próprio corpo sendo justificada pela diferença anatômica entre os órgãos sexuais, em que o princípio masculino se impõe como medida de todas as coisas. Cabe ressaltar que esses depoimentos não podem nos fornecer informações conclusivas sobre essa temática. Porém, eles nos instigam a realizar pesquisas futuras que reflitam especificamente sobre essa problemática.

Sabemos que os homossexuais em nossa sociedade são vítimas de violências – física e simbólica – como mostramos nos capítulos anteriores. Dessa forma, buscamos indagar os frequentadores da praia gay de Ipanema: você já se sentiu discriminado ou ameaçado em algum lugar público (praia, praças, restaurantes) por causa da sua orientação sexual? As repostas, dos entrevistados a essa questão, estão demonstradas no gráfico a seguir:

---

<sup>320</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 31.



**Figura 12 - Discriminação ou ameaça sofridas em algum lugar público por causa da orientação sexual - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro – 2009**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Observamos que 54% dos/as informantes/as consideram não terem sido discriminados, vítimas de preconceitos ou agredidos fisicamente por causa da sua orientação sexual. Dentre esses/as entrevistados/as observamos que há aqueles/as que afirmam de maneira categórica nunca terem sofrido qualquer forma de discriminação, nunca ter vivenciado alguma situação de preconceito e de agressão física devido à sua orientação sexual. Observamos que dentre esses/as, 13 afirmaram, anteriormente, que homossexuais e heterossexuais não possuem os mesmo direitos em nossa sociedade. Este fato nos parece contraditório, pois se eles consideravam haver desigualdade de direitos, então, há evidentemente discriminação social. Esses mesmos entrevistados, em seus depoimentos, demonstraram com exemplos práticos, como o simples fato dos homossexuais não poderem publicizar sua orientação sexual no local de trabalho com medo de ser demitido, as conseqüências dessa desigualdade de direitos em suas vidas. Percebemos, então, que eles não consideram que essa desigualdade por si só, já significa uma forma de discriminação que limita a cidadania. Dentre os entrevistados que declaram não terem sofrido ameaças ou discriminações por causa da sua orientação sexual,

observamos que em seus depoimentos uma visível contradição, como podemos verificar nas falas dos seguintes entrevistados:

Não eu nunca sofri porque eu me respeito. Eu sou um professor universitário. Eu já estudei no Brasil e fora do país, e sei quais são os meus direitos e os meus deveres. Em hipótese nenhuma eu admito que alguém me chame de gay, porque eu me imponho e não dou trela, não admito baixaria porque sei ser discreto, não demonstro minha sexualidade, eu imponho, pois sei da minha condição. (Marx, 40 anos, profissão professor universitário)

Não porque eu procuro ser o mais discreto possível não deixo que as pessoas percebam minha sexualidade, pois sei o que pode ocorrer. Eu não fico levantando bandeira. Em lugar público eu não acho necessário demonstrar minha sexualidade, com determinados comportamentos. Mas eu acho negativo não poder demonstrar meu afeto em público. Entretanto, eu procuro não ser efeminado. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Não, embora eu frequente todos os lugares eu tenho mais amigos heterossexuais do que homossexuais, para não ficar tão evidente minha orientação sexual e evitar essas situações desagradáveis. (Magno, 23 anos, profissão professor)

Percebemos nesses depoimentos dos/as entrevistados/as que eles escondem sua orientação sexual, embora, afirmem categoricamente que não sofreram qualquer forma de discriminação ou ameaça. Suas falas, porém nos mostram a clara preocupação de esconder sua sexualidade, por terem consciência da discriminação e do preconceito de que são vítimas os homossexuais em nossa sociedade. Cabe perguntarmos se o fato dos entrevistados declararem que é necessário se impor, ser discreto, não ser efeminado, não ser visto com muitos amigos gays, por si só já não significaria uma ameaça e uma forma de discriminação? Isso fica evidente na fala de Fábio que lamenta não poder demonstrar afeto em público.

As contradições nos depoimentos dos/as informantes nos possibilitam pensá-las como uma falta de 'consciência' da homofobia que impõe limites na cidadania homossexual. Segundo, Welzer-Lang a homofobia é a discriminação contra os homossexuais masculinos e femininos por terem transgredido as rígidas fronteiras do gênero. Ela (homofobia) é uma forma de controle social que se exerce sobre os homens e as mulheres desde a tenra infância. De acordo com Bourdieu a homofobia faz com que os homossexuais sejam marcados por um estigma e sejam vítimas de violência, física e simbólica, em nossa sociedade. Isso faz com que a homossexualidade seja negada publicamente. Assim, a homofobia tem sua eficácia social cuja principal função é reforçar a heterossexualidade.

Um dado que nos desperta atenção é que das sete mulheres entrevistadas 6 afirmam categoricamente que nunca se sentiram discriminadas ou ameaçadas. Podemos explicar esse

dado se considerarmos que há um menor controle social sobre a homossexualidade feminina. Para entendermos melhor esse mecanismo temos que analisar o processo de construção da masculinidade em nossa sociedade. Para a construção da masculinidade é necessário que os homens realizem todo um trabalho, um esforço para alcançar o status da virilidade. Assim, a identidade masculina se constitui como um em desafio constante de provar ser, diferente das mulheres. Para elas, o dia da sua primeira menstruação, constitui a prova de que é para sempre uma mulher. Os chamados 'verdadeiros homens' são aqueles que demonstram possuir a virilidade. Nesse sentido, Badinter, ressalta palavras que são comuns no universo masculino:

Dever, provas, provações, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos 'fabricada'. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. Defeito de fabricação, falha na maquinaria viril, enfim, um homem frustrado. A garantia de empreendimento é tão baixa que o sucesso merece ser exaltado.<sup>321</sup>

Por isso, os homens têm que afirmar sua masculinidade durante toda a vida. A identidade masculina se afirma a partir do reconhecimento social dado por homens e mulheres. Dessa forma, a construção do masculino é fundamentada numa tríplice negação inconsciente: não ser sua mãe, não ser um bebê, não ser uma menina ou uma mulher e não ser um homossexual. Para os homens qualquer aproximação com o mundo das mulheres, acarreta uma vulnerabilidade da honra e da virilidade. O processo de sociabilização dos homens gera entre os mesmos uma hierarquia estruturada na relação homem/mulher. Desta forma, os homens que se afastam do modelo viril são ameaçados de serem dominados e comparados às mulheres. Tal hierarquia gera um temor coletivo a qualquer outro modelo de masculinidade diferente daquele construído pela violência. A isso, Welzer-Lang, chama de *homofobia*. Esta seria *a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero.*<sup>322</sup> Para Badinter a homofobia é o horror às qualidades femininas nos homens. De acordo com, a autora, o temor dos homens heterossexuais à homossexualidade deve-se ao fato dela despertar uma enorme angústia em muitos homens, pois os conscientiza das suas próprias características femininas, como a passividade e a sensibilidade, que são consideradas no mundo dos homens como fraqueza. A homofobia revela aquilo que se tenta esconder e ocultar mesmo através da violência. Ela tem desvantagens para os machos heterossexuais que não se permitem ter amigos

<sup>321</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 04.

<sup>322</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 465.

com medo de demonstrar desejos sexuais por outros homens. A homofobia tem sua eficácia social cuja principal função é reforçar a heterossexualidade. Dessa forma, ao exprimir seus preconceitos, e até mesmo ao violentar um homossexual, os homens heterossexuais, ganham a aprovação dos outros homens aumentando a confiança em si mesmos.<sup>323</sup> Para Bourdieu a homossexualidade masculina significa a traição ao princípio ativo, dominante e ao poder que é conferido aos homens. A homossexualidade masculina significa abrir mão dos direitos, dos privilégios e do poder sobre as mulheres, tanto materiais quanto culturais, que a dominação masculina propõe, sendo então os homossexuais equiparados ao feminino.

Os/as entrevistados/as que declararam já ter sofrido alguma forma de ameaça ou discriminação representam 46% do universo da pesquisa. Entretanto, 24% desses entrevistados afirmaram anteriormente que heterossexuais e homossexuais possuem direitos iguais em nossa sociedade. As situações de discriminação vivenciadas por eles podem ser observadas nos depoimentos abaixo:

Lógico em diversos locais. Uma situação interessante foi quando policiais me pararam na saída de uma boate gay. Eles me acusaram de estar portando drogas porque eu era um gay. Disseram que gay tem dinheiro e pode comprar drogas foi uma tremenda discussão porque queria me revistar e não deixei pelo fato deles afirmarem que todo gay usa droga. (Carlos, 19 anos, profissão programador)

Sim, quando falei da minha orientação sexual no meu trabalho as pessoas passaram a me tratar diferente e senti que faziam associação entre mim e os estigmas da homossexualidade. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

Estava com dois amigos no restaurante conversando e o gerente veio nos pedir para sermos mais discretos. (Mário, 20 anos, estudante)

Sim, fui violentamente agredido na boate e na praia jogaram areia em meu rosto. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Isso nos mostra que mesmo os homossexuais que declararam ter sofrido discriminação ou ameaça, não conseguem perceber a desigualdade entre homossexuais e heterossexuais. Essas discriminação, ameaças e xingamentos foram perpetradas em restaurantes e outros lugares público.

Podemos observar essas situações nos seguintes depoimentos

Sim. Estava caminhando para o ponto de ônibus, no baixo Leblon, quando ouvi dois rapazes proferindo termos como veado, bichinha e marica. Eles, ainda, ensaiavam chutes e já estavam se aproximando de mim. Então, andei mais rápido e consegui chegar ao ponto ônibus onde havia algumas pessoas.

---

<sup>323</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 120-121.

Com isso, eles desistiram de me seguir. Essa foi a única ameaça física que sofri. Agora, preconceito de um modo geral, o preconceito verbal, o preconceito velado, o preconceito que não é físico, já sofri de várias maneiras. Pois os homossexuais não correspondem ao que a sociedade espera de um homem. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Sinto-me discriminado em nossa sociedade e quando saio da boate tenho sempre o receio de ser atacado. (Fabrício, 18 anos, estudante)

Sim, já sofri várias formas de discriminação e temor em determinadas situações como andar sozinho na rua a noite dentre outras. Isso porque a nossa sociedade, ainda, é muito tradicionalista e preza os seus valores. Sabemos que existem pessoas que, ainda, não conseguem conviver com a diferença e nos agridem. Então a gente se retrai às vezes por medo por causa do perigo iminente. (Rodrigo, 31 anos, profissão professor)

Já fui marginalizado em um restaurante, quando fui jantar com meu namorado. Eu havia feito uma reserva e quando cheguei o gerente queria nos colocar em uma mesa em um canto 'escondido' do estabelecimento, porque achava conveniente para homossexuais e não queria que ocupasse a mesa que escolhi. (Leandro, 24 anos, profissão enfermeiro)

Já ouvi muito preconceito na rua. Quando passo sempre escuto bichinha, veadinho dentre outros xingamentos. Além de já ter sido seguindo por dois rapazes, o que me deixou com receio de sair na rua por um período. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Ameaçado não, mas constrangido pelo fato de ser gay sim. Agora mesmo como estamos sendo discriminados, pelos heterossexuais que passam aqui e ficam olhando, nos observando e não conseguem nos entender. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Uma vez estava com um grupo de amigos andando na praia e dois rapazes perceberam que nos éramos gays e começaram a nos xingar de veado, bichona, mariquinhas dentre outros xingamentos. (Sandra, 25 anos, profissão Bailarina)

Sim. Quase fui obrigada a sair de um bar porque, quando cheguei beijei minha namorada. O gerente, então, alegou que todas as mesas vazias do bar que eram muitas, estavam reservadas, Então nos discutimos muito. (Gilberto, 31 anos, profissão arquiteto)

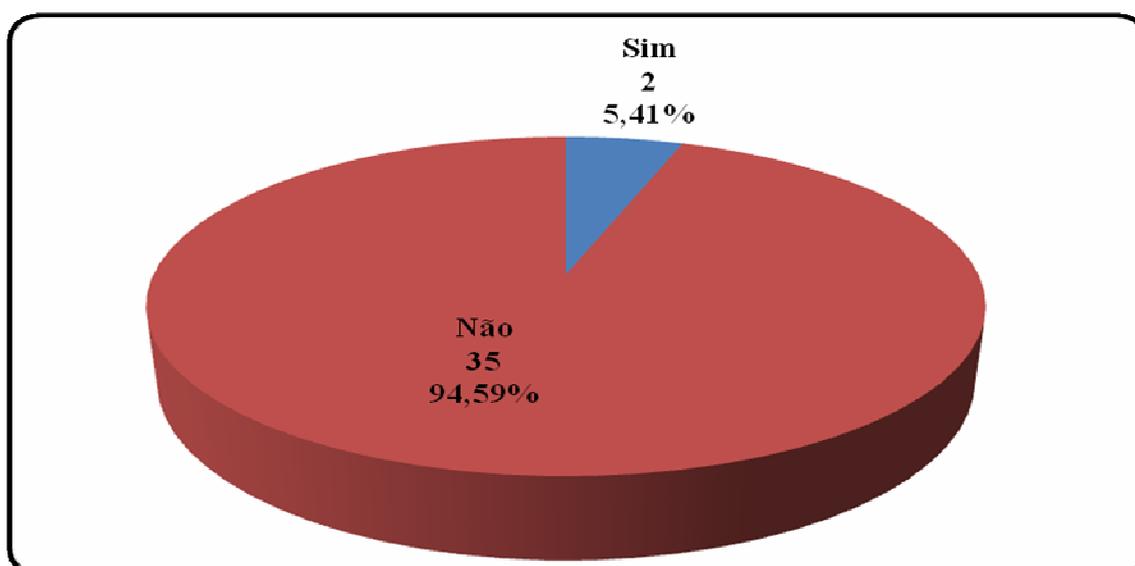
Sim na Nossa Senhora da Paz. O pessoal que sai da Baronette fica olhando quem sai da Nova [boate gay] para fazer ameaça. Deixei de lanchar em uma lanchonete próxima, porque senti que iria ser atacado. (Fernando, 23 anos, bancário)

Sim, já me senti deslocado entre amigos heterossexuais, já sofri discriminações e constrangimento. E sempre ouço deboches na rua tipo bichinha, veadinho, veado sem vergonha dentre outras coisas. (Edson, 21 anos, estudante)

Já passei por situações em que sofri preconceitos como xingamentos na rua, palavras de baixo calão. Isso me deixa muito constrangido. As vezes tenho receio de sair na rua com amigos, ou com colegas de trabalho e passar por essa situação. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Consideramos que o fato desses gays terem uma aguçada percepção ao associar as discriminações sofridas à homofobia é fruto da luta do movimento homossexual que tem desempenhado um importante papel ao debater publicamente a violência de que são vítimas os homossexuais.

Indagamos, ainda, aos nossos entrevistados: você já deixou de freqüentar algum lugar por se sentir discriminado ou ameaçado face a sua orientação sexual? As respostas dos entrevistados, a essa pergunta, podem ser verificadas no gráfico abaixo:



**Figura 13 – Deixou de freqüentar algum lugar por se sentir discriminado/a ou ameaçado/a face à sua orientação sexual - Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**

**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Observamos que dois entrevistados deixaram de freqüentar determinados lugares por se sentirem discriminados, como podemos verificar nas falas seguintes:

Sim, já deixei de freqüentar muitos lugares como casas noturnas direcionadas ao público heterossexual. E até mesmo evito estar em grupos de pessoas heterossexuais, como na faculdade, porque tenho medo de ser discriminado a qualquer momento com chacotas ou algo do tipo. (Carlos, 19 anos, profissionais programador)

Deixei de freqüentar baile funk. Percebi que é um lugar que estimula a violência contra os homossexuais, porque as músicas fazem apologia ao machismo. Os freqüentadores desses bailes me olhavam diferente e por qualquer coisa que fizesse pareciam que iriam me bater, como esbarrar em alguém acidentalmente. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

Em nossa análise constatamos que os entrevistados que afirmaram não terem deixado de freqüentar os lugares onde foram discriminados, ao retornarem a esses locais adotaram uma postura masculina ou reservada como mostram os depoimentos:

Em bares, restaurantes e em casas noturnas direcionadas ao público heterossexual eu me sinto desconfortável, mesmo nunca tendo sido discriminado. Entretanto, é desconfortável porque você não se sente à vontade para paquerar alguém porque está em lugar de maioria heterossexual e você sente que se for um pouco mais ousado no olhar ou no papo você sabe que pode ter um retorno desagradável. Esse é o lado ruim de freqüentar esses ambientes, mas eu nunca fui expulso, pois eu tenho uma conduta bastante masculina e por isso não sou discriminado em lugar algum. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Claro que tenho uma postura mais discreta em ambientes como bares, restaurantes e faculdade. Embora hoje eu prefira freqüentar lugares direcionados ao público gay, porque não tenho que ficar adotando uma postura masculina tradicional. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Não deixei de freqüentar lugares em que fui discriminado, mas certamente adotei uma postura mais discreta e masculina, mais receoso com cautela, mas sem deixar de ir. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Embora nunca tenha sofrido discriminação, nem situação de preconceito, adoto uma postura reservada quando estou acompanhado de um namorado em bares ou restaurante, como por exemplo, deixo de fazer carinhos porque não me sinto à vontade, mas não deixo de ir. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Não deixei porque eu tento manter minha imagem de homem, não deixo de ser homem só porque sou homossexual. Se eu tiver com um grupo de amigos em lugar privado eu vou rir, conversar e fazer o que quisermos. Mas na rua tem de manter sua postura de homem e a mulher sua postura de mulher. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Em locais direcionados ao público heterossexual sempre tenho uma postura mais reservada para evitar complicações. Pois os homossexuais diferentes dos negros, podem optar por 'esconder' sua condição de opressão em locais em que se sente ameaçado. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Deduzimos, portanto, a partir das falas, que a estratégia utilizada por eles para não sofrerem discriminações e preconceitos, foi a de adotar uma postura masculina tradicional. Percebemos, ainda, em seus depoimentos uma mensagem que pode nos parecer oculta, em uma primeira análise, mas que traduz uma hierarquia entre os próprios homossexuais. O que aparentemente é uma defesa, pode ser interpretado como uma forma de se livrar do estigma, isso porque os homossexuais considerados efeminados, pelos heterossexuais e pelos próprios homossexuais, são vistos como culpados pela discriminação ou violência que venham por ventura a sofrer. Essa constatação é evidente na fala do entrevistado Gustavo que reafirma que

os homossexuais devem assumir uma postura masculina. Esse fato leva os homossexuais a considerarem, em certa medida, eles próprios como responsáveis pela violência de que são vítimas. Isso faz com que os gays reafirmem inconscientemente o heterossexismo e a homofobia que são formas de discriminação contra os indivíduos cuja orientação sexual transgride a norma heterossexual, o que reafirma a rígida e intransponível fronteira hierárquica entre os gêneros masculino e feminino, criando também uma hierarquia entre os homens.

As explicações de Daniel Welzer-Lang, Badinter e Bourdieu nos possibilitam compreender melhor tal questão. Segundo, Welzer-Lang, a dominação masculina hierarquiza as relações entre homens e mulheres bem como as relações entre os próprios homens, *por mais que se seja um homem, um dominante, cada homem é por sua vez submetido às hierarquias masculinas. Todos os homens não têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios.*<sup>324</sup> Tal dominação é produto de um duplo paradigma naturalista, que estabelece a seguinte hierarquia entre os gêneros:

A visão heterossexuada do mundo, na qual a sexualidade considerada como 'normal' e 'natural' está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidade, bissexualidade, sexualidades transexuais são no máximo, definidas, ou melhor admitidas, como 'diferentes'.<sup>325</sup>

Esses paradigmas podem ser analisados a partir dos esquemas, do *habitus*, do ideal viril, homofóbico e heterossexual que constroem e fortalecem a identidade e a dominação masculina. O termo homossexual cunhado no século XIX estava imbuído de uma concepção de anormalidade, desvio e doença. Logo o seu oposto era a heterossexualidade considerada uma norma e um modelo legítimo dos desejos sexuais. Dessa forma, não somente as genitálias definem o ser homem, mas também o desejo sexual pelo sexo oposto, o que impôs aos homens um enquadramento heterossexual apresentado como uma forma natural de sexualidade e se consolidando como linha de conduta para os homens. Isso fundamentou o heterossexismo definido por Welzer-Lang como a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. Constituindo a *promoção incessante, pelas instituições e/ou pelos indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simultânea da homossexualidade. O heterossexismo considera um fato estabelecido que todo mundo é*

---

<sup>324</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 123.

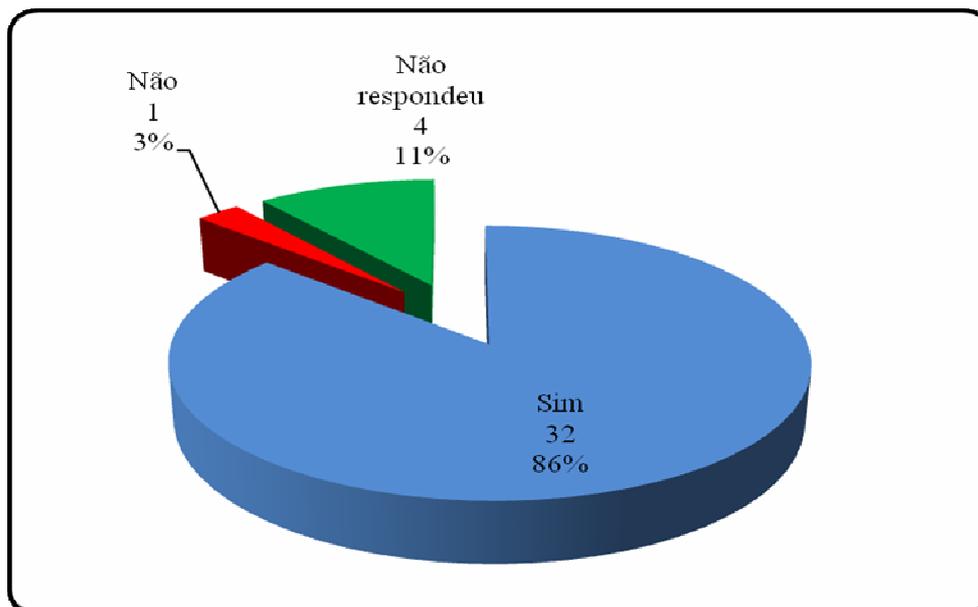
<sup>325</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 460.

*heterossexual, salvo opinião contrário.*<sup>326</sup> Cabe ressaltar que não apenas a homossexualidade é desvalorizada pelo heterossexismo, mas todas as sexualidades como a bissexualidade e as transgênero. É necessário, ainda, perceber que os homossexuais são vítimas da violência simbólica, ou seja, incorporam e reconhecem o discurso do dominador. Portanto, a visão heterossexual do mundo constitui um duplo paradigma naturalista, que define, de um lado, a superioridade masculina heterossexual sobre os demais e, por outro lado, o comportamento sócio-sexual a ser seguido por aqueles que querem – ou são obrigados – a afirmar sua virilidade, numa obediência às normas andro-heterocentristas e homofóbicas. Assim, o homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas sociais deve interagir no meio em que vive como um ser *ativo, dominante*, tendente a ocupar postos e usufruir dos privilégios do seu gênero. De forma contrária, os demais, incluindo aqui os homens que se desviam das condutas impostas, ou que optam por viver de forma diversa à heterossexualidade, através de seus gostos, preferências sexuais, formas de se apresentar (vestuário, fala etc.) são excluídos da sociedade construída por esta tendência sócio-sexual, uma vez que não se submetem ao gênero dominador, à normatividade heterossexual, à doxa do sexo. E são simbolicamente marginalizados do grupo dos homens, e comparados a grupos considerados inferiores, como o das mulheres, crianças e outros. Isso significa que os homossexuais têm sua cidadania restringida, principalmente aqueles/as que demonstram publicamente sua orientação sexual, como forma de sanção social à transgressão da norma heterossexista.

Essas considerações são de crucial importância para entendermos as repostas dos entrevistados à seguinte questão: você acha que os homossexuais têm preconceitos contra si próprios? Verificamos que 85% dos entrevistados responderam que sim como demonstra o gráfico seguinte:

---

<sup>326</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Os homens e o masculino* in SHPUN, Mônica Raisa (org.) *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 120.



**Figura 14 – Preconceito dos/as homossexuais contra si próprios -Praia de Ipanema - Rio de Janeiro – abril a outubro - 2008**  
**Fonte: Dados da própria pesquisa**

Coligimos alguns depoimentos que consideramos ilustrativos das respostas dos entrevistados. Para um grupo o preconceito dos homossexuais contra si próprios se deve ao fato dos mesmos terem criado uma hierarquia pautada no tipo físico, na virilidade, na cor, na idade e no papel sexual

Acho que sim, Os homossexuais têm preconceitos entre eles, quando o gay é mais efeminado, ou negro, ou se é pobre. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Sim principalmente quando rotulam uns aos outros de passivo ou ativo e ficam brincando com isso. (Mário, 20 anos, estudante)

Sim principalmente quando escondem a orientação sexual. Os homossexuais mais sarados ficam chamando os outros de bichona e pintosa. (Fabrício, 18 anos, estudante)

Sim, quando nos corroboramos determinados conceitos que circulam e rotulam o meio homossexual como fulano é passivo, é ativo, e isso leva ambos se excluírem mutuamente. (Rodrigo, 31 anos, profissão professor)

Sim, os bissexuais têm preconceitos internos contra afeminados. Tem os liberais e os gays conservadores que recriminam os que freqüentam saunas e que tem uma vida sexual mais ativa. (Gabriel, 21 anos, estudante)

Sim eu tiro por mim mesmo. Não gosto de gays efeminados e travestis eu acho estranho, berrante. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Sim, pois subdividem-se em grupos para se relacionar. Exemplo: barbies só andam com barbies, ursos só andam com ursos. O preconceito é muito maior em nosso meio. O gay é muito preconceituoso com os outros homossexuais que não sejam como eles. Eu sou portador de deficiência física, sofro muito mais discriminação dos próprios gays do que fora do meio homossexual. Assim, afirmo os gays são muito mais preconceituosos entre eles mesmos. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

O outro grupo considera que o preconceito dos homossexuais contra si próprios se deve à homofobia da sociedade e a hierarquia existente entre os próprios gays:

Sim talvez por conta da nossa formação desde a tenra idade que nos leva a abominar a homossexualidade. Principalmente em relação aos travestis ou algum gay que é efeminado ao extremo. Eu mesmo já me peguei nessa situação. Esses comportamentos são uma afronta ao ideal de masculinidade. E por isso mesmo os gays em algum momento identificam esses valores de masculinidades em algumas situações do cotidiano que levam os próprios gays a terem preconceitos. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Alguns sim, pois não se sentem a vontade em locais públicos, não dão as mãos ao andarem na rua, a maioria esconde a homossexualidade em ambientes de trabalho. (Sandra, 25 anos, profissão bailarina)

Muitos sim. Por motivos da própria sociedade, que os deixam com medo. Eles mesmos se assustam quando vêem carícias entre homossexuais em público. (Fernando, 23 anos, profissão bancário)

Tem sim. Existe isso sim, talvez por um motivo muito básico, muito simples, porque parte dos homossexuais não se aceita e não se aceitam não apenas como homossexuais, mas também como pessoas, têm uma dificuldade muito grande de se gostar e se amar por causa das injunções sociais como a discriminação e o preconceito que a homofobia produz. E entre os homossexuais existe uma estratificação. Alguns homossexuais não gostam de outros porque é pobre, ou dá muita pinta, ou é gordo, ou é soropositivo. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Muitos têm sim. Eu acho que eles não se aceitam têm medo de falar de sua orientação sexual com medo da reação do outro. E o preconceito entre eles é com relação a idade, a cor, e determinados perfis físicos. (Márcio, 27 anos, profissão arquiteta)

Sim, eles se colocam nessa situação, eu sou gay eu sou diferente. Então muitas das vezes o próprio gay se recrimina e tem preconceito contra ele mesmo. (João, 41 anos, profissão designer)

Acho que sim. O homossexual tem que ter uma postura. Ele tem que saber se impor em qualquer lugar. E tem muitos homossexuais que se colocam como preconceituosos contra ele mesmo. Dizendo eu não posso ir aqui, não posso ir ali, mas você pode tudo sabendo medir todas as conseqüências e principalmente mantendo a discrição. (Marcos, 24 anos, profissão militar)

Sim muitos preconceitos. Seja contra própria condição homossexual, já que ainda encontramos gays que não aceitam seus desejos, por considerá-los errados. Seja pelo fato dos homossexuais que têm preconceitos contra o 'subgrupos' da comunidade gay como: os travestis, efeminados, homossexuais de periferia, homossexuais negros, gay feio, gordo, mal vestido etc.(Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Essas falas podem ser compreendidas de forma clara se nos apoiarmos no conceito de violência simbólica elaborado por Bourdieu, já demonstrado anteriormente neste trabalho. Em linhas gerais ela, (violência simbólica), faz com que o dominado assuma a respeito de si mesmo a visão do dominante sendo levado assim a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias ditas normais e construídas socialmente, passando a viver envergonhadamente sua experiência sexual, pois a visão dominante o define como anormal. Essa violência pulveriza o movimento *gay*, e impede que o mesmo conquiste uma existência legítima na sociedade. Tal divisão é evidenciada nas falas dos entrevistados demonstradas anteriormente como pudemos perceber. Essa segmentação acarreta conseqüências negativas para o movimento homossexual e impossibilita uma luta conjunta de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na luta pela efetivação da cidadania homossexual. Segundo Bourdieu e Welzer- Lang essa dificuldade deve-se ao heterossexismo existente no interior do movimento *gay*. Dessa forma, ao analisar as permanências da estrutura da dominação masculina é preciso refletir que os homossexuais masculinos reproduzem a hierarquia de gênero. A luta interna do movimento *gay* não dá visibilidade ao movimento das lésbicas, bem como as travestis, as transexuais e os bissexuais. Tal fato levou o movimento *gay* a se fragmentar em movimentos políticos próprios que lutam por aspectos identitários e estratégicos para enfrentar os preconceitos de gênero no interior do próprio movimento *gay*, revelando que ele não é homogêneo. Observamos que debaixo do grande chapéu do 'movimento *gay*' estavam ocultas diversas identidades sexuais. Assim sendo, é necessário que o movimento homossexual faça uma autocrítica e não fixe a identidade *gay* como sendo um homem, branco e de classe média. Nesse sentido, Bourdieu fez uma importante reflexão crítica ao movimento homossexual. Questionou o porquê de mesmo após alguns anos de reivindicação, o movimento *gay*, ainda, enfrentar várias dificuldades para a garantia dos direitos dos homossexuais. A resposta lançada

pelo autor é múltipla, mas o principal empecilho, estaria no fato de ainda predominar o sexismo entre os gays. E mesmo os militantes mais comprometidos não conseguiriam percebê-lo. Para esse autor, a análise da homossexualidade poderia levar a uma política ou a uma utopia da sexualidade visando a existência de uma relação sexual isenta de uma relação de poder. Entretanto, Bourdieu, lamenta os rumos tomados pelo movimento que por falta de vontade ou de capacidade para conduzir uma subversão radical das estruturas sociais e cognitivas que deveria mobilizar todas as vítimas de discriminação baseada no sexo (e, mais genericamente, de todos os estigmatizados), acabou por elaborar uma das mais trágicas antinomias da dominação simbólica: criou categorias de distinção, ao invés de lutar por uma nova ordem na qual as diferenças sexuais fossem indiferentes. Para ele este fato revela a forte tradição sexista do movimento. As disputas políticas refletem formas internalizadas de androcentrismo. Verificamos isso em alguns casais homossexuais que reproduzem o modelo de relação heterossexual (homem/mulher). Basta pensar em todas as contradições da noção de chefe de família quando aplicada a um dos membros de um casal homossexual.<sup>327</sup> As reflexões de Bourdieu e Welzer-Lang nos possibilitam compreender a fragmentação do movimento homossexual no Brasil, analisadas pelas autoras Isadora Lins França e Regina Facchini no capítulo anterior.

Sobre a questão dos preconceitos entre os próprios homossexuais com relação à classe social, etnia e tipo físico, as reflexões de Edward MacRae sobre o gueto homossexual corrobora as falas dos nossos entrevistados. Segundo, o autor, nesses espaços há uma regulamentação dos comportamentos dos frequentadores que excluem as relações inter-étnicas, interclasses e entre pessoas de idade muito díspares. Ao examinar os espaços utilizados por homossexuais nas grandes metrópoles brasileiras ele verificou que nesses lugares os homossexuais tendem a se segregar tomando como referência a classe social, o grupo étnico e o tipo físico. Ressaltou, entretanto, que essa segregação fica suspensa em determinadas situações, pois:

Entre os homossexuais masculinos, a atração sexual é vista como sendo principalmente física: dois homens de distinta posição social podem cruzar olhares na rua, parar para conversar e em poucos minutos estarem juntos na cama. A aventura e o gosto pelo desconhecido continuam a ser prezadíssimos condimentos de uma 'transa'.<sup>328</sup>

---

<sup>327</sup> WELZER-LANG, Daniel. *Op. cit.*, p. 147.

<sup>328</sup> MACRAE, Edward. *Op. cit.*, p. 305.

Perguntamos aos entrevistados se eles consideram que o movimento gay, na cidade do Rio de Janeiro, desempenha seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais. Indagamos também sobre a representação dos entrevistados a respeito da parada gay. As respostas a essas questões demonstraram que 86% dos informantes consideram que o movimento homossexual exerce sua função na luta política pela cidadania homossexual. Ressaltaram também que a parada gay é um importante instrumento de luta política em prol da visibilidade das demandas da comunidade homossexual e a afirmação pública da homossexualidade enquanto orientação sexual possível. Tal coisa pode ser verificada nos seguintes depoimentos:

No início os grupos gay, no Rio de Janeiro e no Brasil, tinham muita dificuldade de se afirmar enquanto entidade política. Mas hoje eles se consolidaram e têm cumprido seu papel na defesa dos homossexuais e na luta contra a homofobia. Hoje no Estado do Rio de Janeiro temos mais de cinquenta grupos que lutam por direitos homossexuais e no país duzentos grupos homossexuais. Isso demonstra a força do movimento gay brasileiro. E a parada gay é uma conquista e uma forma de luta política porque a sociedade não dá nada de graça para nenhum grupo excluído. Embora os próprios homossexuais considerem a parada gay chata, tem 'putaria' é um carnaval o que precisamos entender que essa é a cara da nossa parada. A parada de Londres é uma parada em que as pessoas vão uniformizadas, mas essa é a cara da parada de Londres. A nossa tem a cara da cultura brasileira, então é uma forma de mostrar à sociedade que nós estamos aqui, e que não nos ignorem, nós existimos, nós temos direitos como qualquer outra pessoa é uma maneira de levar nossa bandeira diretamente para a rua. (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

O movimento gay embora tenha um número pequeno de militantes luta pelos direitos dos homossexuais aqui no Rio como, exemplo do Grupo Arco-Íris. E a parada gay é uma forma de expressão, liberdade, uma forma política de reivindicar direitos. Acho que é importante a passeata enquanto questão política, libertária e luta por conquista de direitos. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Sim cumpre, aqui no Rio de Janeiro por ter um grande número de grupos gays e por ter esse espaço na praia e na Farma de Amoedo. A parada gay é muito importante porque é quando a gente mostra que existimos e queremos ser iguais aos heterossexuais. E não como algumas pessoas pensam que é para que todas as pessoas sejam gays. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

Sim porque hoje a visibilidade dos homossexuais tem aumentado e isso é o resultado do trabalho do movimento gay, inclusive fazendo com que mais gays se assumam publicamente. A parada gay possibilita um maior crescimento e fortalecimento do movimento, levando nossas questões a sociedade. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

O movimento gay no Rio de Janeiro tem um papel importante na luta contra a homofobia e busca passar para a sociedade uma visão mais positiva da homossexualidade o que vai possibilitar criar direitos para os homossexuais. E a parada é uma forma de dar visibilidade aos homossexuais perante a sociedade. (Peixoto, 18 anos, profissão técnico de informática)

O movimento do Rio cumpre seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais. Porém hoje ele se reduziu a ONGS, o que tira sua capacidade de combatividade e radicalidade. E a parada representa para mim, um espaço importante de afirmação da comunidade LGBTQBTT com todas as suas contradições. Mesmo tendo se tornado um espaço de 'festa', para muitos de seus integrantes, ainda assim (e mesmo com a participação destes) é um espaço de afirmação de identidades e demonstração de força política. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Entretanto, identificamos nas falas de 15% dos entrevistados que o movimento homossexual e a parada gay não cumprem seu papel na luta pela cidadania homossexual. Seus argumentos podem ser verificados:

Creio que não cumpre seu papel porque está muito ligado a questões políticas partidárias. E além disso eu não sou envolvida com esses movimentos, eu vivo minha vida tranqüila sem me preocupar com movimento gay. E para mim a parada gay não representa nada, nunca fui nem tenho vontade de ir, vejo como pura pegação. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Acho que o movimento foge do contexto. Por causa da promiscuidade do mundo gay, por isso não vejo uma postura política no movimento homossexual. E sinceramente eu não frequento a parada gay. Eu acho que perde muito o foco do que realmente deveria ser a parada. Para mim ela é hoje uma micareta. Em São Paulo eu fui às festas que estavam acontecendo em boates, mas a parada não fui. Eu acho que são vários palhaquinhos, macaquinhos cor de rosas fazendo palhaçada para as pessoas ficarem rindo. Por isso eu não vejo como um propósito político de luta pela cidadania homossexual. A única coisa positiva é que cada vez mais um número de pessoas frequentam a parada o que faz mais pessoas aderirem a causa dos homossexuais, embora essa forma de 'luta' tenha que ser reformulada. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutica)

Não desempenham porque eu percebo que muitos grupos estão ligados a partidos políticos e isso faz com que o movimento fique dependente desses partidos. Em relação à parada gay é feita só para ter a chamada pegação, que muitos adoram, a promiscuidade, acho que poderia lutar contra a homofobia de uma outra forma. Se querem fazer festa faça, mas não coloque temas, para chamar atenção dos governos ou das pessoas que não estão nesse meio. (Gustavo, 24 anos, estudante)

O movimento precisa ter mais objetivo elaborar mais formas de lutar, não vejo que eles estejam lutando por nossos direitos. A parada gay se talvez fosse mais séria, se mostrasse realmente o que os gays precisam ao invés de ser menos festiva e cheia de putaria, talvez conseguiríamos mais direitos através dela. (Marisa, 22 anos, profissão professora)

A militância gay carioca é falha e excludente. O maior exemplo disso é a falta de programas de inclusão do travesti. Fui militante e pude perceber como esse segmento sofre descaso e não tem apoio da militância gay de modo geral. O travesti é um segmento minoritário excluído por não se enquadrar um segmento social específico. Todos os demais grupos têm perfis comportamentais e sociais definidos. Esses repudiam os travestis que são tudo e nada ao mesmo tempo. E este fator de comportamento agride os demais grupos sociais, embora os gays não admitam. Além de excluir os

homossexuais deficientes físicos, tentei inserir essa temática no movimento, mas fui ignorado, retrucaram argumentando que os deficientes físicos já têm sua organização, mas o que esquecem é que existem deficientes físicos homofóbicos. Quanto a parada gay a muito ela vem perdendo seu objetivo, pois ela é mais uma festa que forma de luta política.(Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Ao analisarmos esses depoimentos percebemos que os entrevistados afirmaram que o movimento não exerce seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais e consideram que a parada gay não tem qualquer função política. Apontaram algumas falhas do mesmo devido à sua fragmentação em distintos segmentos, bem como a sua ligação com partidos políticos. A discussão sobre a fragmentação do movimento gay não se restringe apenas ao Brasil. Nos Estados Unidos e na Inglaterra o movimento Queer surgiu a partir da contestação ao heterossexismo identificado no interior do movimento gay. Os defensores dessa corrente buscam superar o padrão ocidental binário da sexualidade pautado no modelo heterossexual de homem e mulher. Os adeptos da teoria queer criticam o movimento homossexual por considerar que o mesmo busca um estilo de vida gay ancorado nos valores morais e éticos da heterossexualidade. Buscam abolir os gêneros e reconhecer como legítimas todas as sexualidades que não se enquadram no modelo binário de classificação da heterossexualidade. Nesse sentido, propõem uma sexualidade alternativa denominada queer, que consiste na abertura de novas possibilidades de percepção sexual, emocional e erótica que legitima uma multiplicidade de sexualidades e de discursos polimorfos e ainda que desafie e questione a heterossexualidade e a categorização do mundo em masculino e feminino.

Entretanto, é necessário ressaltar as conquistas obtidas pelo movimento homossexual. Tais conquistas são analisadas por Bourdieu e Welzer-Lang dentre outros autores/as que estudam o movimento homossexual. Para Badinter houve uma mudança na vivência do homossexual, na atualidade, após as lutas de reconhecimento e visibilidade do movimento gay. Para ela o homossexual hoje:

não se exhibe mais nem se oculta, e quer viver como todo mundo. Pensando que 'a homossexualidade é uma fonte de felicidade igual à heterossexualidade', ele acredita no amor, vive em casal e tem uma vida afetiva profunda e regular. Sente dentro de si a fibra da paternidade, e bem que gostaria de poder criar um filho. Este homossexual agora sabe que não é ele o doente a ser tratado, e sim o homófobo, que como o nome indica sofre de uma fobia. Infelizmente, o bem-estar homossexual depende enormemente da evolução da maioria heterossexual.<sup>329</sup>

---

<sup>329</sup> BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 164.

Essa nova percepção da vivência da homossexualidade foi verificada nas falas dos entrevistados quando perguntados sobre a representação do espaço da praia de Ipanema entre as ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, como podemos verificar:

É o meu lugar. Porque eu me sinto a vontade de agir como eu quero. Poder segurar na mão da minha companheira beijar sem que ninguém fique me olhando torto ou esquisito. Acho que as pessoas ficam mais acostumadas a lidar com os homossexuais por verem as pessoas aqui na praia de mãos dadas e em bares, isso faz com a aceitação da diferença pela sociedade seja mais fácil. (Márcia, 27 anos, profissão arquiteta)

É um espaço GLS eleito pelos homossexuais. Um lugar onde as pessoas podem ser o que elas querem ser, sem preconceito algum. (Frederico, 20 anos, profissão cozinheiro)

Gosto, eu acho que tem de existir, esses espaços. Nesse espaço, você fica mais à vontade, você pode direcionar seus sentimentos, as suas vontades, a sua expressão. Então eu acho importante ter o espaço. Ter o gueto assim, um lugar voltado para a gente, né. Eu particularmente teria reações diferentes em determinados lugares. Não chegaria, não abraçaria, não vou paquerar qualquer pessoa em determinados lugares, entendeu. É uma opinião minha. (João, 41 anos, profissão designer)

Acho que esse espaço de Ipanema e outros espaços gays, são válidos porque, por exemplo, agente não quer agredir a sociedade, agente não quer fazer coisas que venham a agredir ninguém. Então num local desses seria um local para agente se expor, amar quem você gosta, seu companheiro. Então eu acho que é válido sim e gostaria que isso aumentasse mais até chegar a ponto de algum dia que não precisar mais. Que agente pudesse ser livre em qualquer lugar, mas começa por aqui. (Marcos, 24 anos, profissão militar)

Eu acho que são lugares como esse que vão a cada dia mais aparecendo e vão fazendo com que agente possa demonstrar o que agente é na frente das pessoas. De certa forma, esse mostrar e até mesmo chocar que vai abrindo espaço, porque se ninguém nunca tivesse dado o primeiro beijo em público, se ninguém nunca pegasse na mão, se ninguém montasse uma barraca gay ou uma boate, agente não teria espaço para se expressar livremente e conseguir aberturas históricas que agente tem conseguido hoje. Creio que seja fundamental que haja esses espaços e que as pessoas que são heterossexuais tenham que nos ver de alguma forma para poder isso ir sendo aceito na sociedade. Por isso, este espaço é importante para dar visibilidade pública a questão da homossexualidade. E que não, permaneçamos daqui a 50 anos nos espaços privados marginais, mas que nos sejamos integrados totalmente a sociedade da mesma forma quando pagamos nossos impostos, quando recebemos nossos salários e quando exercemos nosso papel profissional e social, para que a sexualidade homossexual possa ser exercida como os outros direitos como o direito civil que garante a possibilidade de ir e vir, o direito a moradia, a comer e o acesso à saúde. Acho que começa assim mostrando, abrindo espaços como esse aqui. (Dirceu, 27 anos, profissão administrador)

Eu acho incrível! Você está em Ipanema próximo ao calçadão onde passa família e crianças e aqui têm casais homossexuais se beijando e vivendo de forma natural, que é natural e deve ser tida como tal. (Leandro, 24 anos, profissão enfermeiro)

Esse espaço aberto, a Farme, é um espaço aonde vem todos os tipos de gays, todos os guetos, todas as comunidades participam. É um espaço aberto onde os meninos as meninas se beijam, se amassam, se amam e se declamam. Mas eu acho que é necessário que haja entre nós um respeito, por que se você fizer aqui, lá na rua você quer fazer e agente não conquista espaço com isso, por que você entra em contradição com o outro e aí vem a morte. Esse espaço é um espaço aberto que poderia ser explorado de forma diferente. Acho que pode ter algo mais, por exemplo, como um banheiro para os meninos se trocarem, um chuveiro público, academia, seguranças. Porque aqui eu tenho segurança, mais ali no asfalto os próprios policiais nos roubam, nos matam. Eu acho que o governo brasileiro está na hora de investir direcionar políticas públicas para o segmento homossexual. Nos países desenvolvidos os gays têm tudo que não tem aqui no Brasil e agente paga tantos impostos e não temos nada aqui. (Marx, 40 anos, profissão professor universitário)

A impressão é de que a diversidade aqui é aceita e de que as pessoas cada vez mais estão começando a respeitar e vendo que não é uma pouca vergonha ou qualquer coisa do tipo como a sociedade pensa, porque não é uma opção ninguém optou por isso, mas que agente é assim e vai viver assim. Eu acho incrível poder usar esse espaço e poder expressar livremente minha orientação sexual. (Jorge, 24 anos, profissão ator/bailarino)

Os/as depoentes/as consideram que o referido espaço representa liberdade:

Para mim esse espaço representa liberdade. (Fernanda, 30 anos, profissão produtora cultural)

Um espaço de liberdade na nossa cidade. Onde eu moro, é mais próximo da Barra, o acesso é mais fácil. Para eu vir à Ipanema demora muito mais do que ir pra Barra, mas é aqui que me satisfaz. (Verônica, 36 anos, profissão fisioterapeuta)

Um espaço nosso, onde não há preconceitos em que você pode expressar livremente sua sexualidade. (Peixoto, 18 anos, profissão técnico de enfermagem)

Este trecho foi para mim, um espaço de vivências, de liberdade e construção de identidade. E acredito que para toda uma geração. (Peter, 27 anos, profissão servidor público federal)

Verificamos, ainda, que alguns/as entrevistados/as consideram o local importante para afirmação homossexual, entretanto lamentam o fato de terem que limitar sua vivência gay a determinados lugares:

É bom e é ruim, tem o seu lado bom e não tem. É bom porque pelo menos você tem um espaço onde você se sente mais livre, onde você pode beijar,

como pode abraçar, pode falar livremente e é ruim talvez pelo mesmo motivo – porra! – a gente tem que ter um espacinho na areia pra poder exercer os nossos direitos? Pra poder exercer a afetividade, pra poder abraçar o amigo? Pra poder beijar uma pessoa, beijar pura e simplesmente uma pessoa e demonstrar o seu afeto? Então eu acho que da mesma forma que é bom é ruim, mas pelo menos é bom que exista, né? Pelo menos você tem um lugar que é... assim... vamos dizer, fazer de conta que o mundo não é tão ruim quanto parece, né? (Eduardo, 45 anos, profissão publicitário)

Eu comecei a freqüentar isto aqui a partir de dois mil e sete e, desde então, não tinha o hábito de vir aqui, mas já ouvi muitas histórias e conheço a praia mais de perto e então é bom por um lado e ruim por outro lado. É bom porque você tem a oportunidade de ficar a vontade e é ruim porque infelizmente a gente tem que usar espaços pra isso. Então acho que tem dois lados, o lado positivo e o lado negativo. (Pedro, 33 anos, profissão jornalista)

Em público os homossexuais não se sentem livres para expor sua sexualidade. Aqui você tem essa liberdade, embora seja restrita a essa faixa de areia. Porém, isso seja uma forma de preconceito por nos restringirmos a essa faixa de areia. (Mário, 20 anos, estudante)

Esse espaço representa para mim um encontro de pessoas que se conhece e a certeza, claro, de você se sentir muito mais a vontade. É como você estar numa festa entre amigos. Não que para mim seja necessário um gueto como esse, porque apesar de estar aberto não deixa de ser um gueto. Mas as pessoas se sentem a vontade como você ir a festa entre amigos ou você ir numa festa em que você não conhece ninguém. A diferença é exatamente essa. Se você experimentar eu vou numa festa que não conheço ninguém, e eu vou numa festa em que a maioria são meus amigos, você se sente muito mais a vontade. Não que o gueto seja importante, ou que aqui eu seja diferente. Eu sou a mesma pessoa que eu sou aqui, ou lá, em qualquer outro lugar. (Valmir, 43 anos, profissão comerciante)

De certa forma não é tão bom por que o ideal é que nos tivéssemos liberdade de andar juntos em qualquer parte da praia, não só nessa parte. Se eu quiser ficar com meu namorado ali no Leblon, por exemplo, é lógico que eu vou ter uma situação de risco. Por outro lado é bom agente ter um espaço de liberdade, não é legal ter só este espaço o ideal é que todos os espaços fossem livres de preconceitos. (Marcelo, 21 anos, estudante)

Eu acho legal é um lugar que agente pode estar freqüentando sem preocupação. Mas eu acho que não deveria existir o gueto. Se os gays tivessem os comportamentos em público que tem nos guetos, talvez a sociedade estaria mais aberta a compreender e aceitar os homossexuais. Mas se eu fizer isso posso correr o risco de ser violentado, como por exemplo pelos pit boys. (Fábio, 27 anos, profissão oficial de náutico)

Eu acho que é apenas mais uma opção para o meio gay. Acho que deveria ter mais espaços públicos destinados para os gays, seria necessário conquistar todos os espaços, mas esse é importante. Por exemplo quem passa vê a bandeira do arco-íris e identifica que é um ponto gay e fica aqui. Outro passa e vira a cara e todo mundo que passa sabe que é um ponto GLS. (Gustavo, 21 anos, estudante)

Acho um gueto. Um local onde os gays freqüentam e ficam mais a vontade, mas porque não ficar a vontade em qualquer praia, porque é melhor vir a Farne do que ir para o Leblon? (Marisa, 22 anos, profissão professora)

Identificamos, também, que os/as frequentadores/as percebem a existência de uma estratificação social no lugar:

É legal! Embora, seja em via pública há uma estratificação social. Nem todos têm acesso a esse espaço é necessário pensar uma forma de popularizar mais esse local. (Rodrigo, 31 anos, profissão professor)

Um espaço para uma elite gay da zona sul. Anteriormente era mais democrático. (Júlio, 27 anos, profissão técnico de informática)

Essas falas demonstram que esse trecho da praia de Ipanema é considerado, pelos seus freqüentadores, um lugar de liberdade e de afirmação pública da homossexualidade. Essa percepção foi corroborada por Patrícia Silveira de Farias que considera que os diversos grupos sociais e étnicos que ocupam determinados pedaços da praia têm como objetivo afirmar a identidade no espaço público. Em sua análise ela considera que os homossexuais que freqüentam o referido lugar utilizam-no para obter visibilidade no espaço público.<sup>330</sup> Esse local constitui, portanto, um território reafirmado como sendo deles. Ao se tornarem públicos, tais lugares passam a ser freqüentados por pessoas com as mesmas características.

A Praia Gay de Ipanema pode ser então pensada como um espaço de sociabilidade. As falas dos/as entrevistados/as transcritas anteriormente demonstram que nele os homossexuais podem efetuar contatos e descobertas sobre a sua sexualidade, pois desfrutam do mesmo lócus com pessoas semelhantes. As experiências vivenciadas possibilitam aos freqüentadores construir sua identidade e ressignificar a visão negativa construída socialmente da homossexualidade como 'anormalidade'. Possibilita que os gays pensem sua sexualidade como algo possível e que eles são sujeitos de direitos. Um importante aspecto desse lugar é a visibilidade pública conferida à homossexualidade, ou seja, as demandas dos gays e das lésbicas passam a fazer parte efetiva do espaço público. Dessa forma, o fato desses freqüentadores estarem presentes no referido trecho da praia de Ipanema pode ser interpretado como um ato político. Verificamos nas falas dos freqüentadores essa perspectiva. Eles pensam a Praia Gay em um sentido social e político para o grupo homossexual. O estar na praia é uma

---

<sup>330</sup> FARIAS, Patrícia Silveira de. *Op. cit.*, p. 20-50.

postura política. Isto porque possibilita que gradativamente vá se descortinando os mitos construídos socialmente sobre a homossexualidade que a considerava como maldição, pecado, anormalidade e doença. A Praia Gay de Ipanema dá visibilidade à intimidade desses homossexuais, o que possibilita pensar a homossexualidade fora dos parâmetros heterossexistas e também reafirmar os pressupostos básicos da homossexualidade como condição possível. Ao analisarmos as falas dos entrevistados percebemos em seus discursos o desejo de expandir esse pedaço da praia para todos os lugares da cidade buscando uma diluição gradual das fronteiras desse espaço. Isto para que a homossexualidade deixe de ser considerada como uma coisa à parte, e possa ser pensada como uma orientação sexual possível no mesmo patamar de igualdade com a heterossexualidade.

Entretanto, percebemos nas falas de Rodrigo e Júlio a temática da estratificação social. Para eles a Praia Gay de Ipanema é vista como um lócus que congrega homossexuais de segmentos sociais de médio e de alto poder aquisitivo. Demonstramos anteriormente o perfil socioeconômico dos freqüentadores do referido trecho da praia de Ipanema em análise, que corroboram as percepções desses entrevistados. Ao refletirmos sobre esse tema percebemos que embora esse lugar seja sem sombra de dúvidas de luta política pela cidadania homossexual é necessário colocar algumas questões. Quem são os homossexuais que travam essa luta na Praia Gay de Ipanema? Qual é a cor desses indivíduos? Será que esse espaço considerado como de liberdade está restrito a determinado modelo de homossexual que se define como moderno, branco, culto, antenado com a moda, de estilo de vida considerado refinado? Não seria esse fato associado à reprodução da dominação masculina pelos próprios homossexuais um empecilho ao avanço mais contundente da luta pela cidadania homossexual? Essas questões merecem uma reflexão no sentido de apontar os próprios limites dessa luta. Verificamos que os freqüentadores da Praia Gay de Ipanema possuem características semelhantes como a classe social e o estilo de vida que cultua o corpo e a cor. São antenados com a moda, gostam de gastronomia refinada e cultuam os valores tradicionais masculinos, como a virilidade traduzida na prática do fisiculturismo com a finalidade de alcançar o corpo considerado ideal. Os homossexuais que destoam desse modelo são considerado inferiores pelos próprios homossexuais, principalmente os que possuem um comportamento mais efeminado. Para pensar essa questão é necessário refletir sobre as hierarquias de gênero que nos parecem ser reproduzidas no segmento homossexual.

Consideramos que a Praia Gay de Ipanema pode ser, portanto pensada como uma forma de implementação de uma estratégia que em um primeiro momento pode parecer limitada, mas que tem repercussões nacionais e internacionais contribuindo assim para o avanço das lutas dos homossexuais. Dessa forma, esse trecho de praia é um lócus importantíssimo da luta gay. Dá visibilidade pública à homossexualidade como possibilidade fora dos padrões heterossexuais considerados ‘normais’ pela sociedade e também reafirma os pressupostos básicos da homossexualidade como uma orientação sexual possível, reafirmando a cidadania homossexual apesar dos limites referentes a cor, classe e estilo de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa **CIDADANIA SOB O SOL DE IPANEMA: OS HOMOSSEXUAIS DA RUA FARME DE AMOEDO E SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO**, pretendeu demonstrar que os homossexuais frequentadores do trecho da Praia de Ipanema em frente às ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello buscam afirmar sua cidadania. Para isso, consideramos que a demonstração pública de sua orientação sexual é uma estratégia de luta política em prol da mesma. Tal estratégia de luta que, em um primeiro momento pode parecer limitada, tem, porém repercussões nacionais e internacionais contribuindo dessa forma para o avanço das lutas dos homossexuais.

Consideramos em nossas reflexões que o trecho da praia de Ipanema, em análise neste trabalho, é um lócus importantíssimo da luta política homossexual, para dar visibilidade pública a homossexualidade como possibilidade fora dos parâmetros heterossexuais e também para reafirmar os pressupostos básicos da homossexualidade como uma condição possível. Nossa afirmação se legitima quando analisamos o resultado da pesquisa realizada pelas fundações, Perseu Abramo e Rosa Luxemburgo, sobre o preconceito e a intolerância da população brasileira contra homossexuais. Nessa pesquisa foram entrevistados 2.014 brasileiros em 150 cidades. Os dados coligidos demonstram que 99% da população brasileira tem preconceito contra homossexuais. Os resultados da pesquisa foram classificados em dois blocos: o dos indivíduos que assumiram não gostar de gays, lésbicas e travestis ou transexuais somando 29% dos entrevistados. Estes consideram os homossexuais como safados, sem caráter e doentes. E o dos que possuem o preconceito velado e que durante as entrevistas relataram não gostar de trabalhar ou de ter vizinhos homossexuais. Os detalhes dessa pesquisa demonstram, ainda, que 66% dos entrevistados consideram que a homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus; 40% admitiram que a homossexualidade é uma doença e deve ser tratada e 70% consideram que o governo não deve se envolver nos assuntos ligados à homossexualidade. Essas manifestações de preconceitos foram apresentadas por pessoas de todos os níveis de escolaridade, de renda, de todas as crenças religiosas e de todas as regiões do país. Os resultados da referida pesquisa foram publicados no jornal O Globo no dia 08 de fevereiro de 2009. Assim sendo, consideramos que a existência do referido espaço gay na praia de Ipanema é uma forma de resistência a uma sociedade que considera ainda a homossexualidade como

pecado e doença, remetendo-se à Idade Média e ao século XIX. Isso demonstra os limites da cidadania homossexual.

Mostramos um breve histórico do bairro de Ipanema e verificamos que o mesmo sempre foi visto como lugar da boemia, da liberdade, da vanguarda e da contracultura, principalmente durante dos anos de 1970 a 1974 com a construção do Píer entre as ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, trecho que ficou conhecido como Dunas da Gal ou Dunas do Barato. Local que também abrigou os hippies que pregavam um estilo de vida conhecido como flower power que tinha como lema “É proibido proibir.” As memórias sobre Ipanema foram escritas por autores que tornaram-se personagens da história do bairro, que construíram e reafirmaram as memórias do mesmo, que se apropriaram de determinadas imagens, acontecimentos e personagens para criar um simbolismo em torno do bairro. A Ipanema dessas memórias é pensada como um lugar da vanguarda, da contracultura, da boemia e que lançou moda. Verificamos que as representações sobre o bairro de Ipanema possuem duas conotações que variam de acordo com o segmento social dos seus autores. Se as memórias que associam o bairro a valores como liberdade, vanguarda, boemia, contracultura, modernidade, transgressão, criatividade e informalidade são consideradas positivas por um determinado grupo, como a Turma de Ipanema, outros segmentos sociais atribuem uma conotação negativa. Isso pode ser verificado ao analisarmos a opinião de movimentos sociais como, o feminista. Este grupo social considerava Leila Diniz, uma mulher alienada, superficial e ‘porra louca’. Percebemos nas memórias de Ipanema um descontentamento dos seus autores com a construção do Túnel Rebouças nos anos de 1960. Para eles o referido túnel foi responsável pela popularização do bairro e das praias da zona sul, pois esses espaços passaram a serem freqüentados por indivíduos desagradáveis, inconvenientes e ‘farofeiros’. Demonstramos que essas declarações presentes nas memórias do bairro se contradizem com os valores de vanguarda, contracultura e liberdade, formadores da aura de Ipanema. Verificamos que no fim da década de 1980 a aura de Ipanema foi resignificada. A moda criada nas décadas de 1960 e 1970 tinha um conteúdo político-ideológico contestador, entretanto o mesmo foi substituído por um estilo que privilegia a beleza, o requinte e o glamour, direcionado a pessoas jovens, bonitas, bronzeadas, esportivas, abertas para o novo e com dinheiro para gastar. A representação de Ipanema nos dias atuais retrata o bairro como um lugar de belezas naturais, propício à prática de esportes ao ar livre, sendo ao mesmo tempo sofisticado e urbano. Dentro dessa perspectiva, o estilo de vida dos

habitantes do bairro está identificado com o esporte e a espontaneidade, ao mesmo tempo, os ipanemenses são elegantes, luxuosos e cosmopolitas. Entretanto, é inegável que o ideário do bairro, como lugar da vanguarda, da contracultura e da liberdade tenha tido repercussão nacional e internacional. Denominamos Ipanema, como lugar, não apenas por ser o lugar onde realizamos nossa pesquisa, e sim por ser um espaço que possui uma história que lhe é própria como observamos. Assim sendo, demonstramos que a aura simbólica, de liberdade, vanguarda e contracultura, da qual Ipanema foi portadora é resignificada no presente. Consideramos que o trecho freqüentado pelos homossexuais é o que mais aproxima, atualmente, o bairro da aura do passado por ser a homossexualidade, ainda, considerada como desvio, doença e anormalidade. Por isso, pensamos a praia e o bairro de Ipanema como possuidores de uma força simbólica de liberdade, de vanguarda e de descontração.

Apresentamos as principais idéias filosóficas que alicerçaram o conceito de cidadania moderna e discutimos as limitações da definição clássica de cidadania que não contemplou as chamadas minorias políticas, negros, mulheres e homossexuais, bem como as estratégias de luta política dessas minorias em prol da efetivação da plena cidadania. Demonstramos também as dificuldades do exercício pleno da cidadania no Brasil, para os cidadãos em geral face a ausência da garantia do universalismo de procedimento que se agrava para essas minorias.

Nosso quadro teórico foi ancorado nos estudos de Pierre Bourdieu, Daniel Welzer-Lang e Elisabeth Badinter, bem como em outros autores que analisaram a construção social da masculinidade inserida nos estudos de gênero. A dominação masculina hierarquiza as relações entre mulheres e homens e entre eles próprios. Tal dominação é pautada no paradigma naturalista que considera o masculino como superior. Esse modelo hierarquiza o mundo masculino e aqueles que correspondem ao comportamento social esperado de um homem que é ser ativo, dominante, forte e ser diferente do feminino são considerados grandes homens e usufruem de privilégios em relação aos outros homens. Os que não obedecem a esse modelo, são considerados inferiores e tratados como as mulheres. Dessa forma, os homens estão em constante vigilância para se diferenciarem das mesmas. O ser homem é ser diferente de uma mulher, de uma criança, não desejar e não ser desejado por outro homem. Isso produz a homofobia que consiste na discriminação contra quem possui alguma qualidade ou defeito atribuído ao outro gênero. A homofobia chega à violência extrema na defesa da masculinidade

onde os que desafiam a norma heteroandrocêntrica estão sujeitos a sofrerem sanções múltiplas como, por exemplo, terem sua cidadania limitada.

Demonstramos as estratégias políticas que o movimento homossexual utilizou para desconstruir o estigma de que são vítimas os homossexuais desde a Idade Média quando a Igreja os considerava como pecadores. Verifica-se que a organização em movimentos sociais foi de suma importância nesse processo. A parada LGBT é um meio eficaz de visibilidade, de inserção de propostas dessa minoria no espaço público e na agenda governamental. Além disso, observamos as dificuldades para a aprovação e discussão das políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT pelo Estado brasileiro devido a homofobia praticada pelas instituições estatais. E identificamos que o movimento possui alguns desafios internos semelhantes a outros movimentos sociais no que se refere-se à participação política dos seus membros. No entanto, o movimento tem desempenhado seu papel na luta pela efetivação da cidadania homossexual como sugere o tema da parada GLBT de São Paulo em 2009: “Sem Homofobia, mais cidadania”.

Verificamos que os frequentadores vêm esse espaço como potencial político de afirmação da cidadania homossexual como demonstramos através dos depoimentos dos entrevistados em nossa pesquisa. Entretanto, percebemos que a reivindicação por uma cidadania plena pelos seus frequentadores esbarra em algumas contradições presentes nos seus discursos. Ao traçarmos o perfil socioeconômico dos homossexuais que o frequentam verificamos que os mesmos possuem um elevado grau de escolaridade, a cor da maioria deles é branca e são moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado a questão de classe social é um fator limitador da reivindicação da cidadania homossexual. Identificamos também a partir da análise dos depoimentos dos entrevistados a reprodução dos padrões heteronormativos nos seus discursos, o que significa um empecilho para efetivação da cidadania. Os dados mostram que há um padrão/modelo de homossexualidade cultuado e considerado legítimo pelos frequentadores do referido trecho da praia de Ipanema. Tal modelo se pauta na valorização do consumo, do culto ao corpo, da masculinidade e da virilidade.

Assim, percebemos que o espaço da praia de Ipanema entre as ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, proporciona aos seus frequentadores a liberdade para exercerem livremente sua orientação sexual, embora esteja limitada ao referido trecho da praia e não em outros lugares da cidade do Rio de Janeiro. Identificamos nos discursos dos entrevistados uma

reivindicação da cidadania para além do espaço da praia de Ipanema. Entretanto, demonstramos que a luta pela cidadania está restrita aos homossexuais de classe média, brancos e que cultuam/reproduzem o modelo da masculinidade tradicional. Sendo rejeitados os homossexuais afeminados, pobres, negros e travestis.

No dia 14 de maio de 2009 o governo federal lançou um plano de cidadania para homossexuais composto de 50 diretrizes que buscam efetivá-la para essa minoria. Consideramos isso um significativo avanço na luta dos homossexuais. Entretanto, os projetos com esse propósito enfrentam grande dificuldade de aprovação no Senado e na Câmara dos Deputados devido à bancada religiosa que exerce grande influência nas respectivas instituições.

Para encerrar gostaria de colocar uma questão. Quem concorreria mais para o avanço da luta pela cidadania e aceitação da homossexualidade: os gays de Ipanema com os seus valores ou os travestis com seu comportamento explícito? A ‘bichinha pocpoc’ do subúrbio que não se aventura nas areias de Ipanema ou a ‘barbie’ bonita, estilosa e bem apessoada? Novas pesquisas e fortes emoções nos aguardam.

## REFERÊNCIAS

### 1- Periódicos

GRUPO ABRIL. *Ipanema 110 anos: Histórias e personagens do bairro mais charmoso da cidade* in *VejaRio*. Rio de Janeiro : Editora Abril, periódico de 02/05/2004.

\_\_\_\_\_. *VejaRio*. Rio de Janeiro : Editora Abril, periódico de 22/04/2004.

JORNAL DO BRASIL. *Cadernos H*. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, 22/04/2004.

\_\_\_\_\_. *O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial* in *Caderno H*. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, edição de 25/04/2004.

JORNAL O GLOBO. *Caderno Zona Sul - “Ipanema, 110 anos na vanguarda”*. Rio de Janeiro : O Globo, edição de 22/04/2004.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro : Jornal O Globo, edição de 20/07/2003.

### 2- Livros, Artigos e Teses.

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. *Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar* in PUPIN, Andréa Brandão *et al. Mulher, Gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

BADINTER, Elisabeth. *XY Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BALSA, Marilena (org.). *Ipanema de rua em rua: do arpoador ao jardim de Alah*. Rio de Janeiro : Universidade Estácio de Sá, 2005.

BILA, Fabio Pessanha. *O médico, o padre e o jornalista: mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes*. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. *Violência e masculinidade* in LINS, Daniel, BARREIRA, César (org.). *Poder e Violência*. Fortaleza: EUFC, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999.
- BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo : UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.
- CASTLE, Terry. *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII* in ROSSEUAU, G.S. et all (orgs.). *Submundos do sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro : Rocco, 1999.
- CASTRO, Ruy. *Ela é carioca: Uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo : Companhias das Letras, 1999.
- CHAUNCEY, George. *Gay New York* in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, décembre, 1998.
- CONDORCET et alli in BADINTER, Elizabeth (org. e apres.). *Palavras de Homens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- COPETTI, Álvaro Danúbio. *A Vitimização de Homossexuais: as Minorias Homossexuais como Vitima de Crimes no Brasil* in KOSOVSKI, Ester (org.). *Vitimologia Enfoque Interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Reproarte, 1993.
- CORNEAU, Guy. *Paternidade e masculinidade* in NOLASCO, Sócrates (org.). *A Desconstrução do masculino*. Rio de janeiro: Rocco. 1995.
- CORRÊA, Marcos Sá et alli. *Orla Carioca: história e cultura*. São Paulo : Metalivros, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *Homossexualidade nos quartéis: iniciando o debate no Brasil* in *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. Ano X, n.19, setembro de 2003.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e Heróis*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro : Garamond, 2005.

FARIAS, Patrícia Silveira de. *Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes: O Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo*. São Paulo : Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, 2006.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo : Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. *Léonine, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas*. In *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo : Brasiliense, 1982.

GALVÃO, Vinicius Queiroz. *USP terá “beijaço” após casal gay ser expulso de festa* in *website* <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u462107.shtml>>, visitado em 08/11/2008.

GODELIER, Maurice. *La production des Grands Hommes*. Paris: Fayard, 1982. (réédition en 1996).

GOIS, João Bôsko Hora. *Desencontros: As relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Vol.04, n.1 (2º sem. 2003), Niterói : EDUFF, 2003.

\_\_\_\_\_. *Olhos e ouvidos públicos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença* in PUPIN, Andréa Brandão et al. *Mulher, Gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

GOLDENBERG, M. *Toda Mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite (trad.). São Paulo : UNESP, 2000.

GREEN, James N. et al (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: Fontes sobre a Homossexualidade Masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro : José Olímpio, 2006.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo : Nova Cultura, 1999.
- JAGUAR. *Ipanema, se não me falha a memória*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- KARNAL, Leandro. *Estados Unidos, Liberdade e Cidadania* in PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KULICK, Don. *Travesti, prostituição, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2008.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventado o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LARVIE, Patrick. *Sexualidade e direitos de cidadania* in *Sexualidade Gênero e Sociedade*. Ano IV, n. 11, julho de 1999.
- LEONAN, Carlos. *Os degraus de Ipanema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LIMA, Marcus Assis. *Em busca da normalidade: Sui Generis e o estilo de vida gay* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero – NUTEG*. Vol. 02, n. 01 (2º sem. 2000). Niterói : EDUFF, 2000.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo : Abril Cultural – Coleção “Os Pensadores”, 1978.
- MARSHALL, T. H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1967.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *O Manifesto do Partido Comunista* in MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Textos*. Vol. III. São Paulo : Edições Sociais, 2000.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades...* n.11, 1998.

MCGOWAN, Kate. *Y ahora...¿ Qué es esto del “Queer”?* in *Más allá de la bella (in) diferencia: Revisión postfeminista y otras escrituras posibles*. FIGUEROA-SARRIERA, Heidi j., *et alli* (editores). Publicaciones Puertorriqueñas, Inc. 1994.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Coimbra : Edições Almedina, 2006.

MONDAINI, Marco. *O respeito aos direitos dos indivíduos* in PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTT, Luiz *et al.* *Matei porque odeio Gay*. Salvador : Grupo Gay da Bahia, 2003.

MOTT, Luiz R. B.. *Escravidão e Homossexualidade* in VAINFAS, Ronaldo (org.) *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro : Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *Antropologia, teoria sexualidade e direitos humanos dos homossexuais* in *Bagoas Estudos Gays, Gênero e Sexualidades*. Natal : EDUFRN, Vol. 01, n.01, jul/dez, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os homossexuais: as vítimas principais da violência* in VELHO, Gilberto *et al* (org.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

NETO, Luiz Mello de Almeida. *Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Vol.04, n.01 (2º sem. 2003), Niterói : EDUFF, 2003.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. São Paulo : Tese de Doutorado (USP), 2002.

PEIXOTO, Mario *et alli.* *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro : Novo Quadro, 1994.

PERROT, Michelle. *As mulheres o poder e a história* in PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo : Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios da História*. São Paulo : EDUSC, 2005.

POLLACK, Michaël. *Les homosexuels et lè SIDA, sociologie d’une épidémie*. Paris : Métailié, 1988.

\_\_\_\_\_. *L'homosexualité masculine, ou: le bonheur dans le ghetto?* in ARIÉS, Philippe et BÉJIN, André (orgs) *Sexualités Occidentales, Communications*. Vol. 35, Paris : Éditions du Seuil, 1982.

PRIEUR, Annick. *Little Boys in Mother's Wardrobe: sur les origins de l'homosexualité et de l'efféminement* in *Actes de la Recherche en Sciences Sociàles*. Paris, décembre 1998.

RAGO, Margareth. *Descobrimdo historicamente o gênero* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades...* n.11, 1998.

RAMOS, Silvia; CARRA, Sérgio. *A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas* in *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. v. 16, n. 2. Rio de Janeiro, UERJ/IMS, 2006.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.

RIO DE JANEIRO. *Bairros do Rio: Ipanema e Leblon*. Rio de Janeiro: FRAIHA/Prefeitura do Rio – Secretaria Municipal de Cultura. 1998.

ROUCHOU, Joëlle; GASPAR, Cláudia (Orgs). *Memórias de Ipanema: 100 anos do Bairro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Assessoria de Projetos Especiais, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo : Abril Cultural – Coleção “Os Pensadores”, 1978.

SCOTT, Joan. *História das mulheres* in BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento* in BESSA, Karla Adriana Martins (org.). *Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero , masculinidades...* n.11, 1998.

SPENCER, Colin. Homossexualidade uma história. Rubem Mauro Machado (trad.). Rio de Janeiro : Record, 1996.

SWAIN, Tânia Navarro. *Para além do Binário: os Queers e o Heterogêneo* in *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero – NUTEG*. Vol. 02, n. 01 (2º sem. 2000), Niterói: EDUFF, 2000.

TOCQUEVILLE, Alex. *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ. *Ipanema de rua em rua*. Rio de Janeiro : Ed. Rio, 2005, p. 16-19.

UZIEL, Ana Paula. *Reflexões sobre a parceria civil registrada no Brasil* in *Sexualidade Gênero e Sociedade*. Ano IV, n. 11, julho de 1999.

VALLE, Marisol Rodrigues. *A Província da Ousadia: Representações sociais sobre Ipanema*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.

WEFFORT, Francisco C. *Marx: política e revolução*. In: WEFFORT, Francisco C. (org). *Os clássicos da Política 2*. São Paulo: Ática, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia* in *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 02, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os homens e o masculino* in SHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.